AGÁLIA

REVISTA INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

1898 - 1987

N.º 51

OUTONO 1997

DIRECÇOM:

Maria do Carmo Henríquez Salido

CONSELHO DE REDACÇOM:

Isaac Alonso Estravis
José Ramom Chantada Acosta
Carlos Garrido
José António L. Taboada
Jenaro Marinhas del Valle
José Maria Monterroso Devesa
César Carlos Morám Fraga
J. Carlos Quiroga D.
Joám Carlos Rábade Castinheira
Henrique Rabunhal Corgo
José Luís Rodríguez
José António Souto Cabo

In memoriam:

Ricardo Carvalho Calero

NOTA DA REDACÇOM

1. AGÁLIA reserva-se o direito a publicar originais nom solicitados.

2. A revista nom se responsabiliza da devoluçom de originais.

3. Os trabalhos publicados passam a ser propriedade da revista.

4. Todos os trabalhos publicados em AGÁLIA aparecerám com a normativa de carácter reintegracionista que defende AGAL (no seu *Prontuário Ortográfico Galego),* ou em qualquer outra normativa do nosso sistema lingüístico. O envio de originais por parte dos autores supom a aceitaçom desta norma.

5. Os textos assinados som da responsabilidade dos autores, nom se identificando, necessariamente, a Revista com os respectivos pontos de vista.

Imprime: VENUS artes gráficas, s, a.
Corunha - Dep. Legal: C- 250 - 1985
ISSN 1130-3557

RECEPÇOM DE ORIGINAIS E ASSINATURAS:

Apartado dos Correios 453. 32080-Ourense (Galiza)

Fax (988) - 37 27 14

CONSELHO ASSESSOR

GALIZA

José Agrelo Ermo
Mário Alonso Nozeda
Maria Luísa Andrade
Carlos Campoy
Denis Conles
Júlio Garcia Santiago
Alberto Garcia Vessada
Luís Gonçales Blasco
Marcial Gondar Portasany
Cláudio Lôpez Garrido
Aurora Marco
Higino Martínez Estêvez
Ramom Nogueira Calvo
José Posada
Maria das Dores Rei Teixeiro
Ramom Reimunde Norenha
Manuela Rivera Cascudo
Felisindo Rodríguez
Joám Trilho Pêrez
Xavier Vilhar Trilho

In memoriam:

Ernesto Guerra da Cal

BRASIL

Leodegário A. de Azevedo Filho
Gladstone Chaves de Melo
Sílvio Elia
Reynaldo Valinho

MOÇAMBIQUE

Fátima Mendonça

PORTUGAL

Carlos Assunção
José A. Fernandes Camelo
Mário Gomes dos Santos
Óscar Lopes
Albano Martins
José Luís Pires Laranjeira
Amadeu Torres

In memoriam:

Manuel Rodrigues Lapa

AGÁLIA

Revista Internacional da Associaçom Galega da Língua

Núm. 51

Outono 1997

SUMÁRIO

PÁGS.

Apresentaçom 259-260

ESTUDOS

Castelao no céu e na terra, por José Manuel Barbosa 261-274

Umha leitura de «Castelao na luz e na sombra», por Maria do Carmo Henríquez Salido 275-286

Paz-Andrade e a língua portuguesa na Galiza, por José-Martinho Montero Santalha 287-296

Cultura, cultura galega e mundo lusófono em Valentim Paz-Andrade. Alguns contributos, por Elias Torres Feijó 297-336

NOTAS

O Teatro como meio proselitista, por Ricardo Flores 337-344

Um aspecto pouco conhecido de Otero Pedrayo: solobio/solovio, heterónimo de combate, por Luís Gonçález Blasco 345-355

ANTOLOGIA

Da lacerante possibilidade de viajar no tempo, por João Guisán Seixas 357-374

RECENSONS

Language international world directories of sociolinguistic and language planning organizations, por Óscar Díaz Fouces 375-378

Isolacionismo Subtropical, por José Henrique Peres Rodrigues 379-381

INSTRUÇONS AOS AUTORES 382-383

CAPA: Júlio Gaioso

FOTOGRAFIAS: de Valentim Paz-Andrade e de capas dos seus livros

APRESENTAÇOM

Desde o dia 2 de Outubro de 1981, data em que se legalizava a Associaçom Galega da Língua (AGAL) com os objectivos de potenciar qualquer actividade que se exprima em galego, de jeito que progressivamente se consiga na Galiza o seu uso normal e de trabalhar para estabelecer no idioma galego a normativa escrita de carácter reintegracionista, científica e independente, que cubra os diversos aspectos da língua, esta Associaçom cultural, sem finalidade de lucro, tem realizado numerosas actividades e destas sempre tem publicado as correspondentes «Actas», o correspondente livro ou um número monográfico da revista Agália.

Os dias 26, 27 e 28 de Março de 1997, às 20 horas, celebravam-se na sala de conferências do Centro Cultural Caixavigo três mesas-redondas dedicadas a estudar e analisar a vida e a obra de Valentim Paz-Andrade. Importantes personalidades das três universidades galegas, do mundo da cultura e do mundo empresarial proferírom conferências ou apresentárom breves textos destinados a lembrar e analisar os importantes contributos deste advogado, jornalista, economista, nacionalista e 'bom e generoso'.

A Direcçom da revista solicitou em várias ocasions os textos a todos os participantes nas mesas-redondas. Após ter reiteradamente solicitado qualquer aproximaçom, ainda que fosse muito breve, unicamente conseguiu receber os que hoje inserimos neste número que tenta ser monográfico sobre Valentim Paz-Andrade. Como os três textos nucleares, evidentemente, nom som suficientes para encher as páginas de que consta cada número da revista Agália, *a Direcçom decidiu incluir neste número outros trabalhos (pendentes de publicaçom) relaciona-*

dos com Castelao, com Otero Pedrayo ou até um texto de um velho reintegracionista, ainda vivo, que na cidade de Buenos Aires viveu no dia a dia as luzes e as sombras de Afonso Daniel Rodríguez Castelao, este nom é outro que Ricardo Flores.

A extensom dos textos recomendada polo Conselho de Redacçom nom foi respeitada no estudo de Elias Torres Feijó. Contodo, dado o extraordinário interesse que supom poder ler o texto completo e como distribui-lo em duas entregas supunha romper a grande coesom do mesmo, decidiu-se publicá-lo íntegro, embora fiquem descompensados os outros estudos.

Com a mesma ilusom, a mesma entrega e dedicaçom, os mesmos sacrifícios conseguimos chegar a ver publicado este número 51. Os/As que no dia a dia luitamos para que a revista siga viva, siga a viver, nom somos desses e dessas que passamos a vida «ensumidos nas Bibliotecas» para metermos no armacém da memória todo quanto se leva escrito, nom somos desses que «nos seus miolos nom nasceu endejamais a branca flor de um pensamento original», nom somos dos que louvamos as obras que se editam no estrangeiro e censuramos as que se produzem no País, somos dos/das que luitamos e criamos e nom perdemos a vida metidos «nas tripas dos problemas».

Para alegria dos «bons e generosos» e das «boas e generosas» sai un número mais de Agália *e aos que se assombram da nossa confiança, da nossa firme alegria de continuar no duro trabalho, dizemos-lhes que temos a segurança de sermos os melhores e as melhores, os e as mais fortes, que vamos triunfar por sermos NÓS, por sermos galegos e galegas.*

A todos e a todas que nos ajudam e que nos continuam a ler.

SAÚDE E TERRA

Em Ourense a 17 de Dezembro de 1997.

Maria do Carmo Henríquez Salido
(Directora)

ESTUDOS

Castelao no céu e na terra

José Manuel BARBOSA
(Gabinete Copérnico. Ourense)

Se as portas da percepçom se abrissem, todo se lhe apareceria ao homem tal como é: infinito.

William Blake

Lemos mal o mundo, e dizemos que nos engana.

R. Tagore

Um ser humano é parte do todo que chamamos "Universo"; umha parte limitada no tempo e no espaço.

A. Einstein

INTRODUÇOM

Sobre a Astrologia seguramente muita gente diz ter conhecimentos, mas o único que sabem som as características gerais dos doze signos, aplicando a cada pessoa que vem o modelo caracterológico do Signo-Sol ao que pertence: Ah! Você é Capricórnio! Entom Você é umha pessoa assim, assim e assim...; e provavelmente o indivíduo é todo o contrário. Portanto, conclusom: a Astrologia nom funciona. Ou bem vam ver a crónica astrológica e de futuro dum jornal ou umha revista: "Para os Touros, o ano presente vai ser de muita sorte..." e nesse ano quebra umha perna, cai-lhe a casa acima, morrem-lhe o cam e o gato além de nom lhe tocar a toto-bola... Portanto e ressumindo: a Astrologia é algo para nom acreditar. Pois bem, esse nom é o método adequado.

Os signos solares som só o ABC, mas quando umha pessoa penetra nos labirintos desta matéria de conhecimentos acha que nom é tam simples como parece, que na realidade é umha engrenagem que tem absorvido a mente de muitos homens e mulheres desde há mais de 4.000 anos. Mas o assombro é constante, porque todos os anos se fam novos descubrimentos ajudados muitas vezes por outras ciências auxiliares, como em toda ciência que se tenha por tal, como podem ser a Psicologia, a Estatística, as Matemáticas, a Biologia, a Astronomia e mesmo a Informática...

A Astrologia nom precisa de "capacidades especiais" para ser praticada, só interesse, nom trata do sobrenatural, nem tem nada a ver com nengumha religiom, nom necessitamos os astrólogos entrar num trance místico para "adivinhar" o primeiro que se nos passa pola cabeça. A Astrologia é trabalho, às vezes duro, de interpretaçom, com muitas doses de intuiçom da que precisam outros profissionais como os médicos, quando diagnosticam, ou os mestres quando querem entender a psicologia dum aluno, ou um jogador de futebol quando quer pôr a bola no lugar do campo adequada para fazer umha jogada, ou um advogado quando planea a estratégia correcta para a defesa do seu cliente. A intuiçom existe e é um instrumento do nosso ser para conhecermos o mundo que nos rodeia.

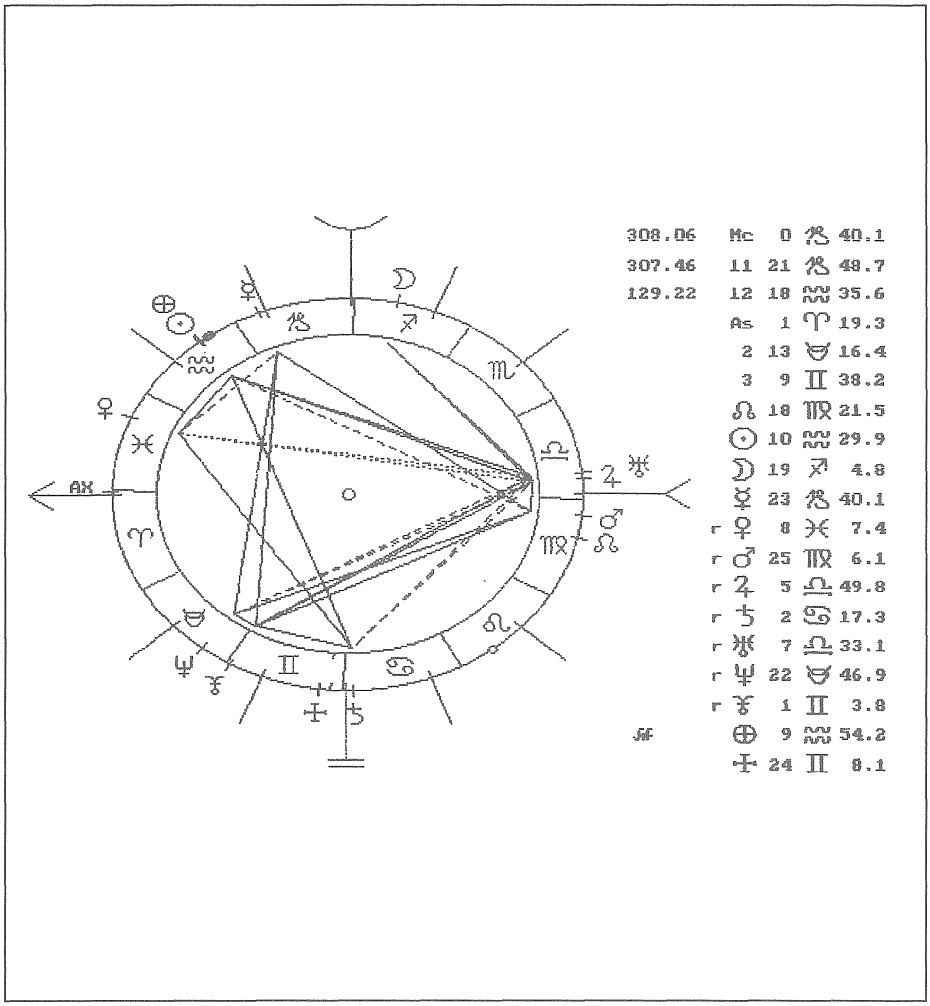
De todas as maneiras, ser astrólogo dá satisfaçons grandes, ao ver como a gente evolui adequadamente, quando descobre os problemas que lhe obstaculizam a vida e assim poder solucioná-los, quando um se decata que um conhecimento que nom é do domínio do comum está nas maos dum próprio, mas o labor do astrólogo nom é dizer-lhe à gente o que deve fazer, mas sugerir, guiar, etc, com subtileza e amor.

A Astrologia nom é algo no que confiar cegamente como se pode fiar um dumha fórmula matemática; a Astrologia é relativa e tem muitos nós, curvas, recantos, armadilhas e labirintos que há que conhecer para poder-se mover nela com um mínimo de soltura. Ela ensina-nos os nossos pontos fracos, os fortes e como desenvolver os que mais nos convenhem no momento oportuno; assim mesmo, indica-nos as nossas tendências futuras (tendências nom significa determinaçons futuras, o livre albedrio existe) da mesma forma que nos pode guiar um meteorólogo quando queremos sair com o barco a pescar. Um astrólogo pode predizer umha "trovoada" e possivelmente nom tenha umha vara mágica, como nom a tem Santiago Pemán, para evitar o temporal, mas poderá-nos aconselhar que nom saiamos do porto ou, se saímos, que levemos a roupa adequada, o barco em condiçons ou, quando menos, que levemos guarda-chuva.

Cépticos e maliciosos houvo-os toda a história e haverá-os, ignorantes também, e às vezes as três qualidades na mesma pessoa ou pessoas. Um astrólogo que trabalhe com inúmeras cartas recolhidas em inúmeros arquivos nom necessita seguir-lhe o jogo a nengum indivíduo capcioso (os reintegracionistas sabemos algo disso), sobretodo se esse indivíduo nunca tivo a moléstia de observar o trabalho dum astrólogo, nem leu na sua vida nem um texto de ou sobre Astrologia, ou às vezes quando esse ignorante possuído pola prepotência da "ciência oficial" pensa que os astrólogos nom conhecemos certos fenómenos como a precessom dos equinócios que aparentemente invalidam a Astrologia, ou pola diferença de critério à

hora de colocar os planetas no céu, ou quando pensam que defendemos umha influência planetária baseada na gravidade. Para esse tipo de especimes animais Isaac Newton, que, por certo, trabalhou a Astrologia, tinha umha resposta tam adequada como fria e muito capricorniana: "Senhor, eu tenho estudado o tema. Você nom"(1).

CARTA NATAL DE A. DANIEL R. CASTELAO



(1) Estou-me lembrando da polémica levantada há poucos anos quando alguns maliciosos "descubrírom" que nom havia 12 signos na elíptica. Havia 13! Evidentemente essa informaçom transcendeu, mas a resposta dos astrólogos nom.

Planeta	Aspectos										
		☉	☽	☿	♀	♂	♃	♄	♅	♆	♇
SOL	☉										
LUA	☽	☌									
MERCÚRIO	☿										
VÉNUS	♀	⚺		∠							
MARTE	♂	☍		△							
JÚPITER	♃	△			⊼	⚻					
SATURNO	♄			⚹	△		□				
URANO	♅	△			⊼		⚻	□			
NEPTUNO	♆	⚹		△		△	☍		☍		
PLUTOM	♇			△		△	△	⚺	△	⚻	
Asc	Asc					⚻	⚻	□	⚻		
MC	MC		⚻	☌		□	□	⚻			

Daniel R. Castelao: 10:00 (0.00) / 30/1/1886
Rianjo: 42:38 N 8:50 W

Distribuiçom por triplicidades:

Signos:

4 Fogo
4 Terra
5 Ar
2 Água

Casas:

2 Pessoais
3 Materiais
6 Espirituais
2 Anímicas

Distribuiçom por Quadruplicidades:

Signos:

7 Cardinais
3 Fixos
5 Mutáveis

Casas:

3 Angulares
6 Sucedentes
4 Cadentes

Distribuiçom por polaridades:

Signos:

9 Positivos
6 Negativos

Casas:

8 Activas
5 Passivas

A carta do Daniel apresenta umha série de pontos fortes que exprimiremos a continuaçom.

Primeiramente o tipo de carta é o conhecido como "O trespés" que se caracteriza por acharem-se os planetas estendidos por toda a carta e fundamentalmente aqui em três pontos: Aquário por um lado, A Balança-A Virgem por outra e os Gêmeos por último, o qual indica intelectualismo, individualismo e sentimento de rechaço contra a rotina e a disciplina.

A triplicidade dominante radica nos signos de Ar, que dá à personalidade de Castelao umha ênfase no mental, o lógico, o racional, o comunicativo e o intelectual. Era a clássica pessoa que tinha muito a dizer, a sua mente estava em constante búsqueda e efervescência, falador por natureza e objectivo na visom dos problemas que o rodeavam.

Nessa mesma triplicidade com respeito às casas destaca a triplicidade espiritual, outorgando-lhe características como a generosidade e a humanidade. O seu objectivo era elevado até tal ponto que o transcendia a ele próprio, grande vontade de ser e de fazer, forte sentimento de identidade, forte individualidade, criatividade e inteligência lúcida.

A quadruplicidade dominante segundo os signos é a Cardinal, o qual implica umha forte actividade física e/ou psicológica, um movimento constante à busca de empresas audazes. Nesta categoria estám os pioneiros, os inovadores e os que exercem a sua autoridade sobre os outros. Implica um desgaste constante dumha força directa, recta e lineal, com umha direcçom bem definida.

A respeito do tipo de casas, a quadruplicidade diremos que é a Sucedente, onde se definem as possessons, os recursos, formas e limites da personalidade que expri-

me quem é e deixa a sua imprompta sobre os outros afirmando e reforçando o sentimento de Eu (ou do Nós). Actividade de relaçom que acrescenta os recursos e participa do "Nós". Essa reafirmaçom ajuda na expansom do sentimento de identidade até limites antes desconhecidos.

A respeito das polaridades diremos que predominam os signos positivos e activos, o que dá ideia de exteriorizaçom, movimento e extroversom, actividade e acçom.

O Signo Ascendente de Daniel é o signo do Carneiro, o que lhe dá umha personalidade optimista, entusiasta e nom carente de brusquidom, com fortes sensaçons de atracçom e repulsom, aventureiro e com iniciativa que o leva a ser qualificado de emprendedor. Individualista e líder nato, para ele a paciência nom é umha qualidade que possuísse em excesso, mas há indicativos que nos fazem pensar que por razons da vida tivo que disciplinar-se e encher-se de força para poder adquirir umha pouca, que lhe foi muito útil no seu labor de reafirmaçom ideológica. A sua personalidade tende a polarizar-se por meio dumha poderosa energia mental que o leva a exteriorizar também umha forte energia motriz e de luita nom isenta de agressividade. Rápido de reflexos e de habilidade mecánica, fortemente competitivo podendo ter dado um excelente desportista de viver noutra época.

Como Signo Solar corresponde-lhe o signo do Aquário, ao que pertencem esse grupo de pessoas que som mais felizes trabalhando em grupo e para a colectividade que buscando o proveito pessoal e as satisfaçons egoistas. Signo humanitário por natureza, progressista e atrevido, defensor da liberdade e a fraternidade universal. Forte sentido da justiça, que faz que luite pola igualdade no mundo. O espírito aquariano está aberto a todo o tipo de impulso progressista que poda ajudar a algumha melhoria social e a aumentar o bem-estar de todos. Carácter "dumha só peça" que nom aceita as temperaturas mornas.

As simpatias do Daniel eram totais ou nulas mas nunca parciais, nom entendia de falta de integridade nas suas opinions e juízos, o que fazia dele às vezes umha pessoa pouco adaptável em situaçons com as que nom estava de acordo. Nom era o que se chama conciliador e a sua manifestaçom era às vezes fundamentalmente brusca, mas a pesar de todo isto era umha pessoa sociável e com muitos amigos que eram o mais importante da sua vida. As regras convencionais nom vam com nengum Aquário e também nom vam com o Daniel, que só aceitava as leis estabelecidas na medida em que lhe pareciam justas. Boémio e fantasioso na sua vida privada, o que dá dotes criativos, falto de consideraçom com a ordem e a disciplina estabelecida o que o faz inconstante no aspecto material e sentimental, buscava o inédito, o original, o nom antes visto nem ouvido. As mundanças bruscas na sua vida fôrom umha constante.

A sede de conhecimentos e em buscar-lhe a lógica às cousas levava-o, e leva a todos os Aquário, cara manifestaçons intelectuais e o estudo das artes e das ciências, religiom e filosofias, matérias das que lhe tira todo o proveito e onde colhe informaçom suficiente, para fazer dele um vanguardista com grandes dotes de intuiçom que faz que se antecipe ao seu tempo. As novas ciências e os conhecimentos antigos, a investigaçom, os problemas sociais som temas de grande interesse e donde tomam todos os aquarianos e o Daniel, em concreto, umha atitude

revolucionária. Os grandes reformadores, os inovadores preocupados na construçom de sistemas ideológicos novos som maioritariamente deste signo: Edison, Galileo, Lincoln, Mozart, Vanessa Redgrave, Darwin, Jules Verne, Sabino Arana...

A casa onde se encontra o seu Sol Natal em Aquário é a XI, o undécimo sector da sua carta e que rege a vida social, os amigos, os iguais ideologicamente, os objectivos na vida, a consciência social.

Quem tem o Sol nesta situaçom reafirma a sua personalidade por meio de atitudes sociais humanitárias e/ou políticas como no caso presente. A identidade está vinculada com umha unidade maior do que o indivíduo isolado. O reconhecimento pessoal vem pola pertença do indivíduo ao grupo. O perigo, em geral, desta classe de indivíduos é que aceitem umha identidade grupal, mas o Ascendente de Daniel faz que quem imponha essa identidade grupal seja precissamente ele próprio.

Os amigos som essenciais para o pleno desenvolvimento psicológico das pessoas com o Sol nesta posiçom e muito mais se, como no caso presente, é Aquário a casa XI. As influências mútuas discorrem fluídas até fazer que o indivíduo veja que graças aos amigos, grupos, companheiros, etc, tenham umha razom para viver. Aqui, esta posiçom faz que conceitos tam aquarianos como liberdade, independência, autonomia, etc, se achem acrescentados com a posiçom do Sol na Casa XI, por algo também Aquario é o undécimo signo. Mas isto também tem um lado menos positivo: a obstinaçom e a pouca importáncia que lhe dam à opiniom de outras pessoas alheias a elas.

Nesta posiçom, o Sol faz aspectos com a Lua, Vénus, Marte, Júpiter, Urano e Neptuno, dos quais os mais salientáveis som : o Semi-sextil entre o Sol e Vénus, e os trígonos entre o Sol e Júpiter e o Sol e Urano.

O primeiro dos três confere ao indivíduo optimismo e umha certa sorte, encanto pessoal e tendência à ilusom amorosa. O seu comportamento afectivo irradia ternura e, ao mesmo tempo, liberalidade nas relaçons afectivas.

A segunda posiçom dá optimismo à vez que vacina contra os riscos dumha sobrecarga eufórica-hedonista deixando intacta a alegria de viver. Felicidade no ambiente social, intuiçom para aproveitar as boas oportunidades. Como estám implicadas as Casas XI e VII, é um indicativo de felicidade no ámbito do matrimónio e das sociedades que som vistas dum ponto de vista muito amistoso.

A terceira posiçom Sol-Urano dá força de decissom, dinamismo sagaz e previsor e capacidade de valorar objectivamente as circunstáncias relativas ao ámbito dos amigos e do matrimónio. Tenacidade e habilidade para aproveitar o momento oportuno.

A posiçom da Lua na Carta do Daniel é em Sagitário na Casa IX, o qual favorece a personalidade, dá entusiasmo, sinceridade e alegria comunicando-se com os outros de forma jovial. As suas convicçons morais som profundas e estám originadas provavelmente na educaçom recebida pola sua mae. O seu desejo de aventura dá lugar a muita mobilidade a respeito do seu fogar. Inteligência dúctil mas constante. Boa adaptaçom às mudanças provocadas pola necessidade de viver longe da sua pátria de origem. O estrangeiro desempenha um papel fundamental na primeira e última etapa da sua vida, motivado por necessidades familiares alheias à sua vontade. Paternalismo.

Nom há umha forte aspectaçom da Lua com outros planetas na Carta presente.

O Meio Céu está situado em Capricórnio, que lhe dá umha ambiçom autoexigente para conseguir um logro político. Conta com paciência e tenacidade, grande controlo das situaçons perante os grandes e graves obstáculos que resultam desta posiçom, os quais tenhem a leitura positiva de fortalecer o carácter relativo à consecuçom do fim que se volve sólido umha vez logrado. É evidente que a autonomia conseguida no ano 1936 acabou consolidando-se no 1980-81.

A presença próxima da lua confere umha popularidade e umha influência sobre os seus seguidores, semelhante à de políticos e líderes como Mahatma Gandhi, que fazem do indivíduo um ser mítico durante a vida e até depois de morto.

O planeta regente da sua carta é Marte, regente do seu Ascendente, O Carneiro, mas situado no signo da Virgem na casa VI.

Marte aqui dá um trabalhador duro e fortemente voluntarioso, rigoroso em extremo e com um poderoso nível de energia nervosa. A tensom e o carácter inquieto som comuns nas pessoas, que como o Daniel contam com esta posiçom planetária. A necessidade de actividade constante manifesta-se com o desenvolvimento dumha disciplina firme e com umha certa incapacidade para relaxar-se e calmar os nervos. Isto nom achega paciência, o qual nom é indicativo de falta de método para a consecuçom do fim, mas todo o contrário. Marte na Virgem faz ao indivíduo alguém ordenado e meticuloso. Ponhamos como exemplo de influência virginiana no laboral e dotado de forte energia a personagens históricos como por exemplo a René Descartes. Os sentimentos som fortes, mas peneirados pola razom que resulta obrigada pola responsabilidade com que o Daniel se tem encontrado na época mais pública da sua vida.

Aspectualmente o Daniel vê-se favorecido por um trígono entre Marte e Mercúrio (o trígono relaciona os dous planetas quando estám situados a umha distância de 120°), o que favorece a combatividade dialéctica e mental além de dar ao nativo um forte sentido crítico. É a posiçom das pessoas comprometidas social e politicamente. Favorece as decisons imprevistas, as acçons rápidas em momentos comprometidos. A lógica chega a ser brilhante. A posiçom de Mercúrio na Casa XI implica que esse sentido social, de grupo, seja donde vem o compromisso

Mercúrio em Capricórnio na Casa XI faz que o pensamento do Daniel esteja dirigido à construçom, ao praticismo, capaz de fazer umha avaliaçom mental dos problemas dum ponto de vista frio e racional. O que se diz, diz-se em sério, nom porque si, dando a sensaçom de fortaleza e peso, e dando-lhe relevância ao manifestado. A planificaçom pormenorizada de como conseguir o objectivo último nom apresenta problemas. Determinaçom, decisom, calcula-se o movimento e logo leva-se a cabo a acçom meticulosamente, prudentemente, mas com decisom. Muito comum é que este tipo de pessoas subestimem os seus logros dando sensaçom de modéstia. A atitude nada convencional do Daniel dada por Aquário verá-se tingida dum útil convencionalismo estratégico com o afám de poder entrar ali onde o radicalismo aquariano nom entra.

A Casa implicada na posiçom de Mercúrio é a XI, que acrescenta a necessidade do grupo, dos companheiros para exprimir esse intelecto e um desejo de comunicar ideias. É a posiçom das pessoas que som escolhidas normalmente como

"porta-vozes" dos grupos de pressom. As relaçons sociais som vitais para o pleno desenvolvimento psicológico deste tipo de pessoas.

Aspectualmente já falamos do trígono entre Mercúrio e Marte, mas faltam outros dous trígonos: Mercúrio com Neptuno, e Mercúrio com Plutom.

No que diz respeito ao primeiro diremos que Daniel mostrava amabilidade no trato com os demais, assim como a benevolência e a sensibilidade, sabendo intuitivamente o pensamento da outra pessoa e chegando até pensar imaginativamente por diante dos acontecimentos. Estabelece esta posiçom umha corrente de estímulos fecundos e umha harmónica relaçom entre a lógica e a intuiçom, favorecendo o equilíbrio entre imaginaçom e fantasia por um lado, e a lógica e o rigor crítico por outro. Indica genialidade enquanto pom a intuiçom ao serviço da inteligência e à inversa. As Casas implicadas som a XI onde se ubica Mercúrio com a II que fala de bens materiais, posiçom económica e possibilidades de aquisiçons materiais. Mais adiante falaremos da posiçom de Neptuno na Casa II, que fala de dificuldades no ámbito económico e material favorecidas polas ajudas que lhe podam vir da Casa XI e de Mercúrio. Traduzido: os seus amigos, colegas, e correligionários (Casa XI) achegarám generosamente (Neptuno) ajuda material (Casa II) por causa dum exílio (Neptuno rege as situaçons de exílio). O resultado final é positivo e traduze-se em ajuda por ser o aspecto do trígono ou angularidade de 120° a implicada. Outro trígono aparece entre Mercúrio e Plutom no signo dos Gêmeos também na Casa II o qual relaciona a capacidade intelectiva (Mercúrio regente dos Gêmeos) com o impulso vital (Plutom) com o "agravante" de que Plutom está situado no signo regido por Mercúrio, isto é os Gêmeos, signo intelectual por excelência. Esta relaçom de trígono também favorece ambos os aspectos, tanto o intelectual que ve como ajudado por Plutom é capaz de penetrar na intimidade profunda do problema; como o aspecto vital que se ve racionalizado, passando pola lógica todo instinto. Isto favorece a segurança em si próprio, a consciência do Eu, estimulando a personalidade que se volve magnética em extremo. Martin Luther King o lider afroamericano dos 60 e Martin Luther o reformador alemám do século XVI tinham "algo" semelhante nas suas cartas natais, enquanto à atractividade política e comunicativa.

As Casas implicadas também som as XI e a II, mas neste último caso o signo é o dos Gêmeos, indicando umha regeneraçom económica que vem dada por algo plutoniano como poder ser umha situaçom de desastre, como em realidade foi a guerra dos três anos ou guerra do 36, onde a ajuda viria de Mercúrio em Capricórnio na casa XI de igual forma do que Neptuno, acima comentado.

Vénus no Signo dos Peixes na Casa XII. Esta posiçom fala-nos do alto potencial emocional e afectivo. A gente pode facilmente aproveitar-se da bondade do Daniel, polo qual quiçá na sua infância tivo que aprender polo lado mais duro e desagradável com tendência a cair sempre nos mesmos erros relacionados com os afectos. Grande necessidade de exprimir o afecto e grande atractividade para o sexo contrário, ternura, e fortes sentimentos de solidariedade humana. Comprensivo e generoso até a abnegaçom. Debilidade quase infantil perante aquelas pessoas por quem sente afecto, intuiçom forte e ingenuidade.

Esta posiçom de Vénus na Casa XII indica certa inclinaçom e tendência a ser

injustamente tratado como conseqüência do seu compromiso generoso. Exílios, lonjanias, solidom mas também platonismo, fantasia, imaginaçom criadora e capacidade artística. Figuras como Rosalia de Castro ou Michelangelo Buonarrotti possuiam posiçons planetárias semelhantes a esta (mas nom iguais).

Júpiter no Signo da Balança na casa VII. Indicador de amabilidade, simpatia, encanto, hospitalidade e de cálido afecto. Amor pola beleza e a arte, gosto pola companhia. O afecto e o amor da companheira será umha constante na sua vida que lhe proporcionará o equilíbrio e o complemento adequado e necessário para levar a cabo o seu labor tanto artístico como político. Posiçom equilibradora da excessiva necessidade de independência dos aquarianos que muito normalmente compatibilizam como podem com a necessidade de ligaçom com os demais. Daniel porém via o seu par mais como umha amiga, que respeitava a sua independência aquariana, que como umha limitadora do seu espaço vital.

A compatibilidade mental com repeito ao par é a tónica desta posiçom de Júpiter na Casa VII, ajuda a praticar a autoanálise sendo capaz de adivinhar as necessidades da companheira. Positividade e entusiasmo juvenil que ajuda a umha relaçom intelectual favorecida pola inteligência dela (neste caso de Virgínia). Esta situaçom necessita um par tam genial como ele próprio além de discreto que trabalhe num segundo plano ocupando-se dos pormenores à vez que Daniel olha para o objectivo. Esta posiçom nom fala bem só do nosso protagonista, mas também da sua companheira que soubo estar à sua altura.

Do ponto de vista aspectual Júpiter recebe influência de quase todos os planetas. Assim por exemplo com o Sol já vimos um trígono; com Marte vemos umha conjunçom embora em signos diferentes e um pouco diluída mas que achega umha uniom das energias positivas, que trabalham em conjunto provenientes do seu ámbito laboral (Marte em Virgo na Casa VI) o seu aspecto crítico, lógico e meticuloso por umha parte e o apoio amistoso, positivo, comprensivo e fiel proveniente da sua companheira Virgínia.

Saturno no Signo dos Caranguejos na Casa IV: Há umha forte necessidade de segurança emocional com umha tendência ao apego familiar grande. Quiçá o pai de Daniel foi estrito e rígido, autoritário e provavelmente isso seja algo que o marcou na sua psicologia. Saturno faz aqui à pessoa preocupada, tenaz mas protegido psicologicamente sob umha coiraça forte e difícil de penetrar. Timidez nos afectos existindo umha voz autoritária interior que o limita mas nom chega a reprimi-lo. É este mais um indicativo de equilíbrio entre intuiçom e razom, mas é dado por umha certa "privaçom da infância" dada por umha necessidade de madurar, antes do que seria o normal, devido a algum tipo de responsabilidade que gera no Daniel umha vontade de autosuficiência devido à falta de apoio.

A Casa IV representa o fogar, os antecedentes familiares, o arraigo e a pátria. Aqui Saturno implica dificuldades e restriçons nestes domínios. A atmosfera doméstica deveu ter sido fria e pouco carinhosa devido aos periodos de "vacas flacas" que provavelmente viveu a sua família quando ele era neno, ou bem carência emocional proveniente do seu pai pola sua ausência. É neste sentimento de orfandade relativo às suas raízes étnicas, onde com a madurez desenvolve um mecanismo de autodefesa poderoso que o rearma física e psicologicamente depois dum

esforço de reconstruçom interior, tirando um resultado muito frutífero da situaçom e chegando a reafirmar-se de forma sólida e perdurável, o que normalmente tem por costume acontecer na segunda metade da vida das pessoas com esta posiçom planetária. É realmente quando descobrem qual é a sua obra ou missom autêntica na vida, levando-o com umha força fora do comum.

O aspecto mais a salientar aqui é a quadratura (ángulo de 90º) entre Júpiter e Saturno. Aspecto tenso e cheio de obstáculos que achega um elemento sério e mortificador ali onde Saturno exerce o seu labor. Como Saturno está na Casa IV o sofrimento vem das "suas origens" tanto familiares directas como das relativas a "sua matriz étnica". Saturno dá-lhe liderado e imagem pública modelo, mas a ele dá-lhe sofrimentos por esse compromiso, vontade de solidom que nom oferece paz espiritual. Descontento com essa situaçom, insatisfaçom, inquietaçom e busca dumha saída harmónica que nom acha pola resistência saturniana representada neste caso pola lei (Saturno é o representante da lei) espanhola (o signo dos Caranguejos é o Signo Ascendente do Estado Espanhol). Renúncias dolorosas, perdas irreparáveis e desilusom política (Saturno ao reger a lei, rege também a política por analogia).

Foi no ano 1944-45, quando Saturno retornou por segunda vez na sua vida ao signo dos Caranguejos, quando Daniel tivo essa sensaçom de frustraçom e de derrota, a primeira foi sobre o ano 1915 por algum tipo de discrepáncia forte com o seu pai.

Urano em Libra na Casa VII achega poderes de atracçom acrescentados à vez, que dá umha aura de romantismo e independência junto com umha necessidade de relaçom com a gente. Daniel tinha a rara qualidade de querer ter associaçons com os demais, mas sem sócios, isto é um contrassentido muito uraniano, mas podería-se entender melhor ao vermos que sendo ele afectivo e dependente do carinho dos demais necessitava por outra parte nom ter ataduras que o privassem da sua liberdade. Amigo onde os haja, disposto a dar tempo e esforços, compreensivo e amável mas livre e independente. Por isso quando Daniel tivo de ver-se na situaçom de ter que comprometer-se, mesmo perante o matrimónio, tivo que pensá-lo algo assim como 1000 elevado a N vezes. Os sentimentos misturados de apego por um lado e necessidade de independência por outro criam um conflito que só é fácil de entender para os nativos regidos por um Urano forte, pessoas com o Signo Sol ou Ascendente Aquário. O conflito está originado na incertidom enquanto a saber se deve governar a cabeça ou o coraçom. O Signo da Balança, no que está situado Urano, suaviza este conflito equilibrando o problema e fazendo mais moderada a sua tomada de decissons ao respeito, à vez que faz ao indivíduo com um certo ar de artista de cinema perante os olhos das mulheres.

Os aspectos mais importantes de Urano som o quincúcio com Venus, que veremos em outro apartado, a conjunçom com Júpiter e a quadratura con Saturno que é mais umha posiçom tensa.

No que diz respeito à conjunçom com Júpiter diremos que se trata dum muito forte ponto focal na carta do Daniel, tanto mais quanto que Urano é o planeta regente do seu Signo Solar. Aqui as qualidades uranianas positivas vem-se acrescentadas por Júpiter: positividade, amizade, mente excelente e original, bene-

volência e humanitarismo adornado do irónico e cálido senso do humor que todos conhecemos dele.

Polo contrário a quadratura entre Urano e Saturno faz que Saturno nesta posiçom (representa ao seu pai, à lei, a política, etc...) acrescente algumha qualidade como a introversom, a excessiva prudência que eram as que às vezes amargavam a vida do Daniel e por causa dumha razom Saturniana. Se o Daniel nom se tivesse preocupado pola Galiza, teria sido sem dúvida mais feliz; mas Daniel foi generoso em extremo até o ponto de dar quase todo pola Galiza; a vida nom chegou a dá-la, como Alexandre Bóveda, mas isso foi a sorte de ter 12 trígonos na sua carta natal, cousa que Alexandre nom tinha. Foi melhor assim porque do 1936 ao 1950 vam 14 anos, em que deixou umha semente que Alexandre nom pudo ter deixado por desgraça.

Neptuno no Signo do Touro na Casa II: acrescentemento da percepçom sensorial e ponto de apoio muito válido para a genialidade. Aqui Neptuno tem um efeito disolvente com respeito ao ámbito económico, tendo conceitos contrários à possessividade, à avareza mas também tem conciência de que o mundo tem algumha dívida com respeito a ele. Desapego económico mas também necessidade de ter um sustento material sólido difícil de lograr devido à reconsideraçom dos seus valores importando-lhe mais os aspectos espirituais superiores do que os assuntos materiais. Som os que jogam toda a sua "matéria" por um ideal como caminho para elevar-se. Também é possível que Daniel se valorizasse pouco a si próprio nom tendo consciência real dos seus dons inatos, da sua sensibilidade, empatia, imaginaçom criadora e capacidade de dar-lhe confiança aos demais. Também, e este é o caso, que tenham umha forma de manter a sua pessoa material por meio dumha profissom "neptuniana", que som aquelas que se dam aos demais generosamente. Lembremos que Daniel além de artista era médico e pudo facilmente ser marinheiro, mas por outra parte a sua relaçom com o mar nom é precisso sublinhá-la ao nascer num povo marinheiro.

Além de mais, o trígono entre Marte e Neptuno dá fantasia dinámica e original. A agressividade marciana está controlada pola intuiçom neptuniana nom lançando-se às cegas contra os problemas. Sabe ser eficaz e prudente à vez.

Plutom nos Gêmeos na Casa II: a criatividade de Plutom ve-se enriquecida polos estímulos intelectuais e grande curiosidade. Viveza e lucidez crítica respeito aos esquemas ideológicos ou éticos. Vontade de afirmaçom fora do "Constitucionalmente correcto", assim as ideias de regeneraçom de Daniel passam pola recriaçom de todo o aspecto ideológico: outra "Hespanha", como escreve ele, outra Galiza, reintegracionismo, etc...

Na Casa II Plutom fala de destruiçom económica, de apagar os recursos económicos por causas plutonianas como guerras ou desastres. Percepçom profunda, convicçom poderosa, capacidade para tomar decissons em momentos de crise. Plutom na Casa II transforma as cousas que aos demais nom lhes resultam importantes em objectos de valor e Daniel colheu o nacionalismo (ideologia= Os Gêmeos) e transformou-no em algo que desde ele nom volveu ser o que era antes.

Plutom faz muitos aspectos de grande transcendência com Mercúrio, um trígono já visto, e outros três trígonos com Marte, Júpiter e Urano à vez que umha

conjunçom com Neptuno.

A relaçom deste planeta com Marte é harmónica já que exalta a vitalidade fazendo dele umha pessoa com muito carisma que chega aonde quer porque sabe impor-se correctamente.

Com Júpiter a relaçom de harmonia também é evidente provocando desejo de criar alegria e humor mas também alegria na criaçom.

Com Urano também harmónica dá eficácia nas acçons que leva a cabo, concentrando-se na realidade ou na ideia que defende.

Com Neptuno o aspecto é de Conjunçom acumulador de forças geniais e criativas. Dá-se nos individuos determinantes à hora de fazer mudar o pensamento da humanidade.

ESTRUTURAS E RELAÇONS PLANETÁRIAS ENTRE MAIS DE DOUS PLANETAS

Dá-se a posiçom do Grande Espigom Celeste que é umha quadratura com um semisextil e um trígono. Fornece dumha corrente de energias que favorecem o forte aproveitamento do esforço pessoal. Cada acçom está encaminhada a um logro, nom se faz nengum movimento inútil. Capacidade para prever os acontecer-es futuros e se está implicado o Sol em Aquário, como é este o caso, dá personagens como Julio Verne. Outros exemplos de indivíduos com esta Estrutura som Indira Gandhi ou Albert Einstein. Mentes poderosas que defendem umha causa vital.

Posiçom de Trençado ou Febra Celeste que vem dado por um quincúcio unido a um trígono e um semisextil. Dá donáire e atractivo, finura especial e magnetismo como Fred Astaire. Irónico e astuto socialmente. A sublimaçom da causa generosa dá semelhanças com personagens como Jean D´Arc ou mesmo Michelangelo. Força interior, mas tem a contrapartida de que podem ser caluniados e sofrerem malícias e condenas que lhes causar dano e dor.

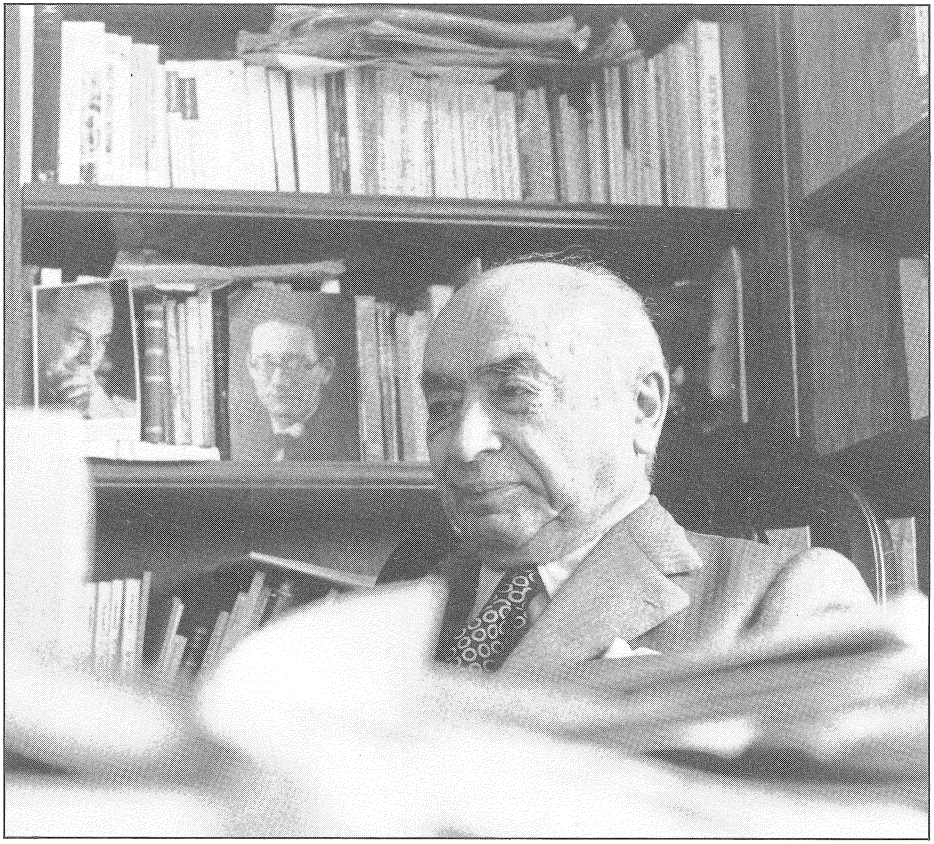
Grande Quincúcio Cósmico em que se combinam um quincúcio num extremo da Carta a um trígono e fechado com umha quadratura. É a marca inconfundível do artista entendido como a típica pessoa dotada dessa virtude necessária para sobressair de entre todos. Dá-se em pessoas como James Dean, Marlon Brando... podendo derivar em artistas da política como Richelieu, Fidel Castro, Mao Tse-tung, Yasser Arafat ou o mesmo Felipe González. Há que salientar que esta posiçom é independente da positividade ou negatividade da acçom do que a possui. Todos estes personagens possuem nas suas cartas umha estrutura semelhante à do Daniel.

Grande trígono: em realidade há doze grandes trígonos na Carta que estamos estudando. Esta figura sincroniza com sucessos afortunados, embora a conjuntura exterior seja de caos como foi o caso de salvar a vida "de milagre", quando a sublevaçom de Franco no 1936. Resguarda o indivíduo e apadrinha-o contra os seus inimigos operando na sua vida com umha certa harmonia afortunada e crescente. Dá-se curiosamente em figuras como Manuel Fraga ou mesmo Felipe González.

Como conclussom final podemos afirmar que nos achamos perante umha

Carta dum indivíduo pouco comum, habitual polo contrário em pessoas de importáncia histórica para a humanidade e aquelas pessoas que com a sua actividade deixam marca na comunidade humana à qual pertencem. Daniel se nom fosse umha pessoa generosa possívelmente poderia ter dado umha personagem histórica ao Estado espanhol ou a outros colectivos humanos determinados, mas a sua coêrencia, falta de apego ao "presépio", vinculaçom com a sua origem e à sua pátria, inteligência genial, poder carismático e sobretodo, generosidade em extremo pudo fazer que umha pátria chamada Galiza pudesse ter um referente ideológico e um ponto de apoio para a partir dele e das linhas directrizes que nos deixou construir o nosso futuro colectivo que é dos mais complicados da Europa. Mas lembremos que na Astrologia, sabemos que ali onde há graves dificuldades, desenvolve-se por reacçom umha força contrária, quando menos da mesma intensidade que ajuda a poder com o obstáculo.

Déus guarde Daniel.



Umha leitura de *Castelao na luz e na sombra*

Maria do Carmo HENRÍQUEZ SALIDO
(Universidade de Vigo)

«A Maria do Pilar, polas vigílias convividas enquanto o livro ia nascendo como *experiência íntima*».

0. APRESENTAÇOM

0.1. Propomo-nos neste lugar realizar *umha leitura, a nossa leitura,* de um livro, um texto que, como é sabido, ao igual que todo «texto», sempre é susceptível de umha polivalência semântica e de multiplicidade de sentidos. Estamos ante uns contributos —pensamos que elaborados para que outras pessoas os conheçam, os acrescentem, melhorem e até corrijam— feitos por um narrador ou um relator— marcado no texto polas seqüências 'o que agora escreve' (p. 113), 'o que agora fai de relator' (p. 171) ou, mais simplesmente, 'o autor deste livro' (p. 430) —cujo objectivo principal é apresentar umha foto-biografia de um homem vivo e, ao mesmo tempo, de um homem que depois de morto nom deixou jamais de viver. Este homem nom é um galego mais, é um galego proscrito, precisamente por luitar pola dignificaçom do seu País, 'príncipe da sua caste que morria despojado da sua terra', quem peregrina tragicamente e viaja cara a umha morte segura, após ter dedicado toda a sua vida à GALIZA. A morte deste «Guieiro» simboliza, além do mais, o infortúnio colectivo do seu País.

O autor implícito tem um objectivo fulcral: reconstituir, na medida do possível, a vida e a obra de Afonso D. Rodríguez Castelao, tendo sempre presente o itinerário existencial, integrando, sempre, *a luita* e a sua polifacética obra. Contodo, como o narrador, em palavras de R. Carvalho Calero (1984: 263), tem um profundo amor à figura estudada e conhecia, por ter vivido com o protagonista muitos aspectos da vida e da personalidade de Castelao, «que

poucos vivos, ou talvez nengum» podiam superar, introduze-se no relato e apresenta-se em muitas ocasions no texto, facto que, entre outros motivos, dificulta a classificaçom do presente livro.

O livro poderia ser classificado como umha «foto-biografia» —e como todas as biografias admitiria elementos ficcionais, quer dizer existiria umha autorizaçom para que o autor ficcionasse— como umhas «memórias» —na medida em que os factos narrados podem ser verificáveis— ou como umha «vida» de Castelao —por ser acontecimentos reais, dos quais existem testemunhos— com *Ponte Vedra* e *Vigo* ao fundo, cidades que o narrador ama e conhece profundamente. A obra, da nossa óptica, apresenta características próprias do que, conforme aos parámetros estabelecidos polas disciplinas que se ocupam dos temas relacionados com a Teoria da literatura e da crítica literária, podemos qualificar como «biografia», contém elementos singularizadores das «memórias» e pontos peculiares do que a crítica literária considera como umha «vida». Estes factos, em contra do parecer de R. Carvalho Calero (1984), entendemos que nom devem ser tomados como aspectos negativos do livro.

Existe outro componente essencial e é, cumpre tê-lo muito presente, que o livro, afinal, *nasce de umha experiência íntima,* (Cf. Langbaum, 1996) e de um trabalho de elaboraçom que vai ocupar um tempo textual (que nom o externo) desde Abril de 1980 até Outubro de 1981, isto é, um ano e seis meses, tempo em que o relator lhe rouba horas ao sono e ao descanso, nessas vigílias convividas com Maria do Pilar. O tempo da história abrange o tempo cronológico da vida de Castelao (30 de Janeiro de 1886 - 7 de Janeiro de 1950).

E todos estes esforços respondem ao móbil principal de lembrar a vida, a obra, a paixom e a morte de Castelao —pois «a morte é às vezes um arsenal onde se armam os povos, para as grandes batalhas e há instantes em que lembrar val tanto como triunfar»— e a um propósito fundamental, como é o de manter viva a lembrança do grande irmao desaparecido, para informar às novas geraçons e para que assim Castelao nom fique silenciado:

> «Transcorridos mais de trinta anos coido que xa poderíamos ter perspincuidade e luces para outra descoberta. A que tratara de por en claro os fenómenos de troque, rexistados na concencia do pais, despois do pasamento do lider. Ora en canto a cultura e a lingua, ora a concienciación e definición políticas...» (p. 19).

0.2. Estamos, pois, perante um amigo-cronista consciente das enormes dificuldades da sua obra, sabedor da impossibilidade de obter toda a documentaçom e informaçom, devido, em primeiro lugar, às numerosas viagens realizadas polo protagonista por Europa e América; em segundo lugar, pola extraordinária grandeza da personagem principal e, em terceiro lugar, polo seu propósito de contar a vida e a obra de um Castelao «autêntico», «vivo», «latejante», que «encarnou na Galiza a glória máxima do século». Para o narrador, o protagonista resulta de umha grandeza extraordinária, de uns valores fora do comum e de um posicionamento e atitude ante a vida difícil de expressar por palavras, facto que qualifica assim:

«Temos de principiar adimitindo que Castelao foi un rebelde, mais non un rebelde mais. Nin siquera de mozo un atrapado nas formas xa practicadas e mais ou menos miméticas da insurxencia protestataria. Tanto nos tempos Medios — para non recuar demais— como nos que despois virían, a causa das libertades galegas, tuvo seus abandeirados [...]. Mais no modelo que estamos a deliñar penso que Castelao non ten axeitado encaixe. O seu e un inconformismo nativo, non adequirido ou de avulsión. E desde os primeiros estudos cargado con un acento típico de denuncia social [...]. No seu mester vocacional o artista desde o umbral da carreira, non se conformóu con ser artista. Sin deixar de o ser, conforme ao canon mais esixente, asumíu outro papel. Erixiuse no fiscal intogado de unha causa xeral. A causa social da sua Terra, entangarañada no secular subdesenvolvimento. Causa que, a despeito dos anos e dos mudamentos, ainda se manten aberta» (pp. 14 - 15).

O protagonista do relato é um artista, um escritor e um político, no qual se alternam a glória e o drama na sua peregrinagem mundo afora, um homem que introduziu na Galiza a tradiçom da ruptura e devolveu às suas gentes a voz que lhe fora arrebatada:

«Castelao devolvéu a sua xente, mulleres e homes, nenos e vellos, fregueses ou abades, foratarios ou señores... a voz que lle fora arremesada. E o fixo escomenzando pol-a rasante mais baixa. Os labregos, os mariñeiros, os cegos esmoleiros, os demais orfos de bens ou de saude, os emigrantes, as viuvas de vivos e de mártires cívicos... Todos na sua tamben esmagada lingua, falaron nos pés das caricaturas. E por primeira vez para algo que non fora a mofa de si mesmos. Para que se deixara ouvir, con retranca ou con xenreira a door do seu drama, ou a sua concencia de crase» (p.17).

0.3. Expostas, sucintamente, estas ideias em que tentamos justificar onde se deve enquadrar o género do livro e as dificuldades existentes para historiar a vida e obra de um galego excepcional, bem se vê que o nosso propósito nom deve ser descobrir os dados que se ocultam, nem apresentar umha pesquisa sobre dados que podam ser ou nom reais ou verificáves, nem tampouco analisar o desenho da obra ou a correcçom da língua —o autor nom era nem filólogo nem lingüista, como tampouco o fôrom a grande Rosalia, Alexandre Bóveda, Castelao, Otero Pedraio, Vicente Risco, etc.— e, infelizmente, os que podiam complementar as informaçons deste «texto» já estám mortos e sabemos, por confidências de J. Bieito Abraira, que muitos dos documentos *de* ou *sobre* Castelao desaparecêrom.

De todos os modos é fácil observar no texto, no que diz respeito da língua, que é um livro elaborado por um autor que usa «formas proibidas» ou nom recomendadas polas 'Normas do ILG-RAG' (1982), e citamos só algumhas: *Galiza* (sempre), adjectivos em *-bel, ate/até, Paseio* (p. 93), *conteudo* (p. 95), *sexta feira* (p. 282), *quinta feira* (p. 285) e grafa *livro, livre* (p. 190), *povo* (pp. 209, 491)... Cumpre pôr ênfase em que o texto se elabora e redige por umha pessoa que tem já 82 anos de idade, e que responde aos parámetros próprios das circunstâncias dos momentos em que lhe tocou viver.

0.4. A *nossa leitura pessoal* surge da experiência vital que nos proporciona o facto de termos conhecido 'in situ' os lugares que frequentou Caste-

lao em Buenos Aires, o facto de termos conhecido perssoas com as que viveu Castelao em Buenos Aires e, sobretodo, o facto de formarmos parte de um colectivo proscrito na Terra de Castelao, simplesmente, por defendermos na teoria e na prática as ideias do autor do *Sempre en Galiza.* Nom deve surprender, pois, que nos detenhamos naquelas passagens que tenham como temática preferente a língua e a cultura da Galiza.

1. DISPOSIÇOM

1.1. O livro apareceu estruturado em quatro grandes secçons ou apartados —«ALBORADA DO HOME» (pp. 21-150); «A ESTRELA ESCOMENZA A RAIOLAR» (pp. 151-300); «OS ANAIS DA PLENITUDE» (pp. 301-436) e «BAIXO O CRUCEIRO DO SUL» (pp. 437-574)—, subdivididos em vários capítulos com diferentes títulos, «Apéndices» (pp. 575-615) —em que se inclui a carta de Claudio Sánchez Albornoz a Castelao, a resposta deste e a 'gratitude do autor'— e um «ÍNDICE ONOMÁSTICO» (pp. 617 ss.). As quatro grandes secçons apresentam umha extensom muito semelhante, por volta das 130 páginas, sendo as mais extensas a 2.ª, com 139 páginas, e a 4.ª com 137 páginas.

Nas quatro secçons achamos umha diferença fundamental entre a 1.ª e a 2.ª e a 3.ª e a 4.ª: nas duas primeiras o narrador conta umha história 'real' que ele viveu e compartilhou com a personagem principal e da qual tem umha experiência íntima directa, enquanto nas secçons 3.ª e 4.ª o narrador narra umha história com os dados e informaçons que lhe contam outros. Nas duas primeiras secçons o narrador introduze-se na história com o protagonista e em determinadas passagens mesmo chega a ocupar o seu lugar, fenómeno que a teoria e crítica literária costuma denominar com o termo de *autodiégese* (Cf. G. Genette, 1987).

Esta entrada e presença do narrador no texto vai provocar que nos sintamos mais próximos do protagonista e que cheguemos a sintonizar mais com ele nas duas primeiras secçons do livro, do que na terceira e quarta, nomeadamente, nas passagens em que narram a estadia de Castelao por Europa ou por América, bem que o cronista apresente com extremo realismo as *sombras,* isto é, a paixom e a morte do Guieiro.

1.2. A primeira secçom narra o nascimento, primeiros anos de vida de Castelao em Rianjo e Buenos Aires, os seus anos de estudo no Instituto em Santiago e Faculdade de Medicina onde obtém o seu título de Licenciado no curso 1908-1909, assim como a sua pronta vocaçom de artista; mas vemos como também o narrador se detém para, ao mesmo tempo que conta a presença de Castelao em Ponte Vedra e em Ourense, dar informaçom sobre a vida nestas duas cidades nessas primeiras décadas de XX.

Desde que Castelao chega à capital do Leres para a toma de posse da sua praça de Auxiliar de Estatística, em 3 de Janeiro de 1916, e volta em 19 de Janeiro de 1919 como Oficial 3.º do Corpo Facultativo de Estatística, o

narrador dedica várias páginas a lembrar como era a vida, nomeadamente cultural, na velha cidade do Leres (pp. 87-111). Som páginas em que o autor implícito descreve, desde as suas lembranças da infância e mocidade, as ruas, as praças, as gentes, o ambiente intelectual da época, o processo através do qual 'Ponte Vedra entra na vida de Castelao' (p. 91) e como este vai conhecendo as ruas e praças da cidade, os monumentos como a basílica de Santa Maria, a Praça da Ferreiria, os orfeons, a situaçom da vida política... Detém-se o narrador em contar como era o fogar familiar, os edifícios que o rodeavam e os seus primeiros amigos, todas essas circunstâncias que fariam exclamar a Castelao, anos mais tarde:

> «Eu débolle a Pontevedra o mellor da miña vida e agora padezo saudade da sua paisaxe, tristura de a non ver i-espranza de retornar a ela» (p. 97).

O narrador tem nostalgia e saudade dos tempos aqueles de liberdade —marcada com umha modalizaçom do sujeito no enunciado, *ou tempos aqueles!*— pom énfase na importância na liberdade de informaçom e informa sobre os jornais da cidade de Leres:

> «Na cibdade —ou tempos aqueles!— todal-as mañáns saían tres xornaes a rua. Cada un tiña, declarado ou encoberto, o santuario da sua devoción. Do titulado «El Diario de Pontevedra» o botafumeiro incensaba a Lourizán. Tiña comportamento de 'monarquico liberal'. Outro, tamben veterano, era 'La Correspondencia Gallega'. Sintonizaba con A Parda e con Poio. Monarquico conservador. Mais un e outro tiñan un altar común, que era a Caeira.
>
> O equilibrio post-sagastino na prensa local crebóuse cando aparecéu o terceiro en discordia. Titulabase 'Progreso', para ir mais de acordo con os tempos. Fora fundado, a peito descoberto, por dous irmaos impresores, que deron fé de valentes. Ao frente da redacción puxeron a un xornalista batallador, que ningúen conocía. Era un catalán, con duro acento payés, que cecais viñera a Galiza purgando algunha condena a desterro, por delito de imprensa.
>
> Cando Castelao chegóu a Pontevedra a discordia na prensa local xa estalara...» (p. 93).

Nom passa desapercibida para o narrador a relaçom que mantém Castelao com o Prof. José de Figueiredo no ano 1919, e como já Castelao comprende a necessidade de estreitar as relaçons galego-portuguesas, marcar as afinidades, quando nom identidades, entre Portugal e a Galiza, e considera forçoso que Portugal mire cara Galiza (pp. 110-111), teima de Castelao que temos analisado já noutro estudo (Henríquez Salido, Maria do Carmo, 1989). Junto com a história objectiva, isto é, as luzes e as sombras da vida de Castelao , o narrador introduze-se de novo na história para falar-nos do seu padrinho, um vizinho de Ponte Vedra, muito singular, Valentin Garcia Temes.

E vibramos perante a «pré-gestaçom do movimento galeguista» e a importância que possuía para este movimento o tema da língua, pois era considerado como um elemento definitório, configurador, para que um povo chegue a conseguir a integridade do ser e a sua verdadeira imagem, postulados que anos antes tinham proclamado as «Irmandades da Fala»:

«A chispa choutóu no pedernal da lingua. Na estructura nai do feito diferencial. E pol-o tanto, ultrarresistente, como elemento connotativo, definitorio, configurador [...] Resgatar a prol do idioma propio a plenitude da usualidade, eis o primeiro mandamento do novo decálogo. Que non era menos nin mais que o da *restitutio* etnolóxica. Todas as *restitutio* ou non-o son ou son *in integrum*.

Visión primeira, mais visión certeira. Sin a rehabilitación da sua lingua, non chegaría un povo a conquerir nin a integridade do ser, nin a sua verdadeira imaxen. Ben se comprende, pol-o tanto, que na fase primeira, o galeguismo tiña de configurarse como un movimento cultural. Que sendo profundo socialmente, non tardaría en ter proiección política» (p. 137).

1.3. A segunda secçom é a que contém maior número de páginas e está dedicada a narrar importantes acontecimentos da história da Galiza —que podemos ler, confrontar e verificar nos textos originais como o Boletim *A Nosa Terra* ou a revista *Nós*— como a fundaçom das 'Irmandades da Fala', a importância que para o movimento tinha «o uso da língua», o postulado fundamental de que renegar do idioma equivale a umha aberrante anormalizaçom geradora do mais absurdo dos suícidios: o suicídio colectivo (p. 155). Conta-se-nos da fundaçom da revista *Nós* e a prioridade que o movimento concedeu à reabilitaçom cultural do país e a importância que tinha a recuperaçom lingüística; o narrador detém-se, especialmente, em contar como é em Ponte Vedra, no mês de Junho, no café Méndez Núñez, quando nasce a ideia. Além desta história principal, aparecem outras histórias cruzadas relativas a falar de amigos de Castelao, como Losada Diéguez, conhecido também pola luita anticaciquil, e nom deixam de aparecer confissons sobre o próprio narrador:

«Cando cheguéi a Pontevedra, a miña presa foi informar do tratado na Coruña aos que eu tiña por mestres. A Juan B. Andrade, irmao da miña nai, poeta, meu iniciador nas letras; Alfonso R. Castelao, meu introductor no galeguismo...» (p. 206).

Mais umha vez, podemos verificar o interesse que tinha o narrador por todo o que se relacionasse com os meios de comunicaçom —volta a introduzir-se no texto, com umha modalizaçom do sujeito no enunciado— e, nomeadamente, o significado que tivo a génese, a equipa de colaboradores, circunstâncias, incidências e o programa do jornal *Galicia:*

«En termos xeraes o programa foi ben acollido. Mais non sin deixar de recibir algunhas melloras. A de lle dar enfase, na esfera exterior as relacións con Portugal e con as republicas ibero-americanas. As que tiñan compoñente migratorio galego, en primeiro termo. I en orde a instrumentalización do pensamento fundacional, o periodico tería de se vincular as mellores plumas do pais. Maormente as descomprometidas, liberales e culturalmente mellor dotadas, con plena apertura a mocedade. Valores aos que no pais poucos tiñan en conta.

Ainda falta algún rabo por esfolar. Andabamos na primavera do 1922. Non dispoñíamos ainda nin de local, nin de maquinaria para botar a andar. De calquera xeito tiñase de fixar unha data para sair a rua. Castelao propuxo que se escollera a do 25 de xulio, Dia de Galicia do ano 1922.

Con esforzo de todos —que ainda hoxe semella increibel—, o «Galicia» — como o povo lle chamaba— foi voceado nas ruas, na data prevista» (p. 208).

Mas nom param aqui os louvores do jornal *Galicia*. O narrador continua a falar dele nas páginas seguintes com grande entusiasmo, conhecedor e consciente da importância dos meios de comunicaçom para fazer povo, difundir ideias, defesa das liberdades e defesa do ideário galeguista:

> «Desde o 14 de setembre de 1923, a meiados do mesmo mes de 1926, *Galicia* foi un fenómeno de resistencia do galeguismo e da democracia. Practicamente no correr de aqueles anos, fixo de fiestra aberta na clandestinidade. Políticos como Casares Quiroga e Marcelino Domingo, en contactos que tuveramos non chegaron a explicarse a firmeza da nosa postura. En troques, alentóuna don Miguel de Unamuno, cando pasóu por Vigo n-unha escada do barco que o levaba ao desterro de Fuerteventura.
>
> Penso que constitiu unha leición exemplar na historia das liberdades e do espirito galegos. E que o protagonismo, peito a peito con o resto do equipo, que Castelao asumíu, desde o orixe ao remate da loita, non debía ficar envolto na escuridade» (pp. 223-224).

Assistimos ao afundimento da democracia —em 13 de Setembro de 1923, com a cumplicidade da monarquia alfonsina—, ao clima de intolerância, à censura, sangria das multas, ao tempo que se nos contam as exposiçons que realiza Castelao, as conferências proferidas, a publicaçom dos seus livros, o album *Nós* e anedotas como o assunto da multa a Jorge Manrique, em que se salienta tanto o humor de Castelao como o dos que com ele compartilhavam as experiências.

E de modo brusco e súbito, entramos *na sombra* e na dor de Castelao —que será já umha história clínica— no umbral da cegueira. Estas sombras nom vam impedir que o protagonista siga mantendo a sua dignidade: vive com grande modéstia, «mas permite-se o luxo de ser independente, fazendo compatível a humildade com a dignidade» (p. 267). Especialmente emotivas som as páginas em que se narram as viagens de Castelao a Vigo, para visitar o médico (acompanhado do autor implícito), a morte do filho de Castelao, e o seu enterro no cemitério de Sam Amaro. Após estas primeiras sombras, chegam novos ventos de liberdade civil e política, de novo em pé de luita, que o narrador exprime neste formoso parágrafo:

> «Despois de seis anos, catro meses e catorce dias os vellos sinos repicaron de novo. Os novos sinos da liberdade civil e política. Ao fin semellaba ter chegado a hora dos anceios cumpridos, ainda que non a cara descoberta. O mito de Jano tornóu a se erguer na liña do horizonte en axexo. Non sô con unha cara ao ocaso da Dictadura e outra ao menor mencer da democracia. A segunda pouco pasaba de contemplar a marcha, curta e a tombos, da carroza da 'dictablanda'» (p. 259).

Seguem páginas que falam da fundaçom da O.R.G.A., da IV Assembleia Nacionalista, da Primeira Homenagem a Otero Pedraio, do Dia de Galiza do 1930, do jantar da Barxa, da Musa e o Compromisso de Barrantes até que

em Abril de 1931 estamos de novo em Vigo nun acto eleitoral no Teatro Garcia Barbom, com um conjunto de oradores entre os que aparecem Ricardo Carvalho Calero, Otero Pedraio, Leuter Salgado, Vicente Risco, Castelao e Paz Andrade. Celebradas as eleiçons, Castelao consegue acta pola «Candidatura de Selección Republicana» constituída por:

«Alfonso Rodríguez Castelao
Valentín Paz Andrade
Ramón Cabanillas Enríquez
Leandro del Río Carnota
José Cubera Fernández
Amado Garra Castellanzuelo
Basilio Alvarez Rodríguez
Concepción Alfaya López» (p. 284).

Nom se detém muito o narrador para contar os discursos e intervençons de Castelao nas Cortes, mas mesmo assim reproduz as suas palavras em que pom em destaque a comunidade idiomática galaico-portuguesa-brasileira e os seus 40 milhons de falantes:

> «Yo no soy más que un artista que ha puesto su arte al servicio de una bella causa: la de despertar el alma de Galicia [...] Nuestro idioma gallego debe merecer toda vuestra simpatía, porque es la lengua del trabajador, del obrero, del artesano, del labriego, del marinero; fué la lengua de vasallos y magnates, y solo despreciada por esos señoritos cursis y desocupados de las capitales de provincia [...] Con la dignificación de nuestra lengua lograremos, quizá, o nos acercaremos a realizar el gran hecho histórico: la compenetración ibérica que todos anhelamos porque tengo que recordar, señores Diputados, que el galaico-portugués es hablado por unos 40 millones de personas» (pp. 289-290).

E acrescenta o narrador «que hoje estarán perto de chegar aos 150.000.000 repartidos en máis de oito estados soberanos de catro continentes», com o qual manifesta a sua competência cognoscitiva e fai um juizo de valor, ao tempo que «toma partido». Cremos, pois, que nom há dúvidas de que o autor implícito assume a unidade da língua do Oeste da Península Ibérica e nega que galego e português podam ser, na década de 80, línguas diferentes.

1.4. Entramos agora nos momentos da vida de Castelao em que o narrador, embora participe directamente em actos que se nos contam na história, se introduz muito menos nela e, em qualquer caso, sempre desde um posicionamento mais distante, em certa medida, porque o espaço já se amplia a cidades como Madrid, Badajoz, Lisboa e mais tarde pola situaçom política, para a Rússia e a América. É verdade que nos informa da estadia de Castelao en Madrid, da homenagem aos quatro deputados galegos declaradamente galeguistas (Antom Vilar Ponte e Ramom Suárez Picallo, por Corunha; Ramom Otero Pedraio, por Ourense e Alfonso R. Castelao, por Ponte Vedra) (p. 303), da homenagem em Rianjo, em que fala —«tocou-me falar depois»— da fundaçom do Partido Galeguista (pp. 306-307), da homenagem a Castelao em

Lugo (o dia 12 de Junho de 1932), de Castelao na Academia, de Castelao conferencista, do Dia de Galicia em Vigo, e da publicaçom da várias obras de Castelao... Desde este momento, em que mais umha vez voltam dias de sombra para Castelao, o biénio negro, já vislumbramos o início de um caminhar trágico cara a umha morte anunciada, que o protagonista encaixa com ánimo sereno:

> «Foi de xeito tan pouco considerado como unha mañán de novembre do 1934, Castelao se atopou trasladado forzoso a Badaxoz. Ao mesmo tempo Alexandro Bóveda Iglesias recibía outro oficio dándolle novo destino na Delegación de Facenda de Cadiz. Tanto unha arbitrariedade como a outra, calquera que for a sua tipificación burocrática, eran de feito outras tantas penalizacions de desterro a longa distancia, sin dudar prefixada [...] Por sorte, o protagonista a forza do episodio, non era de floxo tempero. Apañóu a innobre pancada como de quen viña. Con ánimo sereo, e sin deixar que ninguén movera unha palla para lle aforrar un dia de sacrificio» (pp. 336-337).

Por umha carta de Castelao desde o desterro, conhecemos as suas impresons sobre Badajoz, a sua vida em Extremadura com algumha escapada a Elvas e a Lisboa, onde tem um emotivo encontro com Teixeira de Pascoaes:

> «O único que en Badaxoz lle lembraba ao 'meu Pontevedra' non era a oficina. Ainda que con moitas desventaxas era o café. Unha invención popular hoxe a extinguir, que no tempo ainda inspiraba pensamentos con pendor ao análise social» (p. 342).

Restaura-se a liberdade. Há novas viagens a Trasalva ou Madrid e notícias sobre vultos do nacionalismo ou sobre a situaçom política (novamente deputado, campanha do Estatuto, derradeiros dias em Madrid, informaçons dos passeios nas madrugadas, Conselhos de guerra...), mais viagens agora a Barcelona (as Cortes de Montserrat) e Valéncia («A derradeira lección do Mestre»), notícias dos galegos exiliados entre eles Ernesto Guerra da Cal (p. 381) ou da dura carta a Oliveira Salazar:

> «Como V. non deixaría chegar ao pobo portugués a voz dos patriotas galegos queremos que, pol-o menos chegue a Vd. a queixa doorida de dous galegos, que sempre amaron Portugal [...] Asegurannos que Vde. cree en Deus. Non-o sabemos, porque Deus —infinitamente sabio, xusto e ademais inmoral— non quixo ser dictador e concedéunos o libre albedrío para que nós mesmos buscasemos a felicidade, namentras que Vde. —cativo verme que se considera feito a imaxe e semellanza de Deus— non tivo reparos en aferrollar a liberdade do povo portugués e sometelo a sua vontade. ¡Gran pecado de soberba, señor Dictador!» (p. 384).

Depois destas páginas a distância do narrador ainda é maior, porque só pode contar o que outros lhe contam e isto provoca também um maior afastamento da personagem. Estamos ante um narrador equiscente, que se vê na obriga de narrar o que outros lhe dizem. Imprime-se-lhe grande velocidade à história, e com grande rapidez sabemos da estadia de Castelao de trinta dias na URSS, viagem a Norteamérica, encontros com exiliados como Ernesto Gue-

rra da Cal, a sua viagem caminho de Buenos Aires com a compañeira de tantas horas. Castelao está em Cuba mas com saudades de Vigo:

> «Pois mirade, andava a soñar con Vigo. Ou máis ben, en cando vivía en Pontevedra e ia a Estación despedir ao moinante de mais vontade do mundo, cando marchaba para Vigo. (Referíase ao autor d-este livro)» (p. 430).

1.5. A quarta secçom inicia-se o dia 17 de Julho, data em que o «Argentina» atraca em Montevideu. De Buenos Aires acode um grupo de mais de quinze persoeiros, que nunca mais abandonarám o «Guieiro», como Rodolfo Prada ou José B. Abraira. Primeiros dias em Buenos Aires, visita ao Centro Galego, apartamento na rua Belgrano, primeira grande homenagem o dia 18 de Agosto, ecos sobre a vida do galeguismo no exílio e actividades (relançamento d' *A Nosa Terra,* apariçom d' *A Fouce*) e a busca desde o exílio de homens de acçom:

> «Os irmans sobreviventes —tí, Otero, Román, Plácido e cicais outros— debedes axudarnos ou poñervos de acordo para desiñar a unha persoa, non moi siñificada, pero activa e segura, a quen eu poida dirixirme para darlle instruccións e telo ao corrente de todo e, ao mesmo tempo, de quen eu poida recibir novas do voso traballo e do ambente que ahí se respira» (p. 455).

A acçom acelera-se ainda mais, o narrador equiscente conta-nos os últimos sucessos da vida de Castelao (macro-homenagem, publicaçom de *Sempre en Galiza,* viagem a México, fundaçom do Conselho de Galiza e a correspondência com Claudio Sánchez Albornoz):

> «A mi me place admirar la erudición de Vd. y la sabiduría de Menendez Pidal, pero yo los acuso a ambos de excesivo castellanismo y de ocultar... todo lo que Galicia significó en la España de otros tiempos» (p. 472).

O narrador salienta as ideias de Castelao sobre o separatismo:

> «Entendedme bien —voy a repetirlo— descartando el separatismo y abogando por una unión paccionada de todos los pueblos diferenciados de España en un Estado plurinacional y republicano, capaz de atraer a Portugal» (p. 482).

E o narrador chega a esta rotunda conclusom:

> «Vai alá pouco menos de meio século. O pensamento político de Castelao, en canto tiña de videncial, non sufréu o desmacelo do tempo» (p. 482).

As últimas páginas da história estám dedicadas a informar-nos sobre GALEUZCA, a generosidade de Manuel Puente, correspondência com a Galiza via Portugal, génese e apariçom de textos como o «Meu Pontevedra» ou «Alba de Gloria». Em dous anos e nove meses entre o diagnóstico e a morte (e o narrador volta a aparecer na história):

> «[...] apelido que o propio Castelao anotóu, xa con tremida caligrafia, no orixinal que con devoción custodio» (p. 547).

Paixom de Castelao. Dura enfermidade e trágica morte às 23 horas do dia 7 de Janeiro:

«Morréu do mal dos bos e xenerosos.
Morréu de amor a Terra».

«Pousa Nova do Mar, Abril 1980 - Outubro 1981» (p. 572).

2. COLOFOM

Nom podemos finalizar a nossa leitura sem analisar, embora seja com muita brevidade, a carta de Castelao a Claudio Sánchez Albornoz e desta missiva especialmente este fragmento:

> «Yo deseo que en Galicia se hable tan bien el gallego como el castellano y el castellano tan bien como el gallego. Deseo, además, que el gallego se acerque y confunda con el portugués, de modo que tuviésemos así dos idiomas extensos y útiles. Y aun desearía más: desearía que en la segunda enseñanza fuese obligatorio el inglés y otro idioma extranjero» (p. 596).

Nesta carta Castelao fai profissom de fé reintegracionista nos termos mais explícitos, como estudou R. Carvalho Calero (1989: 887-900), e atém-se à tradiçom galeguista mais firme: a do Pe. Feijó, Murguia, Viqueira, Vilar Ponte, Risco... Castelao escreve em 1944, e nesse contexto cronológico tem que ser entendido o seu discurso político, como diz R. Carvalho Calero (1989: 900), e a fórmula proposta por Castelao é a reintegracionista:

> «O galego incorporaria-se ao sistema de que foi protótipo e que hoje tem como arquétipo a norma lisboeta, sem deixar de ser galego, conservando a sua fonética, a sua morfologia e o seu léxico peculiares no que tenhem de genuinos, mesmo aportando ao sistema o que puder enriquecê-lo e, decerto, admitindo todo o que proveniente das outras formas do galego-português, resultasse rendível para o co-dialecto. Castelao aponta a orientaçom, mas, polas razons anteditas, nom esmiúza as casuísticas derivaçons do princípio. Sem dúvida é consciente do peso cultural da norma portuguesa que se projectaria sobre a normalizaçom do galego; mas isto enxergava-o, do ponto de vista da utilidade e extensom do idioma, como um evento positivo. De por parte, o livre jogo das forças normativas dentro do sistema determinaria o futuro do galego reintegrado como língua oral e como língua escrita, como fala doméstica e como instrumento internacional. Castelao nom nos hipoteca o porvir. Limitou-se a indicar um caminho para o futuro imediato ao presente de 1944, que em grande medida é o futuro imediato ao presente de 1987» (R. Carvalho Calero, 1989: 900).

Nom muito diferente da leitura de R. Carvalho Calero era o parecer de Valentim Paz Andrade, como podemos verificar na carta datada em 2 de Novembro de 1983, escrita a José B. Abraira, reproduzida no *Epistolário* (1997: 224-225) em que salienta que a tese sustentada pola Associaçom Galega da Língua era umha velha teima e ainda que poda parecer que Valentim nom concorda com os postulados defendidos pola AGAL, da nossa óptica, o que nos vem a dizer é que o que procede é conseguir umha *substancial reintegraçom* do galego na comunidade lingüística a que pertence por história e tradiçom:

> «Recibirei con moito gosto a Carmo Enríquez Salido. En canto a tesis que defende, sempre foi teima miña. Acaba de saír en São Paulo —Editorial Difel—

o meu libro sobre *A Galeguidade na Obra de Guimarães Rosa,* primeiro que do galego se traduce ao portugués do Brasil. Disto [sic] esto engadirei o de *reintegracionismo* parece un concepto inapropiado. Tería sentido a reintegración do portugués en galego —que a lingua patrón ao primeiro, históricamente. Penso ao aveso o concepto non é utilizábel. Ademais, resulta utópico, pois o proceso, ainda que as cousas foran ben, sería pra moitos anos, e nunca se chegaría a reintegración. Nin semella ser indispensábel para que o noso idioma teña ambivalencia semántica para os lectores do portugués. Que algunhas calidades orixinales do galego subsistan, non perxudica. Si o problema fora planteado en termos mais prácticos adiantaríase máis».

Valentim Paz Andrade defende a unidade da língua que se fala Além e Aquém Minho, mas mostra-se partidário de manter um princípio, aceite pola maioria dos lingüistas, de que em todas as línguas históricas existem variedades internas, o qual nom obsta para que haja umha unidade dentro da diversidade. As palavras de Valentim, pensamos, em nengum modo propugnam o separatismo lingüístico entre a banda de acá e a da alá.

Aquel foi o legado de Castelao, este era o ideário de Valentim Paz Andrade. Aquelas fôrom as luzes e as sombras do 'Guieiro', essas fôrom as luzes e as sombras também de Valentim Paz Andrade. Actos de homenagem a Valentim Paz Andrade como este formam parte do legado que nos deixou Castelao os reintegracionistas.

Na Galiza de hoje poucos dias temos com 'luz'. Aquelas mesmas sombras continuam a ser as sombras da GALIZA de hoje, sombras que como lembrou nesta homenagem um galego que tem memória histórica, Issac Diaz Pardo, nom acabam de desaparecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carvalho Calero, Ricardo. 1984. *Letras galegas.* Corunha: Associaçom Galega da Língua.

Carvalho Calero, Ricardo. 1989. «Bilingüismo e reintegracionismo nas cartas cruzadas entre Castelao e Sánchez Albornoz». AA.VV. *Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza* (1987). Corunha: Associaçom Galega da Língua, 887-900.

Genette, Gerard. 1987. *Figuras, I,* Paris: Seuil.

Henríquez Salido, Maria do Carmo. 1989. «Castelao e Portugal», Justo G. Beramendi e Ramón Villares (eds.). *Actas Congreso Castelao* (1986). Universidade de Santiago, Tomo I, 348-358.

Langbaum, Robert. 1996. *Poesía de la experiencia: el monólogo dramático en la tradición literaria moderna.* Granada: Comares.

Paz Andrade, Valentín. 1982. *Castelao na luz e na sombra.* Corunha: Ediciós do Castro.

Paz Andrade, Valentín. 1997. *Epistolário.* Edición ao coidado de Charo Parada Núñez e Isaac Diaz Pardo. Corunha: Ediciós do Castro.

Paz-Andrade e a língua portuguesa da Galiza

José-Martinho MONTERO SANTALHA
(Universidade de Vigo)

Nestas páginas pretendo apresentar, de maneira mais bem esquemática, o tratamento que nos seus escritos Valentim Paz-Andrade deu à língua da Galiza em quanto parte da área lingüística portuguesa[1].

Todos sabemos que à língua falada na Galiza se vem dando comummente entre nós a denominação de «língua galega», ou «idioma galego», e alguns até propugnam agora que é umha língua independente da portuguesa, extrapolando ao campo lingüístico factos de índole política. Como veremos, ponto fundamental da concepçom que Paz-Andrade tinha do nosso idioma era a unidade linguística galego-portuguesa, a plena integraçom da Galiza na área lusófona; e por isso me permito falar aqui de "língua portuguesa da Galiza", procurando evitar a denominação de «língua galega», por ser acientífica, ou mesmo anti-científica, e induzir facilmente a engano.

Intentarei, em primeiro lugar, expor as ideias de Paz-Andrade sobre o carácter lusófono da nossa língua, isto é, os aspectos teóricos, fazendo-o falar sobretudo a ele, ou seja, aduzindo os seus textos, que som suficientemente expressivos por si sós. E concluirei fazendo umha breve referência aos aspectos práticos, ou seja, à prática linguística que se pode detectar nos seus escritos.

PREÂMBULO: UMHA CONFISSOM PESSOAL

Quero declarar, antes de mais, a admiração e simpatia que sempre me produziu a figura de Valentim Paz-Andrade; umha simpatia que foi *in crescendo*: desde

(1) Este texto reproduz a minha intervençom na mesa-redonda «Valentim Paz-Andrade, escritor», celebrada na sala de conferências do «Centro Cultural Caixavigo», de Vigo, em 28 de Maio de 1997, dentro dos actos da «Homenagem a D. Valentim Paz-Andrade» organizados pola Associaçom Galega da Língua (AGAL) em Ponte Vedra e em Vigo no mês de Maio de 1997 por motivo de se cumprir o décimo aniversário da sua morte (acaecida em Vigo a 19 de Maio de 1987).

o meu primeiro contacto com os seus escritos até o conhecimento da sua correspondência recentemente publicada[2] –que impressiona e mesmo emociona por vezes–, e passando polo trato pessoal com ele e com a sua família.

A este respeito, desejaria começar fazendo umha confissom de carácter pessoal, sobre o que Paz-Andrade significou –sem ele sabê-lo, evidentemente– na minha conformaçom de ideias e em geral na minha evoluçom vital até hoje.

Em 1968 achava-me realizando os meus estudos teológicos em Roma. Ali, longe da Terra, fora onde, em contacto –e muitas vezes em contraste– com gentes foráneas, e em diálogo e convivência com outros companheiros galegos, descobrira a realidade cultural da Galiza, e portanto a minha própria realidade autêntica e íntima como galego, dantes obscurecida pola colonização mental espanhola entom dominante. Um grupo de seminaristas e sacerdotes residentes em Roma constituíramos um movimento a que demos o nome de «Os Irmandinhos», empenhado especialmente em despertar na Igreja da Galiza consciência da língua e o compromisso com a cultura galega.

Quando Alonso Montero, entom residente em Lugo, pensou em organizar um livro colectivo sobre o futuro da língua e da cultura da Galiza naquela altura, dirigiu-se a nós solicitando-nos umha colaboraçom que tratasse o aspecto da língua na Igreja, centro da nossa preocupaçom como grupo. Com efeito, enviamos o nosso trabalho a Alonso Montero, e algum tempo depois recebemos dele os exemplares do livro publicado, intitulado *O porvir da lingua galega*, que incluía também a nossa colaboração[3]. E aqui entra em cena o papel de Valentim Paz-Andrade ao meu respeito. Entre os artigos incluídos no livro aparecia um de Paz-Andrade intitulado «A evolución trans-continental da lingua galaico-portuguesa», em que enunciava com absoluta claridade a unidade lusófona da Galiza.

Li-o como um descobrimento gozoso: ali estava formulada de modo explícito e natural a sensaçom que se vinha conformando em mim ainda num nível inconsciente e confuso, iniciada casualmente já em leituras da época da adolescência e despertada agora em Roma pola sintonia de duas experiências: o compromisso com a língua própria, por umha parte, e, por outra, o trato com os companheiros brasileiros da Universidade Gregoriana, que me deparava contínuas surpresas lingüísticas e me dava a impressom de achar-me na minha própria casa.

A partir do artigo de Paz-Andrade, tudo começou a ser claro para mim. E esse foi o estímulo decisivo que me impulsou, desde aquele mesmo momento, ao estudo pessoal da nossa língua nas suas duas dimensões diacrónica e sincrónica.

De modo que, neste capítulo tam importante da minha vida como é a defensa da unidade lusófona da Galiza, nom posso menos de sentir-me, em boa medida polo menos, filho de Paz-Andrade e de lembrar a sua figura com especial emoçom.

---

(2) Valentín PAZ-ANDRADE, *Epistolario: Edición ao coidado de Charo PORTELA YÁÑEZ e Isaac DÍAZ PARDO*, Ediciós do Castro, Sada - Corunha 1997, 310 pp.

(3) [VÁRIOS], *O porvir da lingua galega*, Círculo de las Artes (Instituto de Estudios, Sección de Publicaciones), Lugo 1968, 166 pp. [Colectânea de artigos de diversos autores organizada por Xesús ALONSO MONTERO].

1. TRABALHOS TEÓRICOS SOBRE A LÍNGUA

Citarei alguns textos de Paz-Andrade, centrando-me em três trabalhos seus: o livro *Galicia como tarea* (1959), o artigo de 1968 antes aludido, e o livro *La marginación de Galicia* (1970).

1959: *Galicia como tarea*

Em 1959 Paz-Andrade publica um livro de título sugestivo e incitante: *Galicia como tarea*[4].

O livro estrutura-se em três partes. Na primeira («Primera Parte: Supuestos estructurales») detém-se sobretudo nas características demográficas da Galiza (dispersom povoacional, emigraçom); na segunda («Segunda Parte: El horizonte económico») analisa algumas das possibilidades económicas que os recursos naturais galegos oferecem; e, finalmente, na terceira («Tercera Parte: Reorientación del esfuerzo cultural») ocupa-se dos problemas culturais, cujo núcleo é o assunto da língua. Nesta terceira parte, pois, acham-se as considerações que agora nos interessam.

Consta essa parte terceira de 5 capítulos (caps. 11-15), sobre a cultura em geral e especialmente sobre a língua. No cap. 12, apartado "3. Área de expansión exterior" apresenta-se-nos a dimensom geográfica da nossa língua polo ancho mundo, ressaltando a importância do Brasil:

> "La jerarquía de un idioma no depende solamente de lo que fue a través de las edades. También proviene de su utilidad presente. Su nobleza, por edificante que fuese, no representaría gran cosa si se redujese al plano histórico. [...].
>
> Tampoco depende aquella jerarquía de la mayor identidad formal entre la rama originaria y la más evolucionada y extensa. Puesto que las diferencias de fonación y grafía no constituyen obstáculo garve para el recíproco entendimiento, la eficiencia del sistema en su conjunto debe estimarse plena. Y en su doble alcance funcional: como medio de comunicación y como instrumento de creación cultural.
>
> Bajo el primer aspecto interesa considerarlo ahora. El concepto social del habla gallega ha sufrido tales desvirtuaciones que a no pocos hombres cultos les inspira una estimación equivalente a la que merece un testimonio arqueológico o una supervivencia folklórica. Este prejuicio envuelve una insostenible subestimación de la capacidad del idioma para servir las necesidades de la época. E, incluso, de su grado de incorporación a las mismas necesidades, dada la identidad estructural que conservan el portugués y el gallego, recíprocamente inteligibles. Se trata de una lengua con la cual pueden entenderse hoy millones y millones de personas, aunque lo hablen con distinto acento o escriban de forma diferente cierto número de vocablos. En el cómputo se comprenden las poblaciones de Galicia, Portugal –con sus colonias–, y Brasil.
>
> El mapa del idioma de Camões y Rosalía se extiende a cuatro continentes. Es la tercera en importancia entre las lenguas neo-latinas. Después del inglés y el castellano, es la hablada por mayor número de personas en el hemisferio austral.

---

(4) V[alentín]. PAZ ANDRADE, *Galicia como tarea*, Ediciones Galicia del Centro Gallego de Buenos Aires, Buenos Aires 1959, 176 pp. [Este livro, publicado graças aos emigrados galegos da Argentina, foi reproduzido na Galiza em capítulos polo jornal compostelano *La Noche*, a partir do 3 de Dezembro de 1959].

Pero los datos reveladores de la expansión que ha alcanzado palidecen ante los que permiten deducir el desarrollo futuro del mismo fenómeno. Basta tener presente el índice de acelerado crecimiento demográfico y económico del Brasil, y valorar su porvenir como potencia mundial, para comprender que un auge paralelo experimentará el censo de los que hablan el idioma galaico-portugués en América. Y no sólo el censo directo. Imperativos de orden económico y cultural, le abrirán cada día mayores cauces para el intercambio, en los países anglo-sajones. Tiene, por tanto, brillantemente asegurado su destino entre los grandes idiomas atlánticos" [5].

A expressom "idioma de Camões e Rosalia", que é umha definiçom histórico-literária da língua desde o ponto de vista galego, pode comparar-se com a usada antes por Pondal, personalizando a dimensom galega no mítico Breogám.

No cap. 13 de *Galicia como tarea*, intitulado "Condición no vernacular del gallego", as palavras de Paz-Andrade assumem um certo tom de crítica à política cultural galega:

"Aún se pueden encontrar gallegos que rebajen irresponsablemente a *dialecto* la jerarquía de su idioma nativo. Para los irresponsables no escribimos ahora. Pero entre los responsables, tal vez ninguno rehusará calificarlo como lengua *vernácula*. Basta esta consideración para revelar hasta qué punto se ha subestimado la razón fundamental que justifica la supervivencia y valorización del idioma gallego.

Para mí, esa razón no es otra que la de ser un instrumento eficaz que permite comunicarse y entenderse, actualmente, con más de setenta millones de hombres. Sólo cuatro idiomas más, entre tantos como se hablan en el mundo, disfrutan de una expansión semejante. Frente a esta realidad, que el mismo idioma se module con distinto acento y hasta que un cierto número de palabras y giros se pronuncien o construyan de manera diferente en Galicia, Portugal y Brasil, tiene una importancia secundaria. Nunca podrá explicar satisfactoriamente la desconexión práctica entre la rama galaica y la lusa, del idioma común. Y, mucho menos, la orientación del problema, cerrando sus perspectivas dentro del marco regional y el concepto vernacular del idioma".

"Toda posición que suponga desconocimiento de la unidad estructural, debe en este caso reputarse falsa. Autoridad tan indiscutida como Menéndez Pelayo sostiene: 'No sólo son idénticas en su esencia las lenguas gallega y portuguesa, sino que las formas arcaicas y populares... han de calificarse de verdadeiros *galleguismos*'.

Por tanto, no puede parecer razonable cualquier tendencia que reduzca el problema a la rehabilitación literaria de una lengua retardada en su forma escrita, haciendo caso omiso, o poco menos, de la evolución que experimentó durante siglos de uso múltiple y pleno, fuera del área de origen. Mucho más constructiva sería la tendencia a la asimilación de las voces necesarias, cuyo uso es normal en la otra rama del mismo árbol lingüístico.

No intento argumentar en favor de un criterio artificiosamente unificador, que suprima las variantes locales, fonéticas u ortográficas. Aun en idioma tan resistente a las metamorfosis ambientales como el castellano, algunas diferencias modales existen. Como existen, si bien en escala mayor, tanto en el inglés como en el francés. Lo que no resulta admisible es que, cuando la diversidad de matices no impide que se entiendan entre sí los practicantes de cada uno, quede oscurecido el valor de una lengua, como vehículo de relación oral y escrita, entre un grupo tan importante de países como el formado por la comunidad idiomática galaico-lusitana" [6].

---

(5) *Galicia como tarea* (1959), pp. 138-139.
(6) *Galicia como tarea* (1959), pp. 145-146.

Pouco mais adiante estabelece a comparaçom entre a nossa língua e a espanhola:

> "El castellano se habla en veinte naciones del nuevo Continente. Pero la más extensa y poblada del área ibero-americana habla portugués. Sólo el gallego puede utilizarse como vehículo para la relación con el Brasil, donde tal vez se acumula la mayor disponibilidad de recursos naturales del mundo, y tanto el nivel demográfico como el desarrollo económico adquieren aceleradamente dimensiones espectaculares. Nadie pone hoy en duda que, algún día, seguramente no muy lejano, la hegemonía económica mundial habrá de ser ejercida, o cuando menos compartida, por aquel favorecido pedazo del mundo cuya conquista inició Pedro Álvarez Cabral.
>
> Con sólo tener en cuenta esta innegable realidad –que se viene encima de nosotros con una fuerza imponente–, hay bastante para adoptar una posición operante en relación al tema. Galicia posee una de las cuatro grandes lenguas atlánticas, difundidas desde el Mediterráneo a Filipinas" [7].

Ainda que de passagem, comenta em tom de censura que os três primeiros dicionários galegos, na época moderna, tenham sido elaborados à margem da norma literária portuguesa:

> "Rodríguez, Cuveiro Piñol y Marcial Valladares ordenaron los primeros diccionarios gallego-castellanos, a base de filones independientes del português, más populares que literarios" [8].

E nom deixa de condenar com energia a política lingüística espanhola a respeito da Galiza e do seu idioma, o "gallego-português, lengua internacional en la historia y en la realidad, hablada por más de setenta millones de personas, repartidas en cuatro continentes", pois, ainda que fosse só por esta categoria internacional, mereceria mais respeito[9].

1968: *um futuro galaico-português*

Neste ano 1968 aparece, no livro colectivo *O porvir da lingua galega* o artigo de Paz-Andrade «A evolución trans-continental da lingua galaico-portuguesa», a que antes me referi[10].

Respondendo ao título do livro, Paz-Andrade, depois de analisar em pormenor os diversos aspectos da situaçom lingüística da Galiza, pergunta-se polo futuro:

> "¿Qué camiño debe escoller Galiza para axustar a futura evolución da sua lingua? A pregunta presupón que o porvir da nosa fala non pende somentes dos factores alleos que veñen interferindo a sua rehabilitación en cheo. ¿Non pode d-algún xeito estar recramando certa virada no rumo da política interna do idioma?
>
> Unha é a evolución continxente que deica agora seguiu. Outra a que en adiante deba ter. Ainda que a opción non veña por primeira vez ás nosas maos, podemos estar

(7) *Galicia como tarea* (1959), pág. 147.
(8) *Galicia como tarea* (1959), pág. 149.
(9) *Galicia como tarea* (1959), pág. 153.
(10) Valentín PAZ-ANDRADE, «A evolución trans-continental da lingua galaico-portuguesa», em: [VÁRIOS], *O porvir da lingua galega*, Círculo de las Artes (Instituto de Estudios, Sección de Publicaciones), Lugo 1968, 166 pp., pp. 115-132. Já algum tempo antes publicara na revista *Airiños*, do Centro Galego de Gijón, um artigo com as mesmas ideias: Valentín PAZ-ANDRADE, «El área espacial y etnológica de la lengua galaico-lusitana», em: *Airiños* (Gijón), Julho de 1966; esta revista era editada polo Centro Galego de Gijón.

chegando ao intre no que deba ser exercida. ¿O galego ha de seguir mantendo unha linha autónoma na sua evolución como idioma, ou ha de pender a mais estreita similaridade co-a lingua falada, e sobre todo escrita, de Portugal e-o Brasil? Os termos da custión non deben ser tomados no senso de que o galego, pra marchar en maior irmandade formal co portugués, teña que deixar de ser o que é.

Non se pretende chegar á unificación literal. Mais trátase de conter a disociación, facendo os axustes necesarios pra aproveitar as ventaxas mútuas que un intertroque permanente podería proporciar. A ninguén se lle oculta que, da parte da Galiza, hai a gañar moito mais que a perder, si a relación entre unha e outra fala se avivece e sostén" [11].

Pouco tempo depois, em carta a Emílio González López de data 10 de julho de 1969, Paz-Andrade insiste, aludindo a este artigo seu, sobre o seu firme convencimento da integraçom da Galiza no mundo lusófono:

"Supoño que terás recibido tamén, a través de Piñeiro, un libro editado pol-o Círculo das Artes de Lugo, titulado *O porvir da lingua galega*. Leva nas derradeiras páxinas un ensayo meu sobre o aspecto social e a proyección exterior do noso idioma. Penso que no senso de revincular cada vez mais o galego á literatura portuguesa e, mais ainda, á gran literatura brasileira contemporánea está o verdadeiro e positivo «porvir» do noso idioma" [12].

Ernesto Guerra da Cal, em carta de data 4 de agosto de 1969 desde os Estados Unidos, felicitiva Paz-Andrade por este artigo sobre a língua. Ao agradecer os parabéns na sua carta de resposta, de data 10 de setembro desse mesmo ano 1969, Valentim lamenta a cegueira de alguns intelectuais galegos:

"Deixando a un lado o cativo merecemento do meu traballo sobre a lingoa, visto na sua carta coa ollada xenerosa demáis, non ten dúbida de que está no camiño certo en canto ás posibilidades de fortalecimento e de expansión. O que non ten xeito é que sexamos poucos, antre a nosa xente de letras, con algunha contribución positiva a lle dar ao problema a sua verdadeira solución. Que sorte de cegueira pode aínda hoxe, co-a mellor intención, seguir pechando as portas do idioma, abertas car-a sua máis grandiosa froración humán e literaria?

Cecais estamos diante do nô máis tolledor da cultura galega, aínda que moitos non teñan reparado n-el. Pouco poden os esforzos isolados pra lle dar outro alento a unha causa que demanda axuda de todos, mais eu teño por miña a obriga da santa teimosía. Agora recuncaréi no tratamento do problema n-unha parte que ten por título «La marginación de la lengua», incorporada ao libro *La marginación de Galicia*, que teño xa nas maos d-unha editora de Barcelona" [13].

1970: *La marginación de Galicia*

Em 1970 apareceu *La marginación de Galicia*, um livro que encontrou amplo eco na sociedade galega[14].

A segunda parte versa sobre "La marginación de la lengua", e nesta o capítulo 8 ("La expansión transcontinental del idioma": pp. 101-108) insiste sobre as ideias já expostas por Paz-Andrade nas suas publicações precedentes.

---

(11) *Ibidem*, pág. 131.
(12) *Epistolario* (1997), pág. 194.
(13) *Epistolario* (1997), pág. 196.
(14) Valentín PAZ-ANDRADE, *La marginación de Galicia*, Siglo XXI de España Editores, Madrid 1970, 360 pp.

No apartado intitulado «Esquema histórico del proceso» esboça a nossa história lingüística, incluindo a famosa cita do Padre Feijoo, aduzida também por Castelao em *Sempre en Galiza*:

> "A pesar de los reveses del acontecer histórico, nunca se apagó en el país la conciencia del idioma propio. Nacido del *sermo vulgaris* cuando los límites de la *Gallaecia* romana eran las aguas del Douro, la identidad con la lengua de Portugal había de arrancar forzosamente de los orígenes.
>
> Ni aún bajo el período de mayor depresión social y cultural de Galicia resultó oscurecida la idea de tal unidad primigenia. Las pocas figuras que descollaron sobre el nivel de su época no dejaron de proclamar 'que el idioma gallego y el lusitano son uno mismo'. De ellas, la más autorizada y aguda, el P. Feijoo, lo hizo en términos bien explícitos.
>
> '... Se debe incluir la lengua gallega como, en realidad, indistinta de la portuguesa, por ser poquísimas las voces en que discrepan, y la pronunciación de las letras en todo semejante, y así se entienden perfectamente los individuos de ambas naciones sin ninguna instrucción antecedente'" [15].

Paz-Andrade nom se limita às palavras, mas acode também à ajuda de mapas e tabelas de falantes:

> "Para imprimir mayor precisión al juicio, ahora es necesario hacerlo descansar sobre el mapa. Sólo de este modo podrá obtenerse una imagen, proporcionada y representativa, del apogeo que está alcanzando la lengua de Camões y Rosalía.
>
> El censo de la comunidad hablante se distribuye sobre tierras de cuatro continentes. Su volumen se aproxima a 120 millones de seres humanos, como en cifras redondeadas enseña el siguiente cuadro: [...]
>
> Se comprenden, mediante estimación aproximada, cuantos hombres y mujeres se entienden o pueden entenderse sin apelar a otra lengua. El cálculo se basa en los datos disponibles en el momento actual, que no tardarán en modificar aumentativamente su magnitud.
>
> En la escala de los grandes idiomas neo-latinos, al galaico-portugués corresponde el tercer lugar. Pero tras el inglés, con un censo de 350 millones, y del castellano, con 160, es también enimportancia social el tercer sistema lingüístico de las Américas" [16].

E aqui remete para o mapa que acompanha (Fig. 19). E prossegue aduzindo os argumentos clássicos em favor da unidade lingüística:

> "La circunstancia de que la evolución morfológica entre la rama gallega y la lusitana no haya sido sincrónica representa menos de lo que parece. Las desemejanzas de sones y signos que haya engendrado no restan validez a aquellas clasificaciones. Lo que realmente importa es la aptitud efectiva para la comunicación, dentro de un área extravernacular tan dilatada.
>
> Del sector de la humanidad que comprende, 90 millones de habitantes son ciudadanos de un solo país. No sucede algo parecido con el castellano, de cuyas densidades mayores –España, México, Argentina, Colombia...– ninguna alcanza ni la mitad de aquella cifra. Tal circunstancia no es irrelevante, ni mucho menos, en el terreno cultural. Ni tampoco en el económico-social, inseparable de aquél.

---

(15) *La marginación de Galicia* (1970), pág. 101. E em nota oferece umha referência facilmente accessível desse texto do *Teatro crítico*: B. J. Feijoo, *Antología popular*, Ediciones Galicia, Centro Gallego, Buenos Aires 1966.
(16) *La marginación de Galicia* (1970), pp. 102-103.

Una masa que alcanzará los 130 millones de personas antes del año 2000, en marcha hacia la sociedad de alto consumo, habrá de ejercer una gravitación positiva sobre la comunidad lingüística. También la ejercerá por inducción sobre la población de los países de crecimiento retardado. A favor de los mismos estímulos juega, en este caso, otra realidad. Las desemejanzas entre el habla gallega y la del Brasil son menos apreciables. Especialmente en el idioma escrito. El ejemplo de la prosa de Guimarães Rosa, entre otros no tan al día, obra como testimonio"[17].

"Si quisiéramos poner linderos al territorio lingüístico, básicamente uniforme, del gallego-portugués, tendríamos que situar el del Norte en Navia y el del Oeste en Corumbá, con el Atlántico en medio. El primero marca la línea de frontera en el Continente europeo. El segundo, en la de Brasil y Bolivia, con Ponta Porá en la paraguaya, marcan la misma línea en el Continente sudamericano. Más allá de una y otra raya se abren los firmes dominios del castellano.

Sin traer a colación otros espacios de la misma condición idiomática, en el que acabamos de acotar viven más de cien millones de seres humanos. El número cuenta, pero en este caso cuenta tanto la variedad étnica. [...] Por encima de sus agudas diferencias, encontramos un primer punto de entendimiento y fusión: el idioma. Los cien millones largos de seres humanos de tan heterogénea procedencia constituyen el macrocosmos hablante –y no completo– del romance evolucionado que, diez siglos atrás, Galicia desgajó del latín vulgar" [18].

As ideias reintegracionistas de Paz-Andrade, expostas com tal convencimento por quem tinha bem provado o amor à sua língua, fizerom pensar a muitos. Deve de referir-se a este mesmo assunto a alusom que acho numha carta pouco posterior a Ramom Pinheiro:

"Do tema que escolmas aínda non está dito todo nin moito menos. Eu non sei se teréi azos ainda pra lle adicar contribucións máis folgadas e convencedeiras que as adiantadas en *La marginación de Galicia* e no traballo sobre a materia que reforzan as poucas ideias adiantadas.

Aínda non tuven azos pra escomenzar a tarefa sobre Guimarães Rosa. Cecais agora que vou mellor poida cun traballo que tanto me veu tentando. O libro que tuveche a xentileza de me emprestar contén, de lado brasileiro, un atisbo expreso, coincidente co meu sobre a galeguidade da lingua do xenial narrador. Foi pra min unha bela sorpresa, ainda que presentida" [19].

2. TRAÇOS REINTEGRACIONISTAS NO SEU USO DA LÍNGUA

Na língua usada por Paz-Andrade há indícios significativos de estar disposto a abrir caminho em direcçom ao mundo luso-brasileiro, sem aguardar a ver que decidiam outros. Nom podemos, porém, esperar umha praxe sistemática no seu uso lingüístico: nem era filólogo (nem falta que lhe fazia ser), nem pretenderia fazer inteiramente em solitário um caminho que resultava pioneiro. Mas precisamente por isso alguns indícios de natureza ortográfica ou gramatical ou léxica nos seus escritos possuem especial valor.

---

(17) *La marginación de Galicia* (1970), pp. 103-104.
(18) *La marginación de Galicia* (1970), pág. 105. Vejam-se ainda, neste mesmo livro, as pp. 110-111, 114, 116-117, 120-121.
(19) *Epistolario* (1997), pág. 201. Refere-se aqui Paz-Andrade ao trabalho que logo seria o seu discurso de ingresso na Academia Galega em 11 de fevereiro de 1978, publicado imediatamente: Valentín PAZ-ANDRADE, *A galecidade na obra de Guimarães Rosa*, Ediciós do Castro 1978, 232 pp.

Se abrimos, por exemplo, o seu livro de poemas *Sementeira do vento*, publicado no ano 1968[20], achamos traços reintegracionistas tam claros como os seguintes:

1) De natureza ortográfica:

— uso de *v: lavrador* (pp. 23, 56), *cavalo* (51, 57), *treva* (73)...

— uso da letra quê (*qu*) em *qua-: quadrantes* (67)...

— uso ocasional de um elemento tam característico e emblemático da ortografia portuguesa como é o dígrafo *-nh-: minhotos* (pág. 73)[21].

2) De natureza morfológica:

— na selecçom das variantes dialectais aceita a forma gráfica mais próxima da grafia portuguesa, renunciando à da sua fala nativa: *irmao* (66) *maos* (62)...

— partículas: *asin* (66), *até* (61, 62)...

3) De natureza mais bem léxica:

— formas léxicas: *ar* (73), *ceu* (61), *ladaíñas* (53), *pétalas* (52)...[22]

O título do livro *Galiza lavra a sua image* apresenta elementos significativos de claro sentido lusófono, e neste caso encerram pola parte do autor umha especial intençom, em quanto que o livro foi publicado em 1985, portanto depois da aprovaçom da nova normativa lingüística pola Academia Galega, da qual Paz-Andrade já era membro. (É ademais o seu último livro, de modo que tem algo de testamento). *Galiza, lavra, image* som formas de manifesta e consciente discrepância com a concepçom que inspira essa normativa. Isto provocou-lhe dificuldades nas suas relações com a instituiçom: segundo a ele mesmo ouvi contar, depois disso a alguns académicos, especialmente dos directivos, parecia custar-lhes muito dirigir-lhe a palavra[23].

CONCLUSOM

Em Paz-Andrade estám formuladas as ideias clássicas da tradiçom galeguista a respeito do carácter lusófono da nossa língua; podemos resumi-las em duas:

---

(20) Valentín PAZ-ANDRADE, *Sementeira do vento*, Editorial Galaxia, Vigo 1968, 132 pp.

(21) No seu artigo «As formas vivas da paisaxe», publicado na revista Grial (Vigo), núm. 3 (1964), pp. 95-98, achamos também a forma *cegonha*.

(22) Em qualquer obra de Paz-Andrade podemos achar abundantes indícios na mesma direcçom lusófona. Por exemplo, na sua justamente famosa –e volumosa– biografia de Castelao (Valentín PAZ-ANDRADE, *Castelao na luz e na sombra*, Ediciós do Castro, Sada - A Corunha 1982, 640 pp.; segunda ediçom, revisada e ampliada, em 1986; ouvi-lhe contar com emoçom que escrevera algumhas páginas desta obra "com lágrimas nos olhos") achamos *con o* (e nom *co*: "Primera relación *con o* Centro Gallego": pág. 255, e índice final), uso do ponto interrogativo somente no fim da frase ("As fadas mandan?": pág. 399, e índice final), *asembleia* ("A I *Asembleia* das Irmandades": pág. 160, e índice final)... No *Epistolario* (1997) antes citado achamos ao azar *ideias* (pág. 201), *Natal* (pág. 139)...

(23) Também têm interesse para o nosso assunto estoutros trabalhos do escritor: Valentín PAZ-ANDRADE, recensom de: William Angel DE MELO, *Dicionário Galego-Português* (Oriente, Goiânia 1979), em: *Grial* (Vigo) 18 (1980), núm. 69, pág. 373; Valentín PAZ-ANDRADE, «Castelao, forxador da lingua», em: *Galicia: Revista del Centro Gallego de Buenos Aires* (Buenos Aires), núm. 628 (1982), pp. 30-31.

a identidade idiomática substancial a ambos lados do Minho (e do Atlântico), por cima das leves divergências fonéticas, e a importância da nossa reintegraçom no velho lar comum para podermos garantir a supervivência como comunidade falante.

E nom achava melhor modo de exprimir poeticamente o seu amor à língua própria que assumindo como próprios aqueles conhecidos versos do brasileiro Olávio Bilac[24]:

Amo teu viço agreste e teu aroma
de virgens selvas e de oceano largo,
amo-te, ó rude e doloroso idioma.

Os que defendemos estas mesmas ideias na "dura adversidade" do presente sabemos que com isso estamos também prestando umha homenagem a Paz-Andrade: ao seu magistério e ao seu exemplo vital.

(24) Cita-os em *La marginación de Galicia* (1970), pág. 110.

Cultura, cultura galega e mundo lusófono em Valentin Paz-Andrade. Alguns contributos

Elias J. TORRES FEIJÓ
(Universidade de Santiago de Compostela)

(Para Rosa, marítima, entre camoniana e pessoana)

I. CONSIDERAÇONS PRÉVIAS

O historiador é sempre umha parte do que estuda. Nom podendo atingir o prístino grau da pureza, deve conformar-se com a consciência da aproximaçom perene, e com saber que há umha relaçom inversamente proporcional entre a rigorosa tomada de distáncia do objecto estudado e o necessário entusiasmo e calor. Ponho um caso referido ao assunto da literatura nacional: I. Chernov advertia que a definiçom dela é, como actividade *postfactum*, o resultado dumha polémica ideológica, manifestada na valorizaçom que da biografia do escritor, ou do leitor, poda ser feita em confronto com os valores oficiais dum segmento da sociedade ou do seu grupo dirigente; fica assim, acrescenta Chernov, suplantada a reflexom polo preceito político. Parece-me que em boa medida é de aplicaçom à literatura galega. O historiador pois vê-se também ele obrigado a ser *programático*; a intervir como tal no processo de recuperaçom da palavra silenciada (G. Millán, 1992); é parte do sistema.

Em casos como o que nos ocupa mais; porque som tratados assuntos de natureza conflitiva no presente, e o passado relativamente imediato corre entom o risco de *ser aparecido* como umha Patrística ortodoxa, ou como um oráculo de cuja consulta é alcançada a verdade perseguida, quando nom previamente desejada. Algo assim acontece com o Galeguismo de pré-guerra. Se, ponho por outro caso, alguém invocar que algumha cousa "já a dixo Castelao", parece que nesse mesmo instante a discussom deve parar, porque a autoridade convocada é irrebatível. Nom é raro costume essa prática. A consequência é, a meu ver, umha permanente pará-

lise no pensamento (e da acçom) na vontade de carregar-se de razom por via *teológica passadista*; e igualmente umha confusom de planos que convida à autosatisfaçom tanto como impede a evoluçom. Em definitivo, que ir ao passado à procura de sentenças que podam confirmar o acerto das nossas previsons actuais é umha tentaçom que acaba no esquematismo e cujo idealismo conduz a umha espécie de redençom imaginária.

Se digo isto, é porque a obra de Valentin Paz-Andrade pode ser perspectivada, particularmente polo reintegracionismo, com esta atitude, anulando as razons e as dinámicas que a justificam, sendo estas o autêntico centro da questom. Só umha hagiografia nom chega; é, aliás, contraproducente. Como tampouco avonda umha lista mais ou menos exaustiva de citaçons estelares. A presente aproximaçom quer ser, pois, mais do que a apresentaçom das *evidências reintegracionistas* de Paz-Andrade, umha tentativa de compreendê-las. Um convite (o espaço, de que já abuso demais, nom permite umha extensa exposiçom) para tentar interpretar a sua dinámica e assim melhor perspectivar a sua génese e desenvolvimento; porque também nom acreditamos em biografias que, conhecendo o resultado final, foquem teleologicamente o passado como indefectível preanúncio, do tipo: "já aos cinco anos manifestava a sua vocaçom jornalística", quando o biografado jornalista pudo acabar de notário e lendo o jornal só no fim de semana. Por todo isto decidimos umha exposiçom cronológica da sua actividade que, nom sendo possível acompanhar em todas as suas manifestaçons, escolhas e objectivos através do tempo e do estado de cousas com que se ía encontrando (a pessoa leitora deverá ilos prenchendo), contribua, ao menos, a apresentar de forma esquemática a constituiçom e praxe dos seus pensamentos[2].

Valentin (seja permitida esta familiariade prática de quem nom o conheceu) é pessoa de vários saberes, complexos ainda mais quando integrados, com a curiosidade e a polifacécia dos renascentistas e a importante capacidade reflexiva e pedagógica procurada polos ilustrados, que el estudou. *Homo Nós* daquela época em que eram assumidas várias dedicaçons. Esta valorizaçom quer indiciar a complexidade do entendimento. A de Valentin Paz-Andrade é, penso, umha das biografias mais interessantes por escrever no mundo galego contemporáneo para, assim, podermos completar a visom do home jornalista galeguista e activo advogado do pré-guerra, com a do empresário e, sobretudo (polo tema que nos ocupa) a do pensador sobre o destino da identidade e da soberania cultural galegas.

II. PRODUÇOM E CONCEPÇOM CULTURAL DE VALENTIN PAZ-ANDRADE NO PRÉ-GUERRA

II. 1. Umha acçom vasta e pluridimensional

É ingente a produçom jornalística de Valentin Paz-Andrade. Basta com revisar os apêndices do seu Epistolario preparados por Portela e Díaz Pardo para verificá-lo. A essas múltiplas referências poderíamos ainda acrescentar outras. Paz-Andrade, com dezaoito anos, estava à par já do movimento galeguista; investiria os dez céntimos que custava o preço de *Maruxa*[3], "semanario escolar", onde a dedicaçom à "Literatura, ciencias y artes" era proclamada ao serviço dum "incan-

sable labor de cultura". Com efeito, o número 4 do semanário dirigido por Marino López Blanco publica umha carta sua que assim o testemunha. A manifestaçom das suas ideias e impressons através dos meios de comunicaçom escritos aparece cedo e continuadamente. E nelas estám certamente alguns dos assuntos que vertebrarám a sua actividade posterior. Na *Suevia* de Santiago publicará, no número 7, antes da interrupçom do semanário, "La inconsciencia política en el agro"; descreverá Combarro para os leitores da revista vanguardista *Vida*, da Corunha (n.º 2 de Agosto de 1920); em plena actividade política (pré-)republicana escreverá nas páginas do *Heraldo de Galicia*; manifestará a sua homenage a Castelao em 1932 em *Vanguardia Gallega*, Lugo (n.º 216, 18 Junho de 1932), aparecerá como colaborador em projectos como *Ser*, o «semanario gallego de izquierdas», de 1935; que tinha como director Suárez Picallo; atento também aos projectos institucionais galeguistas escreverá sobre a RAG e a SEG na *Revista del Centro Gallego* de Montevideo (n.º 143). Da mesma forma é notória nestes anos a sua vinculaçom com a realidade emigrante de Além Mar. A sua assinatura aparecia nom só na *Revista del Centro Gallego* referida, mas também em Cétiga, onde, por exemplo; no número 82 publica «En el cincuentenario del poeta Añón», onde salienta que o poeta galego «acogióse a Portugal, donde le fueron propicios el afecto de sus hombres de letras y las variantes del idioma». «En Portugués», acrescenta, «escribió el Himno dos Pobos»[4]. Anos antes, em 1928 escrevera para esta revista, com motivo dos números 85-86 de 25 de Julho, dedicados ao Dia da Galiza, o artigo «Miño» («especial para *Céltiga*» sublinhava a revista) título revelador para a celebraçom, onde, ao lado dumha fotografia da ponte internacional, os leitores encontravam estes apóstrofes ao rio:

> "Sutura eterna e dous pobos, que xurdiron da man de Deus, irmáns. [...] Entrégaste ao mar, despois de te revoltar escontra as veleidás da Hestoria. Arrolas con agarimo igoal terras que a inxusticia arreda, coma se quixeras afirmar a identidade do seu espírito por enriba das transitorias disensións estadales"[5].

Som estas algumhas referências gráficas da actividade de Paz-Andrade, pequena amostra de como aquel jovem advogado era cada vez mais conhecido pola sua actividade política e cultural na Galiza de pré-guerra, polo seu labor galeguista e de quais eram alguns dos assuntos que lhe interessavam. É naturalmente impossível aqui sistematizar toda essa tarefa; aparecem, entre outros, textos referidos à construçom política do país, ao seu desenvolvimento económico, à questom lingüística e cultural, ao relacionamento com Portugal, direcçons várias e muitas vezes interrelacionadas, de persoa vinculada a empresas inovadoras e activas, vanguardistas no campo intelectual[6] da altura, o que pode ir apontando-nos elementos definitórios do seu pensamento.

Perante essa impossibilidade, vamos escolher aqui dous momentos diferentes daqueles anos, que podam ajudar à percepçom da sua concepçom da cultura, da cultura galega e do mundo lusófono. Eles som os anos da sua direcçom de *Galicia* e alguns artigos publicados em *A Fouce*, na passagem da ditadura à democracia, já pois na década de trinta.

II.2. Cultura como acçom e dinamismo

Está por fazer a história da(s) concepçom(ns) e do(s) conceito(s) que de cultura e de cultura galega funcionavam no galeguismo do pré-guerra. Ela explicaria sem dúvida aspectos que hoje aparecem confusos ou revestidos de forte esquematismo, como forneceria dados sobre as estratégias propugnadas e o peso que cada um dava à actividade cultural; e mesmo iluminaria concepçons e atitudes presentes. E é que é o próprio conceito de naçom o que está em causa e por trás das diferentes tendências. E ela, enfim, permitiria-nos colocar melhor Valentin no panorama cultural e político daquela época de importantes movimentaçons, em que a sua actividade tanto aparece ligada a clássicos do galeguismo, já centrais, como Castelao, Otero ou Vilar Ponte, como vinculado igualmente a todo o tipo de vanguarda minimamente galeguista, como em *Vida* ou como em *Galicia* (Amado Carballo ou Cebreiro, por exemplo), e assim com J. J. Casal ou Francisco Vighi na *Revista del Centro Gallego* de Montevideo, já referida, ou com Álvaro Cunqueiro, Manteiga, Del Riego, Fole, Seoane, Maside, Colmeiro, etc. na revista *Ser*; e isto por dar apenas alguns nomes.

Seja como for, em Valentin Paz-Andrade deduzem-se algumhas características que, nom sendo absolutamente originais nem exclusivas, sim contribuem a perfilar e singularizar a sua actividade e pensamento. Delas é talvez o seu principal traço a consideraçom d*o cultural* como dinámico e nom como *totum* adquirido e estático. E se modernas aproximaçons no campo dos estudos literários e culturais tenhem assinalado que o peso excessivo da Tradiçom numha cultura é sinónimo do seu estagnamento, Valentin foi um precursor da insurgência contra a cultura entendida como a colecçom de objectos-fetiche ou contra umha reducionista consideraçom essencialista da mesma. E num contexto onde a primazia do sentimentalismo sobre a racionalidade deriva(va) num desequilíbrio inerme frente à absorçom espanholista, é patente na sua acçom e pensamento, e já desde os inícios da sua actividade pública, a denúncia do atraso ou retraso em que atitudes desse género colocam essa cultura, permitindo assim a invasom a que o grupo cultural ameaçado está exposto. Se bem será nos anos cinqüenta, em *Galicia como tarea*, onde o autor ofereça em extensom e intensom um córpus mais acabado do seu pensamento neste sentido, ele já se manifesta em escritos do pré-guerra, o que nos permite compreender a essa luz a sua obra e acçom desde tempos recuados. Com efeito, se surpreendermos a obra de Valentin mesmo em momentos de intensa actividade política e intervencionista poderemos perceber as características assinaladas como feiçom própria e animadora da sua visom da cultura e ainda da actividade humana. Elas aparecem no discurso "A nosa definición autonomista", pronunciado, juntamente com os de Otero e Castelao, no Teatro García Barbón de Vigo com motivo da celebraçom do Dia da Galiza de 1930 e que, organizado polo Grupo Autonomista Galego, foi publicado por *Nós* no mês seguinte[7]. E som ainda mais nítidas na série de artigos publicados em *A Fouce*, o órgao independentista galego de Buenos Aires ligado à Sociedade Nacionalista Pondal. Escrevia Valentin em 1931, ainda antes de proclamada a Segunda República Espanhola, num deles, publicado no n.º 30 de 1 de Abril de 1931, tratando o assunto do ideal como motor da acçom galeguista, chamando a superar as atitudes sentimentalistas tendentes a *imaginar-se* mais do que a *fazer-se:*

"Os verdadeiros apaixoados de Galicia, han de amal-a d-outro xeito: convertindo o sentimento en ideial, en acción. Facendo do amor unha forza nova e dinámica, limpa e xenerosa, que atope na loita autonomista o seu cauce fecondo, o seu campo natural d-actuación.

Non é tempo de salayos tenros, nin de cantigas moles; senon de rexos, de craros feitos [...].

Falamos par-os que, sen finximentos, antepoñen a calquera outro ideyal, o de ser cibdadáns conscentes d-un país liberado,[...]

Hai, pois, un labor inaprazabre, a loita e capacitación a vez, que recrama o esforzo dos homes galegos, Unha xesta hestórica; que non pode ser eludida. Que todos veñan a obra con fé, cheos de azos e optimismo, mais con afán de crear, con inquedanza de traballo, con anceios de facer, ainda que sexa desfacendo.

Con menos sentimento, pr-ó con mais ideial; cambeando a retórica pol-a acción".

Combatia nesse artigo Paz-Andrade, que intitulava significativamente "Sentimento e ideial":

"Ningún tópico tan sobado como o do amor a Galicia. Escoitamol-o a cotío, nos mais deversos tons decramatorios, ora pra matizar sentidas protestas de galeguismo, ora pra encubrir a turba aparencia de accións inxustificabres.

D-esa crás de amor a Galicia, pra uso de brandos sentementales e de malabareiros retóricos, queremos denunciar hoxe o que ten de truco inxenuo. Con tud-o amor a Galicia en que andan se derreter xentes tales, ningún positivo ben se recada par-a Terra. Seguirá vivindo Galicia, coma dende fai catro longos séculos, en rexime de colonia, sen concencia esperta pra se rebelar e manumitir. E un amor que arrola, e, pol-o tanto, adurmiña no actual estancamento, na indinidade e na servidume".

A umha concepçom pois estática, lirista e paralisante, opom um conceito dinámico da cultura, como instrumento de identidade e comunicaçom. Isto chega a converter-se em *leiv-motiv* do seu discurso e da sua actividade. E, pudendo à primeira vista parecer um tópico do galeguismo, na realidade nom o é tanto; nem polo que tem de iluminador da sua própria acçom, nem mesmo se contrastado com outras formulaçons galeguistas. Há em Valentin um constante apelo à superaçom do estado de cousas, fora de qualquer vontade contemplativa, acreditando que só a produçom pode tirar a Galiza do seu estagnamento. Num artigo na mesma publicaçom, dum mês antes, manifesta mais umha vez essa sua sistemática preocupaçom, censurando a percepçom como natural das contingências políticas opressoras:

"Os caciques, !ora esa!, coñecen ben con que bois labran.

Compren-os pos, os loitadores, os que tratamos d-erguer unha Galiza ceibe, encol das ruiñas da vella Galicia serva, a misión de tirar ó pobo d-aquel espellismo enganador en que ainda vive enfeitizado. El está co poder, sen decatarse de que o poder está n-él. Está co poder, hastr-a cando este dexenere en arbitrariedade y-en treición, como se fora unha forza sobrenatural, contra a que somente cabe que se poñan os tolos.

Temos de acabar con ese "senso reverencial" do mando. Ao pobo ten de revelarselle, alumeando a escuridade calculadora das concencias, que ningunha representación nin poder políteco e alleo a vountade colectiva, poden eisistir lexitimamente. E que se alguen os usurpa, non é porque unha forza fatal o asisa, senon po que os demáis lle deixan" (De "A Nosa Terra"[8]).

E meses mais tarde, em plena actividade política nacionalista nas Cortes constituintes da República, assinava em Vigo, Novembro de 1931[8 bis], um outro texto onde insiste na necessária acçom e nos perigos da absorçom a que antes fazíamos referência; e aparece aí também a dimensom do futuro da cultura, muito por cima de qualquer visom passadista, e trata a Tradiçom como nutriente, "mais sin cair na superstición das antigas forzas vidales":

> "O movimento autonomista loita por lle dar á Galiza a posesión dos seus destiños. Zuga do pasado o celme das decantacións hestóricas, que constituen o fondo tradicional e típico, específico e difrencial dos pobos, mais sin cair na superstición das antigas forzas vidales. Pol-a contra, mais ben se vira caar o porvir, pra ensaiar n-el un novo estilo de vida galega.
>
> Responde, pois, a un pulo restaurador, de rescate integralista, mais sómente como a condición previa de recandramento biolóxico diante os problemas do futuro. É unha xesta creacional a remover vellos conceptos deformadores do ser colectivo, da unidade natural que é Galiza; a desbotar os froitos serodios d-unha cultura de imitanza e d-unha gobernación tutelada [...][9].

II.3. O jornal *Galicia*: prática cultural e concepçom do mundo lusófono

Ora bem, se nestas manifestaçons mesmo naqueles momentos de encruzilhada (pouco antes, durante e pouco despois da proclamaçom da República no Estado Espanhol), podemos ver parte do seu pensamento cultural exposto, é para a sua actividade jornalística à frente do jornal *Galicia* para onde teremos que virar para perfilar as bases orientadoras do seu pensamento e actividade ulteriores. E lido o jornal que ele dirigiu anos antes destes artigos procurando nele a prática das pequenas observaçons que precedem, bem se percebe que os enunciados de *A Fouce* respondem aos objectivos e concretizaçons de *Galicia*. Com efeito, quando Valentin Paz-Andrade, jovem advogado de vintetrês anos, assumiu em 1922 primeiro a chefia de redacçom e imediatamente a direcçom daquele novo jornal viguense, ia iniciar-se, com ele, umha das plataformas mais activas dos primeiros anos da década de vinte.

Era o novo diário um projecto do galeguismo progressista, cujo programa resumirá muitos anos mais tarde Paz-Andrade a V. Freixanes[9 bis]:

> "Independencia política dentro do xogo da democracia; militancia na causa das liberdades e reivindicacións políticas, sociais, económicas e culturáis de Galicia; obriga de abordar de cheo a defensa dos intereses rexionáis secularmente esquencidos ou aldraxados".

acrescentando:

> "Penso, falando de *Galicia*, que a intelectualidade galega atopóu de súpeto unha tribuna nova, de aire europeo, prediposta tanto ao pao coma á loubanza".

A ideia surgira de Ernesto Cádiz Vargas, "un señor chileno, cónsul honorário do seu país na capital galega, que viña teimando (e ninguén soupo por qué) na idea de fundar un xornal de información en Vigo. Chamábase don Ernesto de Cádiz Vargas, home despido de toda cobiza política, ao menos tocante a unha terra que non era súa" (44).

A motivaçom talvez fosse a de ter um jornal que publicitasse as empresas que com ele estavam relacionadas em Vigo. Seja como for:

> "Cando retornéi a Pontevedra desvencellado xa da obriga e fardamenta militares, o primeiro que fixen foi pór ao corrente da nova aos mestres da miña corda: Alfonso R. Castelao, Antón Lousada Diéguez, Juan Bautista Andrade, etc. Todos atoparon a idea e a oportunidade dinas de ser aprovietadas: víamos a posibilidades dun xornal enteiramente libre ao servicio da nosa terra (...)".

E assim foi; sustentado para a captaçom de notícias no vínculo estabelecido com o famoso jornal progressista madrileno *El Sol*, o jornal reuniu um grupo do mais florido da intelectualidade galeguista do momento[10]; e nom só dos intelectuais da palavra, porque ali participavam também como colaboradores os debuxantes Castelao, Carlos Maside, Manolo Torres, Álvaro Cebreiro, Fernández Mazas (Dichi) e Huici; fotógrafos como Ksado; e pessoas do bom fazer como Moret na imprensa. No grupo de colaboradores da escrita estavam Antón Vilar Ponte, Risco, Otero, Núñez Búa, Xaime Quintanilla, Ramón Vilar Ponte, Roberto Blanco Torres, Cañizo Gil, Roberto G. Pastoriza, Bernardo Bernández, Eloy L. André, Otero Espasandín, Rafael Dieste, Zenitram, e Cabanillas, que foi Administrador do jornal.

Foi o seu chefe de redacçom primeiro Lustres Rivas e depois Blanco Torres.

Da mesma relaçom de pessoas do jornal é fácil deduzir já umha concepçom activa e progressiva, menos enraizada no lirismo que outras galeguistas coetáneas, mais virada para a novidade; menos saudosa do Passado e da Tradiçom, mais preocupada com o destino e o papel no futuro. Menos épica também, nom ancorada em discursos. Onde a vanguarda galega encontrou um espaço relevante de expressom. Um meio de comunicaçom, aliás, que vai acreditar mais na capacidade da sociedade civil que na oficial, mais no quotidiano que no espectacular. Nesse conceito dinámico e activo, reflexivo e nom passadista, insere-se o jornal *Galicia*.

E nele vai ter espaço também um dos maiores labores de dimensionamento e intercámbio do mundo lusófono, mais particularmente o português, daqueles anos. Essa vocaçom integradora nem será circunstancial nem, tendo na criaçom literária um dos seus eixos, ficará por umha aproximaçom puramente estética. Olhando no seu conjunto as notícias da Galiza, do Estado e de Portugal, é perceptível a normalidade com que as relaçons luso-galaicas querem ser estabelecidas: em quantidade e em qualidade. Era a comunicaçom o que os preocupava. E assim haverá polo menos um correspondente habitual desde Lisboa (tarefa que desenvolveu Alejo Carrera pontareano eminente da emigraçom galega na capital lusa, e que já desde bastantes anos atrás vinha exercendo esse labor mediador entre a sua terra de origem e de adopçom). Já desde o número 1, de 25 de Julho de 1922, *Galicia-Diario de Vigo* informa os seus leitores de assuntos portugueses, com notícias datadas em Tui e Lisboa. Para além deste tipo de notícias, *Galicia* estará atenta a toda presença cultural ou recreativa em terra galega vinda de Portugal, ou ao contrário; a todo o que considere exercício prático e activo de conhecimento. Assim, por exemplo, em Maio de 1923 informam da gira galega da agrupaçom Portugália e nos números 426 e 427 de 1924 noticiam a viagem da tuna do Porto pola Corunha, Compostela e Pontevedra. Também actividades singulares do "lado de lá" importam: O raid Lisboa-Macau merecerá o destaque no jornal viguês do dia 28 de

Junho (nº 546), ilustrado com fotografias de Brito Paes e Sarmento Beires e Gouveia. Enfim, som estas pequenas amostras de "crónicas de sociedade" testemunhos dum interesse endereçado a todas as esferas do noticiável que tiveram a ver com o mundo luso.

No entanto, eram notícias de índole económica e política as mais habituais, e sobretudo as referidas à vida cultural portuguesa, que nom raro ocupavam a primeira página e ainda o principal titular. Entre elas destacam as que informam das mortes de Guerra Junqueiro e de Teófilo Braga, ocorridas em menos dum ano, dous "clássicos" da literatura e o pensamento portugueses, e de grande importância referencial para a Galiza, que ocuparám nom apenas o lugar principal mas varios números subsequentes.

A morte de Guerra Junqueiro merecerá mesmo um artigo em primeira a duas colunas de Lustres Rivas em Julho de 23, "Remembranza de Guerra Junqueiro", no número 298, onde com efeito rememora o redactor-chefe o seu encontro com o poeta luso num restaurante do Porto, que afirma nunca esquecerá, e desenha um sentido elogio ao escritor, "todo apostólico era el bardo, todo genial era el Genio".

Meses mais tarde, o 30 de Janeiro de 1924, *Galicia* fará-se eco de outro acontecimento luctuoso para a cultura portuguesa e galega: "Ha muerto el sabio polígrafo Teófilo Braga", intitula a três colunas na primeira do número 467, que começa assim:

> "Ha caído uno de los robles más recios y frondosos de la nación portuguesa. Teófilo Braga no era sólo uno de los valores más acendrados y culminantes, un índice del fastuosos florecimiento intelectual de la República portuguesa en estos últimos lustros; era un precursor, uno de los percursores más prestigiosos y aureolados por la llama de su talento y de sus virtudes patricias; era el maestro de una juventud que es hoy la avanzada espiritual del pueblo lusitano, el caudillo y el guía de una legión de hombres que sienten como pocos la voz de sus antepasados y los destinos futuros de su país, en cuyo engrandecimiento están vinculadas las más aquilatadas y luminosas mentalidades del país hermano".

Percebe-se no tom da crónica umha rendida admiraçom polo intelectual luso, aproximado ainda mais da Galiza com qualificativos como o de precursor, nome como sabemos reservado aos primeiros galeguistas de quem, aliás, Teófilo fora amigo. Esse mesmo tom continua noutros parágrafos:

> "A Braga le sorprende la muerte cuando de su saber y de su amor a la cultura patria esperaba Portugal óptimos frutos. Pero ya le había dado cuanto un hombre superior puede dar a su tierra y a su tiempo. En su obra admirable, como en su propia vida, que fué una correspondencia ejecutoria bajo los pliegues de una noble bandera, está el mejor elogio y el epitafio más honroso para una memoria veneranda e inmortal".

E, finalmente, o jornal lembra os contributos de Braga à cultura galega:

> "Galicia siente también como una pérdida propia la muerte de este eximio repúblico que, al enaltecer con un fulgor extraordinario las letras de su país, trajo también al acervo de nuestra cultura y de nuestro resurgimiento literario una llamarada de su espíritu".

Se este era o teor para os mortos ilustres lusos, essa mesma admiraçom e elogio nota-se com os vivos, nomeadamente com Teixeira de Pascoaes. A apariçom

deste poeta, símbolo para o galeguismo da irmandade com Portugal, nas páginas de *Galicia* sempre merecerá rendidas palavras. O jornal pede várias vezes a colaboraçom expressa do poeta de *Marânos*[11], e cada correspondência dele é posta em destaque. Assim, na comemoraçom do 25 de Julho de 1924 o lugar central e superior da página literária é ocupado polo título "El poeta de Portugal a Galicia", com dous poemas, "A Onda" e "A Minha Musa" antecedidos do seguinte texto:

> "Amigo e confrade:
>
> Felecitando-o pelo segundo aniversario de GALICIA, que é un jornal da «minha terra» pelo muito que a amo, envio-lhe alguns pobres versos; o melhor que possuo n'este momento. Espero que me perdóe a pequenez da oferta.
>
> Confrade muito amigo e agradecido" TP

Nos emblemáticos 25 de Julho a presença lusa era ampla e significativa. De facto, nalgum caso como o de 1925, já Ditadura primorriverista perfeitamente instalada, as únicas palavras que aparecem em (galego-)português na primeira página som de escritores lusos. Com efeito; e acompanhados dum «editorial», intitulado «Patria Nueva» e sob o rótulo habitual de «Los hechos y los días», em que é denunciada a perseguiçom a que o jornal de Vigo é submetido e prometese continuar no labor liberal e galeguista, aparecem textos de Júlio Dantas, Leonardo Coimbra e, claro, Teixeira de Pascoaes. De Dantas aparece o poema «A Rainha Santa», onde o português fala da peregrinaçom a Santiago, ao «Chão sagrado da Galiza» de Dona Isabel de Aragom, rainha de Portugal. O texto do professor universitário Leonardo Coimbra, o «filósofo do Saudosismo» com fortes vínculos galeguistas, datado três dias antes no Porto, trata da «Galiza, terra da Saudade», texto eminentemente lírico, onde sobranceia o canto à unidade espiritual galego-portuguesa e a «Santa Rosalia» como farol dela. Por sua vez, Teixeira de Pascoaes fazia «o regalo d-unhas liñas súas» (vid. carta segunda de Blanco Torres, nota 13 deste trabalho) que o jornal intitula «TEIXEIRA DE PASCOAES A «GALICIA»:

> "El eminente poeta lusitano nos envía la siguiente hermosa carta:
>
> Amarante, 18 de Julio 1925
>
> Sr. D. Roberto Blanco Torres.
>
> Querido amigo e confrade:
>
> Venho felecitá-lo, com o maior entusiasmo, pela comemoração da data de nascimento do GALICIA, jornal que eu tanto amo e admiro.
>
> Venho felecitá-lo a sí, ao ilustre director e a todos os colaboradores.
>
> GALICIA é un diario superiormente escrito, defendendo as mais nobres ideias e encarando admiravelmente o espirito da raça galega —esse espirito que é uma das minhas Divindades. Sabe quanto adoro e admiro a Galiza. Náo é ela máe de Portugal? E a Galiza que principia o Moráo [sic], erguido, ao longe, em frente da minha janela, como o templo grandioso da Saudade. Da Galiza veiu Camóes; e é para a Galiza maternal que dirijo sempre os meus olhos de filho amoroso e obediente.
>
> Já ve, meu querido confrade, o entusiasmo com que o felecito n'este dia e a todos os meus irmáos galegos.
>
> Um grande e saudoso abraço de TEIXEIRA DE PASCOAES».

A presença da poesia portuguesa é mesmo alta na vida do meio viguês, desde os clássicos como Camões até vanguardistas como Júlio Valflor (a nova poesia portuguesa tem um amplo espaço consoante a orientaçom do jornal), passando por outros nomes de grande relevo na altura como o poeta simbolista Eugénio de Castro.

Toda esta multifacécia que vai caracterizando o relacionamento galego-português em *Galicia* vê-se ainda coroada por comentários e ainda algumha editorial do jornal dedicadas também ao relacionamento (onde é lícito pensarmos na mao directa de Valentin ou com a colaboraçom do seu redactor-chefe). É o caso da aparecida no primeiro 10 de Junho da publicaçom, o de 1923, data denominada o "Dia de Camões", no número 273. Leva esse editorial por título "Lusitania y Galicia. Abrazo de Almas", inserido na primeira página. Transcrevemo-lo na íntegra, sem mais comentários que o de fazer notar como a coluna vertebral do pensamento de Paz-Andrade que vimos tentando analisar aparece aqui em plenitude, referida à dimensom externa da cultura galega e o acréscimo de indicar que nessa primeira página é noticiada a excursom que o Casino de Vigo organiza a Viana do Castelo:

> "Con íntimo alborozo, con hondo amor cordial, venimos recogiendo y glosando en estas columnas cuantas manifestaciones de intercambio espiritual y afectivo se registran entre la tierra de Camoens y la tierra de Rosalía.
>
> Felizmente, los nuevos tiempos, las etapas que vivimos las generaciones novecentistas, parecen orientarse hacia una compenetración fecunda y vindicadora de funestos y artificiosos divorción (sic, por divorcios), que crearon viejos azares dinásticos y que han de deshacer futuras revisiones históricas [...]
>
> Este creciente movimiento bilateral de familiarización luso-galaica, fomentado y mantenido, ora por la visita a nuestras ciudades de colectividades artísticas y deportivas de la nación hermana, ora por la correspondencia de entidades nuestras organizando excursiones como la que hoy envía Vigo, ora con la desinteresada colaboración del intelectualismo, abre sobre el borde común del Atlántico, un horizonte luminoso para el porvenir del Occidente ibérico.
>
> Y lo más confortador y simpático de todo este movimiento, es que vive en la ausencia de toda acción oficial, sin la intervención, casi siempre interesada y desnaturalizada, del profesionalismo gubernamental. El alma popular alienta el ansia viva de la amistad luso-galaica, y cuando en uno u otro pueblo se produce una manifestación del genio racial con efectos de universalización, es en la entraña de la raza, en los elementos populares, donde mejor se siente y se comprende.
>
> Por eso es hoy motivo de honra para nosotros que Vigo colabore a esta gran empresa, asociándose a la celebración de una gloriosa efemérides lusitana. Nuestra ciudad, por imperativos geográficos, tiene acaso reservado un puesto de vanguardia en las futuras gestas atlánticas, que han de servir para el alumbramiento de nuevas culturas nacionales.
>
> Bueno es que se vaya preparando para el advenimiento de esas jornadas el espíritu de las gentes. El alma gallega y el alma lusitana -almas hermanas, almas gemelas- comienzan a comunicarse.
>
> El mismo conocimiento ha aventado ya de ellas antiguas suspicacias e injustificados recelos, para trocarlos en recíproca admiración para las glorias de ambos pueblos.
>
> ¡Que ese abrazo espiritual de Portugal y de Galicia se haga cada día más fuerte y sea cada día más fecundo!".

A/O nossa/o muito paciente leitor/a encontrará noutros escritos posteriores de Valentin retrincos deste fato com que o galeguista foi trajando o seu pensamento.

Na qualidade de pessoa na cultura pertencente ao mundo nacionalista galego de pré-guerra a vocaçom reintegracionista constituia em Valentin Paz-Andrade umha das suas feiçons características. De facto, podemos acrescentar, nom se arreda da prática comum e mesmo do sentido e tom orientador do discurso dominante no nacionalismo sobre Portugal e o mundo lusófono. Ainda assim, muitos anos mais tarde, Paz-Andrade procederia à elaboraçom dum quadro, reflexivo e programático ao mesmo tempo, sobre o assunto, que os seus primeiros anos de produçom intelectual contribuem a interpretar, mas cuja especificidade nom é possível entender minimanente sem atender à sua trajectória neste campo e aos conceitos que sobre cultura e cultura galega irá dando à luz. Isso será muitos anos passados da Guerra Civil.

III. O APÓS-GUERRA CIVIL: ELABORAÇOM DO CÓRPUS CONCEPTUAL

III.1. *Galicia como tarea:*

As conseqüências da Guerra Civil som em geral conhecidas. Entre elas, para o caso que nos ocupa, está a parálise da acçom política na Galiza e a impossibilidade de praticar minimamente as ideias de anos antes. Do ponto de vista da reflexom e da produçom política, económica, social, cultural, houve um silêncio grande, apenas alterado em parte polo *Sempre en Galiza* e alguns outros escritos. Essa situaçom prolongou-se durante longos anos. É nessa precariedade dos anos cinqüenta em que *Galicia como tarea*[12] surge como a formulaçom do que a juízo de Paz-Andrade deve ser a reorientaçom do esforço cultural, título este do terceiro capítulo. E é aí onde podemos assistir à mais extensa e acabada síntese do que para o antigo director de *Galicia* é a cultura, neste caso a cultura galega. Em *Galicia como tarea*, vai apresentar enfim, um córpus teórico e reflexivo que se relaciona com a prática que verificavam as actividades anteriores, mas que nunca tinha sido assim teorizada. Nom era este aliás um facto insólito: repare-se que *Sempre en Galiza* é tanto expressom teórica dum nacionalismo do pré-guerra (quando já a guerra tinha acabado), como manifestaçom dos poucos córpus com suficiente profundidade e desenvolvimento que o galeguismo daquela altura produziu. Certamente, se os tempos passados foram predominantemente tempos de acçom, parece a conjunctura mover e (apenas permitir) agora a aspectos programáticos do que se espera seja a acçom futura durante e sobretudo despois do regime ditatorial. Desconhecemos até que extremo a actividade profissional que desenvolvia nesses anos conduziu Valentin a este livro. Pensamos no entanto que ela tivo que ser polo menos condicionante. Paz-Andrade desenvolvia desde anos antes umha intensa actividade de assessoramento no ámbito da FAO relacionada com questons pesqueiras; a sua preocupaçom polo desenvolvimento da actividade pesqueira e polo futuro económico da Galiza eram patentes em *Producción y fluctuación de las pesquerías* (Madrid, 1954) e *El sistema económico de la pesca en Galicia* (1958, Buenos Aires). Anos antes também, em 1954, fora o autor do primeiro tratado que se publicou no mundo sobre *Principios de Economía pesquera* (FAO, Santiago de Chile, 1954) fora como lembra X.-X. S. C. na *Enciclopedia Gallega*.

Pois bem, *Galicia como tarea* inclui estas preocupaçons e, levado polo conceito de cultura que aqui ele mesmo manifestará, nom vai negligenciar, ao lado da atençom ao desenvolvimento social e económico da Galiza, a sua vertente cultural. Mais: como veremos, nom julgará alheia à cultura a vida sócio-económica da naçom. E será também em termos de processo e de progresso que encare a problemática cultural; cultura pois, "como proceso, antes que como estructura, si bien entre ambas formas del mismo ente exista una trabazón sustancial".

Cultura dinámica, entom; criativa. Esse precisamente é o título dum dos parágrafos do livro. E afirmando com Hocart que "el elemento individual de cada uno de nosotros es muy pequeño comparado con el tradicional", acrescenta:

> "Acaso por la misma desproporción, la tradición se convierta a veces en el lastre histórico de la cultura desfasada. A lo largo de las edades, va sedimentando en el fondo nutricio de la memoria colectiva la experiencia perpetuable de la comunidad. Si este acarreo secular no se renueva, puede llegar a cegarse el curso vivo de la producción cultural".
>
> Aun sin llegar a la exhaustividad, pueden producirse situaciones equivalentes. Basta que el movimiento entre en las vías muertas del estancamiento, la insularidad mental, la imitación o la desviación de las esencias creadoras del progreso humano. Por algo se trata de un 'sistema de comunicación intelectual adaptado a los fines de la sociedad'. Y no de la sociedad en general, sino de aquélla a que la cultura pertenece. De otro modo, las facultades de recepción anularán a las de creación, y se hará mínimo el beneficio social resultante".

Olhar para atrás, mas sobretodo para adiante é o seu intuito (p. 129). Dinámica, criaçom, renovaçom, palavras de ordem; renovaçom em tempos onde era habitual muitos considerarem que o Antigo era sinónimo de único genuíno; e só esse "único genuíno" era galego; onde se afirmava que a morte dum velho era a morte dum tesouro irreparável; a caminho de formar um povo de pasmados diante do passado, opondo costas ao próprio futuro enquanto o alheio entrava por todas as partes e fendas. De novo Paz-Andrade:

> "[...] No es el camino recorrido el que ahora nos proponemos recorrer. No ha de tentarnos aquí el incentivo de la exégesis. Ni el sentido reconsagratorio de lo que fuimos, desde que los celtas poblaron la esquina más occidental del continente ario, el que ahora habrá de inspirarnos. Tampoco se trata de posponer los valores pernamentes que prestigian nuestra tradición cultural. Más bien de utilizarlos como índices de la vitalidad del país en cuanto la exposición exija apoyaturas testimoniales, sin caer en el gozo de la pura retrospección.
>
> Más que volver la mirada al pasado, quisiéramos referirnos al presente. Y tratarlo como una operación en vivo. No como mero repaso de los tópicos conspicuos. Por eso, más que la revisión de los orígenes a través de los signos epigráficos, la impronta de Roma sobre el macizo galaico-duriense, la rebelión gnóstica decapitada por el hachazo de Tréveris, el movimiento de transculturación europea en torno al Sepulcro de Santiago, el auge gallego del románico y la escasa expansión del gótico, la guerra de la hoz de Rui Xordo por la liberación campesina, la alborada lírico-popular que clarea en los Cancioneros galaico-portugueses, la ondulación dulce y turgente del barroco sobre los granitos sagrados, o la restauración de la conciencia de unidad cultural con la generación de los Precursores... nos interesa en este trance la actualización del problema total. Su replanteo en términos de más palpitante e imperioso realismo. Con un propósito distinto al que ya puede considerarse cumplido, más brillan-

temente, por otros. Con el propósito de comprender, más que de ilustrar, el tema de la cultura gallega (128-129)".

"Con un propósito distinto al que ya puede considerarse cumplido", "comprender más que ilustrar"; é desse ponto de vista, realmente inovador no galeguismo, e nestes termos, da mesma maneira originais, que Paz-Andrade analisa o conflito cultural galego.

A cultura, a cultura galega, nom é entom e como conseqüência, umha contínua representaçom dos valores assinalados pola Tradiçom como essenciais. A ancilosada e preponderante concepçom essencialista da cultura, encontra em Paz-Andrade umha reformulaçom drástica, onde o Passado é conjunto patrimonial só actuante quando integrado no processo cultural e assim concebido; o que para nada significa menosprezo ou indiferença pola cultura popular; polo contrário, ela é a garantia da genuinidade e identidade da cultura dum povo no seu conjunto:

> Toda alta cultura debe coexistir con una cultura popular. Sin la segunda, por mucha calidad que la primera conquiste, será pura especulación" (p 161).

Daí se deduz, para o intelectual ou para o criador, um duplo papel: o de mediador entre a Tradiçom e a Comunidade, e o de inovador sobre esa Tradiçom. Curiosamente, na biografia de Valentin, em pensamento e obra, encontramos múltiplas provas desse empenho. A sua atençom, por exemplo à Ilustraçom galega, a biografia de Castelao, e as contínuas referências à história da Galiza evidenciam esse intuito transmissor. Por outro lado, o labor de acçom-inovaçom patenteia-se na sua própria actividade profissional, cultural, linguística e literária, e, veremo-lo, no seu muito particular atendimento ao mundo lusófono.

Há ainda mais umha vertente em que o pensamento de Paz-Andrade sobre a cultura apresenta umha importante inovaçom, num ánimo integrador e globalizador da comunidade, neste caso a galega. É o referido à definiçom de que seja a cultura quanto ao seu ámbito. Para o pensador galego, a cultura nom é apenas a produçom de objectos *artísticos*, nem a sua colecçom, mas um sistema complexo interrelacionado com a dinámica social, política e económica dessa comunidade; o que contribui a fixar, em suas palavras, o seu *o logos específico*, um sistema de expressom próprio, que, a seu juízo, é constituído na Galiza nos primórdios da Idade Média.

> "Ninguno de los avatares del *homo galaicus* puede ser considerarse indiferente al esfuerzo cultural del país.
>
> "Por consiguiente, todos los problemas relativos a la existencia gallega y de los medios en que se desenvuelve, deben nutrir e primer término la actividad cultural. Así los problemas en que juegan los factores formativos, como los que condicionan la suerte próspera o adversa de la población por imperativo de cualquier determinismo económico" (133).

Umha consideraçom da política, da sociedade e da economia vinculadas ao *ser cultura*, onde a língua joga um papel preponderante (p.146).

III.1.1. A "dimensom externa": *a lusofonia*

E ainda há mais: dumha consideraçom da cultura como comunicaçom, como dinámica frente ao estatismo, ciente das origens mas em contínua recriaçom frente a qualquer sorte de essencialismo, os elementos culturais, particularmente o *legado cultural*, nom som monológicos; nom som elementos dados e indiscutíveis, puramente épicos, mas elementos de diálogo. Um diálogo que se estabelece por sua vez numha dupla direcçom: a que sustentam os indíviduos dumha comunidade entre si (*interna*), e a que sustenta essa comunidade no seu conjunto, através dos mais variados agentes, com o mundo (*externa*); a cultura como possibilidade e maneira de relacionar-se com o outro, chave mesmo do Estado Espanhol com o mundo Latino-americano no seu conjunto, argumentará Valentin como vinteoito anos antes figera Castelao nas Cortes Republicanas (p. 147)[13].

Galiza nom é entom essência apenas, mas muito principalmente dinámica; nom é pura produçom artística senom complexo sistema interrelacionado com outros; nom é simples veículo de consumo interno, mas necessário diálogo internacional. É, a partir de aqui, desta perspectiva da cultura e da cultura galega, onde aparece o mundo lusófono e todas as peças encaixam: ciente da especificidade cultural galaica, ciente das possibilidades da sua dimensom internacional, a obra de Paz-Andrade vai constituindo, desde as suas origens como director de *Galicia* até o seu livro *Galiza lavra a sua imagen* um *totum* coerente desfrutando dessas possibilidades e visando esses objectivos, nom entom com a congruência que deriva dum pobre catecismo, mas com a coerência feita derivar da solidez conceptual, da abertura sensitiva e da confiança nutricial.

Com toda essa bagagem reflexiva a que aludíamos, e nom com umha simples palavra de ordem, conforma Valentin a sua presença no mundo lusófono. É por isso que ela, nom sendo totalmente original, é particularmente singular; inserida na tradiçom galeguista moderna de há mais dum século, mostra-se surpreendentemente nova e inovadora. E, em minha opiniom, quem ler Paz-Andrade com algumha atençom, cedo pode captar, que há ali um galego que fala desde a Galiza inserido com total naturalidade na dimensom internacional galego-luso-afro-brasileira. Com efeito, percorrer a obra de Valentin revela esse dado substantivo, cuja aparente obviedade nom deve deixá-lo passar desapercebido: o *homo culturalis* que é Valentin, e que Valentin propom, que fala desde a Galiza, implica necessariamente falar desde o mundo lusófono; desde e num sistema intercultural que se constitui em património, veículo e interlocuçom em vários países do mundo. Nom é o seu um *estar* fora; nom ao lado; nom, muito menos, de costas; é um *estar em e desde o sistema intercultural lusófono*[14].

Nas páginas de *Galicia como tarea*, e tras um breve excurso pola História da Galiza e a sua língua, em que afirma que a monarquia de Afonso Henriques, "había de asegurar definitivamente el porvenir del idioma. La corte hizo suya el habla del pueblo", e repassa brevemente o seu decorrer, renova a doutrina histórica do galeguismo:"De este modo, el destino histórico de la lengua gallega no se ha frustrado, pero quedó escindido. Su supervivencia, expansión geográfica y apogeo como lengua literaria, oficial e imperial, resultaron asegurados por la secesión y subsiguiente independencia de la Lusitania en el siglo XII".

Mas nom apenas é o mundo português o que ocupa o seu interesse[15].É mui especialmente o ámbito brasileiro onde ele vê o futuro promissor de "el idioma de Camões y Rosalía". Sobre o potencial do Brasil afirma:

> "Basta tener presente el índice de acelerado crecimiento demográfico y económico del Brasil y valorar su porvenir como potencia mundial.
>
> Imperativos de orden económico y cultural, le abrirán cada día mayores cauces para el intercambio, en los países anglo-sajones. Tiene, por tanto, brillantemente asegurado su destino entre los grandes idiomas atlánticos".

Aí nom esquece Paz-Andrade para vencer inércias fruto de séculos de complexo, comentar aspectos relacionados com o pragmatismo e as possibilidades que enunciava, a que adiante nos referiremos. Neste sentido, e tratando da superior importância que concedia à dimensom internacional da língua, comentava (139 ss.):

> "La jerarquía de un idioma no depende solamente de lo que fué a través de las edades. También proviene de su utilidad presente.
>
> [...]
>
> Tampoco depende esa jerarquía de la mayor identidad formal entre la rama originaria y la más evolucionada y extensa. Puesto que las diferencias de fonación y grafía no constituyen obstáculo grave pare el recíproco entendimiento, la eficiencia del sistema en su conjunto debe considerarse plena. Y en su doble alcance funcional: como medio de comunicación y como instrumento de creación cultural".

E combatendo igualmente as ideias que ainda circulavam sobre a "condiçom vernacular" do galego, somava:

> "Que el mismo idioma se module con distinto acento y hasta con un cierto número de palabras y giros se pronuncien o construyan de manera diferente en Galicia, Portugal y Brasil, tiene una importancia secundaria. Nunca podrá explicar satisfactoriamente la desconexión práctica entre la rama galaica y la lusa, del idioma común. Y mucho menos, la orientación del problema, cerrando sus perspectivas dentro del marco regional y el concepto vernacular del idioma.
>
> También la Unesco, en una reciente reunión de especialistas, ha establecido la definición en vigor de la "lengua vernácula.
>
> Es la lengua materna de un grupo dominado social o políticamente por otro que habla una lengua diferente. No consideramos vernácula la lengua de uma minoría de un país *cuando es la lengua oficial de otro país* [sublinhado de V.P-A.].
>
> Por tanto, no puede parecer razonable cualquier tendencia que reduzca el problema a la rehabilitación literaria de una lengua retardada en su forma escrita, haciendo caso omiso, o poco menos, de la evolución que experimentó durante siglos de uso múltiple y pleno, fuera del área de origen. Mucho más constructiva sería la tendencia a la asimilación de las voces necesarias, cuyo uso es normal en la otra rama del mismo árbol linguístico".

Foi esta, nota-se nos seus escritos, umha das preocupaçons mais relevantes na obra de Valentin: a de que a Galiza daquele seu presente e do futuro devia pôr de parte com urgência o que ele percebia como ensimesmamento, o sentimentalismo como único modo de conhecimento, como perigosíssima tendência à resignaçom de quem só (mal-)vive no complexo e na secundarizaçom, e tender ao reintegracionismo com o restante domínio lusófono. Podemos agora sintetizar como Paz-Andrade, quer no terreno da investigaçom e do ensaio, quer no da crítica artística ou na criaçom literária (como adiante veremos), e ainda no do jornalismo, mani-

festa três características fundamentais para a sua exegese no mundo lusófono que é objecto desta aproximaçom:

—a de assumir(-se) (n)umha Tradiçom[16] e (n)um espaço cultural referencial que é o da lusofonia.

—a de desenvolver um papel de mediador entre os diferentes ámbitos lusófonos, facilitando a interferência entre eles, entendida a interferência como a intercomunicaçom entre dous ou mais sistemas culturais.

—a da procura da inovaçom dentro desse espaço.

— Um corolário:

Pouco depois desta *Galicia como tarea* publica um artigo em *La Voz de Galicia* (7-2-60) em que foca exclusivamente o assunto lingüístico e cultural, vertebrando com elementos novos os seus argumentos. «La proyección espacial y etnológica de la lengua galaico-lusitana» é o título, algumhas das suas palavras passando a ser recorrentes em trabalhos ulteriores. Porque neste, de nom mais de três páginas, estám nom todas as propostas, mas sim todas as bases do seu pensamento sobre a normalizaçom cultural galega: a de, sendo o mundo lusófono espaço talvez mais heterogêneo do mundo, o vínculo da língua comum oferecer o uso e desfrute de riquezas culturais de todo o tipo; a extraordinária dimensom do fenómeno, nascido à margem do poder político; o papel preponderante presente e sobretudo futuro do Brasil; as possibilidades que entende abrirem-se á Galiza se inserida nesse espaço cultural; o seu papel de chave entre o mundo hispanófono e o lusófono. Aparentemente, as mesmas ideias que apontara em *Galicia como tarea.*

Mas, entom, o que motiva esse artigo? De princípio, a diferença é de «género», entre um artigo e um livro. *Galicia como tarea* era um texto destinado ça legitimaçom do galego e à sua rehabilitaçom, no conjunto dumha mais ampla reflexom sobre aspectos sociais e económicos; era ademais um texto, publicado em Buenos Aires, surgido das conferências que em Sul-América ditara nos finais dos anos cinqüenta; sendo um texto de propostas, era sobretudo um texto de estudo; um livro a que, como tal, é inerente a demora e a reflexom; o meio e o longo prazo; nom um artigo em jornal que pretende a intervençom pola sua própria imediatez.

Mas nom só. Em «La proyección espacial...» é sobretudo novidoso o peso dado ao valor da heterogeneidade do espaço lusófono e, como consequência, ao valor comunicacional directo que a língua permite. Dizemos 'directo' porque talvez essa seja a chave para entender este artigo de Valentin, que desde a Guerra Civil nunca se tinha referido de maneira expressa e explícita ao espinhento (sem dúvida polas circunstáncias pessoais e políticas) problema do idioma. Será precisamente o contacto com a populaçom brasileira o que determina a paixom que o artigo manifesta. Certamente, Paz-Andrade já conhecera brasileiro na Galiza, como Guilherme de Almeida, e tinha viajado ao País de Ultramar em 1950 e, naturalmente, em 1957, em que dita as conferências que darám corpo a *Galicia como tarea.* Mas, ao que parece; nunca tinha experimentado a possibilidade de que «un labrador de Castroverde pueda dialogar con un 'facendeiro' de Río Grande do Sul;

que un minero de Silleda pueda entenderse directamente con un 'garimpeiro' de diamantes en Corguiño ou en Rochedo (Matto Grosso); una pescantina del Berbés de Vigo o del Muro de La Coruña, con una 'varina' de Peniche o de Porto Alegre; un intelectual luso-galaico con un 'brugre' del Matto Grosso». É pois a sua particular descoberta do Brasil (sempre é brasileiro o interlocutor dos exemplos que refere) o que sem dúvida está por trás das suas calorosas opinions. "La proyección espacial..." constitui-se enfim como síntese e conclusom da dinámica cultural que Paz-Andrade propóm em *Galicia como tarea,* que, repare-se ainda, estava sendo publicada por fascículos em *La Noche* desde o 3 de Dezembro de 1959, enfim, desde apenas dous meses antes. Mais do que as suas viagens anteriores, incluída a das conferências, é a que realizou em Novembro e Dezembro de 1959 a determinante para perceber a génese deste trabalho; conhecemos essa viagem e o seu destino pola carta que a 13 de Novembro de 1959 escreve a Díaz Pardo, Valentin desde Madrid, onde espera embarcar para o Brasil (p. 136):

> "Cando ti pases por Santos o 8 ou 9 de Nadal, é bastante probable que eu me atope no Brasil. Teño que intentar en Campo Grande, Matto Grosso, resolver pol-as boas, ou as outras, unha desavenenza familiar en torno a unha herenza importante. Pol-o asunto de que antes falei non puden sahir denantes, e estóu aranxando todo pra voar do 25 d-este mes en adiante, para estar fora duas semanas. Pol-o tanto estarei de volta denantes de que ti chegues a Vigo, onde teréi o pracer de darche a aperta de benvida, cecais iniciada en São Paulo ou Santos", Madrid, 13 de Novembro de 1959".

São Paulo, Santos, e, polos vistos, sobretudo Matto Grosso é a paisagem e a interlocuçom humanas definitivas no artigo do advogado e economista, e o que o singulariza a respeito do livro anterior.

III. 2. A produçom literária e a sua homologia com a actividade no campo intelectual: *Sementeira de Vento*

A actividade ingente e polifacetada de Paz-Andrade deixou ainda espaço à criaçom literária. Este nível é, digamo-lo vulgarmente, umha prova do 9 do discurso que antecede. O literato, de quem se espera vocaçom universal, tem perante si um conjunto vastíssimo de elementos, materiais com quê construir a sua obra. Nom apenas aqueles que som denominados "conteúdos", nen tampouco só os que o estruturalismo felizmente passado chamou "forma", mas o *totum* da comunicaçom que a proposta literária tem. Aí Paz-Andrade mostra-se autor desde o sistema intercultural lusófono; sem renunciar ao universalismo e à pluralidade de saberes, Paz-Andrade concebe o seu espaço comunicativo e as referências que como próprias o nutrem dentro do sistema lusófono, combinando o genuinamente galego, assim procurado conscientemente, com os elementos nutrícios que transfere do mundo português e brasileiro, autor e mediador, porque nos seus livros estám poetas e escritores lusógrafos, trazidos a sentido paratexto ou entom directamente falando a quem lê desde o espaço que Valetin lhes reserva ou lhes reclama.

O primeiro livro de poemas da personagem objecto do nosso estudo é *Sementeira de Vento*[17], de 1968. Poderia parecer arriscado ver já no título algumha relaçom com o pensamento que de Paz-Andrade vimos expondo. Nom o pensamos assim. Parece-nos ainda que existe umha homologia estrutural (a que pode deri-

var-se da intervençom em campos diferentes mas em algumha medida afins) entre a sua actividade literária e a sua reflexom crítica e teórica. Poeta em boa medida do mar, na sua obra trasparece essa dimensom de empreendimento e internacionalidade que referíamos a propósito da sua participaçom no campo intelectual. Dentro de "Cantarol do mar", as suas "Boas-vindas, mariñeiros" (pp. 57-8), é como um lema sentimental, e cultural, e de empresa. No poema II, "Bem-chegados" fala desse mar no "Hemisferio que o noso irmao abrira"; e em "O Farol de Montedor" (73), datado no Porto, escrito na hora do solpor, quando "calaran os minhotos campanarios", desfilam ante o leitor Henrique o Navegante, Camões, Dom Dinis ou Dom Sebastiám, toda a epopeia marítima em definitivo do País irmao que Valentin canta e sente seu.

O poemário respira esta classe de evocaçons. Nom falta o Brasil ao encontro (103: "As miñas horas sin ti", São Paulo, 1959):

"Mañáns do Matto Grosso,
co sabiá cantor nas mangabeiras,
fatos de garimpeiros aos diamantes,
vaqueiros e boiadas
ao trote nas veredas do sertao"

O livro, ilustrado por Laxeiro e editado por Salnés, de Vigo, introduz já desde o início nesse ambiente de abertura na lusofonia; com efeito, os versos som antecedidos dumha "Carta-prefacio" de Guilherme de Almeida, "Príncipe dos Poetas do Brasil"[18], assinada em São Paulo a 20 de Outubro de 1967. Na carta refere-se Almeida à poesia de Valentin, "nosso sangue, um mesmo sangue, da matricial Galisa aos filiais Portugal e Brasil ritmadamente fluido",

E acarreta sentidas palavras sobre a poesia e as palavras de Valentin:

"sinto-a em mim palpitante mas intangível"; "somos irmãos, Valentin",

e dados de interesse:

"Foi daquêle seu Vigo de 1933 -donde vi você trovar e vi Colmeiro lavrar- que me veio a veia alimenticia dêsse sangue; assim como daquêle reino onde teve a sua côrte Dom Denis. Rei Trovador e Rei Lavrador".

Eis o mundo lusófono reunido; e eis o papel de mediador a que antes aludíamos de Valentin; afinal, aquela pendor brasileirista vinha também já de antigo..., quando já Guilherme de Almeida se consolidara como um dos poetas e intelectuais mais importantes do século XX brasileiro.

III.3. A evolución trans-continental da língua galaico-portuguesa / *La marginación de Galicia:* síntese e projecto do pensamento pazandradino

Nesse mesmo ano, verá a luz outro dos escritos fulcrais de Paz-Andrade para o tema que nos ocupa. Trata-se do texto *A evolución trans-continental da lingua galaico-portuguesa*[19], texto que juntamente com outros é publicado em Lugo por iniciativa do Círculo de las Artes. O título genérico proposto polo "Círculo" aos autores foi o de *O Porvir da lingua galega*, e, como se pode deduzir polo rótulo empregado polo autor de *Galicia como tarea*, o seu trabalho vai girar em volta das

reflexons que quase dez anos antes formulara. Para já, o seu texto abre cum paratexto de Olavo Bilac, talvez o poeta brasileiro mais conhecido e difundido polo galeguismo de pré-guerra: "Amo teu viço agreste e teu aroma de virgens selvas e oceano largo, ámote, !o rude e doloroso idioma!", transcreve Valentin. E, a partir daí, e após reflectir resumidamente sobre a teoria da linguagem e as funçons da língua com Croce, De Mauro, Novalis, Jevons, Marshall Urban e Hegel[20], necessário preámbulo para o desenvolvimento das suas ideias, começa a sua defesa da necessidade reintegracionista para o galego. Na língua, diz Hegel e retoma Valentin, "actualizase a cultura", notando que:

> "A imaxe do que unha lingua foi ou deixóu de ser no percurso das edás, non se debra interpor na comprensión do seu destiño. Tampouco debera reducir o reconocimento da capacidade funcioal que teña, no orde daqueles fins, ben ao presente ou ben car-o futuro. Ainda que viñera remontando o 'rude e doloroso' proceso que ecóa no verso de Bilac".

Já conhecíamos estas ideias do intelectual galeguista, agora talvez formuladas em síntese mais perfilada. Mas repare-se em que Paz-Andrade está a responder, em tempos bem duros como os da Ditadura, à pergunta sobre o porvir da língua autóctone, e ele aí nom se deixa guiar nem polo lirismo nem polo dramatismo; nem pola imediatez de pensamento e visom; antes polo contrário, fiel ao seu ideário, já fixado publicamente anos antes, e talvez também ao seu carácter, olha o problema em termos positivos e de acçom; e com força e firmeza; os parágrafos a seguir som fulcrais para o entendimento da concepçom pazandradina:

> "Da teimosía n-unha óptica revirada ao pasado ningún proveito podera agardarse. Con concencia do mal, ou sin ela, semellante visión é a que mantén ainda hoxe, envolto n-un senso reverencial de reliquia, ao idioma galego.
>
> [...]
>
> Temos diante de nós un "status" posicioal vicioso e falaz, que algún día entrará no desxelo. Mais pra conquerir tan lexítimo obxetivo, non abonda co-a denuncia isolada e teórica. Cando menos si se exerce com-a deica agora, arrequecida nos sentimentos reivindicativos, e pouco mais.
>
> Recuncando n-este xeito de obrar, é ben seguro que non se vencerá a xordeira das esfinxes entronizadas. Mais a cousa podería mudar de vez, si fóramos libres d-abondo pra ligar o problema do idioma, a un pensamento social moito mais que á reacción sentimental".

Ecoam, sem dúvida, palavras suas nom já de dez, mas de quase quarenta anos antes; mas também é verdade que agora a formulaçom ganhou em solidez conceptual. Venhem depois mais umha vez trechos sobre a história da língua, onde aparecem os mesmos espaços e personagens que na sua poética. E tampouco está ausente a preponderante dimensom externa que ele dá à língua "galaico-portuguesa" como gosta de denominá-la:

> "(120) Con ela [a grandiosa aventura mundial que viña chamado a correr o primoxénito do latin] fíxose adulto como idioma do mundo moderno. Do mundo do que céu das Descobertas, en sorte parella co castelán. Non se pode esquecer que despois, a existencia externa do galego resultou condicioada pol-o fondo ecolóxico e vivencial d-outras terras, outros climas, outras razas... E que un idioma "est né de la vie, comment la vie, aprés l'avoir créé, l'alimente". (Henri Berr).

(121) Non podían deixar de producirse influxos, e adaptacións, chamados a disminuir a identidade formal, entre a ponla primitiva e a fortemente evolucionada e longal. Mais unha e outra pertencen ao mesmo albre lingüístico. As diferencias de fonación ou de grafía non son barreira infranqueable pro entendimento recíproco. Non anulan, nin moito menos, o valimento do sistema común, nin como meio de comunicación, nin como "outillage mental" da cultura.

Sô desrespeitando o resultado histórico de tan fecunda andadura se pode deixar de comprender que hoxe pouco representa o destiño autónomo da fala galega. O que importa, por enriba de todo, é o destiño conxunto da lingua galaico-portuguesa. A integración e desenvolvimento d-un dos grandes dominios lingüísticos da civilización atlántica.

Naturalmente, o Brasil, com o seu potencial humano e socioeconómico, tem nas suas palavras um papel de destaque, a que soma Angola e Moçambique, preanunciando a sua rápida descolonizaçom, que haveria de concretizar-se poucos anos depois. Compre engadir que, entre o continxente super.maioritario do Brasil, e o núcleo orixinario, aquelas desemellanzas son minguadas. Maiormente no idioma escrito. O exemplo da prosa de Guimarães Rosa, entre outros menos ao día, constitue o mellor testemuño pra reforzar a nosa apreciación.(119).

(120) Os datos que describen o expandimento xa arrecadado pol-a lingua galaico-portuguesa son impresioantes. Mais o son moito menos do que terán de ser ao cabo d-algúns decenios".

Depois de defender as possibilidades da "lingua galaico-portuguesa" como meio de comunicaçom de milhons de persoas distantes por climas, credos, raças, costumes, continentes, hemisférios, paralelos, meridianos, ... mas unidos polo idioma que fai possível o entendimento "labrador de Castroverde poida parrafear c-un «facendeiro» de Río Grande do Sul" (124-5). Denomina a língua galaico-portuguesa "chave de mundos fechados". Chave derivada da sua experiência (Paz-Andrade andou muito tempo por terras brasileiras nos anos cinqüenta):

"Ningún experimento mellor que o de mergullarse por certo tempo n-esta estalante bulsa do orbe, escoitar a disforme cadencia dos seus latexos, tomar o achego dos feitos violentamente diferenciaes, para coñecer a percusión, profundamente humán, do fenómeno socio-cultural a que me veño referindo. Hai xa algúns anos percorrin, cuase de ponta a ponta, a xeografía lingüística galaico-portuguesa. Poucos ensiños mais fecundos pra un galego de hoxe, que o recibido da comunicación na sua lingoa, cos inmigrados xaponeses radicados en Campo Grande ou Cuyabá, ou exprorando a y-alma dos tupís-guaranís que baixan da tribu ao mercado das cidades por citar sô dous exempros".

Note-se que este tipo de discurso e defesa da língua produz-se em momentos de extraordinária precariedade no mudo intelectual galeguista, ainda mais no interior. Nessa altura, nom há na Galiza nengum partido galeguista constituído, e a actividade cultural encontra-se francamente limitada a algumhas editoras que procuram publicar *em* galego. A dimensom da língua e os seus processos de normalizaçom nom conformam, na altura, nengum. A "viragem brasileirista" que Valentin propom é novidosa quando colocada por ele no centro das preocupaçons galeguistas, tanto mais quando Portugal é igualmente um País, como o galego, vivendo sob um regime ditatorial. Valentin dirige indirectamente o conjunto da sua argumentaçom ao Estado Espanhol e principalmente aos seus concidadaos galegos, fazendo ver a utilidade e o interesse da sua proposta, do idioma como chave, no sentido em que atrás o referimos (126):

"Non debera botarse a esquecemento, o fenómeno de subordinación entre o florecimento das linguas e o desenvolvimento das sociedades a que veñan incorporadas. Ainda que da parte do Estado se persistira en abandoar o galego a sua sorte, a lingua extravernácula seguirá evolucionando e mellorando suas marcas nos territorios que a profillaron. De xeito que a-o descoñecer éste proceso multiplicador, sin proporcioar a Galiza axudas pra acompañal-o, serán tamén os intreses xerales de España os que resulten danados. Sufrirían a perda da mellor vía de influencia humana, económica e cultural, no trópico ultramariño".

É nesse contexto praticista que defende a presença do galego, idioma quase proibido em todos os seus ámbitos, no ensino.

No ano 1932 Risco comentava que o nacionalismo galego, sem Portugal, nom passaria de um "preito provincial". "Pleito rexional" é a denominaçom que Paz-Andrade usa para referir-se ao desatendimento da dimensom externa do idioma. Nas suas palavras parecem estar presentes as incipientes tendências do galeguismo pinheirista (e nom só) no sentido isolacionista do galego, assunto que se manifestará com força uns anos depois[20 bis]. A elas é possível que estejam dirigidas em geral muitas reflexons que antecedem; em concreto estas (128-9):

"Virando de seguido o anteollo pra cara interior do tema, ainda pode haber algunha cousa a perceber. Arestora como denantes, o da lingua ven entendéndose sô com-a un pleito rexional, sin implicacións colateraes. E tamén, por decontado, sin nutril-a defensa co-a executoria que o idioma, desdeixado na casa, conqueríu por fora.

Semellante rotina herdada, non somentes empanicóu a verdadeira visión do problema. As veces até levóu a supervalorar os factores de variación advindos entre o portugués e-o galego, brazos dereito i-esquerdo do mesmo corpo. De éste xeito, dentro da Galiza, ficóu reducida a verdadeira talla do asunto. E tampouco se fixo luz d-abondo sobre a natureza e accidentalidade das diferencias fonéticas, sintácticas ou ortográficas, non obstativas pra comunicación ordinaria no ámbito da comunidade lingüística.

Certo que a condición rexional do pleito ten outra razón próusima. Por sabido que na sub-estimación da fala propia, a partir da escola, atopan seu alcaloide mais enérxico, as reivindicacións galegas. [...].

Mais nos termos d-unha demanda tan lexítima non se encerra todo. Xuntamente con ela temos de xogar outra carta. Aquela que se baraxóu no proceso forizo de evolución da lingua, e levoun-a ao nivel d-espallamento trascontinental que hoxe ten.

Cando esta fazaña estear, carregada de contido social vivente, se valore na sua verdadeira magnitude, a perspectiva tradicioal que ten o problema cederá a mellor. Mais non se pode agardar que mude por fora, se non empeza a mudar por dentro".

Tradiçom e Modernidade voltam aqui unir-se, agora a propósito da questom lingüística. Repare-se em que nom há um praticismo a-reflexivo no pensamento de Valentin: as suas ideias sobre os problemas culturais surgem derivados da sua concepçom teórica sobre, neste caso, a cultura. A Tradiçom oferece garantia de genuinidade, como a modernidade contribui à comunicaçom activa, à riqueza e à sobrevivência. Paz-Andrade propugna, para o alargamento comunicativo e a solidez identitária do idioma que este transfira do mundo lusófono, do património comum entom, os elementos que a esse fim sejam precisos. Ao falar das "variacións na unidade" (129), e depois de indicar que surpreende a diferenciaçom das variantes da língua nom ter chegado a mais, afirma (130):

"D-unha mais chea interpenetración do galego no portugués, ou as avesas, sô ventaxas comúns poderán colleitarse. No primeiro ainda mana a fonte hoxe con mais caudal que en ningún tempo. Ainda garda no fondo do manantial a soleira da fala. No segundo, latexará sempre o pulo ensanchador dos dominios da lingua, a forza do constante anovamento. Da doble conxungación do mesmo verbo poderían agardarse ainda acentos endexamais ouvidos".

Note-se que este outsider vai ocupando posiçons de vanguarda no campo intelectual galeguista, longe do grupo dominante e por isso com pouca capacidade de influência: Valentin nom tem exército: esse o seu défice.

Já se ouviam vozes que reclamavam ser o peremptório a questom da normalizaçom e depois a normativizaçom, e argumentavam com a história genuína do galego e o assunto de el ser a fonte da língua. Anos antes, e relacione-se estas reflexons de *A Evolución* com aquelas sobre a hierarquia da língua em *Galicia como tarea*, já denunciara as atitudes ao seu entender paralisantes e cativas que entendiam o idioma de maneira patrimonial exclusivista (como acabarám por fazer alguns portugueses a respeito dos brasileiros), no alegado orgulho da sua pretensa fidelidade às origens (aí está outra vez a vertente apenas sentimentalista e acomplexada que sempre critica Valentin), e que nom reparavam, a juízo de Paz-Andrade na degradaçom do idioma nem na insuficiência do seu estado para toda a expressom intelectual ou artística, impossibilitada a sua evoluçom durante séculos, e nutridos os seus vazios com o espanhol. Estas perspectivas aparecem nítidas na sua proposta de unificaçom lingüística em "Galiza e a evolución", com que encerra o seu artigo (131-132):

Partindo das premisas que nos impoñen os feitos consumados, pode chegarse axiña ao ponto crítico? Qué camiño debe escoller Galiza pra-a axustar a futura evolución da súa lingua? A pregunta presupón que o porvir da nosa fala, non pede somentes dos factores alleos que veñen interferindo a sua rehabilitación en cheo? Non pode d-algún xeito estar recramando certa virada no rumo da política interna do idioma?

Unha é a evolución continxente que deica agora seguíu. Outra a que en adiante deba ter. Ainda que a opción non veña por primeira vez ás nosas maos, podemos estar chegando ao intre no que deba ser exercida. O galego ha de seguir mantendo unha liña autónoma na sua evolución como idioma, ou ha de pender a mais estreita similaridade co-a lingua falada, e sobre todo escrita, de Portugal e-o Brasil? Os termos da custión non deben ser tomados no senso de que o galego, pra marchar en maior irmandade formal co portugués, teña que deixar se ser o que é.

Non se pretende chegar a unificación literal. Mais trátase de conter a disociación, facendo os axustes necesarios pra aproveitar as ventaxas mútuas que un intertroque permanente podería proporcioar. A ninguén se lle oculta que, da parte da Galiza, hai a gañar moito mais que a perder, si a relación entre unha e outra fala se avivece e sostén.

Non sô pol-o perfeccionamento que se acadaría prô idioma como meio de comunicación debido ao maor uso na área falante do portugués. Tamén porque abriría pra nosa producción literaria un mercado de posibilidás mais alá de todo cálculo. E ainda, como recíproca doación, o enriquecimento léxico-gráfico que derivaría, por unha banda do mais íntimo achego ás fontes, e por outra, da familiarización galega c-unha literatura de calidade e alento humano extraordinarios, como é n-este intre a que se fai no Brasil.

O cadro xa é hoxe ben tentador. Moito mais o será deica poucos anos, pol-o camiño que leva o mundo".

Os mesmos argumentos aqui expostos nutrirám o livro *La Marginación de Galicia*[21], na editora Siglo XXI de Madrid, dous anos mais tarde. Um livro entom que alarga o seu ámbito ao espaço do Estado Espanhol, e ao domínio lingüísico hispanoamericano, onde devemos incluir nom poucos leitores galegos a quem livros como o do "Círculo" nom chegariam, ou que nom estariam interessados nem habituados a ler em galego. Para este último aspecto Valentin serve-se como anotávamos, e quase em sistemática traduçom, das ideias expostas em *A Evolución.*

Mas nom é idêntico, nem muito menos. Convém indicar aqui, embora sinteticamente, que *La Marginación de Galicia* é um livro em que som focados problemas sociais, económicos, políticos e culturais da Galiza. Portanto a presença aí da "questom cultural" reforça a visom integral e interrelacionada que Paz-Andrade pretende desde polo menos *Galicia como tarea*, e que, por isso mesmo, eleva a tal "questom cultural" para o/a leitor/a ao espaço do debate sobre sobrevivências e necessidades, nom apenas entom como apêndice de maior ou menor importância.

Talvez por isso também apresenta umha mais demorada e ainda mais documentada atençom em alguns assuntos (como o da história da língua, capítulo inicial onde começa por argumentar com o Padre Feijóo «que el idioma gallego y el lusitano son uno mismo») ou o dedicado a "composición de la comunidad lingüística", p. 102 ss., que inclui mapa e estatísticas de "La lengua de Camões y Rosalía"). Este capítulo ganha assim em formulaçom rigorosa e objectivista, abandonando aspectos externos de maior polémica, derivados talvez tanto da conjuntura como do carácter imprimido ao livro. Assim mudam títulos como "As tres linguas marxinadas" que passam aqui a "periféricas" ou "A supervaloración de variantes" que substitui a "O Pleito rexional", por exemplo; e aparecem epígrafes como o dedicado a "La Escuela y el bilingüismo".

É em todo o caso um livro destinado mais dar a compreeender que a litigar. E isso sem abandonar, muito possivelmente, o destinatário que definia *A Evolución*: sem dúvida os galegos, e mais particulamente o galeguismo: som muitas as referências particulares (mesmo a persistência da proposta de unificaçom da escrita: "La evolución a esperar") que assim o parecem testemunhar; ele mesmo justifica a reiteraçom, escrevendo num dos capítulos iniciais, "El servicio a la civilización" (106):

> "La magnitud del fenómeno que venimos estudiando permanece más o menos subestimada, cuando no ignorada, Razón por sí misma suficiente para insistir en la revisión del tema".

Onde, em *A Evolución*, o seu equivalente "Os froitos de transculturación" (123) era desta maneira introduzido:

> "A magnitude do fenómeno que vimos estudando, xustifica que levemos un pouco mais lonxe ésta pequena esculca".

III.4. *O Pranto matricial:* convocatória de identidades

Na Galiza do ano 1975, em que se cumpriam vintecinco anos da morte de Castelao, forom várias as tentativas de comemorar aquela morte. Os tempos permitiam umha mínima possibilidade de fazê-lo e foram diversas as instituiçons e

persoas que se debruçarom sobre ela. Naquele vértice de tantas cousas, em que alguns intuíam menos talvez do que desejavam algumha mudança radical e próxima, Valentin reedita o seu *Pranto Matricial*, mas agora com a particularidade de ele aparecer em ediçom pentalíngüe. Há aí , sem dúvida, umha mensagem de fraternidade com as restantes línguas do estado (espanhol, catalao e euskera); e há também umha pronunciamento de mais profunda irmandade com a área lusófona; pudera parecer que a adaptaçom do texto à norma brasileira (neste caso) seria umha prova de distáncia e diferenciaçom. Nada mais longe; nom condiziria ela com as ideias tantas vezes expressas por Valentin; antes polo contrário era para a unificaçom que tendia, como vimos, o seu pensamento. Ela deve ser entendida, em nosso parecer, como a reclamada presença dessa irmandade a que nos referíamos. Nom é esta umha presunçom; o sentido esclarece-o o autor do texto em norma brasileira, Guilherme de Almeida, a quem Valentin cede a palavra (caso que nom se dá com os tradutores do poema) na página 28:

> "É esta a grande elegia pranteada por Valentin Paz-Andrade, em Memória de Castelao (Alfonso Daniel Rodríguez Castelao), símbolo que foi da sua Galiza, e no exílio 'finóu en Buenos Aires o 7 de Xaneiro do 1950'. Escrito em galego, e já vertido ao castelhano por Mª de Villarino, recebo agora o comovido poema para o seu tratamento em português; dever que me impuz com o pensamento e a vontade de prestar homenagem a Castelao e Paz-Andrade (muito amigos meus desde os idos de 1933) e de determinar a umbilical similitude entre o tronco e o derivado, a denunciar a perenidade do galécio-português, vera fala da Raça".

E nom será esta a única presença da área lusófona, para além do próprio autor; nom a sua única mediaçom. O livro abre com a transcriçom manuscrita dum poema da autoria de Ângelo César, empresário e poeta português[22], como o galego, e a quem aquele dedica, entre outros, estes versos:

"Ao Valentin Paz Andrade, irmão
galego, irmão querido, limpando
as lágrimas que o seu Cântico
de Castelao me fez chorar"

Concluindo com

"Tambem espero o vosso Castelao!"

IV. O APÓS-FRANQUISMO: PRÁTICAS, CONVITES E CAMINHOS POR PERCORRER

Os anos setenta, nomeadamente os subseqüentes à Ditadura, registam umha formidável acçom em Paz-Andrade, tanto política como editorial. Anos em que publica em "Estudios Regionales", de Madrid, *Transferencias etnológicas de Galicia en el Brasil Ulterior*, artigo em que estám presentes muitos dos elementos que dous anos após integrarám *A Galecidade na obra de Guimarães Rosa*, e cuja análise por isso omitimos. Prosseguia também a sua actividade sobre economia e pesca, e agora era a acçom política a que vinha somar-se a tanto empenho. Em 1976 e 1977 fará parte representando a Galiza da <Comisión Negociadora de

Oposición con el Gobierno Español>, umha das plataformas opositoras formadas na altura, e nesse último ano será eleito senador por Ponte-Vedra. Um ano mais tarde verá a luz em *Testimuñas e prespectivas de homenaxe ao Seminario de Estudos Galegos* (umha das tantas colaboraçons com Isaac Díaz Pardo) o seu trabalho *O modelo federal para a constitución do Estado Galego.*

IV. 1. *A Galecidade na obra de Guimarães Rosa.* Um convite e umha convocatória na lusofonia

Foi, como se vê, a sua constante reflexom sobre a Galiza como projecto de futuro, pretendendo nos seus escritos deixar constância dum entendimento global da questom galega, interrelacionando os diferentes campos em que considerava que o nosso País se jogava o seu futuro, umha das principais linhas de força do trabalho intelectual de Paz-Andrade. Aquela concepçom da cultura que referíamos páginas atrás como lugar e efeito da interpenetraçom das actividades humanas passadas e presentes, em permanente dinamismo e diálogo com a Tradiçom e o Presente conhece talvez na sua actividade crítica a mais acabada expressom. E é igualmente esse espaço de trabalho onde podemos atestar a consideraçom e o uso "pazandradinos" do mundo lusófono nom galego como património cultural próprio, contínuo conjunto de referências, território cultural por onde passeia o escritor apanhando os elementos que precisa ou deseja para incorporá-los como seus ao seu mundo. É assim como, ao nosso entender, pode (e deve) ser compreendido o seu interessante e pioneiro trabalho sobre a galecidade de Guimarães Rosa. O interesse pola obra do brasileiro, a quem nunca Valentin conheceu, vinha de longa data, polo menos desde os anos sessenta, como o próprio autor testemunha em *A evolución.* Ela, *A Galecidade*, é umha obra concebida desde a lusofonia que manifesta no seu modo e objectivos (eis ao nosso juízo um dos elementos de maior interesse) o modo e objectivos que sustentam a actividade lusófona de Paz-Andrade. E manifesta umha evidente homologia entre a sua posiçom no campo intelectual galego e lusófono e o modo da sua tomada de posiçom através do texto. Dito por outras palavras, o intelectual galego trabalha a obra de Guimarães Rosa como nutre e concebe a sua actividade intelectual a respeito do mundo lusófono. A sobrevivência da raiz galega nesse mundo (em concreto na de Guimarães Rosa) nom vai aparecer apenas como resto de primitiva unidade, nem pitoresca exotizaçom, mas como forma transmitida, viva e actuante da comunidade que hoje partilha o nosso idioma comum.

A Galecidade[23] traz, por mao de Valentin, contínuo mediador[23 bis], outra ilustre figura da intelectualidade brasileira à leitura galega; trata-se de Paulo Ronai, autor do prólogo, e amigo já de Paz-Andrade, com quem afirma ter visitado Vigo, Ponte Vedra, Baiona, Santiago[24]. Nele, Ronai sublinha a originalidade, mestria e fecundidade da obra do galego, num caso aliás tam polémico e difícil como o que enfrentava, a língua de Guimarães Rosa; ao mesmo tempo, o estudo de Paz-Andrade é um novo motivo de encontros e afinidades:

> "[...] O nosso autor soube encontrar um novo ángulo de abordagem, o da galeguidade de Rosa, que ninguém podia enfrentar melhor do que ele. Na leitura de *Grande Sertão: Veredas* e dos outros livros rosianos depararam-se-lhe inumeros elementos que evocaram irresistivelmente a Galicia: suas vozes, seus modos de falar e

de sentir, seus costumes, seus ritos e crenças, seus viventes e seus objetos. Encontro tão freqüentes e insistentes que o levaram a empreender uma ampla investigação, não já de influências, mas de identidades.

Nom de influências mas de identidades. Falar de influências seria presumir as distáncias, físicas, mentais culturais e sensitivas que a seta influente tem de percorrer. Falar de identidades é cousa diversa: é falar como anos antes figera Guilherme de Almeida ao introduzir a sua versom do *Pranto Matricial*; falar desde o mesmo ámbito, com distinto acento o mesmo instrumento. Esta classe de perspectivas som as alimentadas por Valentin no seu papel de mediador sendo esta umha das suas pricipais feiçons reflexivas sobre a lusofonia, como vimos.

A essa comunidade de pessoas em que Paz-Andrade medeia e a que contribui soma também a comunidade de assuntos e perspectivas, permitindo integrá-las no e como património comum. Assim o vê igualmente Paulo Ronai:

> O meio montanhês de Minhas Gerais, longe da costa, conservado em suas essências graças ao isolamento, onde se desenrolam as 'estorias' de Rosa, contadas com incrível riqueza de pormenores guardada pela memória infantil, assim como o esforço consciente do escritor para voltar as raízes da lingua procurando-as na fala dos simples e ingênuos, tornam essa ideia justificada e fecunda em resultados" (pp. 6-7).

O livro começa por umha exploraçom das origens e ontologia da Galiza, acompanhando a produçom fundamentalmente portuguesa e brasileira sobre o assunto; assim recorre a Joel Serrão (*Cronologia Geral*), António Sérgio (*Breve interpretação* e *Introdução Geográfico-Sociológica*), o *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* de Nunes, textos de Teófilo Braga (entre os quais o célebre "Da Galliza recibimos lingua, poesía e aristocracia" do estudo preliminar ao *Cancioneiro Portuguez da Vaticana*), que lhe era tam caro; cita igualmente Gilberto Freyre *Aventura e Rotina* e Euclides da Cunha: "Quanto ao facto aristocrático da nossa *gens* o português nos liga a vibrátil estrutura intelectual do celta..." (de *Os Sertões*). Com esta importante bagage vai aproximando-se do peso que o elemento galego deixou nos ramos futuros da cultura comum. Recorre entom ao Prof. Rodrigues Lapa e as suas *Lições* (p.16):

> "Polo que a lingua atingue, e a poesía -para o caso non disociables-, outro crítico luso, o prof. Rodrigues Lapa, tense adiantado a soster:
>
> «...as primeiras manifestações de arte trovadoresca, e ate os maiores trovadores, tirante D. Diniz, acusan o predominio do elemento galego sobre o elemento portugués»".

Com profunda e pertinente erudiçom, outros autores que se referiram ao assunto, em que pretende alicerçar o seu estudo, som convocados (p. 16):

> "De Portugal, como «nascido no século XII en un ángulo da Galiza», escrebe Herculano. Composto «con un retalho de Galiza», fala Oliveira Martíns. Da Galiza como... «prolongamento do Norte de Portugal", trata aínda Silva Teles»".

Cita também Damião Peres e Jaime Cortesão; e ainda *Armas y Triunfos de los Hijos de Galicia* do seiscentista Fray Felipe de la Gándara. A exegese histórica continua polos finais da Idade Média, falando da participaçom galega na empresa marítima portuguesa (pp. 17-18), o que justifica em sua opiniom as palavras do

primeiro Conde de Gondomar, don Diego Sarmiento de Acuña, em carta a Andrés de Prada, secretário de Filipe II:

> "Gallegos son toda la nobleza y conquistadores de Portugal, y los que no descienden de gallegos descienden de moros, porque en aquellass comarcas no había otras gentes, ni el Conde don Enrique, ni el Rey don Alfonso el I, su hijo, las llevaron de otras partes, más que de la parte entre Duero y Miño, que era Galicia".

O livro avança entre consideraçons da unidade lingüística galego-portuguesa apesar da separaçom do século XII ("a comunidade lingüística mantúvose. A invariante estructural se non cuartea e aínda agarda a súa era de apoxeo unívoco"), o entendimento de *Os Lusíadas* como "tan galego como português", polo seu léxico (20), e a expansom da língua com a descoberta do Brasil (20):

> "Ao mesmo tempo o idioma, xa de cheo desenvolvido na función oral e na escrita, e mantendo toda a súa unidade na estructura, afronta a fazaña da penetración frontal no conxunto multiracial indiano. É precisamente aquela senlleira esperencia, en tanto engloba unha transmisión da lingua a determiñado nivel, e d-outros elementos etnográficos, aínda sobreviventes, o que fixo posíbel no noso tempo o milagre literario de que foi protagonista João Guimarães Rosa".

Ainda dirá algumhas palavras sobre "Apelidos de linaxes medioevaes galegos tranferidos aos territorios descubertos por Portugal" (21-23). *A Galecidade* vai constituindo assim um sintético mas bem documentado percurso pola afinidade galego-luso-brasileira dos tempos passados até desagüar em Guimarães Rosa de quém, como do Brasil, fala com grande paixom e emoçom lírica visando sempre o laço galego-brasileiro:

> "A criatura viñera ao mundo no ano 1908. Certamente o 27 de San Joán. Cando non enfriaran de todo as cinzas das fogueiras que alí, como na Galiza, se acenden na vispra da festa",

dirá a páginas 31, para afundar na origem familiar "galaico-duriense" do biografado (32):

> "Os Guimarães veñen citados nos folios do 'Nobiliario de D. Pedro, Conde de Barcelos, hijo del Rei D. Dinis de Portugal [ref. o *Nobiliário*]. E tambén nas notas do Marqués de Motebelo, coa variante Guimarãens (sic), aínda hoxe perduradeira na Galiza [em Nota de rodapé: "O Pazo de Guimaraens ainda se conserva, habitado, nas terra da Ulla (Provincia de Pontevedra]".

Seguem-se depois muitas consideraçons sobre a obra de Guimarães Rosa; entre elas, as circunstáncias que propriciarom o seu prémio da Academia Brasileira em 1936, que o dera a conhecer, estimando Valentin que valeu a Guimarães Rosa que naquele ano fosse nomeado ponente do júri Guilherme de Almeida, "novo aínda, mais xa sonado poeta, apóstolo lírico da Revolución Constitucionalista, e a quen eu tuvera a fortuna de conocer en Vigo, pol-a primaveira do 1933". Isto permite ao que fora director de *Galicia* fazer um excurso esclarecedor sobre essa personalidade, cujos leitores conheciam já de *Sementeira de Vento* e o *Pranto Matricial*, onde Valentin inseria uns apontamentos biográficos sobre ele (pp. 44-5):

"Chegara no mesmo ano a Lisboa, como eixiliado político, na resaca d-aquela revolta armada, que estalóu en São Paulo e foi sofocada por Getulio Vargas.

Catorce anos despóis do 36, debéuse producir o meu primeiro reencontro en São Paulo con Guillerme de Almeida. Era o 1950, ano de malfado para Galiza. Nos seus primeiros días morrera en Buenos Aires Alfonso R. Castelao, a quen o máis galego dos poetas do Brasil, da miña mao levado desde Vigo, conocera dezasete anos antes en Pontevedra.

Eu non descobrira aínda a Guimarães Rosa. Tampouco o descobrín n-aquel reencontro co verdadeiro descobridor. Penso hoxe que foi por interposición na lembranza da grande figura espiritual, por un e por outro amada, que os galegos acababamos de perder".

E já, deixando atrás "a saga do romancista", ingressa Valentin na "Galecidade da língua" e na "transmisión mítico-oral" da sempre complexa obra de Guimarães Rosa. Aí coloca como luz de guia/paratexto as seguintes palavras de *Ave Palavra*: "Toda lingua son rastros de vello misterio" (p. 83). E aí também aparece a autêntica motivaçom e sentido da obra: a que tem a ver com o futuro e dimensom externa (é o termo de Paz-Andrade) da língua comum (p. 84):

"Por un fado tan alleo ao pensamento canto a vontade de GR —mais non a súa persoal eisixencia de autenticidade e selectividade, a súa maieútica—, a materia de Galiza resultóu subsumida na obra. De Galiza como unidade orixinaria de unha cultura. Non somentes chamada a perdurar. Chamada tambén a se transfundir na órbita de outros povos con máis benevolentes fados da súa evolución histórica.

Foi de abondo a teimosía rosiana de recurrencia as fontes, para aquele resultado sincrético poder coallar como n-un prodixio. Elementos galegos que perderan vixencia no portugués, maormente no literario, ou que dentro da mesma área da comunidade lingüística viñeran a menos, se non ficaban esmorecidos, recobran a súa plenitude ou a súa pristinidade na obra rosiana. Reagroman nos tecidos do idioma con insospeitados valores expresivos, con beleza reconquerida".

Todo longe de qualquer passadismo, de qualquer tendência arcaizante, fácil tentaçom, sem dúvida. É digna de notar a coerência de Paz-Andrade ao reparar nestes elementos como activo lingüístico e património comum. A recolha do que é genuíno porque vivo, nom como elemento arqueológico ressuscitado, mas como projecçom estética e comunicativa. As mesmas palavras de Valentin farám ociosa a recorrência aos princípios que animam o seu pensamento (fecundidade, dinamismo, vida, revaluaçom) sobre cultura e mundo lusofono a que nos temos referido. Di na continuaçom, ao falar de "O Sertão aniñador da língua" (p. 91):

"Como seiva fecunda d-aquel esquecido mundo, había aínda outro elemento dinámico. Había... *outra forma de linguaxe*. Ou si se quere a mesma lingua funcionando a outro *nivel*. Había a *lingua do sertão*. Aquel manancial de formas verbaes que fixeran seu niño na boca dos sertanexos con psicoloxía de mineiros[25]. Formas nin novas nin vellas. Sinxelamente vivas. Con vida no tempo paralela e a que mantiñan na lonxicua terra que fora seu berce. E da que aínda poderían recibir unha nova revaluación, cal moedas reacuñadas de beleza expresioal.

O propio autor é quen tal segredo nos descobre. Un segredo para moitos transparente desde o primeiro libro, máis totalmente revelado nos outros que foran a clave da súa gloria:

"Os sertanexos de Minas Gerais, *isolados entre as montanas*, no imo de un

Estado Central, conservador por excelencia, *mantiveran cuasi intacto* un idioma *clássico-arcaico, que foi o meu da infancia, e que me seduz.* Tomandoo por base, *de certo modo instintivamente*, tendo a desenvolver as súas tendencias evolutivas, aínda embrionarias, como caminhos que uso"[26].

E entom, a reiteraçom, agora na prática da sua formulaçom teórica, das suas ideias-força; parece-nos que merece a pena esta citaçom a propósito agora da obra de Guimarães Rosa, de admirável coerência, coesom e homologia com as páginas de *Galicia como tarea*, *A evolución transcontinental* ou ainda *Sementeira de Vento*:

"Non tan embrionarias como semellan. No *sertão* non aflorou o manancial das palabras, nin cecáis o xeito de as falar. En xeral, non as aportóu *ex novo*. Recibéunas por transculturación da terra onde viñeron ao mundo, trasegadas por un terceiro povo, que foi o conquistador ultramariño portugués. Da vella entrana da latinidade, refundindo na súa os materiaes recebidos, a Galiza foi o pobo-fonte para Portugal. Para Brasil foi Portugal o pobo-fonte. Compre engadir que, nas maos d-un taumaturgo da lingua, os elementos asimilados do seu entorno vivencial, non obran sempre como no falar da xente. Pódense tornar de feitío distinto, a traveso do talento do artista, que sempre como artista se comporta.

[...]

É lóxico que nas formas sintácticas, a lei do orixe se teña modificado, en maor medida que nas transferencias vocabulares. De calquera xeito, non se pode por en dúbida que onde primeiro e amormente a forza expresional se acugula é na estructura das palabras[27]".

Outras consideraçons deste teor vai tecendo Paz-Andrade ao falar do "transvertimento da fala", e da riqueza, "mais que da pureza", idiomática -é realmente notável a precisom com que o autor quer expressar-se -, que as terras do interior do Brasil e a Galiza suponhem como "canteiras en reserva" para o mundo lusófono ("ficaron ao marxe da recepción de moitos elementos foráneos, hoxe soldados a estructura do portugués"); aquela riqueza, adianta, " da cal, ao cabo dos séculos, o mineiro xenial, viría a obter os achádegos estilísticos máis deslumeantes da literatura dos tres países." (pp. 102-103).

Estas opinions adiantam umha perspectiva sobre a lusofonia a que já figemos referência e que aparece como conseqüência do pensamento reintegracionista de Valentin: a de que, falando desde a lusofonia, todos os materiais culturais com que esse mundo é construído constituem o seu património, como galego; e isso sem hierarquia de nengumha classe. Comentando que "despóis de *Saragana*, foi cando a lingua de Rosa acada o climax estético (...)", anota:

"(...) Mais si n-esto concordamos, implícitamente déixase fora de xogo calquera reparo encol da prioridade das fontes. Non ten dereito o artista para escoller a vontade os materiaes que mellor calidade poidan fornecer a súa manufactura? Moito máis partindo d-unha lingua que aínda se fala hoxe no grande sertao, como se fala na Galiza" (pp. 104).

No capítulo seguinte "O manancial que trasega" procederá ao estudo comparativo de todo o tipo de manifestaçons de cultura que aparecem na obra do autor brasileiro, e que aqui nom trataremos. Será aí onde apareça também e com maior clareza essa sua visom sobre o património cultural comum; e nom só património sincrónico, mas diacrónico. Referia B. Croce que toda a história é história con-

temporánea; podemos aplicar essa ideia à perspectiva de Valentin da cultura lusófona: toda a língua, todo o material de cultura, de onte e hoje, é também contemporánea, património activo do utente lusófono. O capítulo é iniciado com este significativo paratexto do escritor luso e 'regionalista' Aquilino Ribeiro:

> "Un renascimento literario ten de volver as origens, aos clásicos, ao povo, e o primeiro passo -e unha cuestión apenas de vontade- dou-o eu aquí" (prólogo a *Terras do Demo*, Bertrand, Lisboa, 1963).

Atente-se agora nos seguintes comentários:

> "Máis de un, entre a morea de escoliastas da obra, atribue a Guimarães Rosa o inicio de un "proceso de arcaización" da lingua. Abálame a sospeita de que se pudera tratar d-unha diagnosis encobridora de algún erro de perspectiva. A que, de certo, pode non ser a mesma, se o anteollo se manexa desde Portugal ou do Brasil litoral, que si para o enfoque tomamos outros miradouros, o propio sertão ou a Galiza" (p. 107).
>
> "Os valores estéticos han de aproveitarse onde se atopen, aínda que viñeran en grea de séculos desfollándose sin froito nas ponlas marxinadas do mesmo arbore linguístico" (p. 109).

Isto dito num contexto em que alguns impugnavam a obra de Guimarães Rosa como arcaizante, tirando de aí conotaçons negativas, embora outros, como Guilhermino César[28] viram na prosa do criador de *Saragana* a *fonte galega* e ainda um *saudosismo incurável*. Porque a obra é precisamente umha reivindicaçom da lusofonia de Guimarães Rosa feita por um galego desde a Galiza frente aos ataques de arcaísmo que sofria (cf. p. 190).

Com evidência, pois, o intelectual pluridimensional que Valentin Paz-Andrade era no Sistema intercultural galego-luso-afro-brasileiro. Um sistema de que é nom só legítimo como enriquecedor o exercício das transferências[29] dos seus vastos e diversos domínios, tanto da Tradiçom como da Modernidade. Em *A Galecidade*, que, como prova do antedito, acabaria sendo adaptado à norma brasileira para a sua circulaçom no Brasil (prática também comum, e em nossa opiniom infelizmente, aos livros em norma portuguesa e brasileira a funcionarem no outro espaço), Paz-Andrade estabelece um diálogo na lusofonia para precisamente reivindicá-la; e, nela, assinalar os contributos galegos à regeneraçom e reintegracionismo do idioma no léxico, na fraseologia, no mito (e aqui citará mais umha vez Pessoa: "O Mito é o nada e o tudo / O mesmo sol que abres os Céus/ é um mito brilhante e mudo"), procedendo a umha continuada comparaçom e equivalência com a realidade galega e a sua produçom cultural (costumes, festas, Castelao, Pondal, etc.) para mostrá-lo.

A Galecidade é, mui fundamentalmente, e assim funcionou na Galiza[30] e no grande País americano, umha reivindicaçom reintegracionista dum autor brasileiro, dum dos considerados maiores autores da História do Brasil, feita por um galego, o que pode resultar curioso na Galiza para estes tempos de indigência a respeito do mundo lusófono.

Se livros como *Galicia como tarea*, *A Evolución* ou *La Marginación* manifestam um carácter programático e projectivo, em tempos de ditadura, *A Galecidade* funciona como um convite e umha prática para a recuperaçom, e isso tanto na sua dimen-

som interna como, trateremo-lo a seguir, na sua dimensom externa. E repare-se que os dous grandes livros que Paz-Andrade em que deu atençom exclusiva a obras de personalidades históricas som este e *Castelao na Luz e na sombra*, os dous da mesma época; e os dous sobre personagens-símbolo para muitos dos seus concidadaos.

A Galecidade é, talvez, o livro de maior internacional de Valentin, suscitando novos encontros na lusofonia.

Para além da sua concreta intervençom no panorama cultural brasileiro, incorporando-se como bibliografia obrigada sobre Guimarães Rosa e como iluminador de transferências e presenças entre ambos os sistemas culturais, o galego e o brasileiro, merece a pena pôr em destaque o eco e a impressom que provocou nalguns intelectuais de Além Mar. Ademais da já assinalada de Ronai, queremos aqui exemplificar com dous testemunhos igualmente reveladores... e solares!, como polo seus nomes se verá: os de Hélio Jaguaribe e de Hélio Dutra Domínguez. Eles, por sua vez, prolongarom, com a sua admiraçom e difusom da obra de Valentin, aquel seu labor mediador.

O interesse de Hélio Jaguaribe conhecemo-lo através de Osorio-Tafall[31], como Paz-Andrade, home vinculado às actividades da FAO por Latino-América. "Fue precisamente en el CEESTEM[32]", narra a testemunha, "en donde con ocasión de la visita a este Centro del polígrafo brasileño Helio Jaguaribe" este,

> "Impresionado por "un libro del escritor gallego Valentín Paz Andrade y titulado *A Galecidade na obra de Guimaraes R*osa"me preguntó si conocía al autor. Mi buen amigo Helio era a la sazón Director del Instituto de Sociologia de la Universidad de Río de Janeiro, se mostró asombrado por la erudición de Valentín al tratar un tema de gran interés para la cultura del Brasil. En varias oportunidades, tales como entrevistas de prensa y conferencias, Jaguaribe no escatimó sus elogios a esta obra magnífica de Valentín Paz Andrade que había sido escrupulosamente editada en gallego por el gran amigo que es Isaac Díaz Pardo" (19-20).

Diga-se que nom era pouca a consideraçom que o intelectual brasileiro tinha dentro e fora do Brasil. Jaguaribe, nascido em 1923, fundara aos trinta anos o Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política e três anos mais tarde o Superior de Estudos Brasileiros, e os seus escritos sobre economia, política e sociedade eram largamente apreciados e seguidos; umha autoridade pois no assunto por que Valentin enveredara.

O outro testemunho é já directo, pois aparece nas páginas de *Grial* (248-250), no n.º 64 de Abril-Junho de 1979. Trata-se dumha "Carta sobre «A Galecidade na obra de Guimarães Rosa»" escrita polo intelectual brasileiro-cubano Hélio Dutra Domínguez. Mais mediaçom e difusom: aqui conhecemos igualmente o intermediário: Neira Vilas, como o mesmo Dutra afirma já no início; e novos nomes e ideias aparecem: da carta depreende-se que Dutra envia para Paz-Andrade umha entrevista com Antônio Houaiss, importante académico brasileiro, "sobre problemas do idioma português no Brasil e em Portugal". A carta, que mostra como por exemplo a Cuba chegou *La Marginación* (e nom *A evolución*, que nom é citada[33]). Na carta, emocionado testemunho, vê-se o alcance que as reflexons de Paz-Andrade atingiram no mundo da lusofonia e as con-

seqüências práticas que daí se derivavam. Damo-la íntegra em nota[34] (impossível aqui analisá-la) por constituir um muito interessante documento para as perspectivas que a obra de Valentin abria e de como a sua concepçom cultural encontrava cada vez mais ecos activos no domínio lusófono extra-galego; era a dimensom externa que esperava este Valentin, aliás, de já oitenta anos e carente de organizaçom que o valesse...

V. MAIS UMHA PRODUÇOM LITERÁRIA E MAIS UMHA HOMOLOGIA DE REPERTÓRIOS COM A PRODUÇOM INTELECTUAL: *CEN CHAVES DE SOMBRA*

Cen chaves de sombra[35], outro título, polo já visto, de inequívoca feiçom valentiniana é o nome do seu segundo e último poemário. Liga-se perfeitamente com assuntos poéticos daquela *Sementeira de Vento* de onze anos atrás. De novo o mar, e mais outra vez a língua sobre esse mar como abraço continuadamente procurado. A lusofonia abre-se como património próprio do poeta, que recupera os vanguardistas lusófonos para introduzir os seus versos, ao lado de Joyce, Neruda ou César Vallejo, a quem sem dúvida propendeu também por razons culturais e afectivas: o mundo irlandês e o hispanoamericano. E assim, a "Romanceira de Casteligo" é aberta com texto do brasileiro Carlos Drumond de Andrade: "A soma da vida e nula./ Mas a vida ten tal poder: / na escuridão absoluta/ como líquido circula"; e "Agora eres canzón", dedicado a Otero Pedrayo morto, nasce com os versos do outro grande modernista da lusofonia, agora o português Fernando Pessoa, transferido aqui, é claro, antes da sua glorificaçom: "A lembrada canção/ amor, renova agora/ na noite, ollos fechados, tua voz".

Som estas igualmente provas do carácter moderno, dinámico que Valentin imprimia também na sua criaçom literária, e que Lorenzo Varela, autor do prólogo do livro ilustrado por Seoane (mais umha outra prova do que indicávamos), nom deixará de notar.

Merece ao nosso juizo algumha audiência aqui esse "Limiar", polo que tem de revelador dum pensamento e dumha orientaçom cultural que foi calhando noutras mentes:

> "Houbo un tempo no que ainda era noviño, cásique adolescente, que lle din. E nise tempo non soio eu sinon que moitos outro tivémonos que dar conta de que o pazo ias camelias asoballantes, a leira ia xugada coa sua enxebre e merdenta vaca loira non findaban de darlle xeito ó pais. Pra entón, o país xa era Galicia, que naqueles tempos chamabamoslle Galiza, como saben os lectores de Castelao. E tamén naquel tempo soupen que tal como se debe conquerir a cultura, pois non abonda según Malraux, con herdala, asin hai que conquerir a Matria, e, ainda máis, a Patria.
>
> I entón xurdíu unha xeneración de galegos rexidores: a máis de Castelao, Bóveda, Otero Pedrayo... Tinha poucos anos menos Valentín Paz Andrade, mais pra nós xa era un guieiro da xornada a facer" (p. 8).

Mais adiante, referido à sua poética, delimita Varela todo um quadro referencial cujas origens, dimensons e homologias[36] com outros ámbitos da actividade já conhecemos:

"Hoxe, quero decir agora, nestas páxinas suas, o que importa é a sua calidade de poeta. Eu non seu si lle gustará a Paz-Andrade cando vexa estas liñas, o que vou a decir. Penso que il ten -xa quixera telo eu-, un fíu da brétema milagreira que o leva de xionllos o pé da pedra dos máis lonxanos devanceiros, perto dos druidas. Na lingoa da cátedra, se diría que polo tanto entronca coa relembrada poesía bárdica. Na liña de Pondal, inda que pareza, no comenzo, está pousándose no vieiro de Curros. Ou dos portugueses que tanto ama (portugueses ou brasileiros, que prá nós, cos debidos respetos, é o mismo).

[...]

O seu galego é un idioma con arrepíos, con frouseiras que o levan a barlovento, escorado, no lombo do mar céltico, a sotavento, no peito do mar que se dispara camiño dos mundos" (p. 10).

Quadro referencial e vivencial, que rebenta a cada lado como querendo sublinhar agora na palavra poética essa experiência intensa do mundo que conheceu e desfrutou. Sob o título de "Ora na Hora", proclama na "Contraofenda a Sant Yago" (pp. 34 ss.), que assina na capital galega em 1976:

"O árbore da lingua, árbore augusto,
cubrir ben pudo catro continentes,
pra ter no seu leito de Procusto
e vivir d-unha fé para creentes".

VI. FINAL: *GALIZA LAVRA A SUA IMAGEN* E VALENTIN A DA GALIZA

Nesse ano da publicaçom de *Cen Chaves de Sombra* Valentin fazia oitenta anos. Inegavelmente, foram oitenta anos de vida agitada, persoal, política, socialmente. Podia recontar múltiplas e mui variadas actividades e experiências: soldado, jornalista, político, advogado, empresário, ensaista, poeta, economista, viajante..., com várias vezes a vida em risco. No entanto, ainda havia dar obras de fôlego, numha força e ánimo realmente admiráveis, se se nos permitir o apontamento, manifestando nos seus assuntos algumhas das suas vocaçons (e, em parte, advocaçons) mais prezadas[36 bis]. Entre elas merecem especial destaque a sua biografia de Castelao, *Castelao na luz e na sombra* (A Corunha, O Castro, 1982), o *Estudio Preliminar* à reediçom em facsímile de *Ensayo de una historia de peces y otras producciones marinas de Galicia*, do ilustrado José Cornide[37], e *Galiza lavra a sua imagen*, a que agora nos havemos de referir polo que ao objecto do nosso estudo interessa.

A obra apresenta-se em duas maneiras complementares à leitura: para quem conhecia na altura a sua produçom anterior, esse livro era sobretudo a síntese e a prática do seu pensamento; para quem nom estava nessa disposiçom, *Galiza lavra a sua imagen* aparece como um conjunto heterogéneo de textos sobre diversos assuntos unidos polo conceito que dá título ao livro: diferentes elementos, pessoas, ideias da Galiza actual e passada vinculados por darem, ou terem-no tentado, umha imagem da Galiza progressiva, moderna, genuína, inovadora, auto-identificada e auto-centrada com vocaçom universalista. Esse é o perfil, com diferentes acentos, da colectánea de textos ali reunidos.

E assim é para o nosso assunto. *Galiza lavra a sua imagen* está transido das, e sustentado nas, referências culturais, de todo o tipo, galego-luso-brasileiras, desde o paratexto de abertura (p.7):

"A alma modela a face como o sono do antigo oleiro modela o vaso fino"

(tomado de *A Correspondência de Fradique Mendes* de Eça de Queirós, e que sintetiza extraordinariamente o pensamento de Valentin que aqui vimos expondo, mesmo na autoria seleccionada) até recuperaçons de passadas atençons, como o caso de Cornide ("O Delfín Galego da Ilustración", pp. 133-153) a quem classifica como o "Precursor do lusitanismo" galego.

Outros aspectos salientam. O mais evidente é a adopçom dumha grafia mais próxima das normas portuguesa e brasileira. Certamente, na sua escrita vinha Paz-Andrade utilizando, nos vários domínios da língua (desde a forma 'Galiza') mas sobretodo no léxico, muitas formas de uso escasso nas épocas em que escrevia nos seus coevos galegos e propugnando, como vimos sobejamente, a reintegraçom progressiva do galego nas normas referidas. A proposta fica reafirmada em *Galiza lavra a sua imagen* com essa transferência da área luso-brasileira, passo que, aliás, lhe provocaria mais de um dissabor; observe-se que era a altura, 1985, momento de forte controvérsia e violência, sobretodo simbólica[38] no campo literário, intelectual e do ensino, em que a tendência contrária às ideias de Valentin vingara oficialmente; e momento também em que deveu parecer-lhe a altura de acompanhar a orientaçom que defendia, "o intre" em que devia "ser exercida", tomando a posiçom que mais de quinze anos atrás sustentara[39] diante dum novo estado do campo intelectual e do poder[40].

Paz-Andrade atende aqui a muitos aspectos que julga identitários da cultura galega. À par, vai sendo utilizada para defini-los toda umha ampla gamma de materiais e imaginística, de repertório enfim do património lusófono. Ao tratar da "semiótica da paisagen" elabora um discurso lírico sobre as diferenças de sensibilidade entre Castela e a Galiza, simbolizados em dous pássaros, o melro e a cegonha; aí, os seus exemplos literários procedem de Guerra Junqueiro e de Gonçalves Dias. Páginas adiante trata o tema do humorismo como peculiaridade galaica, que qualifica de "indefinível" e onde fai desfilar Camilo e Eça. Ao, mais umha vez, debruçar-se sobre o futuro da língua galego-portuguesa assomam as conhecidas referências. *Galiza lavra a sua imagen* constitui assim a ideia da Galiza que o mesmo Valentin quijo contribuir a lavrar. A dumha Galiza colocada no mundo porque colocada no ámbito galego-luso-afro-brasileiro, sistema intercultural das diferentes comunidades de língua comum.

Camões, Eça, Ramos Rosa, Guerra Junqueiro, Olavo Bilac, Guilherme de Almeida, Ângelo César, Pessoa, Drumond de Andrade, com Rosalia, Pondal, Castelao, Seoane, etc. formam a sua particular "Santa Companha" literária, como P. Ronai, Gilberto Freire, Lapa, T. Braga, Oliveira Martins, Guilhermino César, António Sérgio, J.J. Nunes, Euclides da Cunha, Damião Peres, Jaime Cortesão... a intelectual, património do sistema intercultural que quer igualmente comum, constituído polas duas naçons europeias, as africanas e o grande Brasil transcontinental. Percebe-se bem isto em todas as suas obras programáticas ou reflexivas, como

também nas literárias já analisadas, com um pendor que, iniciático e tópico nos primeiros anos, vai, a partir da década de cinqüenta (em que parece determinante o seu conhecimento do Brasil) firmando-se como central e original; e percebe-se bem em artigos breves, obras talvez menores quanto ao seu peso no campo intelectual, mas muito reveladoras da quotidianeidade e naturalidade com que Valentin usa aquele património para o seu trabalho intelectual. Assim, em "O cincel de Faílde", a falar do escultor, as referências comparativas som as dum galego e dum brasileiro, inserindo-o assim no imaginário do sistema intecultural (*Galicia Emigrante*, n.º 15, Novembro de 1955, p. 7):

> "Conociéndole un poco, nadie dudará de que su arte nació con él. Como nació con Laxeiro, otro gran artista gallego de esta hora, su pintura. O con Antino Francisco Lisboa, o Aleixandinho, su arquitectura y su escultura barroco-brasileiras" (*GE*, n.º 15, 1955)

E assim também em (e citamos palavras de Filgueira Valverde[41], p.30): "un belido ensaio, «A lingua que en nos nasceu» codifica criterios e aspiracións"; em "El área espacial de la lengua gallega" (1966) exalta a comunidade co português e o brasileño, tal que a recensión do "Diccionario galego-português" de Williams de Melo, inserta en "Grial". E falando da literatura espanhola marcada por dous humoristas galegos, "os mais grandes cecais que despóis de Cervantes e Quevedo tivo: Julio Camba e Wenceslao Fernández Flórez", afirma (p.3-4):

> "Os dous, o mesmo que Castelao, inxenios da faixa atlántica, como fora Eça de Queiroz, e como Castelao era [...]
>
> O pendor do humorismo foi estudado como cualidade do esprito de certos pobos. Máis de unha vez tense falado de humorismo atlántico. E citando a Eça de Queiroz por Portugal, Chesterton, Shaw, Joyce... por Irlanda, parte de outros conspicuos cultivadores. Semella claro de abondo que na mesma afiliación terían de ser aforados os humoristas galegos da xeneración de Castelao, aínda que algúns escribiran en castelán"[42].

VII. FINAL

Nom nos parece que as palavras aqui analisadas de Valentin devam ser atendidas superficialmente, procurando puerilmente a sua coincidência ou divergência com os nossos postulados. Mais, além disso, é desejável, se dela se quer beneficiar, nutrir-se das sólidas reflexons de Valentin, e desfrutar dumha obra certamente original. Muitas das suas valorizaçons deveriam ser afixadas nas portas da catedral da cultura galega, como Lutero afixou as suas na igreja do castelo de Wittenberg.

A obra de Valentin coloca-nos no mundo e situa-nos no mundo lusófono. Repare-se que é o primeiro teórico reintegracionista sólido do após-guerra na Galiza, e sendo-o, parece-me um dos mais modernos. Em minha opiniom, parte dessa modernidade bebe também na fonte da sua experiência política e económica, e da pessoal descobrindo reclamando atençom para o Brasil emergente. Concebendo (e praticando) o mundo lusófono como espaço humano e cultural próprio, exerceu igualmente umha magnífica tarefa de mediador (nom só desfrutou das

transferências, transmitiu-nas), talvez a mais peremptória, assim como recuperador da memória e impulsador da modernidade. A isso tampouco deveu ser alheia a sua solidíssima formaçom intelectual, que mesmo o leva a impugnar Freire[43] ou Levi-Strauss, onde nom parece haver muito espaço à preguiça, outro dos males do tempo. E que o conduziu a perspectiva a acçom cultural desejada do ser humano em contínuo dinamismo e diálogo, em constante renovaçom das fontes, cuja genuinidade nom deve esquecer-se para ser. E todo isso, num pensamento ele também nada estático, progressivo e respondendo aos estados da sociedade, dos diferentes campos de intervençom; programático e respondedor; nom imobilizado e inábil.

Resulta pois evidente que a biografia de Valentin é urgente para contribuir a conhecer, digamo-lo brutalmente, o galeguismo do século XX. Nom foi possível aqui acompanhar as diferentes posiçons que este *outsider* (conceda-se-nos o expressivo anglicismo), fora das doutrinas dominantes e oficiais de muitas das épocas vividas, foi ocupando. A sua obra pode parecer agora inovadora a muitos, mas é preciso indicar que ela foi vezes sem fio ignorada. A isso contribuiu talvez o estigma da sua ruptura com Castelao aceitando ir nas listas de Portela Valladares para conseguir mais um deputado galeguista nas Cortes Republicanas que debateriam o Estatuto Galego[44] e o seu posicionamento político nos anos setenta, o mesmo curiosamente que na actualidade é ocupado por muitos detractores ou indiferentes. A mim nom me ensinarom a apreciar a sua obra, nem fum capaz de fazê-lo até passado bastante tempo. Hoje reparo, nom a ele mas a mim, essa injustiça.

REFERÊNCIAS METODOLÓGICAS CITADAS

Bassel, Naftoli. "National Literature and Interliterary System", *Poetics Today*, 12 (4):773-780, 1991

Bourdieu, Pierre. "Le champ littéraire", *Actes de la Recherche* , nº 89, Setembro: 4-46, 1991.

. *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action*, Éditions du Seuil, Paris, 1994.

Chernov, I. "National Literature. Theoretical Marginalia", *Poetics Today*, 12 (4): 769-772, 1991

Even-Zohar, I. "Polysystem Theory", *Poetics Today* 11 (1): 27-96 1990

González Millán. "A configuración historiográfica dunha literatura marxinal", *Actas do I Congreso Internacional da Cultura Galega*, Santiago, Xunta de Galicia, 1992.

Lambert, J. "Les relations littéraires internationales como problème de reception", *Oeuvres et Critiques*, 11(2):173-189, 1986.

NOTAS

(1) Este texto foi oferecido em síntese na conferência pronunciada polo autor em Maio de 1997 em Vigo, com motivo dos Actos organizados pola AGAL em homenagem a Valentin Paz-Andrade.

Del também forom retiradas muitas valorizaçons e referências (epistolares; jornalísticas, entrevistas, etc.) de Valentin e doutros por falta de espaço, que aparecerám em livro sobre o mesmo assunto, e que darám melhor ideia, esperamos, do estado do campo intelectual galeguista nas diferentes épocas e das sucessivas posiçons e tomadas de posiçom de Paz-Andrade no mesmo. A pessoa interessada pode encontrar no livro *Valentín Paz-Andrade. Epistolario* (ed. de Portela Yáñez e Díaz Pardo), Ediciós do Castro, Sada, 1997) umha abundante e exaustiva bibliografia. A mesma selecçom de cartas aí feita dará maior luz a bastantes dos aspectos aqui comentados.

(2) Para as consideraçons sobre a "escrita de biografias" assentamos nas ideias de Pierre Bourdieu em *Raisons pratiques* (particularmente os três primeiros capítulos)

(3) Tempo depois entraria nas Irmandades da Fala; testemunha-o por exemplo Ramón Piñeiro, na p. 89 do seu "Presencia de Valentin Paz Andrade no Galeguismo", in *Homenaje a Valentín Paz Andrade*, Academia Gallega de Ciencias, Diputación Provincial de Pontevedra, 1991, pp. 89-95:

"O primeiro encontro de Paz Andrade co galeguismo organizado aconteceu na II Asamblea das Irmandades da Fala, que se celebrou en Compostela os días 7, 8 e 9 de novembro de 1919, na que estiveron presentes bastantes rapaces universitarios, Castelao, tamén presente na asamblea, foi o encarregado de organizar un mitin público no que deberían participar dous estudiantes e, con ese motivo, dirixiuse a Valentín para que fose un dos participantes. Foi así como xurdíu entre eles unha relación personal que axiña se transformaría na amistade fraterna que había de durar toda a vida".

(4) Este artigo será também objecto de referência no número 34 de *La Gaceta Literaria* de Giménez Caballero (projecto literário de encontro peninsular que muitos galeguistas virom com bons olhos, antes da viragem ideológica deste), através da sua publicaçom em *El Sol*. É de salientar que Valentin Paz-Andrade era colaborador de *La Gaceta*, onde contribuía a vulgarizar a cultura galega no ámbito peninsular.

(5) Salvo lapso, todos os textos som transcritos fielmente, para assim evitarmos o contínuo *sic*. É conhecida a multiplicidade de formas das várias normas galegas, mas deve indicar-se que a transcriçom feita de textos em norma brasileira e portuguesa nos livros de Paz-Andrade nom foi, em geral, muito feliz.

(6) Utilizamos este conceito sobre a base dos trabalhos sobre o assunto de Pierre Bourdieu, algum dos quais citamos na Bibliografia. Tomamo-los quase só como apontamento e intençom, porque nom podemos obviamente aqui nem expor a teoria nem mesmo realizar umha análise da obra de Valentin Paz-Andrade desse ponto de vista com mínimo rigor.

(7) Forom discursos como este e actividades em defesa da língua e identidade nacionais as que íam merecendo a admiraçom dos nacionalistas mas a crítica dura do regionalismo espanholista. No nº 489 de *Vida Gallega,* nos finais de 1931, em pleno debate sobre a cooficialidade do galego e as eleiçons a Cortes da República pode ler-se umha dura crítica aos candidatos galeguistas, pronunciando-se a revista de Jaime Solá a favor da oficialidade do espanhol, em comunicado que assina, entre outros, Montero Díaz, e censurando-se noutro artigo os candidatos Castelao, Cabanillas e Paz Andrade a normalizaçom lingüística que proponhem e o caminho separatista que, a seu juízo, estám tomando.

(8) O título era já revelador: "A suxestión do mando", *A Fouce*, nº 29 de 1 de Março de 1931.

(8 bis) O trabalho autonomista de Paz-Andrade cedo tem eco em Portugal. No *Primeiro de Janeiro*, por exemplo, publica o emblemático Primeiro de Dezembro de 1931 o artigo «A demanda autonomista de Galicia», acompanhada dum debuxo de Castelao.

(9) *A Fouce*, nº 44, 17 Janeiro de 1932.

(9 bis) Fernández Freixanes, Víctor, «Valentín Paz-Andrade, crónica dun xornal», in Unha ducia de galegos, Galaxia, Vigo, 1976.

(10) Certamente *Galicia* foi umha experiência singular; encerrado o 15 Setembro de 1926, tras resistir nom poucos ataques, ameaças, censuras e encerramentos da Ditadura, o jornal vendia, como lembra X.-X. S.C. (Xoán Xosé Santamaría Conde in *Enciclopedia Gallega*, vol 24, p. 90,Silverio Cañada, editor) 12.000 exemplares, só superado polos 15.000 do *Faro* e *La Voz*. "Frente a *El Pueblo Gallego* de Portela Valladares y el *Faro de Vigo*, los dos importantes vigueses, surge *Galicia* como alternativa liberal y democrática desarrollada muy activamente a pesar de su corta vida", refere X-X- S-C.

(11) Transcrevem-se na continuaçom duas cartas a Teixeira de Pascoaes do redactor-chefe de *Galicia*, Blanco Torres, sempre com o timbre do jornal:

"Vigo, 17-Agosto. 1924

Meu ademirado poeta e ilustre amigo:

Pol-o noso gran ??namorador Paco Luis Bernárdez foime entregado, como un presente honrosísimo, o seu retrato que gardarei cal unha xoya preciosísima. Ningunha cousa podería envanecerme tanto como ter entr'as miñas reliquias mellores a vera efixie do mais grande poeta do Portugal irmán a quen tanto ademiro.

Reciba o mais fondo agradecimento e a eispresión da miña amistade e veneración Roberto Blanco Torres"

"Vigo, 17 de Xulio de 1925:

Meu querido e ademirado amigo: O próisimo día 25 publicará Galicia unha edición eistraordinaria conmemorando a data da súa saída e o "dia de Galicia". Queremos que n-este número se reúnan nomes ilustres i-escrarecidos. ? Quere V. facernos o regalo d-unhas liñas súas? FIcaríamos-lle muito obrigados.

Saúdao con gran afeuto e repútase seu cordialmente RBT".

(12) Ediciones Galicia, Centro Gallego de Buenos Aires, 1959. O livro publica-se em Buenos Aires, entre outras razons, porque há ali umha editora disposta a isso, com a que Valentin entrara em contacto directamente já anos antes, aquando a sua estadia por terras sulamericanas.

(13) Castelao, "Proyecto de Constitución", 18 de Setembro de 1931:

"Pero aun hay más: con la dignificación de nuestra Lengua logramos quizá o nos acercamos a realizar el gran hecho histórico: la compenetración ibérica que todos anhelamos; porque tengo que recordaros, Sres. Diputados, que el galaico portugués es hablado por unos 40 millones de personas.

(...) es preciso decir que es el último lazo que une a España con Portugal. Se habla muchas veces de una Confederación ibérica como bella ilusión; pero es preciso deciros que no hay más que una puerta por donde España pueda comunicar con Portugal". In *Discursos Parlamentarios*, O Castro, A Corunha; ed. de X. L. García.

(14) Entendemos o conceito de sistema intercultural a partir da noçom de sistema interliterário de Naftoli Bassel (áreas internacionais que partilham espaços lingüísticos, étnicos ou políticos comuns, cujos elementos neles se revêm), sustentado por sua vez no de polissistema no sentido que Even-Zohar o utiliza (vid. Bibliografia): rede de produtores, consumidores, produtos, instituiçons, mercados, repertórios que configuram a vida literária (Cf. Bibliografia).

(15) Lembre-se que, nesta altura, os Países africanos de língua oficial portuguesa ainda nom conseguiram a sua independência.

(16) Este aspecto, de capital importância para a sobrevivência dumha cultura como a galega, mereceria de seu umha atençom que aqui nom pode ser fornecida. Digamos apenas que um sistema cultural é constituído por Tradiçom, Produçom e Importaçom de elementos culturais (Lambert, vid. Bibliografia), cuja proporçom e peso determinam em cada momento o estado desse sistema. No caso galego, cuja Tradiçom culta é, em língua autóctone, inexistente desde os finais do Medievo até ao século XIX, o recurso de tomar como própria a Tradiçom lingüística, literária, artística, cultural em geral portuguesa e lusófona, é para alguns galeguistas determinante como substituto daquela que conforma o seu referente de oposiçom: a Tradiçom espanhola.

(17) Excluímos *Pranto Matricial* (Buenos Aires, 1954) porque ele é, na realidade, um único poema, dedicado a Castelao. A ele haveremos de referir-nos mais adiante.

(18) O qualificativo principesco nom é hiperbole saída da estima de Valentin. Guilherme de Almeida detentava certamente este título desde 1959, em concurso promovido polo popular *Correio da Manhã*, em que substituira Olegário Mariano. Da grande estima que Paz-Andrade nutriu polo brasileiro ainda adiante encontraremos abundantes testemunhos. Nascido em 1890 em Campinas, e falecido em São Paulo em 1969, Guilherme de Almeida foi crítico e ensaísta de vasta formaçom, modernista e neo-parnasiano, com umha obra de cunho nacionalista, que lhe valeu um rápido reconhecimento, ingressando na Academia das Letras em 1930, e desenvolvendo umha mui intensa actividade no ámbito da cultura brasileira.

(19) Pp. 117-132 de *O Porvir da Lingua Galega*. Círculo de las Artes, Lugo, 1968

(20) É extraordinária a formaçom intelectual de Paz-Andrade para defrontar os vários e variados assuntos que fôrom objecto da sua atençom. Por exemplo, baste indicar que por este breve artigo desfilam com propriedade, e para além dos citados, C. Trabalza, O. Jespersen, M. Bandeira, M J Herskovits, J. Vendryes, Teófilo Braga, Henri Berr e Pedro Salinas.

(20 bis) Vid. "Valentin Paz-Andrade un corazón sen sospeita", entrevista por Gustavo Luca de Tena e Xan Carballa, *A Nosa Terra*, n.º 316, 22 de Maio de 1987. As palavras de Paz-Andrade iluminam outros aspectos aqui focados.

(21) *La marginación de Galicia*, Siglo XXI de España Editores, Madrid, 1970.

(22) Nascido em 1900, a sua obra poética desenvolve-se particularmente nos anos vinte e trinta; destacou também como dramaturgo, sendo premiado por duas vezes (prémio Gil Vicente e de Peças Inéditas de Teatro Declamado) em 1962 e 1965 respectivamente.

(23) Valentin Paz-Andrade, *A Galecidade na Obra de Guimarães Rosa*, introducción de Paulo Ronai; Epílogo de Álvaro Cunqueiro, Ediciós do Castro, Sada, A Corunha, 1978.

(23 bis) A tarefa mediadora nom se esgota com estas actividades. Paz-Andrade destinha algumha da sua actividade a vulgarizar entre nós figuras da cultura brasileira, como o caso de Drumond de Andrade (Cfr. *Epistolario*, pp. 45 a 63).

(24) Nascido em Budapeste em 1907, Ronai foi um afamado filólogo, considerado Mestre das Ciências da Linguagem e fundador da Associação Brasileira de Tradutores.

(25) Paz-Andrade inclui aqui umha extensa nota citando Xosé Landeira Irago. "Nota sobre João Guimarães Rosa, ou o esplendido regionalismo", *Grial*, n 15 Jan Março 1967 sobre a psicologia e hábitos do mineiro.

(26) Carta do autor a Mary Lou Daniel, de 3 de Novembre de 1964. (N. de V. P.-A.).

(27) Eduardo Moreiras, "Vivencias galegas nas narracións de Guimarães Rosa", *Grial*, Abril Julho, 1975 (N. de V.P.-A.)

(28) Este Professor das Universidades de Minas Gerais (de cuja Faculdade de Filosofia foi director) e do Rio Grande do Sul (aí catedrático de Literatura Brasileira), nascido em 1908 e pioneiro do modernismo mineiro, foi também umha das amizades brasileiras de Paz-Andrade.

(29) Cfr. Even-Zohar, bibl. cit.

(30) A começar por Álvaro Cunqueiro, que também se refere, embora de passagem, a este aspecto no seu "Epílogo", p. 210. "Hai que decir que, en primeiro lugar, é o idioma galego o que o preocupa. Porque n-unha dimensión mui amplia Galicia é o idioma galego, e porque o noso compañeiro sabe que non se nos pode matinar a esistencia de Galicia sen o seu idioma. Pro tamén sabe que o galego non pode, nin debe, ser un cementerio lingüístico, e así coido que a súa primeira publicación sobre o galego tratou de «a evolución transcontinental da lingua galego-portuguesa». E é quizaves, e sin quizaves, que no discurso que acaba de ler, está a preocupación

pol-a espansión ultramariña da fala nosa. Paz-Andrade, quen fixo un estudo tan sotil, tan lúcido sobre a obra de Valle-Inclán, foi a fixarse n-un escritor brasileiro, Guimarães Rosa, en cuia obra vai o noso compañeiro a atopar e analizar a «galecidade» da súa lingua, a galecidade da lingua do sertão, que Guimarães recría no plano artístico, como apunta Wilson Martins a quen Paz-Andrade cita, «sem perder as súas fontes, a lingua prodigiosa do sertão, imprimíndolle a mesma flexividade que lle dá o sertanejo elocuente, imaginoso». Pro, ¿de qué se trata? Cóntanos Paz-Andrade, como os presentes ouviron, tal afirmación poidera tratarse d-unha diagnosis encobridora de algún erro de perspectiva, que de certo non podía ser a mesma «si o anteollo se manexa dende Portugal ou do Brasil litoral, ou si para o enfoque tomamos outros miradoiros. O propio sertão ou a Galiza».

(31) "Valentin Paz Andrade en el mundo internacional", B. F. Osorio-Tafall, in *Homenaje a Valentín Paz Andrade*, Academia Gallega de Ciencias, Diputación Provincial de Pontevedra, 1991, pp. 11-24.

(32) Centro de Estudios Económicos y Sociales del Tercer Mundo, de que Osorio Tafall foi Director Geral entre 1976 e 1980, "creado a finales de su administración por Luis Echeverría, Presidente de México", conta o próprio Osorio-Tafall.

(33) Referências como a citaçom do verso de Curros manifestam umha cumplicidade de argumentos, porque ele é citado por Valentin em *La Marginación* (p.118), e nom em *A Evolución*, no Capítulo "La Excomunión del Habla propia".

(34) "Felizmente para nós, o correio de Galiza tem chamado algumas vezes às nossas portas. Das *Memorias dun neno labrego* até a *Galecidade* e, mais recentemente, a *Marginação da Galiza,* estamos aprendendo cousas que jamais havíamos intuido em nossa já demasiado estirada existência.

Entusiasmados com os descobrimentos, confiamos ao amigo Neira Vilas um documento jornalístico, que acreditamos será de interesse para o amigo Paz-Andrade: nos referimos à entrevista do acadêmico brasileiro Antônio Houaiss, sobre problemas do idioma português no Brasil e em Portugal. Não sabemos se em suas viagens ao Brasil o amigo conheceu este extraordinário estudioso do nosso idioma. Pensamos que Antônio Houaiss responde em certa extensão algumas de suas perguntas no capítulo sobre a "Marginação do Idioma". E os interessantíssimos problemas abordados em suas considerações acerca da marginação e sobre qual sería a "evolução a esperar" no desenvolvimento futuro do galego, do português do Brasil e o de Portugal.

Particularmente, como leitor anônimo, coincidimos em que não seria possível alcançar uma unificação literal. Esta tentativa foi feita varias vezes, com iniciativa governamental ou oficiosa, através das Academias de Letras do Brasil e de Portugal. Os resultados, como se vê, não foram bons. Houaiss dá algumas razões dos desencontros, que vão do desconhecimento de alguns negociadores até a má fé de alguma das partes, senão das duas, passando pelo "monopolio" do idioma pelos portugueses... Mas seguramente há uma grande possibilidade de "enriquecimento lexicográfico recíproco", e este devería ser o espírito da sabedoria, da ciência e da sociología do idioma. Como o amigo está dotado dessa capacidade para esse novo renascimento, vemos em seu intercâmbio com Brasil -e naturalmente com Portugal- a chave de uma nova era para nossos idiomas, mais nossos porque são no fundo a mesma linguagem.

[...] Como livro excecional, *A Galecidade* desperta uma multidão de ideias no coração de um devoto de G.R. Mas, depois de ler a *Marginação*, comprendemos que G.R. deslumbrou não somente o beletrista e catador de gemas raras, para alcançar o político e o sociólogo - que todas essas condições concorrem em sua personalidade.

Mas, como vê, prevalece em nós a preocupação prática; e por esse motivo nos atrevemos a recomendar ao amigo -se ainda não está em marcha algum plano nesse sentido- estabelecer contato urgente com os meios literários, culturais e editoriais do Brasil, para chegar a esse enriquecimento recíproco, que é um dos fundamentos do espírito internacionalista dos povos. Os brasileiros compreenderão perfeitamente suas preocupações e inquietações com a marginação da região, do homem, da língua e de outros factores da sociedade, pois são problemas históricos e atuais no Brasil. A marginação do idioma alí é parte do instrumento de dominação. E a obra de G.R. parece ser uma contribuição prática à sua tese, tanto do ponto devista lingüístico, idiomático, como do sociológico.

Ao ler *A Galecidade*, nos lembramos da frase de Unamuno sobre José Martí, ao reconhecer que a América Hispânica estava devolvendo à Espanha um novo idioma. Suas expressões sobre G.R.; sua declaração de que "a glória de su definitiva salvação (do galego) a devemos a Portugal"; sua menção à "qualidade e extraordinario hálito humano que caracteriza a literatura portuguesa nesta hora poderosamente enriquecida pelos modernos escritores do Brasil", nos convencem que seus domínio sobre essas ciências sociais está alicerçado numa probidade intlelectual.

Sua tese da influência galega na obra de G.R. tem, pois, a nosso ver, uma importância à altura da significação transcendental da expansão ultramarina do/250 idioma. Que, ao contrário de outras expansões, foi levada nos lábios de seus portadores. E se a "letra com o sangue entra", a nossa veio das fontes nutricias navegando em leite, e por algo nos sentimos orgulhosos e emocionados de chamá-la nossa lingua materna.

Seu livro explicará aos brasileiros a chave do idioma em que se nutriu G.R. e que tanta perplexidade ainda desperta nos meios nacionais e internacionais. Porque ele mergulhou nas raízes, Paz-Andrade pôde descifrar o "misterio esse" de G.R. Ainda que os escritores, os críticos e os leitores assim não o entendessem, G.R., como um Mr. Jourdain às avessas usava o galego e fazia seus "rosoemas" -"a sabiendas".

Seu livro se derrama como bálsamo de sândalo sobre ondas encapeladas, no tormentoso universo tricontinental luso-galaico-brasileiro -e africano. G.R., com sua obra (que representa seguramente o espírito de muitos

outros, que não souberam expressá-lo tão bem como ele fez) é uma prova que os herdeiros de Taveirós estão orgulhosos de sua linhagem e o demonstram com a palavra. Ave-Palavra. E suas palavras, como representante da pleiade de escritores mascidos de Rosalía —escritora nutricia— são um reconhecimento de nossos maiores aos ascendentes luso-brasileiros.

[...]

Saiba quanto lhe agradecemos, como natural do Brasil, por escrever esse livro, e ao fraterno Neira Vilas pelas primicias de sua leitura. Disponha pois de seu... (ia dizer "novo", mas seu livro estabeleceu já entre nós uma amizade de infância); assim, considere-nos como um velho seu amigo e seguro servidor, que o saúda com a convicção de que, com um povo marinheiro como o da Galiza e com homens como Curros Enríquez, Guimarães Rosa, e tantos máis.

"Ti no morrerás, Cristo das linguas"

(35) *Cen Chaves de Sombra,* O Castro, A Corunha, 1979.

(36) Exemplo dessas interrelaçons e homologias entre as tomadas de posiçom de Valentin nos diferentes campos é, para além dos muitos citados, o artigo "Evaluación del sector pesquero en Galicia", in *Perspectivas de Galicia ante el 2º Plan de Desarrollo*, Instituto J. Cornide de Estudios Coruñeses, Maio-Junho de 1968, pp. 77-104, Corunha, onde, sob epígrafes como "La predestinación marítima" ou "el marco geográfico", faz referência à comunidade com Portugal.

(36 bis) Ainda serám várias as conferências ditadas por Valentin, entre as quais a de Maio de 1984 na Juventude de Galiza, em Lisboa, como informa a imprensa lusa e destaca, em artigo elogioso, Montezuma de Carvalho no *Jornal de Sintra* desse dia, e a de 7 de Dezembro do mesmo ano, em Vila Nova de Gaia, resenhada, entre outros, polo *Jornal de Notícias.* O assunto dumha e doutra é a vida e obra de Castelo.

(37) A Ilustraçom foi sempre umha referência na obra de Valentin, muito possivelmente porque ali encontrava um *modus operandi* próximo das ideias que sustentava; em concreto, a figura de Cornide mereceu algumha monografia sua, publicada em *Galiza lavra a sua imagen*, em que o define como "o primeiro lusitanista da Galiza".

(38) Sobre este conceito, vid. Bourdieu (1994).

(39) Lembremos as suas palavras de 1968, já citadas, sobre a evoluçom da língua (e note-se a coerência delas com a prática de *Galiza lavra a sua imagen*):

"Unha é a evolución continxente que deica agora seguíu. Outra a que en adiante deba ter. Ainda que a opción non veña por primeira vez ás nosas maos, podemos estar chegando ao intre no que deba ser exercida. O galego ha de seguir mantendo unha liña autónoma na sua evolución como idioma, ou ha de pender a mais estreita similaridade co-a lingua falada, e sobre todo escrita, de Portugal e-o Brasil? Os termos da custión non deben ser tomados no senso de que o galego, pra marchar en maior irmandade formal co portugués, teña que deixar se ser o que é".

(40) Nom deve para nada ser negligenciado nem o factor em que a situaçom se apresentava nem o entendimento das diferentes tomadas de posiçom de Valentin ao longo da sua vida, que explicam estas escolhas. É verdade que já em *Castelao na luz e na sombra* (1982) essa orientaçom aparece, e que é perfeitamente perceptível em poemas como os publicados em *Nordés*, (nº 4, 1976, pp.22-3), mas repare-se em que, com toda a segurança, no momento da redacçom e mesmo da impressom do livro,as *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego* nom eram oficiais. A atitude pois de Valentin em *Galicia lavra a sua imagen* é de evidente insurgência e conseqüente distanciamento daqueles de quem, por biografia e partilha de ideias (nom todas), podia considerar-se próximo. De facto, sabemos por boca dum conhecido intelectual galeguista que esse livro, pola sua escolha lingüística sobretudo e também polo seu conteúdo, provocou iradas reacçons e hostilidade nos meios intelectuais que consolidavam o seu papel dominante. E, igualmente, esse passo significou a renúncia aos benefícios que umha posiçom central e oficial podia oferecer-lhe, passando a ocupar o lado dos vencidos/dominados polo intervencionismo e determinismo que no campo intelectual vai derivar da oficializaçom das *Normas* e do seu uso como instrumento de violência simbólica posterior.

(41) "Valentin Paz Andrade na cultura galega", in *Homenaje a Valentín Paz Andrade*, Academia Gallega de Ciencias, Diputación Provincial de Pontevedra, 1991, pp. 25-33

(42) "A fonte autobiográfica de Castelao...", *Grial*, nº 71 de Janeiro-Março de 1981. Esta valorizaçom vai incorporá-la também a *Castelao na luz e na sombra.* Nom esquece, aliás, aqui Valentin essa elaboraçom do galeguismo sobre a área celta que partilhariam Galiza, Portugal e, sobretudo, Irlanda dos Países a eles setentrionais. Quanto à referencia aos galegos escritores em espanhol poderia ser acrescentado Valle-Inclán que, embora nom sendo da mesma geraçom, foi também perspectivado por Valentin desse ponto de vista da criatividade humorísitica (Cfr.por exemplo *La Anunciación de Valle-Inclán,* AKAL, 1967, e que citamos porque também quijo ver nele afinidades com os humoristas lusos).

(43) Por exemplo em *Los Gallegos* (1966), p. 51, no capítulo "La Sociedad y la Economía" (45-93) da sua autoria.

(44) Estigma que, que no entanto e, desfazerá o próprio Castelao ao escrever a Valentin em 1944 para a reorganizaçom política do galeguismo interior; o mesmo Isaac Díaz Pardo o testemunha em "Valentin Paz Andrade relembrado dende a emigración" in *Homenaje a Valentín Paz Andrade*, Academia Gallega de Ciencias, Diputación Provincial de Pontevedra, 1991, pp. 53-56).

NOTAS

O Teatro como meio proselitista (*)

Ricardo FLORES
(Buenos Aires)

Con mais ou menos influência, toda a arte, como o seu conteúdo, pode contribuir à evoluçom de qualquer movimento do carácter que ele seja: doutrinário, religioso, político, social ou patriótico que germine no organismo dum povo.

As artes, como é bem conhecido, tenhem desempenhado um rol importantíssimo na história dos povos, o mesmo que na história da Humanidade, reflectindo o jeito de vida de cada época, traduzindo as inquedanças de cada geraçom, e fazendo surgir anseios, sentir emoçons e abrir esperanças nas gentes ou populaçons.

Das artes em geral, o teatro constitui o meio de maior vantage positivista para cumprir umha missom de proselitismo, pola sua amplitude e clareza, quanto a espelhar as condiçons reais da vida presente e assinalar as condiçons en sonho da vida futura, que tantos seres humanos sentem mester e luitam para poder atingir.

O teatro, ainda que hoje por desfavor nom se faga, tem de ser reflexo vivo da realidade, sem aditamentos que signifiquem novas preocupaçons; salvo, claro está, no que respeita ao mecanismo da cena, à estética, à arte em si, ou às ideias. Dito doutro jeito mais explícito e pormenorizado, os autores de letras teatrais, tenhem de ser sinceros, olhando a vida com cristal de autenticidade; as cousas que nela sucedem, devem ser enxergadas e recolhidas tal como som, e ocupando assim os cenários sem chisca de disfarce alterante, para que cada quem dos espectadores interprete em concordáncia com a sua maneira de sentir e de pensar.

(*) Palique oferecido por Ricardo Flores o dia 4 de novembro de 1989, no Instituto de Investigaciones de la Inmigración Gallega de «Federación de Sociedades Gallegas».

A importância do teatro soubêrom-na ter em conta todos os povos do mundo. Desde a lonjura do aparecimento desta arte, nada na Antiga Grécia, foi utilizada como meio proselitista e educacional.

A chamada «Comédia Antiga» dos gregos, consistia numha cantiga mofante, dirigida contra aquelas pessoas que se faziam merecentes da crítica dos seus concidadãos. Os actores empregavam máscaras, para com elas ajustarem melhor os retratos das personages que representavam; e veja-se a classe de democracia que ali se respirava naquele entom, que nom se reparava nas grandeiras figuras que elas foram para beliscá-las com a sátira, pois segundo se assinala em páginas históricas, nem o mesmo Sócrates se salvou de tais beliscos.

À mesma comédia, os Romanos engadirom-lhe um novo jeito original, que tomou o nome de «Atelana», proveniente da cidade de Atela, onde foi o seu berce, e convertendo-se num novo género literário, de verdadeiro conteúdo nacional.

Mais tarde a igreja, já pola Idade Média, vendo o favoreio, a utilidade do teatro para a sua doutrina, botou tamém mão dele, quitando-o dum longo sono em que tinha caido com o espalhamento do cristianismo e as invasons bárbaras que trouxeram como consequência o total esmorecimento da actividade teatral.

Deste jeito, pois, cria-se o drama litúrgico, celebrado nas grandes solenidades da religiom, sendo o mesmo, representado por nenos e cregos segundados com acompanhamento musical.

Primeiramente, recitou-se em latim; logo, para doar melhor compreensom à gente que nom entendia dita língua, adirom-lhe a plasticidade de meios mais teatrais, tirados tamém de passagens do Novo Testamento, e misturados com engados choqueirantes de influência popular.

Com tal cariz, o teatro mostrou ser semelhante em toda a Europa: Representaçons religiosas e farsas populares, ora que expressadas com marcadíssimo acento nacional de cada povo, e contando com apoio dos respectivos poderes públicos de cada um deles.

Por cada época do teatro que se deite umha olhada observará-se as miras proselitistas e educacionais com que se utilizou em todas as partes. Nas angueiras doutrinais, políticas, sociais, religiosas ou das tendências que fossem, todos olhárom no teatro um meio proveitoso, e procurárom nom descuidar o seu cultivo, alentando-se como deixo dito, a produçom de peças desta arte e apoiando as suas encenaçons.

Sem irmos a tempos mui recuados, temos exemplos de vulto no século que corre. À nova Rússia coubo-lhe neste sentido, umha tarefa que, sem dúvida, deu boa parte de ajuda ao triunfo do movimento revolucionário desse país. E velaqui alguns títulos de peças que ocupárom arréu os cenários desse chão: «Ruge China», «A trama da Imperatriz», «Razlam», «O trem blindado N.º 14-69» e «Crescimento», além doutros títulos.

Outro exemplo nom menos importante, oferece-no-lo a valorosa Irlanda; exemplo este, que por especiais circunstáncias que folga assinalar, mais

tem que atrair a atençom de nós os galegos, e servir-nos da melhor liçom aguilhoante para o nosso espírito, temperando as nossas vontades que amostrárom possuir os filhos desse povo irmão tam digno de ser imitado.

O teatro irlandês surgiu identificado com a renascença do espírito céltico. A sua prática achou nom poucos e cativos pejamentos, polas genreiras que fijo gerar tal actividade. Os católicos tiravam-lhe à contra o mais que podiam, polo fundo pagão que tinha que abalar em toda peça enxebremente irlandesa; os unionistas ou inglesistas, mostravam-se inimigos de todo o que assinalasse um acento irlandesista, e os próprios nacionalistas tamém se alporizavam cada vez que aparecia no cenário um personage irlandês no que nom se personificassem todas as boas qualidades, pois para eles, o supor que um irlandês pudesse ter defeitos, ou mover-se por algo ruim, era considerado umha injúria para Irlanda. Veja-se até que ponto chegava o patriotismo dos filhos desse povo. De maneira que amiúde as representaçons sofriam interrupçons por parte dos espectadores, já que cada quem, se o conteúdo da peça era avesso ao seu sentir, fazia alardeamento de protesto; e às vezes armava-se tal liorta, que nom havia mais remédio que abaixar o pano sem que pudesse chegar ao final o desenvolvimento do espectáculo.

Contodo, o teatro irlandês nom se deteu, seguindo adiante, como quem di, contra vento e maré. Os seus iniciadores convencidos da nobreza e sinceridade da sua tarefa, e esperançados no seu triunfo, porque, decerto, eram a verdadeira Irlanda que luitava contra a falsa, nom dérom creto a nada de tal descontento; nom se deixáron apachocar polas desordens e perseguiçons jurídicas que tamém tivérom que sofrer, e fôrom conseguindo êxitos, somando triunfos até chegarem a contar com umha teatral, que mui pouco ou nada tinha que invejar às melhores do seu tempo.

Sem contarem com peças de teatro nem meios económicos, nem intérpretes, e com tanta hostilidade como tinham por diante, levárom a cabo um labor merecente de calificá-lo apostolar.

Os actores fôrom-se improvisando à base de afeiçoados e artesãos que lhe dedicárom à arte cénica todo o seu vagar e o mais acendido entusiasmo. Assim foi-se formando um elenco, criou-se umha companhia que causou grandeira admiraçom no ambiente cénico da capital londinense.

Assemade, figérom aparecimento os autores, e o mundo tivo novas surpreendentes ao conhecer os nomes de extraordinários dramaturgos como: Lady Gregory, Lennox Robisom, George Rousell, Lord Dunsany, Padraic Colum, O'Pasey, Wilhans Buter Yeats, e ainda mais. Deste último, existem dous folk-dramas formosíssimos que levam por títulos: «O País da Saudade» e «Catuxa de Houliham», laureados com o prémio Nobel de Literatura, traduzidos ao galego por Plácido Castro e os irmãos Vilar Ponte; a peça derradeiramente nomeada, acha-se tamém vertida ao galego reintegrado, polo nosso professor Higínio Martínez.

Na nossa Terra, o teatro nom foi tido em conta devidamente, nom se lhe tem concedido a atençom e o interesse que se fai mester, e que cumpre conceder aos galegos cabalmente dignos do calificativo pondaliano de «bons

e generosos», nom devendo-se desleixar nada do que poda servir para temperar vontades e fazer abalos de puxa em prol das reivindicaçons do nosso ente nacional, a cotio assovalhado polos poderes imperialistas que desgovernárom As Espanhas, das que dito seja de passagem, se Portugal quebrou amarras, se deu os passos de arrendamento, nom foi por aços de aventura, senom por natural reacçom de dignidade comunitária, perante a despótica hegemonia de Castela, da que os galegos continuamos sendo vítimas ao ficarmos atados ao seu carro sinistro, que tantos prejuizos de ordem moral e material nos tem acarrejado, quer no sentido individual, quer no colectivo. E os espanhóis nunca lhe perdoárom a Portugal ter adoptado o galego como o seu idioma oficial; tam é assim, que nas livrarias em Madrid, nom se topam livros escritos em português, ou dicionários da mesma língua, o que prova a genreira que se lhe garda aos irmãos da outra banda do Minho.

Polos anos 1917-1918, no nosso chão agromou umha polas Irmandades da Fala, à sazom constituídas, criando-se conjuntos de afeiçoados, que dérom enceto a representaçons por todas as cidades e vilas galegas. Os coros típicos tamém engadiam aos seus repertórios, peças curtas, sobressaindo nos programas que levavam a cabo os nomes dos autores: Manuel Lugris Freire, Leandro Carré Alvarelhos, Antóm Vilar Ponte, Armando Cotarelo Valedor, Xavier Prado Lameiro e o dueto Charlom-Hermida. A idéia nom se pode dizer que careceu de éxito, pois achara mui boa acolhida, sobretodo, no ambiente popular, onde se contam as pessoas de ofício, e que vem sendo tamém onde se escuita menos papagueio de castelhano.

Dita actividade teatral, mais por carecimento de meios económicos do que por outra cousa, foi entrando em decaimento, esmorecendo-se, até o advimento da República, em que volta a ir recobrando quentura com o reaparecimento de novos elementos, dispostos a levar a cabo por todo o chão da Pátria representaçons que doaram às gentes das aldeias, em especial, intres de recreio, e à vez, cumprir umha tarefa de proselitismo, que sem dúvida, resultaria proveitosa para a nossa causa galeguista; umha causa de natural dignidade e enchoupada de justiça, com a que só pretendemos viver a nossa própria vida, a vida que nos corresponde, como filhos dumha Terra que abrange um todo, um todo nacional, bem diferenciado entre os demais todos que conformam a realidade heterogénea do Estado Espanhol.

«Teatro de Barraca», eis o nome que levava esta nova angueira, na que se dizia, tinha muito que ver o genial poeta e dramaturgo Federico Garcia Lorca. Tal actividade artística, abrangeria todos os eidos da Espanha. O nosso guieiro Castelao, tinha artelhado adrede para os cenários da nossa Terra, umha peça curta, num acto, intitulada «Pimpinela»; e ao se vir encima o estalo da guerra civil, foi malograda a prática desta ideia.

A partir do triunfo falangista, as representaçons teatrais em língua nossa, ficárom totalmente proibidas; a perseguiçom ao nosso idioma e a todo o que significara umha manifestaçom da personalidade de Galiza, recrudescera com mais assanho. Após um treito longo do criminoso regime, afrouxou-se um pouco, permitindo algum que outro parrafeio como limiar de algumha

cantiga interpretada polos coros típicos, tomando desse jeito o cariz de estampa folclórica.

A devandita peça de Castelao, portanto, nom pudo ser encenada; e este, nos seus vagares do desterro foi artelhando outros dous trabalhos de conteúdo semelhante ao do anterior trabalho, juntando os três para conformar a peça de maior volume: «Os velhos nom devem de namorar-se», em três actos, e passando dita «Pimpinela» a ocupar o terceiro acto, no que a principal figura feminina, leva o mesmo nome que tinha na pequena peça, dando-lhe tamém título à mesma.

«Os velhos nom devem de namorar-se», como todos conhecemos, foi estreada em Buenos Aires, aprazendo grandemente os que tivemos a sorte de ser espectadores da sua representaçom, dirigida polo próprio autor.

Em nós os galegos existem complexos, que é mester tirar do nosso adentro, complexos de inferioridade que tenhem a sua génese de quando os nossos pés pisárom pola primeira vez o chão da escola, para sermos obrigados a refugar o idioma próprio, o idioma aprendido entre beijos e agarimos no colo das nossas mais, e começarmos a aprender outro alheio, entre desdenhos contra o nosso falar vernáculo; às vezes com ameaças do ponteiro, se a pronúncia nom enchia o gosto do escolante, ou se por aí, nom satisfazia o buraquinho da sua orelha, fora bem ou mal emitido o fonema.

E mentres por um lado se combatia o uso do nosso verdadeiro idioma, por outro, serviam-se dele para desempobrecer o castelhano, que quando foi eleito como língua oficial da Espanha, era de léxico e expressom cultural muito inferior ao galego, pois mercê do que a este e aos outros idiomas da península lhes foi arrapinando, veu atingindo arrequentamento e saiu da pobreza que o caracterizava.

Pode-se dizer, que o castelhano se arriqueceu à conta dos demais idiomas peninsulares, sendo por tal um idioma inçado de remendos pertencentes a todos estes, cuja maior parte corresponde ao galego; e daí, a cheia de irregularidades enguedelhantes no léxico oficial. Ademais, de tantos vocábulos que figuran como comuns aos dous idiomas galego-castelhano, primeiramente eram só património do galego.

Assemade, ao mesmo tempo, alguns dos autores das chamadas letras de ouro da Espanha, publicavam palavras deprezativas contra o nosso país, ou teciam lendas de conteúdo negro, que significavam letras de escárnio para Galiza e a sua populaçom. Como amostra de entre outras nom menos peçonhentas, eis esta redondilha atribuída a Tirso de Molina: «Camino que quepan dos,/ honor, verdad y justicia,/ no lo hallareis en Galicia/ aunque lo pidais por Dios». Cervantes, afigurava-nos aos galegos com cornos e com rabo. E nos dicionários da língua castelhana, o substantivo «gallego» aparecia como sinónimo de «ordinario»; «bruto»; «mozo de cuerda».

Havia que apouvigar a consciência galega que pulava nas nossas gentes; havia que matar o sentimento nacional que latejava na alma do nosso povo, e por meio deste vil sistema de calúnia e desprestígio, faziam mentes de lográ-lo.

Todo isto complementava a criminosa agenda dos Reis Católicos, pon-

do em prática como primeira medida de esmago moral, o assinamento dum decreto, polo que se enviavam à Galiza funcionários castelhanos e cregos de alta hierarquia, a fim de «domar» a sua povoaçon; «domar», foi o termo usado nos considerandos do túrdio decreto.

O que deixo assinalado, fijo mossa no espírito dos galegos, e gerou em nós um complexo de inferioridade com raízes que calárom mui fundo no nosso ser, e do que ainda hoje hai concidadãos que se mostram nom se acharem remidos de tal eiva, ao nom reagirem do jeito que cumpre: erguendo o espírito e em atitude baril ostentar o nosso sentir de amor e de inteira lealdade à Terra-Mai, proclamando à vez com ênfase orgulhante e inquebrantável decisom, de queremos ser o que realmente somos, pois do contrário, seremos o que vem ser um cuitelo sem folha e sem cabo. Como bem di a copla: «O que se é, hai que ser/ p'ra aparecer sendo alguém;/ pois o que noutro se troca,/ sai convertido em ninguém».

Quem nom tem escuitado a concidadãos nossos dizer: «Yo soy gallego como el que más». Pois tal expressom, polo facto de ser proferida em língua alheia, já patenteia a incongruência, a falsidade do dito.

A Galiza que sentem e degoram esta classe de galegos é umha Galiza desgaleguizada, com umha personalidade alheia, umha personalidade de disfarce, despojada de enxebrismos e sem rastos de autoctonia; por conseguinte, os galegos de tal sentir desleigado, nom podem ser considerados dignos filhos da verdadeira Galiza de tam meritória avoenga, mai de egrégias figuras que forman legiom na Santa Companha, como som: Rosalia, Pondal, Curros, Anhom, Viqueira, Bóveda, Castelao e tantos outros, todos merecentes da nossa mais quente e eterna veneraçom.

Querer trocar o original próprio por umha cópia alheia nom é de galegos bem-nascidos, enfeitados de consciência do seu ente comunitário, nem sequer de respeito a si mesmos. De cairmos em tal malfado, pois seria ficarmos baldeiros de razom e desprovidos de direito para podermos dizer com sinceridade: «Nós somos nós».

Os galegos que entre os seus gostam de falar em língua alheia reflexam a nódoa de acomplexamento que levam dentro de si, cuidando que ao falarem castelhano, mostram ser mais gente que lhes medra a categoria; os pobres nom se decatam do papel ridículo que certas vezes protagonizam, oferecendo material para artelhar celmosos entremezes que doariam intres de escachantes risadas, ainda que tamém fariam sentir sensaçom de nojo.

E para estes detraidores do nosso prestígio colectivo, nasceu ajeitada a seguinte copla: «Por mui bem que um papagaio/ o castelhano falar,/ de ser um animalinho/ nom se che pode livrar».

Um exemplo do que fica apontado, ofereceu-no-lo um dos nossos intelectuais enviado pola «Xunta» de Galiza para cumprir um labor cultural no nosso meio, consistente na pronúncia de conferências sobre temas galegos, apresentando-se o quatro do passado mês de Agosto, no salom-teatro «Castelao» do Centro Galego para doar a primeira dissertaçom sobre o tema: «Os canteiros galegos, onte e hoje».

Segundo as próprias palavras prévias do conferencista, a mudança de clima havia influido na sua gorja; e nom achando-se de todo favoreado para falar, por tal motivo, ía expresar-se em castelhano.

Veja-se, pois, que desculpa mais paradoxal; que se necessita ter cara de rocha para se atrever a espetar-lhe a um auditório galego semelhante andrómina, já que fazia escolha do idioma mais contraproducente, inçado de fonemas guturais, de cuja agreza o galego está limpo; portanto, além de ser o idioma que a lógica e o bom sentido lho requeria em tal ensejo, terapeuticamente, vinha ser o mais ajeitado.

Nesta atitude, nom hai volta que dar-lhe, o que decerto influiu, foi o factor «doma»; isto impujo-se na vontade ou na psique do orador, já que este flagelo decretado polos Reis Católicos, ainda hoje tem vigência na Galiza, e que cumpre frechar sem dó aos que fagam espalhafato de tam desonrosa conduta.

Ainda que mais nom seja, por ética e por estética, o galego que ocupa umha tribuna galega para palicar sobre algo nosso, deve ser infalivelmente, com uso da língua própria; de nom fazê-lo assim, é porque nesse galego hai carecimento de sentir patriótico, hai défice de consciência nacional; dito mais concretamente, porque nesse galego falta inteireza de alma galega; nuns mais noutros menos, isto vem ser um alifafe que muita gente nossa padece, cuja realidade, quanto à distinta talha dos galegos no sentido patriótico, reflecte-o este par de coplas:

«Hai galegos de alma inteira,
hai galegos de três quartos;
outros nom passam de meios,
e dum quarto tamém hai-nos».

«Hai galegos que nom chegam
nem à mais serôdia talha:
tenhem alma de cipais,
pola vil doma estragada».

Actualmente na Galiza, a actividade teatral parece ser de monta mais séria; e oxalá alcance a graúda importáncia que logrou noutras comunidades em semelhantes circunstáncias, contribuindo de igual exitosa maneira a satisfazer os anceios que nos guiam a nós, filhos como eles dum país com atributos reveladores de um todo farto diferenciado, que avala e afirma os nossos direitos a sermos donos dos nossos bens pátrios, e exercer o arbítrio do nosso destino.

Que produzam letras de teatro os que possuem condiçons para tal engenhoso quefazer e saibam espelhar nos tabuados a realidade do nosso país, infestado de sentir alheio, pois há gente que dá febre escuitar como papagueia no castrapo, botando peito de tanta fachenda ao ter metido na sua moleira que som gente superior; e polo mesmo, acham-se convertidos em arrenegados da autêntica personalidade de Galiza, sendo os seus piores inimigos. Pois como di o refrám «Nom hai pior cunha que a do mesmo pau». E para esta gente de espírito deturpado pola acçom da «doma», vem como anel ao dedo, a seguinte copla: «Por mui bem que um papagaio/ o castelhano falar,/ de ser um animalinho,/ nom se che pode livrar».

Os que só podemos ser espectadores, e que queremos com alma inteira todo o que conforma o nosso ente nacional, tenhamos por obrigaçom alentar

os autores, promovendo a criaçom de elencos para levar aos cenários as suas produçons e bater palmas aos intérpretes.

Ainda que umha peça de teatro seja baldeira de conteúdo, que careça de celme de ideias, se é de bons traços artísticos a sua feitura, e luze traços estéticos que mereçam consideraçom, já supom algo proveitoso; e se engadido a isto, o labor das personages doa interesse de esparegimento ou entretenhem sadiamente, melhor ainda, pois isso fai parte do mantimento espiritual que o ser humano tamém necessita; e à vez, tende a encarinhar nossa gente com a sua arte teatral, à que, se o galego se moveu pouco achegado, nom se deveu à falta de afeiçom na sua vontade, senom à avessa circunstância da sua moradia.

Olhemos em cada afeiçoado, um contribuinte ao nosso ressurgimento nacional e a um espalhador da nossa cultura, que ainda que no seu labor protagónico nom se luza com avondosa brilhantez, nom merece que se lhe chante o dente de crítica, e menos fazê-lo de jeito dicaz; tenhamos em conta, ou saibamos ser conscientes que, mercê deles, podemos contemplar teatro nosso; e o que ao começo, a sua actuaçom nom encher o gosto do espectador, mais adiante, pode trocar-se num consagrado actor de alto nível; mas, se de entrada se topa sem ajuda de alento dos concidadãos, podemos contribuir a malograr um artista dos que temos mester; ao sentir-se magoado no seu amor próprio, pode, talvez, renuir a continuar movendo-se polos cenários, e contando a possibilidade de chegarmos a somá-lo como um valor da nossa arte cénica.

Pois neste caso, o mesmo que em todos os que tenham que ver com a nossa justa causa de reivindicacons, convém focar mui bem o tino, procurando que a acçom de crítica que se faga, tenda sempre a somar, nunca a restar.

E com esta reflexom, chego ao encerramento do meu palique agradecendo a vossa honrosa presença.

Um aspecto pouco conhecido de Otero Pedrayo: solobio/solovio, heterónimo de combate

Luís GONÇÁLEZ BLASCO
(Instituto de Bacharelato «Gelmirez I».
Santiago de Compostela)

Ao meu conhecimento, ninguém tem falado dos trabalhos publicados n'*A Nosa Terra* sob a assinatura Solobio / Solovio e que aparecem nos números 308, 310 e 352 dos anos 1933 a 1935 (assinados *Solobio*) e a partir do 27 de Março do 36 com o título de *Estetóscopo* e a assinatura de *Solovio* como umha secçom praticamente fixa já que desde o número 407 estará presente até o 422, derradeiro da revista, faltando só nos números 417, 419 e 420. Na minha opiniom trata-se de um pseudónimo de Otero Pedrayo; toda a gente está de acordo em considerar que a figura de Adriám Solóvio é um *alter ego* do próprio Otero; além disso, as escolhas lingüísticas som as características do escritor ourensano; a mesma vacilaçom ortográfica Solobio / Solovio é própria de Otero. Adrián Solobio é o protagonista de *Escrito na néboa*, assinado em Dezembro de 1926; esta novela é geralmente considerada como um primeiro esboço do *Arredor de sí*, assinado em Janeiro de 1930 e cujo protagonista leva o nome de Adrián Solovio.

Considero que mais do que um pseudónimo estamos em presença de um autêntico heterónimo já que Solobio / Solovio tem um estilo diferente do do próprio Otero e que podemos caracterizar como o de um escritor extraordinariamente combativo que lança os seus ataques contra os inimigos do galeguismo e que utiliza a maioria das vezes umha ironia e um sarcasmo extraordinários. Solobio / Solovio é um magnífico polemista que finge com freqüência estar de acordo com as suas vítimas para melhor ridicularizá-las.

Também penso que o estudo das prosas de Solovio pode deitar umha nova luz sobre as posiçons e a actividade política de Otero nos últimos tempos da época republicana e, nomeadamente, sobre a etapa posterior à IV assembleia do PG. A opiniom dominante é que Otero se arreda das actividades do partido, que permanece alheo ao processo eleitoral de Fevereiro e que a sua actividade polemista se

limita a criticar o marxismo, a *Frente Popular* e a política de alianças do PG com esta última, tanto nas páginas d'*A Nosa Terra* como nas de outras publicaçons afins a um galeguismo de centro ou de direita como *El Pueblo Gallego* de Vigo ou *El Heraldo de Galicia* de Ourense. A este respeito é significativa a consulta de, entre outros, os livros de Xosé Ramón Quintana e Marcos Valcárcel: *Ramón Otero Pedrayo vida, obra e pensamento* (Vigo, 1988) e de Carlos Casares: *Ramón Otero Pedrayo* (Vigo, 1981). Contudo Quintana e Valcárcel recolhem o dado da sua contribuiçom de cem pesetas para a a campanha eleitoral de Fevereiro do Partido; trata-se de umha quantidade importante para a época se temos em conta que o custo total da campanha foi de 30.000 pta. Casares informa de que na campanha polo plebiscito do Estatuto «a pesar da súa posición crítica, recorréu o país enteiro dando mítines e conferencias en cidades e aldeas».

Vejamos agora os artigos de Solobio / Solovio por ordem cronológica sem esquecermos outros artigos assinados com o seu próprio nome nas páginas d'*A Nosa Terra,* coincidindo, às vezes, num mesmo número o ortónimo e o heterónimo a falarem de política ainda que em tons bem diferentes. Devo advertir que utilizei a reproduçom facsimilar da revista polo que é possível algumha ausência devido às carências da citada reproduçom.

A primeira vez que aparece a assinatura de Solobio é o 3 de Setembro de 1933, no número 308. Nesse número informa-se do acordo tomado polo Conselho do Partido de que Suárez Picalho se retirasse da minoria parlamentar do *Partido Republicano Gallego (P.R.G.);* provavelmente a gota que colmou o copo da paciência dos galeguistas foi a atitude casarista a respeito do tratado comercial com Uruguai do que se fala na própria informaçom e também noutro artigo da mesma revista. O artigo de Solobio intitula-se *Xestos* e reproduzo algunhas passagens do mesmo:

> «... Dende os emilianistas achulados que intentan aviventar na nosa Terra, as inmoralidades e latrocinios que aureolan a sua laboura, deica o "refugallo" incongruente que obedece âs ordes de Casares Quiroga, han de desfilar todos en estadea de traidores por todol-os camiños e corredoiras de Galicia. (...) E que non se diga que o Partido Galeguista non agardou até o derradeiro intre. Sacrificouse con todol-os sacrificios que lle impón a transixencia con programas mínimos que non satisfán o sentir da sua ideoloxía. (...) velahí a xustificación do derradeiro acordo tomado pol-o Cosello do Partido. (...) Soio fica (...) o camiño revolucionario dos pobos preteridos».

O 18 de Setembro do mesmo ano aparece novamente a assinatura de Solobio no número 310 do vozeiro das Irmandades atacando o político emilianista[1] Sierra, que era um destacado inimigo do Estatuto. Já neste trabalho aparece a ironía que será o tom predominante na secçom Estetóscopo. Reproduzo alguns trechos do artigo:

> «... Abonde saber que nas oposiciós pra abogados do Estado, de que íl tanto se gaba, foi suspendido catro meses antes de levar a plaza que tén na aitualidade. E non sabemos, nin queremos meternos n iso, de que xeito ganóu un posto que moi pouco denantes se lle tiña negado por incapaz. Si non fora xa que o mero feito de "empollar un programa de opsiciós" non xustifica, nin con moito, a capacidade intelectual do

(1) Por Emiliano Iglesias, destacado líder na Galiza do ***Partido Radical.***

opositor. E no caso presente óllase con claridade. (...) compre relatar os rumores que na aitualidade corren pol-os corrillos políticos dos políticos galegos: "Sierra está traballando pra que se lle día —agora que están no machito os radicales— a Direición das obras do Porto de Vigo; con 45.000 pesetas de soldo".

Xa por fin, rematamos de explicarnos o aniestatutismo do Estadista de Cesures, n-un réxime autónomo daríase ise cárrego a un inxenieiro ou persoa téinica na materia, e non á un burócrata, á un oficinista, que endexamáis aprendéu outra cousa que un programa de oposiciós pra abogados do Estado».

A última vez que encontro a assinatura de Solobio n'*A Nosa Terra* é no número 352 do 9 de Fevereiro de 1935. Figura na página das mocidades que leva o título de *Guieiro, n. 6*. O artigo intitula-se *F.E.G. Panorama da Universidade*. Proponhem-se para a *Federación de Estudantes Galegos* umha série de reivindicaçons que suporiam a galeguizaçom, democratizaçom e modernizaçom da universidade compostelana.

O 27 de Março de 1936 começa a publicar-se a secçom *Estetóscopo* sempre com a assinatura de Solovio. Durante esta etapa a assinatura do ortónimo aparece também com freqüência nas páginas do vozeiro nacionalista. A maioria das vezes ocupando o espaço *Tribuna libre* para defender as suas conhecidas posturas antimarxistas e os perigos que para o galeguismo pode ter umha aliança com partidos marxistas. Entrementres o heterónimo dedica as suas argumentaçons a combater os inimigos do galeguismo nos que figuram em primeira linha, como nom podia ser menos, as direitas espanholas. Parece como se Otero, consciente da sua postura crítica e minoritária dentro do Partido, quigesse distinguir ambos os combates e nom utilizar o seu próprio nome naqueles artigos que nom teriam contradiçom nengumha com a linha maioritária do PG; de todos os jeitos a assinatura Solovio nom devia apresentar nengum mistério para a gente que tivesse umha certa relevância dentro do movimento galeguista; os "iniciados" sabiam perfeitamente quem era Solovio.

Na primeira das suas colaboraçons, o heterónimo arremete contra o caciquismo:

«Houbo duas clases de heterodoxia en Galicia: a republicana e a monárquica.

A republicana foi a de mouros e xudeus: a de un Pita Romero e un Iglesias Corral.

A monárquica, ou de varietés, foi aquela das seitas, mais ou menos semellantes do caciquismo upetista[2].

(...) Pois dista institución do caciquismo, servíronse nos primeiros tempos, os repubricáns. I-ela foi a que prostituíu ao Réxime. Os mouros e xudeus: Pita Romero, Iglesias Corral, nada perdían, ganaban todo, a súa definiición era asín. Os outros, os de varietés: Calva[3] Sotelo, os xilroblistas, conquerían co ila un gran fermento de reaición. O cacique -por fatalidade egrexia do seu sino- non podía renunciar a formar un estado seu dentro do Réxime en que se hospitaba. I-eiquí o temos outra vegada danzando á beira da situación. Leixáranse conmover de novo os outavoces da República na nosa Terra? Que se adoiten as medidas precisas, a etapa que naz tén de ser de realidás i-espranzas. E a primeira delas ha de radicar na definitiva morte do caciquismo (heterodoxos d-unha e outra arela) en Galicia».

---

(2) Refere-se à *Unión Patriótica,* partido criado pola ditadura primorriverista para aglutinar os seus partidários.
(3) Assi no original, suponho que se trata de umha gralha mas preferim deixá-lo por se se tratar de umha ironia de Otero.

O 3 de Abril coincidem no mesmo número 408 as assinaturas de R. Otero Pedrayo e Solovio. O ortónimo utiliza a tribuna livre para criticar o marxismo e lamentar a colaboraçom do galeguismo com o mesmo.

No *Estetóscopo*, o heterónimo trata o tema das actas da província de Ourense na que umha escandalosa fraude eleitoral privou de umha acta de deputado a Alexandre Bóveda para dar-lhe o triunfo a Calvo Sotelo:

> «Ahí tendes a democracia galega; o máisimo fenómeno relixioso da democracia galega: As actas de Ourense. (...) Pepito Calvo (Fausto e Prometeo) a cabalo sobor do mundo das tebras, na búsqueda da luz, como a águia, axunta n-un taboado exemplar a todol-os Césares loiros das dinastías caciquíes na circunscripción ourensán».

No número 409 (10 de Abril), Vítor Casas publica na tribuna livre *Unha preocupación* respondendo a Otero. Passo a resumir o seu contido: Fala da preocupaçom que para os republicanos estava sendo o avanço das forças marxistas na Espanha, e aínda considerando em boa parte justificada tal preocupaçom acha-a exagerada quando se expom«non púbricamente, sinon nas conversas que encol do tema é frecuente escoitar». Seguidamente fala de como Otero no número anterior exprimia esta mesma preocupaçom com argumentos ajeitados à Galiza e «apuntando o perigo de desgaleguización que, ao seu xuicio, contén este avance». Opina Casas que o marxismo avança em Espanha por muitas razons que venhem impostas desde fora mas que avança muito mais pola torpe campanha antimarxista à que se dedicam as direitas espanholas em vez de procurarem umha soluçom conservadora e progressiva dos problemas económicos. O avanço do marxismo na Galiza deve-se, segundo Vítor Casas, às mesmas razons e também ao nosso «sometimento político a Hespaña». Lembra umha velha caricatura de Castelao a propósito do comunismo que tinha um pé que dizia "*Si viñera falando galego...*" Em sua opiniom a política galeguista nom deve opor-se a esta realidade opondo-lhe umha negativa oposicionista contraproducente. Deve fazer que se ajeite (o marxismo) ao nosso país, que reconheça a nossa realidade intrínseca, que se faga galego, numha palavra. Melhor, muito melhor e mais conveniente isto que outra táctica perigosa.

No mesmo número, Solovio utiliza a ironia para comentar o adiamento das eleiçons municipais:

> «O aplazamento "sine die"das eleicións municipaes tén un indiscutibel valor pra nós. Pra os que matinamos cotianamente en que Galicia non está capacitada pra elexir os seus concellaes. Asín como o Arcebispo de Sant-Iago é andaluz. Asín como o rector da Universidade Galega é castelán, moi ben se podería completar un programa "ad hoc" para que todol-os alcaldes dos nosos Concellos fosen maragatos. (...) Velahí porque a aura, específica, incitante do noso agradecimento, rinde tributo agora ao Estado hespañol: ¡Que sexa il o que desiñe alcaldes dos concellos galegos a todol-os maragatos radicantes, no noso país! Sería a única solución pra iste problema noxento de se querer gobernar os galegos por sí mesmos...».

No número 410 (17 de Abril) há três colaboraçons de Otero: duas tribunas livres do ortónimo e o habitual *Estetóscopo* do heterónimo Solovio. Umha das tribunas livres leva o título de *Un conto* e trata-se de umha fábula antimarxista nom isenta de certas doses de humor.

A outra tribuna livre intitula-se *Sobor de unha "Preocupación" e de moitas "despreocupacións*, nela contesta-se a Vítor Casas num artigo introduzido pola coincidência entre a chegada do último número d'*A Nosa Terra* e a de um labrego que se doi da queima da igreja de Barbadás durante a Semana de Paixom. Otero di que o artigo de Casas corresponde-se com as teses bloquísticas do Partido e que polo tanto *non é libre* ao tempo que declara que el vai discutir *co querido amigo Víctor Casas* e nom com o "Bloque" já que os blocos nom tenhem capacidade discutidora. Otero combate o marxismo com os argumentos habituais nel e perante o facto de os marxistas chegarem falando galego exclama:

> «¿Qué se di con iso? Os caciques falan galego desque naceron. Non-o falan nos actos púbricos. Os marxistas, si. O cal soio proba que son máis listos, e pol-o tanto máis perigosos do que os caciques». Sem embargo Otero nom se priva de manifestar a sua frontal oposiçom com a direita espanholista: «non penso nas dereitas hespañolizantes nin penso no marxismo, como non seña para combatire a entramas alleeiras invasións».

Ao pé do artigo de Otero figura umha apostila de Vítor Casas na que tenta dar fim à polémica sem por isso renunciar às suas ideias e a defender a política de alianças do PG; começa dizendo:

> «O entrañabel irmán Otero Pedrayo coidou que eu tivera o atrevimento de entablar unha discusión e non é así. Somentes quixen facer algunhas observacións que fican en pé. Pol-a miña conta e por iso ían baixo o rubro, obrigado, da Tribuna libre».

Depois de desenvolver a sua argumentaçom, o director do vozeiro nacionalista acaba:

> «Repitamos que non é tarefa despreciabel o galeguizar cantas invasións se produzan contra a nosa vontade».

No mesmo número Solovio volta a lançar os dardos da sua ironia contra os inimigos dos autonomistas. Nesta ocasiom felicita-se polo fracasso de Royo Villanova[4] que, entre outras cousas, acabara de perder a sua acta de deputado:

> «... De que a semente, aventada en tantos anos de consecuencia antiautonomista pol-o profesor zaragozano, dá os seus froitos, é isto un exemplo. Primeiro a desposesión dun acta de diputado que desexaba. Despois a reintegración en toda a súa amplitude, do Estatuto catalán. Logo a aprobación que non ficará lonxana, das cartas autonómicas de Vasconia e Galicia. E por fin este dardo envenenado, clavado na súa entrana máis viva, das arelas estatutistas da súa Rexión.
>
> En verdade, en verdade, que a Royo Villanova soio lle quedan catro camiños con que abandoar iste mundo político que non o quixo atender; ou esvairse en nirvana, coma Buda. Ou suicidarse, coma Séneca. Ou buscar na ataraxia un paraíso artificial. Ou morrer pra resucitar noutro mundo distinto e menos cruel».

No número 411 (24 de Abril) Solovio dedica o seu *Estetóscopo* à *Universidade que radica en Compostela*. Refere-se a que houvo um tempo em que em dita universidade se ministrárom cursinhos e conferências sobre matérias galegas inician-

(4) Royo Villanova era um advogado e escritor zaragozano que chegou a deputado e senador e que se distinguiu pola sua frontal oposiçom aos movimentos autonomistas e muito especialmente ao Estatuto de Autonomia de Catalunha.

do-se umha orientaçom compreensiva cara aos peares da cultura autóctone. Sem nomeá-lo, Otero deve estar a falar da época em que ocupou a Reitoria Rodríguez Cadarso. Mas «un día, de súpeto, as autoridades académicas trocárona oficialmente en "Universidade hespañola de Galicia". Igoal, esaitamente igoal que si dixéramos Universidade inglesa de Calcuta». Como tantas vezes, Solovio começa a sua crítica em clave humorística falando da missom espanholizadora da Universidade e de como os intelectuais alheos ao país som superiores aos indígenas, trata-se de génios científicos que administram como ninguém os bens da Universidade,

> «aportados pol-os naturaes da Terra. Com a sua característica ironia pergunta e responde: Historia de Galicia, Literatura, Xeografía, Cencia galega? Qué importan taes denominacións. O feito vivo, biolóxico e social da nosa Patria? Entelequias creadas pol-a imaxinación pantasiosa d-uns poucos. A arte, o esprito, a língua autóctonas? Tópico manido para poñer cortapisas ás elucubracións da cencia pura, da cultura universal. Hespaña debe somellarse a Hespaña. E as Universidades de Hespaña às Universidades de Hespaña. A nosa é unha Universidade hespañola de Galicia. Velahí a custión». O sarcasmo de Solovio ainda se refere, no seu artigo, à excursom artística por diversas cidades peninsulares financiada com o dinheiro dos estudantes para «pasear ás donas, parentes e amigos dos catedráticos artístas».

No número 412 (que tem a simbólica data do 1º de Maio) aparece umha nova *Tribuna libre* com a assinatura de R. Otero Pedrayo. Intitula-se *Os signo das revolucións* (sic) e nela opom-se o carácter das revoluçons nacionalistas erguedoras de valores superiores e religiosos, dando-se como exemplo o caso irlandês, com o da revoluçom soviética, que nom duvida em qualificar de catastrófica, infecunda, inumana, etc. Acaba com a esperança de que o PG reconheça «o seu trabucamento actual» para sair do confusionismo com« un movimento c-unha cativa sistemática de imitanza, autorizada pol-o pensamento seródeo do refugallo positivista de santóns inteleituales esteparios».

Na mesma página a ironia do heterónimo ceba-se nalguns dos mais destacados vultos e mitos da grandeza e unidade espanholas: Nebrija, Afonso X, os Reis Católicos, Carlos V e Filipe II. Começa dizendo:

> «Qué edificantes aquelas solemnes e maravillosas verbas de Nebrija!: "Los miembros e pedazos de España, que estaban por muchas partes derramadas, se redujeron e ayuntaron en un cuerpo e unidad de reino. La forma e trabazón, de cual casi está ordenada que muchos siglos viviría e tiempos no le podrán romper ni desatar"».

Lembra Otero que é o momento no que os Reis Católicos «remataban de faixar a unidade de Hespaña co seu feixe de flechas e baixo do seu simbólico xugo». A ironia soloviana chega a limites difíceis de superar ao imaginar o seu amigo Castelao, recém eleito deputado, rendendo homenagem à unidade espanhola perante as estátuas de Isabel e Fernando no próprio parlamento espanhol:

> «Diante dos heresiarcas desvertebradores que emitirán voces blasfemas, contra do sagro unitarismo centralista, soio unha oración ortodoxa poderá escoitarse: a de Castelao. Os Reises Católicos nada lle fixeron a él nin a Galicia. Pardo de Cela, era un obstáculo pra os ideaes que xa xerminan dende denantes de Cristo sobor do berce da Roma antiga, e había que eliminalo. Porqué non? Castelao debe de recoñecelo asín, e asín comunicarllo a iste goberno heterodoxo de Hespaña. Máis que a invención d-unha política nova no país galego, importa a satisfaición íntima de aquelas estátuas de

Sabela e Fernando que nas Cortes madrileñas tanto ademira o noso deputado galeguista. E que Galicia sexa aldraxada económicamente, nada siñifica, ante a visión estremecida de aquil Carlos V cos seus ollos coor de lago e cabeza de águia, que tan ben soupo ampliar a herdanza dos seus abós. E ren se pode falar d-unha cultura galega, cando está ahí a homaxe que co Mosteiro de El Escorial rendíu Felipe II aos exércitos de Coligny, de Montmorency, de Enrique II...».

O *Estetóscopo* do número 413 (8 de Maio) imagina que para protestarem perante a que julga iminente autonomia todos os caciques galegos se ponhem em greve e pom em guarda contra as "negativas conseqüências" que umha tal greve originaria no País. Novamente brilha a grande altura o humorismo de Solovio que remata o seu artigo dizendo:

«Teñen razón que lles sobra os caciques da nosa Terra. Ademáis, cal será despois, a fonte de ingresos de quenes adicaron unha vida enteira a sacrificarse pol-o ben dos seus acreedores políticos? Rematará a liberalidade dos xamóns e a ergueita tradición dos votos. Galicia será un corpo sin alma. Os caciques en paro forzoso producirían a desfeita do país. Mediten nelo os gobernantes da hora. Mediten nas tráxicas consecuencias apuntadas xa. Decátense da fonda razón que alenta na protesta caciquil. E por buscar o bon xeneral non vaian a sacrificar a unha clase que tanta vitalidade chegóu a tér no país».

No número 414 (15 de Maio), o ortónimo volta a expressar o desagrado que lhe produz o pacto do PG com a *Frente Popular* numha tribuna livre intitulada *Entre dous compromisos*. Reconhecendo que se devem guardar os acordos enquanto nom se resolver o problema causante da aliança, finaliza com um chamamento ao Partido para que rompa, o mais aginha possível, um compromisso que já nom tem razom de ser:

«O Partido Galeguista vive hoxe entre o subrime compromiso da galeguidade, seu eixo e única razón de eisistencia, e o peso morto, antigaleguista, d-un compromiso circunstancial xa resolto. Ten de elexir urxentemente. Ou por Galicia ou contra a Galicia. Pois supoñemos que non pensará rematada súa función histórica coa esmola d-un Estatuto».

No mesmo número, a ironia de Solovio emprende-a de novo contra os reivindicadores dos grandes mitos do espanholismo. Nesta ocasiom o motivo vem dado pola protesta de um jornal galego (*¡tristura de Galicia cos seus xornaes!*) em contra da campanha que, segundo o tal jornal, se está levando a cabo contra a figura de Filipe II. Solovio afirma que é um mal patriota aquel que faga desmerecer o reinado do filho de Carlos V: «Felipe II, xenio de Hespaña! Grandeza e plenitude de Hespaña! Brazo diestro da catolicidade no mundo!». Quem tal fai, esses maus patriotas, som os «eséxetas racionalistas, os heréticos, os antihespañoles». Continua Otero no mesmo tom falando da Inquisiçom, fazendo de Filipe II um amigo do Cid e de Santo Inácio. etc."Solidariza-se" humoristicamente com a reivindicaçom do jornal:

«Que edificante, caro colega a vosa benemérita idea reivindicadora d-un prestigio que se perde! para perguntarse mais adiante: Pra qué, por outra banda, ocuparse de problemas que poidan afectar máis directamente á vida de Galicia, estando por resolver ise tan trascendental do prestixio de Felipe II?».

No número 415 (22 de Maio) voltam a aparecer simultaneamente as assinaturas de R. Otero Pedrayo e de Solovio. Na colaboraçom assinada polo ortónimo reproduz-se a participaçom de Otero na homenagem que o grupo alpinista ferrolano "Abrente" lhe tributa a Antom Vilar Ponte. Trata-se de um trabalho elegíaco no que estám ausentes as suas preocupaçons a propósito da *Frente Popular.* Polo contrário considera-se que se trata de um momento de esperanças no que florece a sementeira do mestre num agromar que assegura «*as colleitas do pan do esprito*».

O *Estetóscopo* de Solovio está dedicado à reuniom celebrada em Compostela polos presidentes e secretários das Cámaras da Propriedade; denuncia-se nel, na habitual clave de humor, o antiautonomismo destes persoeiros: «Nisa estupenda asambreia mantívose o criterio de que era ineiscusabel que a sagra unidade da patria se sostivese intanxibel». Mais o acordo nom foi total no banquete assembleário e, segundo Solovio, houvo quem pediu mesura e discriçom. Quando uns milhares de seres estám costumados a serem brutalmente aldrajados por um caciquismo secular, a oposiçom a umha via certa de libertaçom poderia suscitar corolários catastróficos. *Os ínclitos presidentes e segredarios* julgárom que, nestes argumentos, poderia haver algo de razom e decidírom ser mais transigentes com a autonomia da Galiza, e de passagem assegurarem os seus interesses, adoptando umha fórmula subtil: inibir-se em todo o referente à propaganda plebiscitária e estatutista, mas se o Estatuto triunfasse «eles serían asesores obrigados nos organismos téinicos, terían voz consultiva e representación forzosa acarón do Poder Rexional».

No número 416 (29 de Maio) as ironias de Solovio vam dirigidas contra a ironia antiautonomista de Calvo Sotelo. O *Estetóscopo* começa: «O Sr. Calvo Sotelo acaba de declarar que é a hora dos Estatutos e que debe serlle otorgado tamén un ao Retiro de Madrid. Don Pepito Calvo é o home máis inxénuo de cantos militan no campo monárquico». Otero continua no mesmo tom irónico e mais adiante refere-se à ponência de estatuto castelhano-leonês que andan a redigir alguns deputados afins a Calvo Sotelo. O sarcasmo de Solovio chega a alturas difíceis de superar:

> «Pero cecáis nós non interpretamos debidamente o desiño inicial que animóu a Pepito Calvo a solicitar un Estatuto para o Retiro de Madrid. Tal vegada soñe con unha nova reconquista do solar ibérico, iniciada precisamente alí, antre escozor de parexas e xestos de namorados. (...) Calvo Sotelo presidente i-héroe do Retiro autónomo poderia ser un primate humán feito no combate. Conductor de tropas e milicias, de masas encadradas en milicias entusastas.
>
> Velahí por onde se pode xustificar iste afán desmedido de autonomías que agora lle entróu a Pepito Calvo. E si é asín, nós respetamos, en canto tén de patriótica, a xenial idea do ex-segredario do Dictador».

Com esta referência ao seu passado político conclui Otero o seu despiedado ataque a Calvo Sotelo.

A continuaçom publica umha nota aclaratória na que se refere à «glosa humorística do esprito que reinóu na asambreia de persoeiros das Cámaras da Propriedade galegas» que publicara no número anterior. Otero quer fazer pública umha aclaraçom que considera de justiça e sinala a posiçom marcadamente *autonomista e galega* que sostiveram o presidente e o secretário da Cámara de Santiago, Martínez Otero e Santiso Girón respectivamente e também o secretário

da de Ponte Vedra, Cabanillas, e que contrastava com o espírito antiautonomista do resto dos assembleístas.

A assinatura de Otero Pedrayo está ausente do número 417 (5 de Junho) mas nom assi a sua figura. Umha nota de redacçom informa da sua eleiçom, por unanimidade, para a presidência do *Seminário de Estudos Galegos* (SEG); na nota chama-se-lhe *noso querido irmán* e o jornal felicita-se e felicita ao SEG ao tempo que mostra a sua infinita alegria e qualifica-o de figura máxima da intelectualidade galega.

No número 418 (12 de Junho) a ironia de Solovio ocupa-se da questom idiomática e, especialmente, da toponímia. Começa dizendo: «O réxime centralista, aparte de outras múltiples ventaxas, marcóu unha, imponderabel pra Galicia, no orde idiomático». Continua falando da imposiçom do espanhol por cima do galego e da depreciaçom social sofrida por este e "felicitando-se" de que ficasse convertido em símbolo de ruralismo e «siño diferenciador de clases. Que a elegancia se persoalice no castelán e humildeza despreciabel dos parias, no galego. Xa non vibrarán nos ouvidos aristócratas os sons brutaes das toponimias autóctonas». A partir deste momento Solovio começa a dar exemplos de castelhanizaçom de topónimos, tanto de nomes de lugares, vilas e cidades como de nomes de ruas. Finaliza sugerindo que os persoeiros galeguistas que ocupam cargos em concelhos e deputaçons para «salvar a unidade lingüística de Hespaña» proponham em sessom solene a total espanholizaçom daquelas toponímias que ainda conservam algo de galegas:

> «¿Por qué non decir Monfuerte, Puentevedra, Castrocualdellas, Llantada?».
>
> ¿Por qué non as denomiñacións de Preguntadero, Tempranohecha, Herrera del Valle de Oro? Mediten nelo -nista proposta- os persoeiros oficiaes do galeguismo, unha actitude concorde con tal esprito, sería a salvación definitiva de Galicia».

Nos números 419 e 420 nom há colaboraçons de Otero Pedrayo mas no 421 (10 de Julho) aparecem novamente juntos na mesma página o ortónimo e o heterónimo. No artigo do ortónimo, intitulado *O camiño redimido*[5] brilha o barroquismo tam caro ao mestre de Trás-Alva festejando o éxito do plebiscito estatutário; eis os seus dous primeiros parágrafos:

> «Passou brilante, asosegada e grave de lembranzas e futuros a xornada do Plebiscito. D-un canto a outro canto da Terra de Galicia, as notas do himno de Pondal afondaron presenza, eisaltaron deberes. Cidades e vilas, campías e ribeiras, agras e beiramars vibraron co mesmo conteste entusiasmo detremiñado c-un "Si" podente e arelado roteiro da Galicia a prol da sua liberdade.
>
> Enxamáis facheou tan ledo o sol do San Xohán, enxamáis as nubens debrocaron sobor dos eidos patrios semellante rega xerminal».

Otero evita entrar em polémica directa com a política do Partido mas nom por isso deixa de exprimir as suas ideias:

---

(5) Quintana e Valcárcel recensionam este artigo dando-o como publicado em *El Heraldo de Galicia* do 7 de Julho. Suponho que a recensom é correcta e que, portanto, foi publicado tanto no jornal de Ourense como no vozeiro do Partido. Também dizem que este artigo é *probablemente* o último escrito por Otero antes da sublevaçom militar; de acordo com a nossa tese que identifica a Otero com Solovio, haveria polo menos um *Estetóscopo* posterior, como logo veremos.

«Pro mañán mesmo, sen outro folgo, decorrida a xornada plebiscitar, comenza o novo e máis outo loitar. O Galeguismo forma política da Galeguidade xa non pode dubidar nin transixir. Hai xentes, hai partidos e opinións que teiman aproveitar a forma do Galeguismo pra fitos que non son precisamente os fitos da Galeguidade, e hai tamén outras que diante o trunfo do 28 redoblaron as suas vellas táiticas contra a soia verdade de Galicia. (...)».

[O galeguismo] «Ten de fortecer o Estatuto cas puras esencias galegas inxirir no carballo da tradición , orgaizar en galego o goberno, a economía o ensino. E diante calquer perigo, lonxe de todo compromiso, traballar enroitado pol-o ideal da Galeguidade».

Como se vê, Otero insiste na sua ideia de fugir de qualquer compromisso com outras forças mas nom se refere concretamente ao PG mas ao "Galeguismo", em geral e abstracto.

No *Estetóscopo* vizinho lembra-lhe à gente que se pergunta o porquê da inimizade furibunda da imprensa contra o Estatuto que os «xornaes monárquicos e monarquizantes som outavoz vivificador da auténtica tradición hispana». A ironia de Solovio centra-se especialmente no novo director, foráneo, de *El Ideal Gallego* a quem dedica o final do seu artigo:

«o novo mentor que nos chegóu de Logroño, afirma que Galicia é incapaz pra se gobernar de seu, i-eu creóo. Que a Nosa Terra non sinte un desexo de libertade, i-eu ademitoo. Que a Patria Galega posee unha íntima satisfaición cando a eisplotan caciques e maragatos, i-eu non o dubido. O que me somella imposibel é o cretinismo espritual dun pobo que ainda non fixo emigrar de Galicia ao derradeiro colonizador que ven a insultar impunemente nos seus propios fuciños».

O 17 de Julho de 1936 está datado o número 422, derradeiro do semanário do *Partido Galeguista* e nel aparece o último *Estetóscopo*. Começa dizendo: «O señor H, que escribe en "El Sol" "Feria de ingenuos, pretendéu facer humorismo a conta de Galicia, do Plebiscito autonómico e dos galegos». Otero nom vai utilizar o humor mas a indignaçom para polemizar contra H. e contra os que como el ponhem em dúvida a limpeza eleitoral do processo plebiscitário; considera umha grande fortuna sentir-se defensor de um triunfo autonómico cujos detractores «feden a estranxeiro e esbirro». No final do artigo, Solovio recorre à veia satírica para retrucar a H. que os republicanos, os demócratas e os autonomistas se vírom adormecidos polos caciques que se figérom com o leme da situaçom e aproveitando o seu sono «fixeron a votación por si soios. O Plebiscito trunfou. E cando o fondo natal dos durmintes, espertóu pol-a voz de ledicia da Terra, xa estaba o traballo feito».

Nom entrei, nem vou entrar, numha análise demorada dos artigos que levam a assinatura Solobio ou Solovio por considerar que com o dito abonda, aliás, os artigos julgo que se comentam por si sós com a sua simples leitura, parcial como aqui figem ou total como pode fazer quem quiger consultar a colecçom d'*A Nosa Terra.* Porém, vou fazer algumhas observaçons:

1.ª) Praticamente todos os artigos tenhem um tom de combate extremo e a ironia está presente na maioria deles, especialmente na série *Estetóscopo*. Dos assinados como Solobio poderíamos considerar um caso à parte o aparecido na página da FMG, e a utilizaçom da assinatura Solobio neste artigo poderia vir dada polo tema, já que a figura de Adrián Solobio tem muito a ver com o mundo universitário.

2.ª) Resulta inexacto, ou polo menos incompleto, dizer que Otero«Adícase, agora, á loita ideolóxica contra o rumbo político que o partido viña de tomar, e a este labor destina todo o seu tempo[6] e unha longa serie de artigos xornalísticos ata xullo de 1936» como afirman Quintana e Valcárcel na página 148 do seu interessante e valioso livro.

3.ª) Na série *Estetóscopo* nom há nengum ataque nem crítica contra a política de alianças do PG e simultanea-se com bastantes artigos do ortónimo em que si se critica a aliança com os partidos marxistas e se insiste na necessidade de que o Partido se liberte quanto mais melhor dos seus compromissos[7]. Parece que Otero figesse umha divisom do trabalho: Com o seu próprio nome assina os artigos em que entra em discrepáncia com a linha maioritária do Partido e reserva o ortónimo para atacar os inimigos do PG numha série de questons nas que nom entra para nada em contradiçom com a linha oficial. Também quero salientar que nalguns dos artigos assinados R. Otero Pedrayo além de criticar-se o marxismo e a política de alianças com o mesmo nom por isso se deixa sem criticar o direitismo espanholista antiautonomista.

(6) O sublinhado é meu.

(7) Se calhar a opiniom de Otero nom seria a mesma de reduzir-se a aliança aos partidos republicanos burgueses.

V. PAZ-ANDRADE

PRANTO MATRICIAL

EDICIÓN PENTALÍNGÜE

NO **25** CABODANO DE CASTELAO

EDICIÓS DO CASTRO

ANTOLOGIA

Da lacerante possibilidade de viajar no tempo.

João GUISAN SEIXAS

A máquina para viajar no tempo existe. Eu tenho-a experimentado pessoalmente e posso dar fé da sua efectividade. Nom se trata de nenhum artefacto futurista ou sofisticado. Quatro finos suportes para se poder pousar no chão e uma base acolchoada para suavizar esse doloroso trânsito no tempo. Tem um pequeno senom, e é que permite viajar ao futuro apenas, e carece de marcha atrás. Mas o seu preço nom se corresponde, nem de longe, com as fantásticas prestações que nos oferece. A máquina para viajar no tempo existe desde a noite dos tempos: a cama. Eu, polo menos, meto-me nela cada noite, e ela, como quem nom quer a cousa, vai e leva-me sempre até amanhã.

Pode parecer pouca cousa, e é porque nom se medita suficientemente na grandeza do fenómeno. De todos modos a cama nom só é capaz de te conduzir ao dia seguinte. Pode-te levar, se o desejas, até dous ou três, ou mais dias depois. Tudo depende da vontade de viajar no tempo que a gente tiver, e da capacidade das suas dormideiras (neologismo formado a partir do modelo: "tragar/tragadeiras"). Também pode haver quem diga que, se te levantas da cama aos cinco minutos de te deitar, nom te leva ao dia seguinte... e a estes eu digo: homem, se desces do expresso Vigo-Madrid aos cinco minutos de sair da estaçom, também o expresso nom te leva a Madrid (todo o mais que pode é deixar-te em Chapela) sem que por isso pretendas concluir que esse expresso realmente nom vai a Madrid. Por isso, quando uma pessoa que estava empenhada em que era preciso dormir com a cabeça em direcçom Norte (nom sei se para nom extraviar-se nos sonhos), me perguntava que para onde tinha orientada a cama, podia eu responder-lhe com toda a justeza: "Tenho a cama sempre orientada ao futuro"

Quer isto dizer que viajar ao futuro nom é algo tão complicado nem tecnológico como todos esses filmes de ficçom científica parecem querer demonstrar. Aquilo que resulta difícil nom é viajar ao futuro, mas *nom viajar* ao futuro. A vida nom é senom uma viagem contínua para o futuro. Acontece, porém, que nom sei onde nos temos equivocado ao apanhar o bilhete, ou ao subir no comboio, porque a pesar de viajar sempre nessa mesma direcçom, quando chegamos ao destino, vai e nom estamos no futuro, que resulta que temos ficado no passado. Nada de túneis luminosos e vozes celestiais que nos chamam do outro lado. O que é a morte é uma fraude!

Ou, quando menos, um erro imperdoável do chefe de estaçom ou da pessoa que despachou os bilhetes, devido sem dúvida ao seu desleixo de funcionários. Quem sabe se, ao melhor, em lugar de atender ao seu trabalho, estavam a ler uma revista, sem se preocuparem para nada de que em que sentido corriam as vidas. A morte deve ser algo tão desconcertante como deitar-te uma noite no teu departamento do transiberiano, com destino a Vladivostoque, e amanhecer ao dia seguinte na estaçom de Sárria. E digo Sárria, porque, sendo estudante em Madrid, de regresso à casa, sempre me surpreendeu acordar em Sárria, sem que as mais sisudas reflexões geográficas, nem todas as explicações científicas possíveis do fenómeno, conseguissem diminuir um ápice o tamanho desta repetida estranheza.

Claro que uma cama permite viajar ao futuro de uma maneira que parece demasiado lenta para as necessidades de uma dinâmica produçom cinematográfica. Havia um filme experimental, desses que eu via precisamente quando era estudante, em que o único que se mostrava no écran, durante toda a projecçom, era a imagem de um homem dormindo. Talvez a ideia da viagem temporal estivesse aí latente, e nós nom a tivéssemos compreendido. Talvez fosse um filme de ficçom científica, só que nós nom o sabíamos ver com esses olhos. Talvez fosse a única história de viagens ao futuro estabelecida sobre bases científicas, e nós fôssemos incapazes de apreciá-la.

Seria um tema interessante para ser estudado: eu suspeito que a ideia argumental da viagem no tempo arranca do próprio cinematógrafo como aparelho. Depois da surpresa das primeiras projecções, os operadores descobrirom um novo "gancho" para atrair o público às salas e barracões. Ao principio, para rebobinar o filme, apagavam a lâmpada do projector e esperavam a que o público tivesse saído. Algum operador descuidado e apressado deveu rebobinar acidentalmente um dia o filme com a lâmpada acesa e a sala cheia. No écran apareceriam os mesmos gestos e acções que acabavam de ser projectados, em ordem inversa. Esse dia o cinema descobriu o seu primeiro "efeito especial" e apreendeu a rir. A partir de entom aqueles pioneiros incorporarom o ritual da projecçom marcha atrás como cólofon das suas primitivas sessões cinematográficas. Muitos cómicos posteriores aproveitariam e glosariam essa comicidade rudimentar. A típica cena de Charlot tentando fugir e alguém que o apanha por trás e o atrai para si, mentres ele se agita e esperneia no ar, nom deixa de ser uma forma mímica de representar, num filme projectado ao direito, a pinguinidade de um homem a caminhar projectado marcha atrás. O caso é que o mesmo invento, o cinematógrafo, deu a ideia da reversibilidade do tempo, primeiro, e logo, com a montagem, a da possibilidade de viajar instantaneamente ao futuro, de passar, sem cama nem trâmites, de um dia ao dia seguinte, ou a uma semana depois. Esses ranços letreiros que diziam em letras redondas e instáveis: "Cinco anos depois" forom a primeira máquina do tempo que apareceu num filme (ainda que, neste caso, a verdadeira máquina do tempo era a tesoura e a mesa de montagem). E esta ideia, adormecida no interior próprio invento, daria pé, depois de mais cinco anos, a uma série de argumentos e histórias que passariam resvalando polas suas rodas dentadas.

O cinematógrafo incitou a pensar na possibilidade de se deslocar no tempo de uma forma mais rápida do que permitiam as camas. Mas uma máquina que permitisse viajar ao futuro mais de pressa, uma máquina que nos permitisse chegar ao futuro antes do que os outros, também existia, e por isso deve ser que aparece intimamente relacionada com o cinema desde os seus alvores. É um invento um pouco

mais recente que a cama. Eu, contudo, como sou um nostálgico e um reaccionário, sigo a preferir o método antigo. Esta máquina, a pesar de ter um controle manual e funcionar a base de um motor de explosom, atinge velocidades supersónicas em pequenas fracções de segundo. É de fácil manejo e no seu uso individual nom costuma falhar. Vende-se baixo as denominações comerciais de "pistola", "revolver" ou a mais genérica de "armas de fogo". Com ela podes viajar até ao final do futuro, até ao extremo da ponta do rabo do futuro, já nom num abrir e fechar de olhos, mas num fechar de olhos tão só.

A verdadeira utilidade das armas é a de viajar ao futuro e nom a de tirar a vida. Isso de "tirar a vida" nom deixa de ser uma frase presunçosa dos suicidas (que os suicidas som uns presumidos demonstra-o a sua maneira de empunhar a pistola como se fosse um secador do cabelo). Resulta muito mais fácil criar a vida que "tirá-la". Ainda que vamos analisar uma forma possível de "tirar a vida", nom se trata de nada que se possa fazer com uma pistola. Os fabricantes e comerciantes de armas, pessoas honradas de cuja palavra nom temos por que duvidar, deveriam advertir lealmente aos seus clientes, nos estojos, que esse produto nom é indicado para "tirar a vida". Poderá encurtá-la, poderá interrompê-la. Poderá dar a morte, mas nom tirar a vida, porque a vida, os quarenta, trinta ou vinte anos que tenhamos no momento de fazer essa estupidez, esses ninguém, nem mesmo nós, no-los poderá tirar nunca. De maneira que um suicida comete a verdadeira sandice de, para evitar os sofrimentos da sua vida passada, renunciar à vida futura, que nom lhe pode ter feito mal algum.

O exemplo pode parecer macabro e de mau gosto, e é-o. Mas, qualquer máquina que nos permitisse viajar ao futuro com maior rapidez da que empregamos actualmente, teria para nós o mesmo efeito pernicioso que pegar-nos um tiro ou seguir fumando, segundo a maior ou menor pressa que tivermos por chegar ao futuro. Acontece que, quando imaginamos uma máquina que nos permitisse viajar ao futuro, imaginamos o tempo como qualquer cousa que nom passa necessariamente por nós, o qual resulta uma fantasia mui humana. A viagem ao futuro consistiria assim, nom em envelhecermos (que é a maneira, cruel mas realista, de denominar a viagem ao futuro) mais de pressa. Antes ao contrário, consistiria em que as cousas envelhecessem mais de pressa do que nós. A receita para conseguir isto sabe-se de antigo. Consiste em viver mais de vagar e nom mais de pressa. Uma vida sã, uma alimentaçom sensata, exercício moderado e continuado. Como uma existência assim, semeada de experiências medíocres, como ouvir Haendel ou olhar a esfinge do monte Pindo desde Carnota ou cavalgar polas ribeiras do Arnoia em Outono, ou sentar-se simplesmente a ler um bom livro, nom seria suportável para uma pessoa afeita a esses grandes prazeres que som queimar as nossas gargantas e fígados com whisky de garrafa, os nossos pulmões com o fume de uns preciosos cilindros incandescentes e os nossos cérebros com variadas substâncias tóxicas (num esforço por anular a inteligência que bem poderiam poupar, dado que, se uma pessoa que decide anular voluntariamente a sua inteligência, é o tipo de pessoa que nom precisaria fazê-lo), impõe-se a urgente necessidade de inventar outra cousa. E, aliás, esta estratégia da vida sã, seria lenta de mais para o ritmo de hoje. Terias que esperar exactamente a vida inteira para ver os resultados, e estamos demasiado ocupados para perder o tempo em viver.

Se pretendemos que as cousas viajem, nom um pouco, mas muito mais rápido do que nós no tempo (ou que nós viajemos muito mais lentamente que as cousas,

que vem ser o mesmo) também nom fai falta inventar mais máquinas. Temos já o congelador. Parece ser que há, hoje em dia, técnicas que permitem congelar um corpo sem que o seu proprietário morra, e que há alguns milionários suficientemente milionários e estúpidos para o fazer. É um processo bastante nojento que se chama "crionizaçom". O problema radica em que nom se sabe mui bem como se pode realizar a fase de descongelaçom. Eu nisto da crionizaçom sou mais bem da teoria de Quevedo: "No puede en la quietud difunta hallarse/ hermosura soberana, que es fuego en el moverse". Duvido muito que um corpo que nom se mova permaneça vivo. Pode-se manter um tecido, todos os tecidos de um corpo, vivos (ou intactos) durante todos os séculos que se queiram, mas nom um corpo. Ou, polo menos, eu nom entendo por corpo vivo um corpo que nom se move, que nom come, que nom vai polo jornal ou que nom dorme.

Acontece que estes milionários que se submetem à crionizaçom têm uma confiança tão cega no progresso da humanidade que partem da base de que esse pequeno detalhe do descongelado tem que ser resolvido, por força, de forma natural polas futuras gerações. Nom calcularom, porém, que, ainda que se descobrisse a técnica necessária, sempre haveria alguém que se encarregasse de que nom se chegasse a aplicar: os seus legítimos herdeiros. Assimov, e nom está de mais citá-lo ao falar de viagens no tempo, imaginou num dos seus contos os problemas legais que suporia a ressurreiçom dos mortos. No suposto que nos ocupa, tendo os herdeiros as chaves das caixas em que se guardam as trombetas da Apocalipse, nom é de esperar que isto ocorra. Mas sobre tudo deveriam ter considerado, os crionizados, as dificuldades legais para reclamar à empresa responsável, no caso de que as torpes gerações futuras nom sejam capazes de encontrar o modo de reavivar essa pequena chama entre tanto gelo. Ainda que devo reconhecer que, o dia que a minha cama nom consiga levar-me até amanhã, como costuma, também eu nom poderei reclamar ao fabricante.

Por isso, desconfiando, ou bem da competência técnica, ou bem da honestidade, das futuras gerações, os teóricos da verdadeira máquina do tempo sempre se cuidarom de fazê-la reversível, por se acaso chegas ao futuro e te encontras com que está tudo fechado ou que nom há mesmo onde comprar pilhas para dar a volta. Uma verdadeira máquina do tempo deveria permitir nom só viajar ao futuro, como uma boa cama e uma vida sã, mas também "regressar" ao passado, cousa que a minha cama, devo confessar de novo, nom consegue fazer, por muitas voltas que eu lhe der aos lençóis.

Existe desgraçadamente um sério impedimento para que uma máquina destas características se chegue nunca a inventar. A razom, bem corriqueira, nom deriva de complexos cálculos infinitesimais nem da teoria da Relatividade. Essa máquina nunca se chegará a inventar pola simples razom de que, se se chegasse a inventar algum dia, *já o teríamos sabido.* Ao escrever esta frase treme-me o pulso. A pesar da minha incredulidade calculo: se publico este escrito, este escrito, de alguma maneira, põe-se a viajar no tempo, como uma mensagem de náufrago no mar no futuro. Poderia chegar às mãos do inventor da máquina do tempo, ou dalgum modesto epígono, o qual, para me demonstrar a minha ignorância, viajaria até este preciso instante a fim de me demonstrar o meu tremendo erro. Temo que ao pôr ponto a este parágrafo alguma presença imprevista se materialize às minhas costas e me mate do susto. Penso um pouco: nom pode matar-me do susto, porque entom nom publico este escrito e nom chega às suas mãos, e respiro tranquilo.

A prova do ponto e à parte resultou todo um êxito para a minha teoria. Detrás de mim nom há nenhum ser escafandrado, nem nenhum aparelho fantástico coroado de luzes: tão só uma borboleta de papel de seda, que nom veio do futuro, mas de China.

Este tipo de argumentos nom convencem, contudo, aos teóricos da máquina do tempo, que tentam sorteá-los acudindo à teoria dos Universos paralelos. O inventor da máquina do tempo nom viajaria a este "passado", mas ao de um Universo paralelo, que teria sido igual que o nosso até, ponhamos, a segunda guerra púnica, e a partir desse momento, em que apareceria a nave do futuro para advertir a Aníbal que nom atacasse Sagunto, que lhe ia sair o tiro pola culatra, seria diferente, e, no nosso lugar, ocupariam a península os descendentes dos cartagineses.

Num tal Universo paralelo mui bem pode ter acontecido que, ao pôr o ponto, pouco importa se um outro "eu" ou um outro "tu" ou um outro "nós", ou um outro "outro", mas uma pessoa com um número de identidade paralelo ao meu, tenha visto materializar-se os navegantes do tempo, e nesse Universo sim existirá, ou terá existido, que falando do tempo resulta difícil conjugar os verbos, uma máquina capaz de viajar ao passado. Isso é, como nom pode deixar de notar qualquer que tenha perdido o seu tempo, como eu, a pensar inutilmente no tempo, uma fugida "para diante" ou "para trás", que também é difícil de saber. Isso nom resolve o paradoxo, mais cria outro, ou outros muitos, uma cadeia infinita de paradoxos que nom deixam de lembrar aquela célebre e torturante armadilha verbal da nossa infância: "- Quieres que te cuente el cuento de la buena pipa. -Sí (ou "No") -No te digo ni que si ni que no, solo te digo que si quieres que te cuente el cuento de la buena pipa".

De qualquer modo, se nom é realmente o meu passado, mas o de um outro "eu", essa viagem, de verdade, nom me interessa para nada. Em primeiro lugar isso de "um outro eu" nom é digerível, nem linguística nem conceptualmente. Um outro "eu" nom sou "eu". Mais uma vez, na problemática da viagem no tempo, incorresse na falácia ou na fantasia consoladora (e nom obstante terrorífica e aberrante) de pensar que o tempo pode ser algo alheio a nós, que a linha do tempo nom passa necessariamente por nós, que nom é, por definiçom, perpendicular à nossa existência, que podemos ser espectadores ou navegantes do tempo, como se definitivamente o tempo nom fôssemos nós. Viajar no tempo resultaria sempre tão paradoxal como viajar polo próprio corpo. Acontece, porém, que quando dizemos frases do tipo "o tempo somos nós" soa a oco ou a sabido, como se fosse o célebre lema de "Fazenda somos todos", que a ninguém comove. Sinto que assim seja, pois nom há outra frase para o dizer: o tempo somos nós, nós estamos feitos de tempo, fazemos parte do tempo. Se nos encerram num quarto vazio muito tempo acabamos sempre por andar a dar voltas porque nom sabemos disfarçar a nossa autêntica natureza de relógios. Dizer que o tempo somos nós pode ser uma frase vazia e sem sentido, mas se a sentimos de veras... nom se a escrevemos, a lemos ou a dizemos sem mais... se a sentimos de veras, produz frio.

Quando falamos de "outro eu", subjaz uma concepçom meio cinematográfica e meio espiritualista da existência. Por um lado parece que esse "outro eu" e "eu" somos a mesma pessoa porque nos interpreta *o mesmo actor.* Por outro lado parece que "eu" sou espírito puro, independente da minha carne material, que posso existir de igual maneira num universo em que se viaja polo tempo, acima e abaixo, e noutro em que só as estradas e o espaço têm duas direcções e permitem fazer tais

piruetas. E "eu" nom sou nem carne nem espírito, nem uma mistura de ambos. Eu sou basicamente a minha história, eu sou essencialmente uma sequência, um hiato de tempo, que nom poderia existir, por definiçom, em nenhum outro espaço e tempo.

Esse "eu" a que se lhe tivesse aparecido um ser do futuro, deveria ser uma pessoa completamente diferente desta que sou. Seria um homem de cabelo branco, envelhecido prematuramente e desde entom calado: seria o primeiro ser humano a que lhe fosse dado conhecer o dia exacto em que a sua cama deixaria de funcionar. Uma cama que deixa de funcionar nom é mui diferente da cama que funcionava. Fica aparentemente no mesmo sítio que antes, sim, mas parece como aparcada contra a parede, como um automóvel arrumado na margem do tempo. (Isto oferece-me um singelo truque para garantir a minha imortalidade: pintar uma linha amarela na base da parede do fundo do meu quarto. Claro que eu nom quero ser imortal, só desejaria seguir a ser mortal para sempre).

De que me serve viajar ao passado, se viajo, afinal, ao passado de outro? Eu gostaria realmente de poder viajar ao passado, mas ao meu passado. Às vezes ponho-me a imaginar que se descobre uma maneira de viajar no tempo, mas essa viagem tem um custo, justamente, de tempo, como se deslocar-se no tempo provocasse uma fricçom cronológica, um desgaste de segundos, uma areiazinha temporal que iríamos desprendendo ao nadar polo tempo em direcçom contrária à corrente. Entom pergunto-me: "por viajar a que época estarias disposto a sacrificar, que sei eu, seis meses de vida, por exemplo?" Nem polas glórias de Roma, nem os terraços de Babilónia, nem a descoberta de América ou a Revoluçom Francesa, estaria disposto a tal sacrifício. Eu daria seis meses de vida por viajar muito mais perto, a essa Corunha (desculpem os normativizadores, deveria dizer: "essa A Corunha" ?) dos primeiros anos do presente século, essa Corunha de fotografias em preto e branco, que era tudo quanto se necessitava para a retratar: o branco para a cor das galerias, e o preto para a forma dos seus vidros e barrotes. Quando observo essas fotos da minha cidade, dantes de ser minha, sinto sempre uma vontade irreprimível de "regressar" a ela, ainda sabendo que é uma cidade trinta, quarenta ou cinquenta anos anterior a mim. Chama a minha atençom dessas fotos, nom tanto aquilo que nelas se vê, como o que nom se vê. Os meus olhos perscrutam os limites da imagem. Nom as margens da foto: as arestas das casas, e as ruas que se insinuam trás elas. Paro-me a pensar, mais que nas pessoas e actos que aparecem retratados, nessa outra gente que anda "agora mesmo", no mesmo instante em que estão a tirar a foto, por outras ruas, e em que estará a fazer. Tenho, por um instante como uma ideia vaga de uma certa simultaneidade no tempo, e entom gostaria de estar ali, de me poder mover por dentro da foto, por aquele labirinto de ruas solitárias e húmidas. Daria, sim, seis meses, ou mais, da minha vida por regressar, nom à minha infância mas à infância da cidade da minha infância, àquela cidade, para mim a mais formosa do mundo, que eu tenho visto morrer sendo pequeno, para ver crescer no mesmo lugar a mais grotesca paródia da modernice e (perdoe-se-me este outro neologismo) a "marulice". Estaria disposto a sacrificar na balança do tempo esse pedaço de vida, em troca de passear uns minutos por aquela cidade que algum dia há-de ser a minha, muito tempo antes de eu ter nascido, como se tivesse uma espécie de saudades herdadas, como se o passado anterior a mim fosse também o passado meu.

Mas eu gostaria de viajar ao passado, ao meu passado (que é, como digo, também o tempo anterior a mim) e para nada gostaria de ser um mexeriqueiro de vidas, tempos e universos diferentes e alheios. Tão alheios que têm umas constantes físicas diferentes deste universo. Tão diferentes como esse outro "eu" a que se lhe apareceu um terrorífico ser do futuro depois de ter lançado um inocente desafio no tempo, e este mesmo "eu" com quem o inventor da máquina temporal nom se dignou reunir numa cita marcada num ponto exacto de encontro, ortográfico e à parte.

A viagem ao passado nom só suscita estes paradoxos, que poderão parecer metafísicos àqueles que lhes parecer um detalhe pouco relevante ser eles ou qualquer outro. Nom há principio da Física, princípio constitutivo do nosso Universo (e isto quer dizer: princípio constitutivo da nossa própria carne) que nom ficasse vulnerado. Sem ir mais longe, aquele princípio da termodinâmica que todos estudamos, e que me desculparão se nom lembro se era o primeiro ou terceiro ou vigésimo segundo, ainda que talvez noutro Universo consiga lembrá-lo, e que estabelecia que num sistema fechado (e nom há sistema mais fechado que um Universo qualquer) a quantidade de energia e matéria é uma constante. Ponhamos entom que eu peso 80 quilos (que nom os peso) e que amanhã, 21 de Novembro de 1996, colho uma mochila e vou de excursom ao 7 de Agosto deste mesmo ano, por nom viajar mais longe. Aproveito para ir à praia e ali encontro-me, que casualidade, comigo mesmo, um pouco mais moreno (ou menos branco, para sermos realistas). Assim dá gosto, pode-se-me distinguir a mim do "outro mim" pola cor da pele. Agora pomos o Universo numa balança e pesamo-lo. Que acontece? Que o 7 de Agosto pesa exactamente 160 quilos mais que o 21 de Novembro, supondo que do Verão para cá nom tenha nem emagrecido nem engordado (que nom está cientificamente provado). O Universo sim. Terá pesado uma quantidade "X" o 6 de Agosto, uma quantidade "X + 80 kg" o 7 de Agosto e uma quantidade "X - 80 kg" o 21 de Novembro. E logo, segundo o "eu" pálido decida ficar no passado ou regressar de imediato ao futuro, geram-se uma série de contradições possíveis verdadeiramente fatigantes, podendo-se chegar a engordar o Universo, a base de "eus" até ao infinito.

Note-se que aqui nom vale o recurso aos "universos paralelos" dado que, de qualquer modo, esse Universo paralelo engordaria 80 quilos de repente, e este Universo perderia 80 quilos de repente, e nada disso dever ser são para nenhum Universo. Ainda se poderia contra-argumentar dizendo que o princípio da termodinâmica operaria no conjunto de Universos e que as perdas de uns se compensariam com os ganhos do outro. Mas seria estranho que uns universos pudessem trocar energia e matéria e nom possam partilhar o espaço e o tempo. Em definitivo: se os Universos nom som fechados nom som Universos. Claro que, a própria possibilidade de viajar do tempo de um ao tempo de outro, invalidaria a própria qualidade de "Universo". Afinal acontece com os "Universos" o mesmo que com os "eus". Por definiçom nom podem existir outros Universos. Se existe, já nom outro Universo, mas uma só bola de ping-pong fora deste Universo, este Universo deixa de ser um Universo, pois um Universo como Deus manda ou é tudo ou é nada. Pouco importa que recorramos ao ardil de lhe chamar ao velho Universo "Contínuo espaço temporal", que soa mais galáctico. Se podemos ir de um a outro, nom há dous "Contínuos" separados, mas um único "Contínuo" contínuo. E , de todos modos, essa ousadia de criar todo um Universo, ou mesmo infinitos Universos, tão só para compensar as contradições do nosso pensamento, parece-me uma das maio-

res presunções (depois dessa de ter inventado todo um Deus para poder crer que nom vamos morrer) em que tem incorrido o nosso pensamento.

Como se vê, a hipótese da máquina para viajar ao passado implica uma série ilimitada de contradições. O Universo é universal por definiçom, "eu" nom sou outra cousa que a minha história e se viajasse ao meu passado e a modificasse já nom seria eu, nem seria o meu passado, e se nom viajo ao meu passado, aonde c... viajo? A Cuenca? O recurso aos Universos paralelos nom é uma maneira de resolver os problemas, dilemas e paradoxos, da viagem temporal marcha atrás, mas de esquivá-lo. Se prospera esse tipo de raciocínio, os burocratas vão começar a dizer, em vez do tradicional: "isso é competência doutro departamento", qualquer cousa mais futurista como "isso é competência minha, sim, mas noutro Universo".

Mas a principal contradiçom nom afecta à definiçom de "eu" ou de "Universo". Afecta à própria definiçom de "tempo". Porque talvez o tempo só existe porque existem fenómenos irreversíveis. Que artefactos tão perigosos som as palavras! Criamo-las e logo nom sabemos como utilizá-las. Criamos uma, "tempo", para denominar tudo aquilo que nom tem marcha atrás, e agora vai e resulta que queremos dar marcha atrás ao tempo. Os que inventárom o relógio de areia devêrom pensar, ao princípio que tinham inventado a máquina do tempo. Num instante devêrom pensar que, ao dar volta às ampolas, os segundos e minutos começariam a correr marcha atrás. Mas quando vírom que eles seguiam envelhecendo devêrom suspirar aliviados, tendo compreendido que se o tempo se tivesse invertido, teriam regressado ao momento em que o relógio estava do outro lado e entom começaria de novo a correr para diante e teriam ficado para sempre prisioneiros, atados a umas ampolas cheias de areia e oscilantes.

Eu considero, na minha modéstia de molécula de grão de relógio de areia, na minha fascinaçom pola ciência e na minha ignorância dela, que o tempo nom é senom uma necessidade, uma derivaçom do citado princípio da conservaçom da massa e a energia, um mecanismo da matéria para permitir que um objecto adopte dous estados diferentes sem vulnerar esse princípio, quer dizer: para que uma bola de ferro possa estar no alto e logo no baixo da torre de Pisa (ou dito de forma mais breve: para que caia da torre de Pisa) sem ter por isso que aumentar um miligrama o peso do Universo, ou eu possa estar uns dias moreno e outros mais pálido sem o Universo ter que engordar 80 quilos. Por muito que o tempo nos maltratar nunca estaremos suficientemente agradecidos à matéria pola sua invençom. Pense-se o problema que suporia pintar uma mesa amarela de cor azul, se a mesa amarela nom ficasse no passado e permanecesse no presente ao lado da azul. Onde meter tanta mesa? E se, ao pôr a cafeteira no lume, a cafeteira fria nom ficasse no passado para deixar sítio à cafeteira quente? Acabaríamos por tomar o café frio para evitar tais contradições. Talvez existam afinal muitos Universos (E estes nom contraditórios, pois nom existiriam "ao mesmo tempo") nom Universos paralelos, mas transversais à direcçom do tempo, e cada milissegundo, cada instante, cada estado possível da matéria, seja apenas um Universo de um uso só.

Considerando o tempo como uma sucessom de estádios que resultam incompatíveis, haveria uma possibilidade física e nom metafísica, congruente e nom paradoxal, de viajar ao passado: inverter todos esses processos. Se me cai uma caixa de fósforos ao chão e eu a recolho estou, dalgum modo, a dar marcha atrás ao tempo. A lástima é que o resto do Universo nom me acompanha em tão heróico empenho. Mas, se conseguíssemos recuperar exactamente estados anteriores da matéria, esta-

ríamos a viajar ao passado de um modo efectivo e real, como num filme projectado marcha atrás. Entom os saltadores de trampolim sairiam disparados da água, e, graças a uns dedos gordos dos pés dotados de uma excelente visom, iriam aterrar perfeitamente direitos ao trampolim. Deixariam de ser saltadores *de* trampolim para se converterem em saltadores *a* trampolim, actividade nom suficientemente valorada, pois o público teria aplaudido antes de fazerem tão incrível salto.

Para que essa viagem física e real ao passado fosse possível, todas as leis que governam o nosso Universo deveriam de ter a sua correspondência numa lei oposta. Para que o salto *a* trampolim fosse possível seria preciso que a terra exercesse uma força antigravitatória sobre o corpo do saltador. E já esta pequena conclusom nos deitaria algo de luz acerca da autêntica natureza do tempo, dado que vemos que a sua direcçom está indissoluvelmente unida à gravidade. Nom deixa de ser significativo que os primeiros aparelhos que inventámos para medir o tempo, o relógio de areia e o de pêndulo, aproveitem precisamente a força da gravidade. Afinal vai resultar que o tempo é mais pesado do que supúnhamos, mesmo depois da leitura das mais insignes produções de Carlos Casares. Todos os mecanismos que inventamos para medir o tempo, ora empreguem a gravitaçom, os impulsos eléctricos, a tensom molecular de uma lâmina metálica, a combustom de uma vela ou a emissom de partículas, demonstram uma profunda relaçom do tempo com a própria estrutura da matéria, e por isso poderíamos considerar perfeitamente todos os objectos e todos os processos do Universo como um modelo de relógio, e olharíamos o ventre das tartarugas marinhas, que som relógios resistentes, mergulháveis e duradoiros, por ver se levam escrito "Swiss Made". E, nesse sentido, poderíamos inverter todos esses processos igual que damos volta a um relógio de areia.

Eu receio, contudo, que todos os processos nom sejam igual de simétricos que as empolas de um relógio de areia. Duvido, sobre tudo, da minha destreza para recompor no estômago os aminoácidos necessários para formar os bolos alimentícios que, habilmente manipulados com os dentes dentro da minha boca, me permitam reproduzir os pedaços do ovo estrelado comido esta noite, e que, de volta no prato, seja capaz de juntá-los de novo soldando-os com o gume de uma faca ou um garfo.

Ponhamos, dada a nossa escassez de recursos, um experimento doméstico. Nada mais fácil e económico que verter uma jarra de água num balde. Deixamo-la que repouse uns minutos. Logo damos volta ao tempo. Regressamos, marcha atrás, com uma jarra vazia, até um balde cheio de água perfeitamente quieta que, nom sabemos por que força, começa a se agitar num momento dado. Se houvesse uma gravidade invertida nom seria preciso que eu estivesse ali para que a água saltasse para cima como o saltador de salto a trampolim. Mas admitamos que as águas ascendem, no tempo marcha atrás, por causas diferentes que os saltadores. Admitamos que é esse movimento que eu estou a fazer com a jarra no ar, aquilo que "atrai" a água para o interior da jarra, igual que, no tempo marcha adiante, fora um movimento inverso da minha mão que a vertera. Consideremos porém que repetimos o experimento e que, agora, uma primeira vez deito água com a jarra no balde, e, passados cinco minutos, repito a mesma acçom com a jarra vazia, mas com idêntico movimento e com igual força no gesto. Deixo repousar a água dez minutos e damos volta ao tempo. Passados menos dez minutos eu entro na sala, de costas, e vou até ao balde, por cima do qual agito uma jarra vazia sem que nada aconteça. Mas, a menos quinze minutos, ante um movimento exactamente igual da minha

mão, a água começa a se agitar, sem força ou anti-força aparente ou oculta que actue (obviamo-lo) e sobe até encher a jarra. A questom é: como sabe a água qual dos gestos marcha atrás da minha mão é aquele que a atrai para o interior da jarra? Experiências parecidas podíamos fazer vertendo uma jarra de pigmento laranja e outra de pigmento azul que se misturam no balde num pigmento neutro. Noutro balde deito duas jarras de pigmento neutro previamente misturado, e logo deixo-os repousar, ou levo-os até Sebastopol andando, ou fago qualquer cousa exactamente idêntica com ambos. Por que razom ou anti-razom um balde cuspiria, com o tempo andando marcha atrás, pintura de duas cores diferentes e o outro da mesma cor, sendo todos os estádios anteriores exactamente idênticos em ambos?

O mais triste é que nem sequer invertendo um a um todos os processos, nem sequer desta maneira física e fatigante, que faria verter ao chão grossas pingas de suor que retornariam aos poros na nossa pele, poderíamos voltar realmente ao passado. E ainda que pudéssemos, incorreríamos em mais um paradoxo, porque, polo mesmo facto de dar volta ao tempo, o tempo se tornaria assimétrico. Nada impediria que, no futuro, encontrássemos a alavanca que inverte o sentido do universo, e começássemos a andar marcha atrás. Vamos pensar que é realmente uma alavanca com duas posições. Numa, naquela em que se encontra (que chamamos, num rapto de originalidade A) o mundo anda ao direito, como agora. Na outra (nom adivinham?: B) o tempo anda marcha atrás. Nós chegamos polo tempo ao direito e movemos a alavanca da posiçom A à posiçom B. Que acontece? O tempo começa a andar marcha atrás. Eureka! Ou , perdom: Akerue! Começa a andar marcha atrás, mas por pouco tempo. Porque o último que acabamos de fazer é mover a alavanca, e entom o primeiro processo que se inverte é esse, e voltamos a levar, nom empurrando, mas puxando, a alavanca para a posiçom inicial A, com o qual o tempo começa a andar outra vez ao direito e voltamos a levar a alavanca à posiçom B e ficamos para sempre a mover agulhas, condenados a perpetuidade a trabalhos ferroviários forçosos, com uma boina de lona e um farol de petróleo na mão, ao pé de um caminho de ferro sem trânsito.

A diferença entre projectar um filme marcha atrás e dar volta ao tempo radica em que nós podemos inverter o sentido do filme porque estamos fora do filme, e nom podemos dar marcha atrás ao tempo porque estamos dentro do tempo. Nom podemos dar volta ao tempo, porque dar volta ao tempo é uma acçom, e seria a última que faríamos no tempo ao direito, e a primeira que desfaríamos no tempo ao revês.

Alguém encontrará ridícula tanta história para demonstrar que nom se pode dar volta ao tempo. Mas o importante nom é tanto o ponto de chegada como o caminho que é preciso seguir para chegar a ele. Nom é igual *nom crer* na possibilidade de regressar ao passado, como um preconceito (como se podia ter julgado impossível, há tão só cem anos, que um objecto que pesasse toneladas pudesse voar), que *nom crer,* depois de ter formulado essa possibilidade e tê-la estudado com honradez. E, aliás, se nom damos por suposto, mas conseguimos demonstrar, o carácter irreversível do tempo, teremos que descobrir e compreender, no caminho, alguma cousa acerca da profunda maneira de ser do nosso Universo. A questom nom é tanto determinar que o tempo tem só um sentido, mas por quê é assim.

Por isso, a maneira mais emocionante de comprovar a impossibilidade desta involuçom temporal consiste na prova da luz. Nom pode haver uma demonstraçom mais formosa que o nosso próprio corpo para ver a forma do tempo, e se o nosso

nom valer, pode valer perfeitamente algum outro da mesma espécie, como o de Uma Thurman, Naomi Campbell ou Claudia Schiffer. Porque talvez levemos gravada na nossa figura o sentido do tempo, e tenhamos olhos na cara apenas para poder ver sempre o tempo de frente, e a direcçom do nosso olhar, do nosso nariz e da ponta dos nossos pés, nom seja algo gratuito e irrelevante, e, nom tendo sido modelados em argila ao capricho divino, sendo filhos do tempo, levemos talvez a forma do tempo escrita no rosto e no corpo. Porque, se no exemplo do saltador *a* trampolim tínhamos que deduzir, igual que uma anti-gravitaçom, uma portentosa agudeza visual nos dedos dos pés, num saltador de cem metros valados marcha atrás, teríamos que deduzir uma capacidade de visom na nuca, e nom pareceria sério admitir que um ser humano possui distintos órgãos de visom ou anti-visom segundo a actividade ou anti-actividade que realiza. Se nom contássemos com outras referências sensoriais mais que a nossa vista (e considerássemos, por conseguinte, o nosso ser como um ponto fixo no espaço) toda a nossa vida poderia desfilar, diante dos nossos olhos, como um longuíssimo corredor em que voltamos a encontrar, às vezes, algumas caras e objectos com que já nos tínhamos atravessado dantes, mas no qual, invariavelmente, todas as cousas, sucessos e paisagens, viriam sempre do fundo para nós, e diante e detrás no tempo seria o mesmo que no espaço. Porque, se fôssemos mui estritos falando, nunca poderíamos dizer que *olhamos para trás.*

O mundo, e nós somos o mundo, tem a forma da luz, e se outra tivesse nom a poderíamos ver e nom seria uma forma. Quando se formou o Universo, se resulta ser certa afinal a famosa teoria do Big Bang, a matéria começou logo a se espalhar a uma velocidade vertiginosa, sim, mas, no primeiro segundo, a luz já lhe levava uma vantagem de uns 300.000 quilómetros. E para se poder espalhar a luz necessitava de tempo e espaço, e nom existindo previamente isso, fazia-se preciso que a luz fosse capaz de levar o tempo e o espaço no bico, que possuísse a virtualidade de ir desenrolando, ao seu passo, uma alfombra cerimonial de espaço-tempo.

Para esta experiência chega com ter uma lanterna. Bem, e um vai-vém espacial, é preciso reconhecê-lo. Se acendes uma lanterna de noite, sobre tudo aqui, em Vilacide, no Outono, com estas névoas que há, é mui fácil observar o feixe de luz de perfil. Mas a luz nom tem nariz nem perfil. Só vemos a forma do feixe de luz polos raios que se reflectem nas gotas de água em suspensom no ar húmido, mas a luz que podemos ver é sempre perpendicular aos nossos olhos. Se levamos a lanterna de Vilacide a Cabo Kennedy, e dali ao espaço exterior, ou a qualquer outro lugar onde nom entre o ar e reine o vazio absoluto, como a sede do Conselho da Cultura Galega, veremos que nom vemos (e terá que valer a redundância) o feixe de luz de perfil, porque nom há molécula nenhuma que a desvie do seu curso inicial. A única forma que tem o feixe de luz é a esférica da lanterna, se a olharmos de frente. A luz nom tem perfil. Quando me explicárom que todas essas cenas dos filmes de ficçom científica em que se vem naves espaciais dispararem potentes raios laser de lado, nom se poderiam ter rodado em nenhuma outra parte do Universo que nom fosse Hollywood, porque no espaço interestelar nom há atmosfera, nem ar, nem humidade que se ilumine ao seu passo, penso que cheguei a compreender um pouco a forma da luz, do espaço e do tempo. A luz só tem uma dimensom, e isso implica, como pretendemos demonstrar, que o tempo tem só uma direcçom.

Tendo uma dimensom, existindo só na linha que vai do foco emissor ao órgão receptor, sempre de frente aos nossos olhos e nunca de lado (que leal é a luz!) a luz poderia, contudo, ter dous sentidos, um de ida e outro de volta. E imaginar como tem um sentido só, tal como eu penso que é, nom resulta tão simples como acender uma lanterna no espaço exterior. Teríamos que nos situar nom de frente, como quando a vemos na sua verdadeira forma, nem de lado, como quando vemos uma forma fantasmagórica, que nom é a da luz, mas a da sua trajectória. Teríamos que nos situar *detrás* da luz, o qual resulta impossível fisicamente, mas nom mentalmente. Suponhamos que estamos detrás da luz, nom detrás da lanterna, com o tampo das pilhas a tapar-nos o olho. Detrás do plano da luz, do ponto mesmo de que sai a luz. Acendemos a lanterna. A luz nom é radial, sai exactamente desde o nosso plano de visom para fora. Mantemo-la uns segundos acendida, orientada para uma zona absolutamente escura do espaço. Aí vai, aos seus 3000.000 quilómetros por segundo! Apagamos a lanterna. Nalgum ponto, no escuro, segue a luz a viajar a essa velocidade. Invertemos o sentido da marcha do tempo. Veremos a luz regressar correndo polo espaço marcha atrás, tal qual a teríamos visto vir de frente, situados no ponto oposto do espaço? Como a experiência é puramente mental parece que o mesmo valeria dizer sim ou nom, mas eu tenho para mim (se se quer mesmo por uma espécie de intuiçom ou de conhecimento mais rápido que a minha capacidade de analisar o meu próprio conhecimento) que nom, que nunca poderíamos ver a luz marcha atrás, que a luz é por definiçom algo que sai e que nom entra, suor de estrelas que nom pode regressar aos seus poros. Nom sei por que suspeito, no fundo da minha mente, que a luz, vista de costas, nom poderia ver-se, que os fotões, a pesar de apresentar-nos sempre um rosto luminoso, têm as orelhas sujas por detrás, a nuca cheia de ronha e o cabelo molhado em betume. A luz nom tem parte de atrás e talvez por isso as traseiras das casas resultam sempre tão escuras. Há uma anedota clássica que diz: "- No caso de acidente ferroviário o vagom mais perigoso é sempre o último. - E entom, porque nom o retiram?" Pois bem, a luz é barco que só tem proa, moeda de uma cara só, máscara sem reverso, comboio que carece de último vagom.

Nom podemos situar o olho no mesmo plano que a fonte de luz, mas talvez poderíamos situar uma película translúcida, com a cara exterior impregnada com uma soluçom fotograficamente sensível, de maneira que permitisse sair a luz, por um lado, e ficasse impressionada se a luz "regressasse" do outro lado. Seria factível, deste modo, realizar efectivamente a experiência que acima definíamos como puramente mental. Só faltaria o pequeno detalhe de encontrar a alavanca que dá a volta ao tempo. Vamos supor que existe, e que podemos manipulá-la sem incorrer no paradoxo descoberto quando falámos dela. Situamos a lanterna por trás da película, do lado insensível à luz. Acendemo-la. A luz começa a se propagar em linha recta no espaço vazio. Apagamos a lanterna. Nalgum ponto do espaço a luz continua o seu avanço. Invertemos a direcçom do tempo. Se a luz invertesse também o seu curso e regressasse à lanterna, produzindo um aquecimento da resistência da lâmpada (que geraria uma corrente eléctrica "positiva" de direcçom contrária àquela que acendera a luz) antes teria, por força, que atravessar a película impressionando a face sensível. Obviemos por um momento que entom já nom regressaria toda a luz que tinha saído, pois uma parte dela teria agora interactuado com a placa. A questom é que, para comprovar os resultados desta experiência, já nom precisamos tão sequer dispor da alavanca e da possibilidade de inverter o tempo. Porque, se tal cousa fosse acontecer ao inverter o tempo, agora, no tempo ao direito, teria

que estar já a placa impressionada com o círculo luminoso (ou escuro, se se tratar de um negativo fotográfico) da imagem da lanterna, mesmo antes de ela se acender. E, como vamos fazer esta experiência com um película perfeitamente virgem, diante desta simples evidência, descobrimos que a luz nom tem marcha atrás e que o tempo resulta ser irreversível, posto que um fenómeno tão significativo como a propagaçom da luz (e talvez doutras formas de radiaçom) resulta sê-lo, e para que o tempo fosse reversível todos os fenómenos, sem exclusom, teriam que ser susceptíveis de se inverter.

Faltaria por saber se num mundo marcha atrás a fotossíntese seria também reversível. Quer dizer: se no tempo ao revês as árvores emitiriam luz mentres recolhiam as suas folhas para dentro dos gomos. Porque, se isto nom fosse assim, do carácter irreversível da luz se deduziria automaticamente o carácter irreversível de uma couve, e o nosso, sejamos pacíficos comedores de saladas mistas, ou torpes predadores de vacas indefesas que estavam a se alimentar de erva fresca sem fazer mal a ninguém. Vegetarianos ou necrófagos, todos somos, afinal, comedores de luz. Alimentámo-nos de luz mais ou menos filtrada e elaborada, sem que isto se deva entender como um convite para apanhar uma lâmpada de incandescência e, depois de a ter pelado como uma pêra, pôr-se a mastigá-la sofregamente.

A objecçom à mecânica desta experiência mental é previsível: aparentemente supomos que a placa fotográfica seguiria a funcionar no tempo ao direito, pois no tempo ao revés, em lugar de se enegrecerem os nitratos de prata em presença da luz, estes sais impressionados emitiriam luz, até recuperar o seu aspecto original (caso de que este processo químico, como a fotossíntese, fosse reversível, cousa que haveria que demonstrar). Note-se, porém, que esta luz seguiria sempre a viajar no mesmo sentido, da placa para fora e nom para a lanterna, e, a fim de contas, seria uma emissom e nom um "regresso". Num mundo marcha atrás talvez as máquinas de fotos serviriam de lanterna, mas as lanternas nom funcionariam como máquinas de fotos. Mas, de qualquer modo, de que imagem enegrecida poderia sair essa luz, se nenhuma tinha incidido no tempo "ao direito"? Os sais de prata estáveis, esses sim nom têm nem direito nem revês no tempo. Ao receber a luz reagiriam sem lhe perguntar se vem de um ou doutro lado da história.

Também se poderia objectar, ainda, que essa assimetria da luz (e do tempo portanto) nom é espontânea, mas induzida, que a assimetria encontrada nom é tanto a da luz como a da placa ou dispositivo interposto, que seria afinal uma espécie de "armadilha" assimétrica para lhe imputar essa assimetria à luz.

Naturalmente que se queremos evidenciar o carácter assimétrico da luz temos que utilizar, sem remédio, um dispositivo assimétrico. É como se nos censurassem que para apanhar um quadrúpede empregássemos uma armadilha desenhada para apanhar as suas patas. Teria patas o animal porque a armadilha tinha, por assim dizer, forma, ou molde, de pata? Ao contrário: o animal cai na armadilha pensada para um animal com patas, porque tem patas. Isto, polo menos, até ao dia que os físicos quânticos se dediquem à caça de laço. Se a luz pode cair numa armadilha assimétrica é porque ela é assimétrica no tempo e no espaço (e talvez porque para ela, tão analfabeta, tão pouca cousa, o tempo e o espaço som o mesmo). Realizemos um experimento de referência com alguma partícula dotada de massa, como um leom, por exemplo. Fazemos passar um leom a través de um aro recoberto de uma membrana de papel. O leom salta, atravessa o aro, rompe o papel e cai no chão do outro lado. Damos volta ao tempo. O leom salta marcha atrás, atravessa o aro em

direçom contrária e, ao passar, o roce do seu corpo atrai os pedaços de papel para o centro do aro, com tal violência que, como resultado do choque, as arestas desses pedaços ficam soldadas, recobrindo o aro de novo. O leom, o salto e o aro poderiam ser reversíveis no tempo, ao contrário que a luz, a lanterna e a placa. Claro, dirão, o aro é um dispositivo simétrico, igual por um lado e por outro. Bem, pois fabriquemme entom um dispositivo assimétrico que permita atravessar ao leom num sentido e nom noutro. Este exemplo serve para ver que nom se pode construir uma armadilha assimétrica em que caia um ser que o nom seja. A diferença entre um leom e a luz, radica na possibilidade da luz para passar por um meio assimétrico, cousa que o leom nom pode. A sua única semelhança talvez seja a crina dourada.

Ficaria a dúvida de que fosse mecanicamente factível a experiência da placa. Como se deduz do anteriormente dito, nom precisaríamos a alavanca de inverter o tempo para demonstrar a irreversibilidade da luz, bastaria com sermos capazes de construir realmente um dispositivo assimétrico a través do qual passasse. Por isso vale a pena sermos exigentes com esse mecanismo e receio que nom ficasse de algum modo um pouco exposta a emulsom sensível ao passar a luz a través dela, e mesmo que a película nom deixasse passar senom um fraco feixe de luz que se poderia confundir com essa pequena exposiçom recebida pola placa.

Para evitar equívocos desta classe vamos construir uma armadilha para a luz que nom possa ser questionada. E vamos construi-la com dous fenómenos tão próprios da estrutura íntima da matéria e da luz como som a transparência e a reflexom. Ainda mais emocionante, se couber, que descobrir a forma do tempo no nosso rosto, resulta vê-la na transparência dos vidros e na magia dos espelhos. Que formoso comprovar que esses mistérios quotidianos que tanto absorvêrom as meditações da nossa infância (e as de toda a existência das moscas) encerram, nem mais nem menos, que o segredo da forma real do Universo!

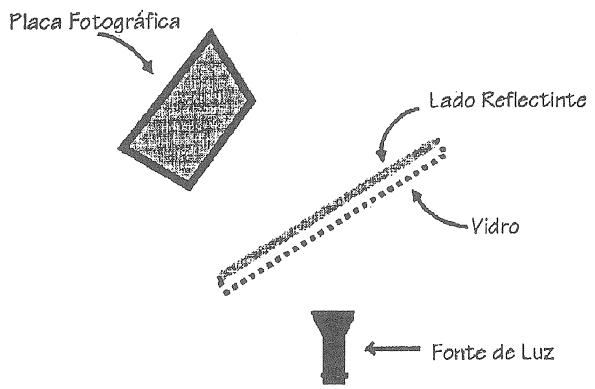


Fig. 1 - A Armadilha da Luz.

A armadilha que temos construído para a luz (veja-se figura 1), nom deixa de lembrar aquela "ratoeira Speculum" que inventara o entranhável Silvestre Paradox de Pío Baroja. Encontramo-nos no espaço exterior. Temos uma lanterna, uma fonte de luz, que acendemos e apagamos, como na experiência anterior, e na trajectória do feixe luminoso colocamos um fino vidro transparente, situado, nom perfeitamente transversal ao feixe, mas obliquamente inclinado num ângulo de uns 45 graus. Enfrentada a ele colocamos uma placa fotográfica sensível, que nom recebe neste momento luz nenhuma, e por conseguinte nom é preciso encerrar numa câmara escura nem antepor um obturador. O vidro está polido pola sua face exterior, de maneira que o seu índice de reflexom seja maior por este lado que polo outro. Podemos obviar uma série de fenómenos colaterais: refracçom, pequenas reflexões no lado posterior do vidro, dispersões etc.; irrelevantes, todos eles, respeito de uma inversom temporal. Grosso modo, o vidro por um lado (o posterior) permite passar a luz, e polo outro (o exterior) reflecte-a.

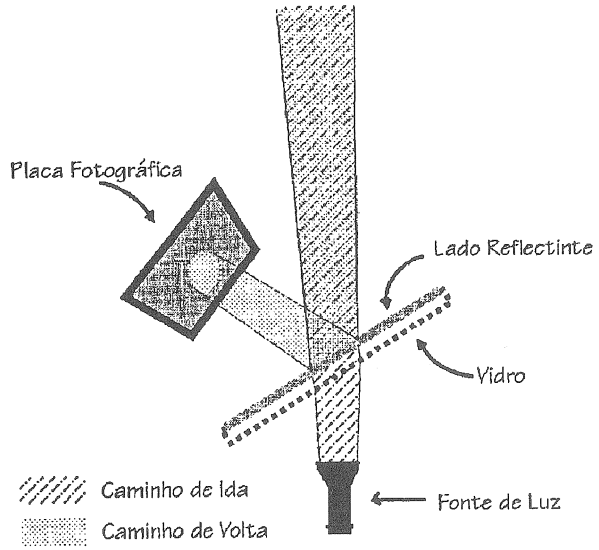


Fig. 2 - A Luz Engaiolada

Repetimos a experiência anterior (veja-se figura 2). Acendemos a lanterna. A luz atravessa o vidro, indo-se perder no vácuo escuro[1]. Apagamos a lanterna. Damos volta ao tempo. Agora, se o raio recuasse sobre os seus passos, ao se encontrar de novo com o vidro, uma pequena parte da radiaçom conseguiria atravessá-lo (nom esqueçamos que nom está azougado) recuperando o seu estado inicial na resistência da lanterna, mas uma quantidade importante de radiaçom, ao incidir com um ângulo aproximado de 45 graus na superfície polida do lado externo do vidro, seria reflectida, com um ângulo igual e contrário, respeito à normal, segun-

do o mesmo e elementar princípio óptico que nos permite pentearmo-nos todos os dias. A luz reflectida impressionaria a placa fotográfica situada enfrente, e de novo nos encontraríamos diante do mesmo dilema: no tempo ao direito essa placa tinha que ter estado impressionada antes de começar a experiência, antes mesmo de acender a lanterna. Tinha que ter estado impressionada "de fábrica", desde o mesmo momento da sua elaboraçom.

Pode-se talvez contra-argumentar supondo que, num Universo às avessas, igual que haveria uma anti-gravidade, podia-se dar uma anti-reflexom, e que, simplesmente, num tempo ao revés, os espelhos em lugar de reflectir a luz permitiriam o seu passo, com o qual o raio regressaria sem problemas por onde tinha ido.

O mais fácil seria responder que, sendo o vidro semi-reflectinte e semi-transparente, se a reflectividade se convertesse, marcha atrás, em transparência, a transparência deveria converter-se, em boa lógica, em reflectividade, pola qual a luz seguiria a ver-se reflectida, nom pola superfície polida exterior, mas polo vidro inteiro. Mas esta objecçom pode ser útil para tirar algumas consequências interessantes da anterior experiência.

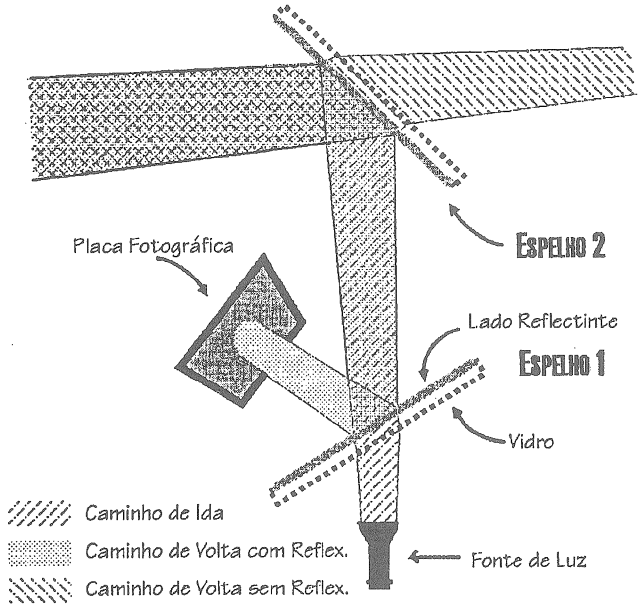


Fig. 3 - A Luz Vampirizada

[1] (Nem é preciso indicar que a luz, ao sair do vidro, nom pode experimentar, de nenhuma maneira, o menor efeito de reflexom na face externa do mesmo. Poderia, todo o mais, sofrer uma pequena "reflexom interna" (fenómeno irrelevante, igual que os já omitidos, a efeitos de reversom temporal) mas isso só aconteceria se o ângulo do raio respeito do vidro fosse mui "crítico", cousa que na nossa experiência nom acontece.

Imaginemos (ver figura 3) que a realizamos exactamente igual, só que, a uma dada distância, colocamos um segundo vidro (Espelho 2) com a face reflectinte enfrentada à do primeiro, de maneira que o feixe de luz, ao bater contra ele, saia desviado da sua trajectória e direcçom inicial. Entom, ao dar a volta ao tempo, estaríamos diante de uma tripla possibilidade:

1) Ou bem, nesse estádio da matéria, os espelhos nom produzem reflexom, em cujo caso, o raio desviado nom pode retomar a via de regresso ao foco luminoso, com o qual nom recuperamos o estado anterior e nom retrocedemos realmente no tempo.

2) Ou bem aceitamos que existe reflexom no tempo ao revés, e que o único que varia é o sentido da mesma, com o qual a luz, de volta, reflecte-se no Espelho 2 primeiro, e logo no Espelho 1, indo parar, nom à lanterna, mas à placa fotográfica, e de novo seria necessário o requisito contraditório de que a placa estivesse impressionada, no tempo ao direito, antes de se iniciar a experiência.

3) Ou bem nom se produz reflexom, em nenhum dos espelhos, nom por uma mudança na sua natureza, mas porque a luz nom tem marcha atrás e nom regressa nem ao 2° nem ao 1°, e por isso nom tem por que atingir a placa.

Em resumo, nom há nenhuma lei física que nos permita supor um comportamento diferente do Espelho 1 e do Espelho 2 num tempo invertido. Ainda que nom nos custa admitir, no caso do Espelho 1, que nom se produz nele reflexom, ou bem que a luz nom chega a ele, para evitar a incómoda imagem da lanterna na placa, resulta mais difícil de assimilar que isto mesmo vai acontecer no caso do Espelho 2, que temos diante de nós, mas é inevitável que assim seja. Se situássemos um espelho enfrente de nós e nos dedicássemos a fazer sinais de Morse com a já famosa lanterna, acendendo-a e apagando-a em intervalos mais longos e mais curtos que formassem uma sequência (ponhamos: ". —"), ao inverter o tempo nom se reproduziria a sequência contrária ("—."). Podemos aceitar que um marinheiro, a fazer sinais com bandeirolas, no tempo ao revés executaria a mesma sequência invertida. Mas se os tivesse feito por meio de luzes e espelhos, ao dar marcha atrás ao mundo nom se produziria um sinal inverso, nem sinal algum. A luz ofereceria diante de um espelho, num Universo antagónico, a mesma imagem que um vampiro. A luz nom se reflectiria, porque a luz nom tem marcha atrás, porque a luz nom tem parte de atrás.

Burlando, que nom vulnerando, aquele princípio de Fremat de que se deduzia que o caminho da luz a través de um sistema óptico é idêntico num e noutro sentido, temos visto que o percurso de volta da luz através do tempo pode nom ser idêntico ao percurso de ida. Temos encerrado a luz na sua gaiola temporal, de que nom pode sair. Mais uma vez nom precisamos de ter a alavanca do tempo na mão para comprovar o carácter irreversível da luz. Basta-nos com ir fazer a experiência, colocar todos os objectos no seu sítio. Como é um experimento de ida e volta no tempo, obteremos os resultados antes de o fazer. Ao ver que a placa fotográfica que levamos nom tem impressionada a figura de uma lanterna acesa, podemos já regressar à casa satisfeitos do trabalho e dispostos a empregar em cousas de maior proveito um dia que já sabemos carente de forro com que lhe dar a volta, como todos os dias.

A falta de alavanca pode-se substituir, aliás, por uma hipótese cosmológica que supõe que o Universo, chegado ao limite da sua expansom, quando a atracçom gravitatória superar a inércia derivada da grande explosom primitiva, iniciará uma fase

de contracçom, e o tempo e o espaço começarão entom a se inverter até se concentrar num ponto de massa tão crítica que voltaria a explodir e iniciar de novo a sua lenta e eterna sístole e diástole. Se isto fosse assim, só precisaríamos colocar o nosso dispositivo, e, depois de comprovar que a placa que levamos nom está impressionada, acender a lanterna e concluir, com todo o fundamento científico que pode proporcionar esta experiência pobre e caseira, mas digna, que a luz que saiu nom regressará nunca, ponha-se como se puger o Universo.

A luz só tem uma dimensom no espaço e uma direcçom no tempo. Quando na orvalhada das noites de Outono vemos, apontando-a para o céu, em Vilacide, ou em qualquer outro ponto da Galáxia, a forma de um feixe de lanterna, de perfil, a iluminar inutilmente o firmamento, nom estamos a ver a forma da luz, mas o sentido do tempo, que vai e nom volta da nossa mão para o escuro. O tempo, que sempre flui de Vilacide para sempre.

Vamos, porém, fazer mais uma concessom à possibilidade da viagem temporal. Vamos obviar nom só o paradoxo da alavanca, mas também o carácter irreversível da luz. Vamos supor que podemos inverter, com efeito, todos os processos, fazer girar os planetas para trás igual que os relógios, que podemos regressar, de uma forma física e nom fantástica, a um momento anterior da nossa existência. De que nos serviria? De nada. Ao imaginar viagens temporais caímos no mesmo engano que a Física Quântica (ou polo menos a pseudofilosofia derivada da Física Quântica). Trata-se de mais um ardil do nosso pensamento para nos consolar da nossa ínfima condiçom de náufragos do tempo. Caímos no engano de considerar a nossa consciência como algo alheio à matéria, independente do seu curso e das suas limitações. E a nossa consciência é material, interacções de partículas que nom podem reduzir a incerteza do Universo, se essa incerteza fosse consubstancial à matéria.

Pensamos a viagem marcha atrás no tempo como se a nossa consciência seguisse, a pesar disso, a funcionar para diante. E nom. Se pudéssemos regressar fisicamente no tempo, a nossa consciência viajaria connosco. Viajar ao passado seria talvez a única maneira certa de poder-nos tirar efectivamente a vida. Nunca saberíamos que tínhamos encontrado o modo de viajar ao passado. Porque igual que a gravidade se converteria numa força de repulsom (e entom por que nom saíamos todos disparados para o céu como saltador a trampolim?) o que tinha sido conhecer se converteria em esquecer, a lembrança em olvido, e nunca saberíamos que íamos ridiculamente polo mundo marcha atrás para a irrisom dos outros Universos. O mais bonito seria que a luz sairia (ao igual que das árvores e as máquinas de fotos) dos nossos olhos, e o mais triste que nós nunca o veríamos.

Vilacide 20 de Outubro de 1996.

O Autor quer advertir que nada de quanto se recolhe neste escrito tem sido comprovado cientificamente e que se trata apenas de uma simulaçom de Universo num circuito de provas, puras e simples divagações ociosas efectuadas desde o modesto observatório astronómico da sua calvície, e também:

Que fumar prejudica a saúde, que as armas de fogo, ainda que nom sejam capazes de nos tirar a vida, nem por isso está recomendado o seu uso (que pode também ser prejudicial para a saúde), que, ainda que nos alimentemos de luz, as lâmpadas podem ser indigestas, e que as alavancas do tempo é melhor nom as tocar.

RECENSONS

LANGUAGE INTERNATIONAL WORLD DIRECTORIES OF SOCIOLINGUISTIC AND LANGUAGE PLANNING ORGANIZATIONS (*)

Óscar DIAZ FOUCES
(Universidade de Vigo)

O livro que resenhamos é a tradução do original catalão, um texto que corresponde com o trabalho dos autores que mereceu dois subsídios do *Institut de Sociolingüística Catalana,* da *Direcció General de Política Lingüística* da *Generalitat de Catalunya,* nas suas convocatórias para fomentar as pesquisas sobre Sociolinguística e Sociologia da Linguagem. O mesmo *Institut* assumiu as despesas da tradução. Todo esse suporte institucional tem um reflexo na obra, na forma de um *Foreword* do Director Geral de Política Linguística do Principado Miquel Reniu.

É autor do prefácio o Professor Florian Coulmas (da Baptist University de Tóquio), que participou recentemente no *I Congrés Internacional de Planificació Llingüistica,* organizado em Barcelona pelo *Institut.* O mesmo congresso em que foi apresentada a obra de Domínguez & López. Como assinala Coulmas, a publicação deste volume constitui «a welcome opportunity to reflect on the development of Sociolinguistics and Language Planning over the past fifteen years or so, say since the appearance of Joan Rubin's *Directory of Language Planning Organizations*». Com efeito, é evidente a relação —mesmo a dívida metodológica— com o Directório de Rubin (East-West Center, Honolulu, Hawaii, 1979). Como também é evidente o enorme esforço de exaustividade por parte dos autores: o seu trabalho quadruplica em extensão o de Rubin. É que, de facto, a criação de agências e centros de estudos sobre planificação linguística tem vindo a superar as previsões mais optimistas, nos trinta anos que passaram desde a *Airlie House Conference* (um bom ponto para datar a origem da disciplina).

Os objectivos assinalados pelos autores para o Directório são os de facilitar o intercâmbio de informações, evitar a duplicidade de esforços e veicular entre as organizações e entre o público em geral uns dados úteis sobre línguas e sociedades.

O trabalho começa com uma breve introdução (pp. XV-XIV), onde os autores informan sobre os critérios para a inclusão no directório. Sabemos assim que ficam recolhidas as organizações públicas e privadas que se ocupam com questões relativas a Sociolinguísti-

---

(*) Francesc DOMÍNGUEZ & Núria LÓPEZ. 1995. Amsterdam: John Benjamins. ISBN 90-272--1951-6 (Eur.)/ 1-5519-7-40-3 (US).

ca, Planificação Linguística e disciplinas afins, e não as que trabalham com tradução, administração ou ensino de línguas (o 2.° volume da colecção *Language International World Directories* decicar-se-á monograficamente à tradução). Também não recolhe os Departamentos universitários, ainda que sim determinados centros e institutos. Não há referências às organizações políticas.

As organizações aparecem agrupadas em dois grandes blocos, dependendo da sua cobertura: internacionais e nacionais (deve-se entender aqui «nação» como sinónimo de «Estado»).

Ainda na introdução, os autores reproduzem a ficha que corresponde com os dados das diversas entradas (p. XVII), e que inclui o nome oficial da organização (e a tradução para inglês, eventualmente), o endereço, nome dos responsáveis, horário de trabalho e de atendimento, língua(s) de atendimento, tipo de organização ([não] governamental), data de criação, *staff,* número e categoria dos membros, línguas-alvo, cobertura geográfica, objectivos, especializações, actividades e serviços, publicações, trabalhos em curso e previsão de novos trabalhos. O livro inclui um questionário para eventuais actualizações dos dados fornecidos, assim como um segundo, dedicado a acrescentar as informações que contém a secção de *Language Synopsis* (pp. 337-343), onde fica recolhida uma pequena descrição de cada uma das línguas (história sociolinguística, número de utentes, etc.).

Para além disso, inclui ainda o volume uma Bibliografia geral, o índice de nomes e acrónimos das organizações, o índice por línguas e por países, um bloco de mapas por famílias linguísticas e um mapa horário que tem o objectivo de servir de auxiliar para as referências sobre horário de atendimento das fichas. A propósito do índice por línguas, provavelmente não resulta tão útil como deveria. Experimentámos a pesquisa dos dados sobre as entradas *Galician* e *Galician-Portuguese,* obtendo como resultado as fichas 5 e 86 do vol. I e 472, 503, 504 e 522 do vol. II para o primeiro, e as 32 e 9 do I e 474 do II para o segundo. Todavia, as fichas 471 («Asociación de Funcionarios para a Normailización Lingüística»), 521 («Servicio de Normalización Lingüística da Universidade da Coruña») e 523 («Servicio de Normalización Lingüística da Universidade de Vigo»), todas elas, assim como a 485 («Dirección Xeral de Política Lingüística, Xunta de Galicia») têm como língua de trabalho, aparentemente, o *Galician.* O critério empregado para a inclusão no índice parece ter sido o de dar resposta à pergunta sobre *language(s) planned.* Não seria bom revisar o critério, ou simplesmente eliminar as fichas das organizações cujas línguas-alvo são, consequetemente, desconhecidas? A propósito da ficha 485 (sem informações recebidas), resulta inevitável a comparação com os números 484 («Direcció General de Política Linguística. Generalitat de Catalunya») e 499 («Hizkunta Pulitikarako Zuzendaritza Nagusia»), exaustivas. Mais uma vez, o que é previsível não deixa de resultar lamentável.

O leitor terá sentido, com certeza, a curiosidade por conhecer quais são as organizações recolhidas para o Galego-Português. Eis o detalhe:

Galician I: 5 («The European Bureau for Lesser Used Languages»), 86 (a rede «Mercator»); II: 472 («Asociación Española de Lingüística Aplicada (AEsLA)»), 503 («Mesa pola Normalización Lingüística (A Mesa-MNL)»), 504 («Mesa pra Defensa del Galego de Asturias e da Cultura da Comarca (MDGA)») e 522 («Servicio de Normalización Lingüística (SNL). Universidade de Santiago de Compostela»).

Galician-Portuguese I: 32 (o centro «Mercator»), 79 («Irmandades da Fala da Galiza e Portugal»); II: 474 («Associaçom Galega da Língua (AGAL)»).

Completámos a pesquisa experimentado agora por países. Sob a epígrafe ***Portugal*** achamos a Associação de Terminologia Portuguesa (440), a Comissão Nacional da Língua Portuguesa (441), o Instituto Camões (442) e o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (443); sob a epígrafe ***Brazil*** aparecem a Academia das Letras (142), a *Association de Linguistique Appliquée du Brésil* (143), o Grupo de Trabalho de Lexicografia e Terminologia da ANPOLL-Dep. de Linguística da U[niversidade de] S[ão] P[aulo] (144), e o Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (145). Com excepção da ficha 400 (exaustiva), o resto das que resenhamos neste parágrafo contêm apenas os endereços institucionais e o texto lacónico de *No further information provided.*

No que diz respeito aos dados fornecidos para AGAL, estes são basicamente correctos. Mesmo corrigem, em certo modo, a inclusão no bloco «Nacional». Assim, no «tipo de

organização»: «non-governamental research organization of national (Galicia), state (Spain) and international coverage, and mixed financing» (p. 255). Decerto, seria útil passar informações aos autores sobre as últimas publicações da Associação (aparece referenciado apenas o *Poder, Ideologia e Língua).*

Ter-se-á surpreendido o leitor, sem dúvida, com a inclusão da AEsLA no grupo de organizações que trabalham pela promoção do Galego. Os dados fornecidos na ficha correspondente (472, p. 254) são surpreendentes, também. Aparentemente, as línguas com que se ocupa a AEsLA *(languages planned)* são «Castilian, Basque, Catalan, Galician» (convém não esquecer que a AEsLA tem a sé física na Universidade de Múrcia). No entanto, as línguas de atendimento *(communications)* são apenas «Spanish, English, French». Porém, e para falar verdade, também a AGAL não inclui o Galego entre as línguas de atendimento (sabemos, isso sim, que «Understand Catalan»). O critério dos autores podia ter sido o de não reproduzir a língua com que se ocupa a organização no grupo das línguas de atendimento. Verificamos a inexactidão dessa hipótese consultando uma outra ficha, a 510 por acaso («Servei de Llengua Catalana» da Universidade de Barcelona): o Catalão é *language planned,* e são línguas para *communications* «Catalan, Spanish, French, English and German». O problema metodológico, aparentemente menor, levanta na realidade uma questão mais preocupante. Com efeito, parece óbvio que as actividades da AEsLA e da AGAL, por manter o exemplo, são essencialmente relativas à planificação; a AGAL mantém uma atitude de clara *militância* (nem por isso descuidando os aspectos científicos). De facto, o *Language Planning* é considerado apenas um ramo mais no âmbito da Linguística Aplicada, e não —claramente— o objectivo central da AEsLA. Porque é que os autores, seguindo o critério menos estrito, não incluíram, então *todas* as organizações de linguistas e sociólogos do mundo? De facto, também são frequentes as comunicações sobre sociolinguística em congressos de monanística, eslavística, psicologia, direito, politologia... Nem por isso resultaria lógico incluir num directório destas características a Associação Internacional de Linguística e Filologia Românicas, ou a Associação Espanhola de Ciência Política.

Um bom número de fichas leva apenas o endereço e a indicação *No further information received.* É mesmo assim que o leitor não pode evitar a impressão de terem a mesma importância relativa a «Mesa pra Defensa del Galego del Bierzo» (ficha 505) e a «Real Academia de la Lengua Española» (509). Parece lógico pensar que os autores realizaram uma pesquisa prévia, antes de dirigir-se às organizações. Donde foram tiradas essas primeiras informações? Com que critérios têm sido depuradas?

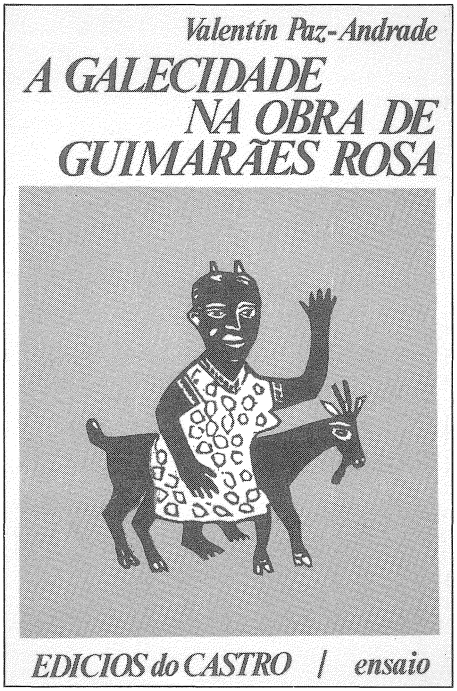
Passamos para as *Language Synopsis* e verificamos as entradas *Galician, Galician-Portuguese* e *Portuguese.* Pela primeira (pp. 367-368) sabemos que em 1991 falavam Galego 2.421.102 pessoas na Galiza estrita, com um total de 2.649.084 cidadãos. Alguém deveria advertir aos autores que o «Censo de Poboación e Vivendas 1991» (donde foi tirado esse dado, sem dúvida) tem de ser lido com todas as prevenções. O autor destas linhas não pode ocultar a imensa felicidade que lhe supõe saber que sete em cada oito Galegos falam Galego. É curioso, porém, ter coincidido sistematicamente com as pessoas número oito em cada grupo.

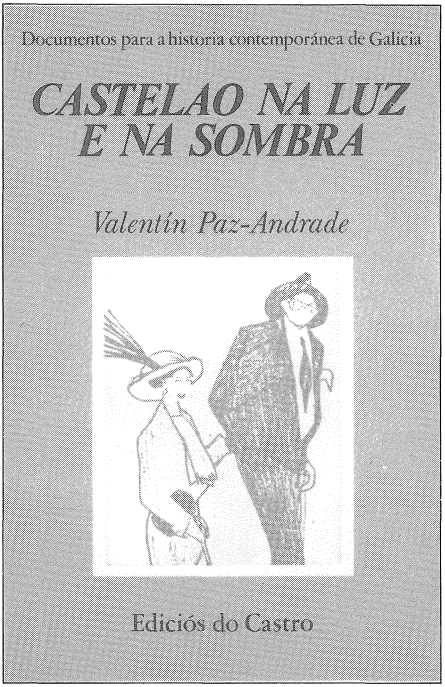
A entrada *Galician-Portuguese* (p. 368) indica apenas a existência de uma língua com esse nome utilizada na Idade Média na faixa ocidental da Península Ibérica. A entrada *Portuguese* (pp. 410-411) fornece, aliás, algumas precisões mais interessantes: «Galician and Portuguese formed a unit until the fifteenth century, Galician-Portuguese. After that two different varieties of the same language were shaped, Galician and Portuguese» (umas informações basicamente correctas e completas).

A Bibliografia sobre o Galego-Português que recolhe o volume é muito precária, definitivamente: o *Informe dramático* de Alonso Montero; o «Manifesto» de AGAL; o «Censo de Poboación» a que fizemos referência; um typescrit de Paz Lamela (!!); «Portugal, l'équilibre rompu» (S. Ricardo, 1992); *Que futuro para a língua portuguesa em África?* (M. Ferreira, 1988) e o discurso de abertura do Congresso «A Língua Portuguesa no Mundo», recolhido em *Nós,* 29-34 (por certo que a ficha sobre as *Irmandades* recolhe a revista *O Ensino* como publicação própria. É que ainda existia em 95?). Porém, é toda a Bibliografia que convém revisar, com certeza. Os trabalhos citados de Ch. Camproux, J. Fishman o R.A. Hudson são traduções para o Espanhol, e não originais: estaria bem fazer constar esse facto (assim

como as datas de publicação *dos originais). Mais ainda: porque é que aparecem citados num trabalho especializado esses mesmos três manuais?* Ou —o que é pior— um outro manual, o de *Linguística Aplicada* de Marcos Marín & Sánchez Lobato (Madrid: Síntesis, 1988), que dedica apenas um breve capítulo à planificação? Não parecem claros os critérios para a inclusão dessas obras, decididamente prescindíveis, aliás, para os propósitos do trabalho.

As críticas precedentes —que são apenas sugestões— não devem confundir os leitores da *Agália:* o «Directório» é uma ferramenta utilíssima, apesar das deficiências inevitáveis para um trabalho destas características. De facto, e tendo em conta os objectivos explicitados pelos autores —mesmo o subsídio público—, não teria sido conveniente explorar a possibilidade de organizar um *Web* na Internet com todos esses dados, e com a possibilidade de modificação e actualizações imediatas na mesma rede? É mesmo assim que o *Summer Institute of Linguistic,* por exemplo, tem dispota uma parte do seu banco de dados (esta afirmação não prejulga, em absoluto, a nossa opinião sobre outras eventuais actividades do SIL, é claro). Seja como for, este volume deverá estar nas estantes de todos os centros de estudo sobre sociolinguística e *Language Planning.* A iniciativa foi feliz; agora trata-se simplesmente de melhorá-la.





ISOLACIONISMO SUBTROPICAL

José Henrique PERES RODRIGUES

Mergulhados polas livrarias de Porto Alegre, capital do muito *sui generis* estado brasileiro do Rio Grande do Sul, deparei com um livro, de 265 páginas que se intitula *Talian Víneto Brasileiro sem Mestre*, de Darcy Loss Luzzatto[1]. Em princípio surpreendeu-me a sua boa organizaçom e apresentaçom, à altura dos melhores cursos de línguas «modernas» e que bem poderia servir nisso de modelo aos «nossos» (?) isolacionistas daqui. Mas, logicamente, a minha atençom centrou-se sobretudo na existência desta «nova língua románica», surgida entom a partir «*de uma língua gloriosa e milenar que na «Sereníssima' República de Veneza foi falada por mais de mil anos e que, ainda hoje, é falada em todo o Víneto. Trazida ao Brasil por nossos primeiros imigrantes é ainda falada, por seus descendentes, em grandes áreas dos Estados sulinos —Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná— e de outros mais ao Norte*».

Estamos falando entom, carnavalizando um pouco, de *trisolacionismo*. Quer dizer: o víneto, dialecto italiano próximo do toscano (de onde surgiu o padrom) constitui-se em língua para «gerar» outra nova língua do outro lado do mar. Ou polo menos isso se depreende de afirmações como: «*Você será fluente no idioma que muito pouco difere daquele que por mais de mil anos foi a língua oficial da 'Sereníssima' República de Veneza*». Óptimo.

Compreende-se que o autor nom está empregando umha terminologia científica e que as suas pretensões nom chegam jamais às divertidas incongruências dos «nossos patriarcas da língua». A realidade itálica é muito complexa e tem pouco a ver também com o mundo galego-português. No entanto, nom faltam exemplos no livro que nos vêm lembrar momentos gloriosos da nossa história filológica recente: «[Em *Talian*] <u>*Sià*</u> *é palavra importada do português,* <u>*chá*</u>*. Em vêneto o termo é* <u>*té*</u>». (O sublinhado é meu.). Quer dizer, parte-se exclusivamente da realidade falada no momento presente polos descendentes daquela emigraçom no Brasil para dar nascimento ao *Talian*. Pois que o vêneto sofreu algumhas alterações no Brasil, em parte por causa do seu contacto com outros dialectos itálicos, mas sobretudo polo contacto com o galego-português brasileiro, já temos umha nova língua. É de desconfiar agora se essa «língua» *taliana* se conserva com características homogéneas pola grande área antes citada, em cada umha das comunidades que ainda a empregam, ou se, polo contrário, apresenta diferenças de lugar para lugar, com diferentes graus de assimilaçom por parte do galego-português. Como, a falta de mais dados, isto último parece o mais provável, teremos entom que começar a falar de vários *talians* (ou *taliani*).

É tam incrível a força que tem a realidade político-administrativa (que nos ensinarom bem ensinada na escola) que inclusive profissionais dos que caberia esperar certa sensatez caem umha e outra vez na utilizaçom de critérios políticos para definir entidades linguísticas. Nom teria sido melhor aprender vêneto nas escolas aos descendentes da imigraçom italiana do que *Talian*? Nom teria sido ainda muito melhor aprender o italiano padrom, ou polo menos umha variedade de aproximaçom? Mas polo menos essa possibilidade nom se exclui dum modo tam negativo como fazem os nossos patriarcas com o luso-brasileiro: «*Com o Talian, nossa primeira língua, dialogaremos com a Itália de ontem e de hoje, falaremos o português como nossa segunda língua e o italiano, para quem quiser, como outra língua*». Polo menos nom se criam em *talian* falsos amigos propositadamente, do estilo *perto/preto* e, o que é mais importante, a ortografia proposta procura a confluência com a italiana correspondente, sem ceder ao galego-português naqueles casos em que poderiam «interferir-se». Deste modo *Vècio* (velho) deve pronunciar-se [Vétchio]; *Quel* (aquele) pronuncia-se [Kuêl]; *Che* (que) pronuncia-se [kê]; *Ragno* (aranha) soa [ránho]... o que é toda umha mostra de confiança nos escolares italo-brasileiros, pois os nossos, como se afirma por aqui, nom seriam capazes de suportar tais *desajustes*.

---

(1) Loss Luzzatto, Darcy; *Talian Víneto Brasileiro sem Mestre*, editora Sagra-Luzzatto, Porto Alegre, 1997.

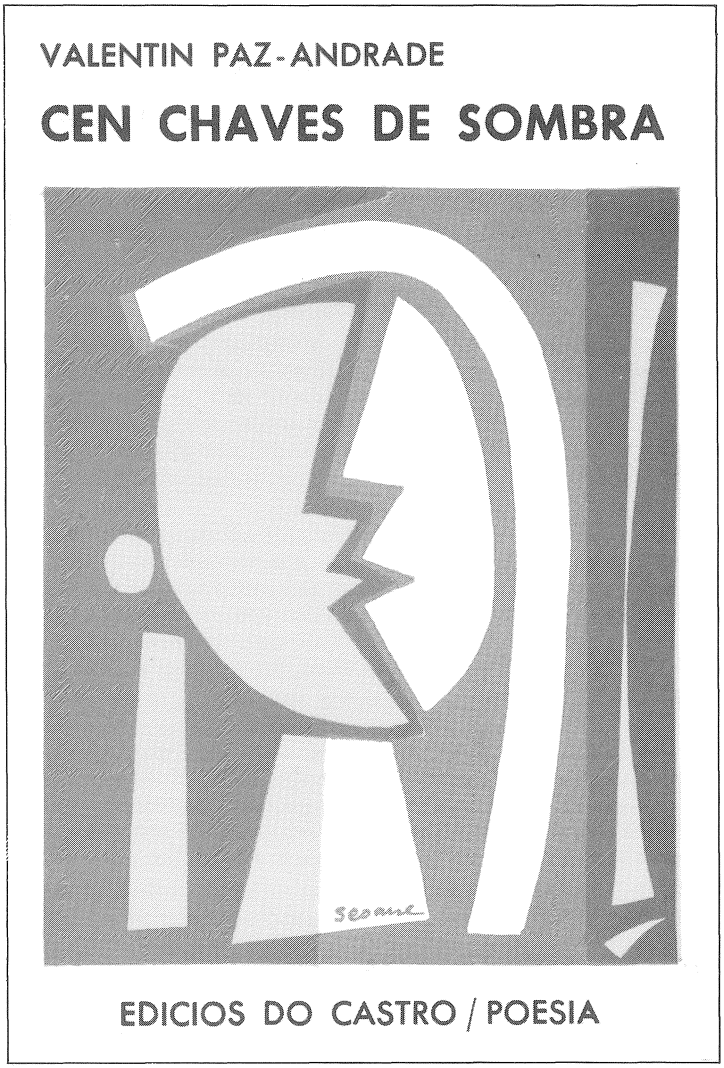
O livro apresenta ao começo um quadro de equivalências dos grafemas, como a maioria dos métodos de ensino de galego correcto na Galiza, e a partir daí seguem cinquenta lições, estruturadas do seguinte jeito: Em primeiro lugar um texto em *talian*; depois a pronúncia figurada, pensada especialmente para falantes de galego-português; a traduÁom do texto; notas de comentários linguísticos e culturais e exercícios de controle. Afinal do livro fornecem-se também alguns anexos de informaçom gramatical e um pequeno glossário. Só como pequena mostra do que é o talian apresentamos este quadro; elaborado por nós a partir dos anexos, onde se compara o *talian* com o italiano padrom:

Pronomes Pessoais		**Presente de Esser / Essere**		**Presente de Aver / Avere**		**Presente de Amar / Amare**	
Talian	*Italiano Padrom*	*Talian*	*Italiano Padrom*	*Talian*	*Italiano Padrom*	*Talian*	*Italiano Padrom*
Mi	Io	Son	Sono	Go	Ho	Amo	Amo
Ti	Tu	Sì	Sei	Ghè	Hai	Ami	Ami
Lu/Ela	Lui/lei	Ze	È	Ga	Ha	Ama	Ama
Nantri/Nantre	Noi	Semo	Siamo	Gavemo	Abbiamo	Amemo	Amiamo
Valtri/valtre	Voi	Sii	Siete	Gavé	Avete	Amè	Amate
Lori/Lore	Loro	Ze	Sono	Ga	Hanno	Ama	Amano

Nom é que os reintegracionistas nom gostemos do estudo e registro das pecualiridades dialectológicas de cada lugar (e creio falar em nome de todos). A maior parte consideramos que é umha actividade sumamente interessante e que pode proporcionar dados de extrema importância para o estudo dos grupos humanos e os seus comportamentos. Assim também, consideramos que as peculiaridades dialectais podem e devem ser valorizadas e cultivadas no dia a dia porque nelas se acha boa parte da vitalidade de umha língua; mas desde logo nom cremos que a consagraçom de padrões linguísticos baseados em diferenças **dialectológicas** conduza a nengumha parte. Os dialectólogos nunca deveriam ser colocados a escrever normativas. E, sobretudo, há um componente de honestidade que nom é possível esquecer: Seria tam **rendível** para estes amantes das pequenas diferenças reconhecer o carácter dialectal dos seus dialectos e abster-se de elaborar manuais, gramáticas, dicionários... que já estám elaborados? Seria tam importante, em termos de fama e prestígio até, para o senhor Loss Luzzatto dedicar-se a difundir o emprego da língua italiana entre os italo-brasileiros como erigir-se em patriarca de umha nova língua, do *talian*? Nom pretendemos pôr em dúvida o amor pola sua fala, que com certeza é muito, e nem sequer a honorabilidade das suas intenções, mas... apesar da inegável qualidade do seu método, seria ele tam bom como os que estám já feitos em italiano padrom se se aceitasse simplesmente que os italo-brasileiros falam diversas variedades da língua italiana e que nas escolas deveriam aprender o italiano? E mais: Que possibilidades reais tem de sobreviver o *talian* por si só, num meio bilinguizado e submetido à pressom de umha língua internacional de amplo uso como é o galego-português? E se sobrevive... nom será mais interessante para os seus falantes aprender o padrom e servir-se de todos os materiais —livros, revistas, filmes, programas informáticos...— já nele elaborados, que som muitos mais dos que jamais elaborar umha língua *taliana*?

Desde logo, se por cada pequena diferença se justificasse iniciar um «processo de elaboraçom« de umha língua, ou seja, um processo de auto-promoçom também dos seus codificadores, afinal o *talian* seria «mais língua« que o *galego*; pois as suas diferenças som maiores com respeito ao padrom que as nossas respeito ao padrom luso-brasileiro. E quiçá o exemplo do *talian*, visto desde fora, consiga abrir os olhos a mais de um por aqui. Mas em ambos casos assistimos ao surgimento artificial de «novas línguas», impulsionadas por pessoas particulares que, afinal, seja ou nom de modo premeditado, acabam saindo beneficiadas do seu «novo engendro».

Em qualquer caso, fique sempre em pé o nosso apoio a todas as línguas brasileiras no caminho da sua normalizaçom, desde as centenas de idiomas indìgenas que ainda som falados até as línguas levadas lá polos emigrantes em diversas épocas. Fiquem, pois, também em pé os nossos melhores desejos de normalizaçom para todas as variedades do **italiano** ainda utilizadas no Brasil. E fique também bem alto, apesar de tudo, o nosso louvor ao autor, Darcy Loss Luzzatto, e à sua editora, Sagra-Luzzato, pola grande qualidade material e boa apresentaçom do manual que, sem nengumha dúvida, pois, terá um grande sucesso nas escolas italo-brasileiras quando se efectivar o direito ao ensino na língua materna que garante a Constituiçom Brasileira para as minorias linguísticas; se se reconhece a existência de umha língua *taliana* diferente do italiano, claro.



INSTRUÇONS AOS AUTORES

Com o fim de unificar os usos gráficos na apresentaçom dos trabalhos que aparecem na revista, e adaptar esta às convençons internacionais que visam a harmonizaçom formal das publicaçons periódicas de carácter científico, o Conselho de Redacçom de *Agália* elaborou as seguintes

INSTRUÇONS AOS AUTORES

A revista *Agália* é editada pola Associaçom Galega da Língua (AGAL) e destina-se à publicaçom dos resultados de investigaçons e estudos que, nos domínios das humanidades e das ciências sociais (sobretudo de temas linguísticos ou literários), dizem respeito à Galiza, resto de países de expressom galego-portuguesa ou comunidades de idioma minorado.

Agália publica estudos, notas e recensons de livros. Entende-se por estudo um trabalho de investigaçom de mais de 10 páginas de texto dactilografado a dous espaços; as notas som trabalhos de menor extensom. Os estudos, notas ou recensons deverám ser originais, comprometendo-se os autores a nom os submeter para publicaçom noutra revista antes de lhes ser comunicada a decisom do Conselho de Redacçom de *Agália.* Os autores devem remeter os originais ao Apartado dos Correios 453 de Ourense (Galiza).

Todos os trabalhos publicados em *Agália* aparecerám escritos em idioma galego-português com a normativa de carácter reintegracionista que defende a AGAL (no seu *Prontuário Ortográfico Galego*), ou em qualquer outra normativa do nosso sistema linguístico. O envio de originais por parte dos autores supom a aceitaçom desta norma. Nom obstante, com carácter excepcional, quando o Conselho de Redacçom da revista o julgar de interesse, poderám aparecer em *Agália,* na sua versom galego-portuguesa, trabalhos originalmente redigidos noutras línguas.

Os originais dos artigos devem ser dactilografados a dous espaços sobre DIN A-4, por apenas um lado, com margens de, ao menos, 3 centímetros e tipo de tamanho 10 c.p.p. (excepto as citações de trechos, que aparecerám sangradas à direita e em tipo de tamanho 12 c.p.p.). Se for possível, para facilitar a ediçom do trabalho, os autores remeterám, junto com o texto em papel, umha disquette de 3½" contendo o correspondente arquivo informático produzido polos processadores de texto Word, WordPerfect ou WordStar.

Os **estudos** e **notas** da *Agália* apresentarám, após o título, nome do autor ou autores e a sua filiaçom, as seguintes **secçons:** um curto Resumo, em versom galego-portuguesa e inglesa (caso esta última nom ser fornecida polo autor, será elaborada na Redacçom), que exponha abreviadamente o conteúdo do trabalho; umha série de palavras-chave respeitantes ao conteúdo do trabalho para facilitar a sua catalogaçom; umha Introduçom; um ou vários apartados (encabeçados polas suas correspondentes epígrafes) que constituem o corpo do trabalho; umha secçom de Conclusons e, finalmente, umha Bibliografia.

O título do trabalho aparecerá centrado, escrito em letras minúsculas, sem ponto final, e em negrito. As epígrafes principais das diversas secçons aparecerám em letras maiúsculas, antecedidas de maneira correlativa por números, e alinhadas à margem esquerda. Às epígrafes secundárias, se forem necessárias, aplicará-se o mesmo tratamento, excepto que som escritas com letras minúsculas. As tabelas, ilustraçons e gráficos serám numerados correlativamente e terám as suas referências no corpo do texto. As notas serám sempre situadas *no fim do trabalho,* depois da bibliografia. Excepto em casos justificados, nom se sublinhará nem empregará letra negrita (mas sim itálica onde convinher).

Na **bibliografia** devem incluir-se apenas os trabalhos citados no texto. As citaçons bibliográficas aparecerám no corpo do texto (e nom *como* notas, ainda que sim podem figurar no texto que constitui as notas), escritas em minúsculas, sob duas formas (opcionalmente com indicaçom dos números das paginas):

1.ª) Carvalho Calero (1984) fala da sua relaçom com Álvaro Cunqueiro [...]
Carvalho Calero (1984: 297-300) fala da sua relaçom com Álvaro Cunqueiro [...]

2.ª) Num recente ensaio (Carvalho Calero, 1990), o autor ferrolano fala da sua relaçom com Álvaro Cunqueiro [...]

Se o número de autores de um trabalho citado é superior a dous, deverám ser nomeados todos a primeira vez que aparece a citaçom no texto [Pereira, Jones e Fernandes, 1986] e posteriormente empregará-se a fórmula *et al.* [Pereira *et al.,* 1986]. Na secçom final de bibliografia, as referências devem proporcionar-se nos seguintes três formatos (para diferenciar obras publicadas no mesmo ano, utilizam-se letras minúsculas; as denominaçons das publicações periódicas devem dar-se completas):

1. Citaçom de um livro:

Carvalho Calero, R. 1984a. *Letras galegas.* Associaçom Galega da Língua. Corunha. 349 pp.

2. Citaçom de um artigo de revista ou de um trabalho de Actas:

Álvarez Cáccamo, C. e M. J. Herrero Valeiro. 1996. O *continuum* da escrita na Galiza: entre o espanhol e o português. *Agália,* 46, 143-156.

Chaves de Melo, G. 1996. A língua poética de Ernesto Guerra da Cal, modelo de reintegração. *Actas do IV Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza.* Associaçom Galega da Língua. Vigo, 233-240.

3. Citaçom de um trabalho inserido numha colectânea:

Chiti-Batelli, A. 1991. Língua e poder. Em Y. J. D. Peeters (coord.): *Poder, ideologia e língua.* Associaçom Galega da Língua. Corunha, 57-71.

As **recensons** deverám ser encabeçadas por um título escrito em letras maiúsculas, o qual consistirá quer no título da obra objecto de análise, quer numha formulaçom própria do autor da recensom. Em qualquer caso, o título da recensom será seguido de umha remissom para umha nota situada no fim do trabalho da que constem os (restantes) dados bibliográficos do livro analisado: (título), autor, ano de publicaçom, editorial, páginas, etc.

Estas instruçons serám de uso obrigatório para os textos que aparecerám no período correspondente ao ano 1998.

AGÁLIA

Revista da Associaçom Galega da Língua

Assinatura por um ano (quatro números):

Membros da AGAL	3.000 ptas.
Península Ibérica	3.800 ptas.
Europa	4.200 ptas.
Resto do Mundo	4.600 ptas.

NOME.....

MORADA.....

.....

LOCALIDADE.....PAÍS.....

DATA...../...../..... ASSINATURA

Queiram considerar-me assinante da Revista AGÁLIA a partir do número..... inclusive, efectuando o pagamento por meio de:

- ☐ Transferência bancária à conta corrente n.º 2091-0450-48-3040018887, Caixa Galícia de Ourense (Oficina Principal), especificando claramente nome, apelidos e endereço do novo assinante.
- ☐ Domiciliaçom bancária. ☐☐☐☐☐☐☐☐☐☐
- ☐ Giro postal ou giro urgente n.º.....

A G A L ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

FOLHA DE INSCRIÇOM (Cubra-se com letra clara)

Nome e apelidos.....

D.N.I.....Profissom.....

Endereço (Rua, Praça).....

Vila, Cidade.....País.....(Tfno. (.....).....

Data de nacimento...../...../..... Quota Anual

Modo de pago: Ingresso directo na c/c n.º 2091-0450-48-3040018887 (Caixa Galícia, O.P. Ourense) ou domiciliaçom bancária. A tal efeito roga-se juntar a este boletim notificaçom do número de c/c, Banco ou Caixa, Sucursal e localidade.

Quotas: **Trabalhadores:** 6.500 ptas./ano (inclui Revista).
Desempregados: 1.500 ptas./ano (com Revista 4.500).

Publicaçons da Associaçom Galega da Língua

- *Colecçom «Universália»*

Lôpez-Suevos Fernández, Ramom: *Dialéctica do Desenvolvimento. Naçom, Língua, Classes Sociais,* 1983. (Esgotado).

Comissom Lingüística da AGAL: *Estudo Crítico das Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego,* 1983. 169 págs. (Esgotado).
2.ª Ed. corrigida e acrescentada, 1989, 302 págs.

Carvalho Calero, Ricardo: *Letras Galegas,* 1984. 349 págs.

Comissom Lingüística da AGAL: *Prontuário ortográfico galego,* 1985. 318 págs.

Actas do I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, 1986. 820 págs.

Lôpez-Suevos, Ramom: *Portugal no quadro peninsular. Subsídios para a análise histórica-estrutural,* 1987, 224 págs.

Souto, Elvira: *Contribuiçom ao estudo do romance iniciático galego,* 1987, 95 págs.

Haller, Michel, *Tratado de contraponto e de composiçom contrapontística.* Traduçom e adaptaçom de Joám Trilho, 1987, 212 págs.

Comissom Lingüística da AGAL: *Guia prático de verbos galegos conjugados.* 1988. 128 págs.

Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. 1989. 928 págs.

Monterroso Devesa, J. M.: *Apelidos galegos.* 1989. 32 págs.

Morám Fraga, César-Carlos: *O mundo narrativo de Álvaro Cunqueiro,* 1990. 176 págs.

Associaçom Galega da Língua: *Poder, Ideologia e Língua* (Yvo JD Peeters, editor), 1991. 120 págs.

Actas do III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. 1992. 654 págs.

AA. VV. *O uso das línguas na perspectiva da Europa Comunitaria.* 1993. 194 págs.

Actas do IV Congresso Internacional da Língua Galego Portuguesa na Galiza. 1996. 448 págs.

Garrido, Carlos: *Dicionário terminológico quadrilíngue de Zoologia dos Invertebrados,* 1997, 488 págs.

- *Colecçom «Clássicos»*

Cotarelo Valhedor, Armando: *Trebón,* Ediçom, estudo e adaptaçom ao Galego Actual de Ramom Reimunde, 1984. 221 págs.

Rosalia de Castro: *Folhas Novas,* Ediçom e notas de E. Souto Presedo; prólogo de F. Salinas Portugal, 1985. 266 págs.

- *Colecçom «Criaçom»*

Manuel Maria: *A luz Ressuscitada,* Carta-prefácio de António Gil Hernández, 1984. 138 págs. (Esgotado).

Carvalho Calero, Ricardo: *Cantigas de amigo e outros poemas (1980-1985),* 1986. 192 págs.

Marinhas del Valle, Jenaro: *A vida escura,* 1987, 170 págs.

Béjar, Julio et alii: *Fogo cruzado* (relatos), 1989, 96 págs.

Guisan Seixas, João: *Origem certa do farol de Alexandria* (re-ediçom), 1989, 88 págs.

Gómez, Joel R.: *Quando o sol arde na noite,* 1990. 115 págs.

Guerra da Cal, Ernesto: *Lua de Além-Mar* e *Rio de Sonho e Tempo,* 1991, 292 págs.

Corral Iglesias, José Alberte: *Palavra e memória,* 1997, 156 págs.

Gómez, Joel: *Teatro à medida é pronto para si,* 1998, 96 págs., (a aparecer).

- Revista *AGÁLIA.* Publicaçom trimestral desde o ano 1985. 128 págs.

Revista *AGÁLIA.* Monográfico n.º 1, *Problemática do sector lácteo,* dirigido e coordenado por Cláudio López Garrido, 1987, 160 págs.

Monográfico n.º 2, *Estudos sobre a História da Economia de Galiza,* dirigido e coordenado por Joám Carmona, 1989, 96 págs.

A
G
A
L
ASSOCIAÇOM
GALEGA
DA LÍNGUA